

"Um romance sobre raça, exploração e redenção. Deslumbrante." **THE NEW YORK TIMES**

inrínseca

Cynthia Bond

RUBY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CYNTHIA BOND

Ruby

TRADUÇÃO DE NATALIA KLUSMANN



Copyright © 2014 by Cynthia Bond

Tradução publicada mediante acordo com Hogarth, um selo de Crown Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC

TÍTULO ORIGINAL

Ruby

PREPARAÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Rayana Faria

Paula de Carvalho

CAPA

Elmo Rosa

IMAGEM DE CAPA

drumdredd777 | © Shutterstock

REVISÃO DE E-BOOK

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0121-9

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Livro um: Osso da sorte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Livro dois: Duas moedinhas

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Livro três: Revelações

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

*Para a doutora Zelema Marshall Harris,
também conhecida como mamãe*

LIVRO UM

Ossso da sorte

CAPÍTULO 1

Ruby Bell era um lembrete constante do que poderia acontecer com uma mulher que usa saltos exageradamente altos. As pessoas do povoado de Liberty a enredavam em histórias que alertavam para o preço que se paga por pecar e viajar. Diziam que ela era louca. Do tipo que poderia ser encontrada uivando seminua. O fato de ter voltado de Nova York fazia com que isso fosse relativamente compreensível para os habitantes da cidade.

Ela se vestia de um cinza igual ao das nuvens carregadas de chuva e vagava descalça pelas ruas de terra vermelha. Pés calejados como couro de bota. Cabelo empastado de lama. Unhas escurecidas como se ela tivesse arranhado a lousa da noite. Hectares de pernas a carregavam, braços balançando como uma cortina solta. Os olhos dela eram da cor do céu logo antes de uma tempestade.

Era assim que Ruby andava quando morava na casa despedaçada que Papa Bell tinha construído antes de morrer. Na época em que cavava o solo do leste do Texas ao luar e gemia como um trem distante.

Naqueles anos após a volta de Ruby, as pessoas a deixavam em paz. Percorriam caminhos sinuosos para não passar pela porta dela. E, por isso, foi muito estranho quando alguém atravessou todo o povoado de Liberty e deixou um bolo na varanda da casa dos Bell.

Ephram Jennings observava a mulher cinzenta passar feito uma assombração pelo centro da cidade desde que ela voltara para a propriedade dos Bell, em 1963. Liberty inteira a observava. Todos os dias, Ephram via a mulher limpar o cuspe dos lábios repuxados e deslizar as mãos ainda bonitas pela crosta do cabelo, depois dobrar a esquina, a cidade toda a segui-la com os olhos. Ele a observava andar como se estivesse a caminho de algum compromisso e então,

cinco passos depois do Mercado P & K, estacar, tremendo o corpo de nuvem chuvosa. Via a Senhorita P, dona da loja, sair indiferente pela porta e dizer: “Querida, você pode ver se eu coloquei a quantidade certa de fermento nesses pãezinhos?”

Ephram observava Ruby fixar o olhar para além da mulher, mas ainda assim pegar o saco marrom repleto de pães quentinhos. Pegá-lo e se afastar, os hectares de pernas a carregá-la, enquanto a Senhorita P dizia: “Se você puder, volte aqui amanhã, Ruby Bell, para me ajudar.”

Ephram Jennings tinha observado isso durante onze anos. Vira as solas pretas dos pés dela deixando um rastro de poeira. Todos os dias, tudo o que ele mais queria era colocar aqueles pés cansados na grande tina de madeira que tinha em casa, esfregar suas solas com água morna e sabão, besuntá-las com azeite e lanolina e, então, deslizar os pés dela, um a um, para dentro de meias com calcanhares vermelhos.

No entanto, em vez disso, a cada ano que se passava ele observava de esguelha a Senhorita P cumprir seu dever cristão. Via a mulher cinzenta se curvar para receber as esmolas massudas. Então, Ephram se juntava ao bando de homens aboletados nos banquinhos do lado de fora do P & K. Eles liam jornal, jogavam dominó e mascavam tabaco. Palitos de dente entre os lábios. Cachimbos soltando fumaça. Refrigerantes suando. Exatamente como no dia em que Ruby voltara a Liberty. Quando ela saía do ônibus vermelho, eles a encheram de olhares. Cabelo alisado e reluzente como noqueira preta polida. Batom vermelho e espesso, vestido de verão azul-celeste preguiçoso e bem justo na cintura. Ephram observara a mulher acender um cigarro e olhar para os homens amontoados na varanda do mercado de um jeito que os deixou constrangidos por simplesmente respirar. Mais tarde, Chauncy Rankin dissera: “Não só a merda dela não fede, como eu aposto que, com essa pose toda, ela está pronta para vender merda a quilo.”

Todos eles tinham observado, dia após dia, o mergulho dela em direção à loucura. A preocupação, misturada com uma satisfação secreta, derretia como vaselina pelas pregas do corpo deles. Depois

de um tempo, mal tiravam os olhos do jornal quando Ruby passava a caminho do mercado. Bocejavam para espantar a existência da mulher ou cuspiam tabaco mascado para marcar a chegada dela. Uma piada de baixo calão, seguida de risadas roucas e abafadas, talvez soasse baixinho enquanto a Senhorita P entregava o pão a ela.

Contudo, certo dia, no fim do verão, Ephram Jennings prestou atenção. Um a um, os homens da varanda também prestaram. Porque, em vez de se afastar com o pão, como de costume, Ruby não se moveu. Enraizou-se ao local. Ficou parada, segurando a sacola de papel, a mão tremendo feito uma forquilha quando encontra água. Então ela urinou. Um fluxo contínuo que atingiu a terra vermelha, tornando-a cor de tijolo. Fez isso distraidamente, com uma calma desinteressada. Depois, como ninguém sabia direito o que fazer, Gubber Samuels apontou para ela e soltou uma gargalhada áspera e rouca. Ruby olhou para baixo e viu a poça a seus pés. A surpresa brotou no rosto dela e logo murchou, substituída por uma vergonha vermelha que foi se espalhando depressa. As mãos dela cobriram os olhos, mas o mundo continuava lá quando Ruby as baixou, então largou o saco de pão na poça de urina e saiu correndo. Na verdade, aquilo não era correr. Era voar, um voo em câmera lenta, gracioso, para dentro do bosque de pinheiros, feito um cervo depois do tiro da espingarda. Ephram quase se levantou. Quase desceu os degraus da varanda e a seguiu depressa até a floresta. Mas o olhar dos homens era forte demais, e as cusparadas e zombarias incessantes de Gubber Samuels o ancoraram apesar da fisgada da misericórdia.

Como fazia muito tempo que a mãe de Ephram partira para a glória divina, naquele dia ele pediu à irmã mais velha, Celia, para fazer o bolo de claras com massa branca, porque ele precisava levá-lo a uma amiga enferma. Celia olhou o irmão de rabo de olho, mas acabou preparando o bolo.

Ela o fez naquele intervalo antes da alvorada, quando a noite envelhecida recolhe a saia da escuridão e paira na quietude. Preparou-o com doze ovos novos, ainda mornos e salpicados de penas. Um por um, ela os lavou e quebrou, segurando cada gema

dourada na palma da mão enquanto as claras escorriam e pingavam por entre os dedos. Reservou as gemas na tigela de porcelana florida. No ano de 1974, Celia Jennings ainda cozinhava em um fogão a lenha e ainda usava um batedor de ovos, músculos e paciência para obter as claras em neve. Usou extrato puro de baunilha, o mesmo líquido adocicado que derramava nos banhos das noites de sábado antes de o pai deles, o Reverendo Jennings, voltar para a cidade. A manteiga tinha sido feita na desnatadeira dela, o açúcar de confeitiro vinha do P & K. Ela mexeu a massa em sincronia com a alvorada, e um respingo salgado de suor caiu na mistura como uma gota de orvalho. O bolo assou e levantou com o sol.

Ephram dormia enquanto o bolo deslizava da forma, tão doce que rachou nas bordas areadas, tão leve que pequenas bolhas de ar marcavam sua superfície, tão úmido que era certo que, como sempre, grudaria entre os três dentes compridos do garfo de prata da irmã. Celia Jennings nunca cortava o bolo de claras com faca. “Seria como usar um machado para pelar um coelho”, dizia sempre.

O bolo estava esfriando quando Ephram acordou, e se assentou enquanto ele tomava banho e se vestia para começar o dia.

Ephram Jennings alisou as abas do chapéu do tataravô pela décima vez naquela manhã. Os polegares grandes e quadrados correram pelo material macio. Em alguns pontos, o couro estava tão fino que filtrava suavemente o sol, como uma lanterna chinesa.

O que havia de mágico a respeito de Ephram Jennings era que, sob olhar atento, era possível ver um círculo violeta margeando o marrom das íris dele. Uma cor delicada como as pétalas de flores do campo.

O problema era que ninguém, nem mesmo a irmã de Ephram, dedicava tempo para de fato o olhar. As pessoas quase sempre davam uma passada de olhos nele a caminho do Bloom ou do P & K. Para elas, Ephram era apenas mais um homem bruto da cor de um cavalo castanho, com chapéu puído e um jeito curvado de andar. Ninguém via nada de especial nele. Era um borrão no meio do passeio que os olhos faziam em busca de coisas mais delicadas e interessantes.

Ephram se acostumara a isso ao longo de seus quarenta e cinco anos de vida. Esgueirar-se porta adentro e porta fora sem receber mais do que um aceno de cabeça ou uma pausa na conversa. Isso era de se esperar para alguém que fazia o trabalho dele. Ephram não passava de um par de mãos carregando sacolas de compras até os carros reluzentes de homens brancos. Recebendo gorjetas e murmurando "Obrigado, senhora". Raiva e bondade eram direcionadas a ele com indiferença, como se ele fosse uma pedra de carvão. Ephram dizia a si mesmo que não se importava. Mas, mesmo entre os negros, havia momentos em que um homem esperava que um olhar o percebesse e se detivesse nele por um instante. As pessoas nunca notavam o chapéu que filtrava a luz como uma lanterna chinesa, nem as íris com contorno violeta, nem o jeito como elas combinavam perfeitamente com o tom de fruta do lábio inferior dele. Não viam as dez luas crescentes cativas em suas unhas, nem o modo como ele se movia, feito um homem deslizando debaixo d'água, suave e fluido como o lago Marion. Não reparavam em como o azul das meias combinava com os botões da camisa que ele usava aos domingos, nem sentiam o aroma da brilhantina no cabelo grosso bem penteado.

Não notavam a graciosa pausa que ele fazia depois que alguém terminava uma frase, o modo como dava às pessoas a oportunidade de encher os pulmões novamente antes de preencher o espaço com suas próprias palavras e respiração.

Não viam como as pupilas dele se dilatavam quando o coração se enchia de orgulho, amor ou esperança.

Mas Ruby notou.

Quando a vida dela não passava de um grito longo e crescente que se esvaía no meio da noite. Mesmo então, Ruby reparou em Ephram.

FOI APÓS o grande furacão de 1967 em Brownsville. Depois que ventos de quase cento e quarenta quilômetros por hora atingiram a cidade de Corpus Christi e reverberaram ao longo de todo o caminho até Liberty, respingando a fronteira oeste da Louisiana e inundando as margens do rio Sabine. Foi depois que as árvores envergaram, que os galhos arquearam até o chão de terra. Depois que o lago Marion transbordou e levou embora o galinheiro de Supra Rankin, o Buick do pai de Clancy Simkins e a nova cruz da Igreja de Deus em Cristo.

O furacão Beulah chegou no aniversário de quatro anos do retorno de Ruby a Liberty. Foi nesse dia que ela reparou em Ephram Jennings.

Ruby havia se deitado em uma poça de água parada, cheia de lama e folhas secas. Ajoelhou-se diante de um bordo quebrado e se deixara cair na água acumulada, permitindo que o fluido denso a envolvesse feito um cobertor. Sentiu a pele derreter e escorrer dos ossos; o coração, a coluna e o crânio se dissolverem como cubos de açúcar no café morno.

Fazia três horas desde que ela se transformara em água lamacenta quando Ephram a encontrou. O nariz emergindo da poça para inspirar... e voltando a mergulhar para expirar. Para fora e para dentro. Fora. Dentro. No ritmo de uma velha melodia de blues.

Ele não gritou. Não pulou por cima da árvore. Não mergulhou na água para libertá-la.

Pois Ephram não enxergou o que qualquer um que passasse pela estrada veria: uma mulher cor de terra poeirenta, magrela e com o cabelo embaraçado, deitada em uma poça de lama. Não. Ephram Jennings viu que Ruby se transformara na água parada. Ele enxergou a pele profunda e fluida dela, os fios de cabelo espalhados como cipós negros em um rio.

À medida que a chuva começou a cair nela, ele a viu chapinhar, expandir-se e transbordar do pequeno barranco. Ephram Jennings sabia. Foi nesse momento que Ruby ergueu a cabeça feito uma onda crescente e percebeu Ephram. Nesse instante, as duas percepções se encontraram.

Eles encararam um ao outro em meio ao céu ancestral, à chuva suave e à terra encharcada. Mais do que tudo, Ephram queria conversar e contar a Ruby coisas que tinha mantido trancadas no porão da alma. Queria falar sobre como os melões de Rupert Shankle emergiam por entre as vinhas e sobre como as flores de madressilva tinham gosto de sol. Queria contar que vira uma parte do céu noturno repousando nos olhos dela e que sabia disso porque aquilo também vivia nele. Queria falar sobre o nó que levava atado no coração e sobre como precisava da ajuda dela para afrouxar aquele aperto.

Mas nesse momento Ruby fechou os olhos, concentrou-se e voltou a derreter na poça.

Ephram ouviu a própria voz fazer a pergunta mais estranha do mundo antes mesmo que o som atravessasse seus lábios de fruta: “Você é casada?” No entanto, antes de a pergunta perpassar o ar, Ephram viu que Ruby voltara a ser água. E ele não podia fazer aquela pergunta a uma poça, mesmo que se tratasse de uma poça perfeita. Então, tocou a aba do chapéu em um cumprimento e voltou pela estrada.



— EPHRAAAM! EPHRAM Jennings, o café da manhã está pronto!

Como em quase todas as manhãs, Ephram ouviu a irmã chamá-lo.

— Tá, mãe — respondeu.

Celia o criara desde 28 de março de 1937, quando a mãe deles aparecera nua no piquenique de Páscoa da Igreja Pentecostal Em Nome do Senhor. Ephram tinha oito anos; Celia, quatorze. A única coisa de que ele se lembrava era a irmã correndo para cobrir os olhos dele. Na manhã seguinte, o pai dos dois, o Reverendo Jennings, levara a mãe à Ala para Pessoas de Cor do Hospital Psiquiátrico de Dearing, depois fizera as malas e começara a pregar

de forma itinerante durante dez dos doze meses do ano. Celia cuidara de Ephram, cozinhara, cortara a comida, recolhera e passara as camisas dele, ajeitara os chapéus, cuidara dele quando ficara entre a vida e a morte por causa de um problema nas articulações. Só fizera uma pausa: para enterrar o pai, o Reverendo, quando o homem aparecera morto. Linchado alguns dias depois do décimo terceiro aniversário do filho. Ephram se encolhera e se perdera nas dobras do avental de Celia, e lá permanecera durante os trinta e dois anos seguintes.

— Ephram, vem aqui, menino!

Sem nem sequer olhar para a irmã, ele sabia que Celia estava mordendo a parte interna da bochecha, um gesto que repetia toda vez que uma refeição não era consumida na temperatura adequada. Quanto mais fria a comida ficava, mais furiosamente ela mordia. Então ele a escutou varrer, meio exaltada. Em todas as manhãs da vida dele, Celia varrera a má sorte pela porta da cozinha. Toda noite, ela salpicava sal nos cantos da casa. Toda manhã, varria-o para fora, impregnado de qualquer mal que o ar noturno pudesse conter. A varreção foi interrompida.

— Eu sei que você está me ouvindo!

— Um minuto — gritou Ephram, alisando mais uma vez a aba gasta do chapéu e encarando o espelho da irmã.

Nessa manhã, nessa manhã fresca de fim de verão, Ephram fez algo que não fizera nos vinte anos anteriores: se olhou.

Ele sempre parava para alisar os vincos da calça e tirar os fiapos do paletó aos domingos. Já tinha segurado um lenço com gelo em cima do queixo e do lábio feridos, no único inverno da vida dele em que a neve deixara a entrada da casa escorregadia. Havia se penteado, passado óleo no couro cabeludo e arrancado pelos encravados. Tinha se barbeado, escovado os dentes e feito gargarejo com Listerine. Mas, em vinte anos, Ephram Jennings não havia se olhado de verdade no espelho.

A maior surpresa foi notar que não era mais jovem. Ele avaliou a escuridão arroxeadada embaixo dos olhos, os sulcos ao longo do nariz largo, o peso sutil nas bochechas. Pressionou um pano gelado na

pele e ensaiou um sorriso. Estava na quinta ou na sexta tentativa quando Celia deu o aviso final.

No momento em que Ephram se sentou para comer, arrastou a cadeira no piso de cerâmica com estampa de florezinhas.

— Desculpa — falou.

— Tudo bem, querido, só não se esqueça de levantar em vez de arrastar a cadeira.

— Certo, mãe.

— E se lembre de não deixar a bengala no caminho, porque alguém pode tropeçar.

— Depois do café da manhã eu ponho ela de lado.

— Mas não esquece.

— Não vou esquecer, mãe.

Celia varreu o longo corredor enquanto Ephram mergulhava biscoitos amanteigados na calda. Ajeitou uma moldura de madeira com a foto do Reverendo Jennings enquanto ele cortava o frango frito que tinha comprado com desconto no Piggly Wiggly, em Newton, onde trabalhava.

Como forma de se desculpar, disse:

— A comida está boa mesmo, mãe.

— O frango era bom. Por que não me arruma mais quando for para Newton hoje?

— Não vou lá hoje, senhora.

— Ah, pensei que a sua amiga adoentada era de Newton, já que você não me disse quem é.

— Vou arranjar mais desse frango na terça, mãe.

Celia colocou *Songs of Faith*, de Andy Williams, para tocar na vitrola enquanto Ephram salpicava pimenta na papa de milho e nos quatro ovos mexidos. Ela terminou de varrer o sal de cada canto da casa enquanto “He’s Got the Whole World in His Hands” se espalhava em meio à mobília. Ephram mastigou devagar e deu uma olhada no bolo de Celia. Branco e aerado por dentro, todo dourado por fora. Ele se imaginou estendendo o bolo a Ruby Bell e vendo o que não testemunhara em mais de trinta anos: o sorriso dela.

Celia aportou na sala com a pá de lixo cheia de sal.

— Bem, se você não vai para Newton, então a sua amiga mora lá perto da Glister?

— Não.

— Porque a Glister está com seis potes de conserva que são meus, se você for passar por lá.

— Hoje não vai dar, mãe.

— Eu ia fazer a minha compota de figos para a Supra Rankin, para o velório do tio-avô do marido dela na segunda, se você fosse passar por aqueles lados... Deus sabe que é uma pena aquela família não acreditar em conservar as pessoas do jeito certo. Não sei como eles acham que o homem vai continuar fresco enquanto eles esperam os Rankin que moram em Mississippi chegarem.

— A Funerária do Shephard deixa as pessoas bonitas, mãe.

— Envergonharam a Mãe Mercy ano passado com aquela boca vermelha e aquela pele clara que fizeram nela.

— Mãe...

— A mulher parecia uma bala vermelha e branca, Jesus amado. Você vai ajudar a carregar o caixão do Junie?

Ephram fez que sim. Celia abriu a porta da cozinha para esvaziar a pá de lixo, e no mesmo instante um vento forte soprou um punhado de sal no rosto dela. Celia o cuspiu e limpou os olhos, varrendo depressa as sobras pela porta dos fundos.

Virou-se para Ephram.

— Está sabendo que a mocinha dos Samuels voltou para a cidade? — Ele comeu um pouco dos ovos. Celia limpou a mesa com um pano. — A Supra Rankin diz que a garota chegou de Nova Orleans há três dias, toda pintada que nem um palhaço, rebolando feito um peixe pela cidade inteira.

Ephram ergueu o prato e o copo para que Celia limpasse a mesa.

— Mãe...

— Não fui eu quem disse isso. Foi a Supra Rankin. — Ela lançou um olhar severo na direção do irmão. — Foi por isso que eu pedi para você buscar os meus potes na Glister, já que os Samuels moram para aqueles lados.

— Mãe! Eu não vou levar o bolo para a garota dos Samuels! Eu nem pensei nela em quinze anos. — Ephram se levantou. — Tenho

que ir.

— Termina o café da manhã.

Ele se sentou com relutância.

Celia serviu mais café fumegante para o irmão, que comeu o restante da refeição enquanto a versão de Andy Williams para “Battle Hymn of the Republic” caramelizava a cozinha. Celia deu a volta até a pia, esvaziou a bacia onde a vagem estava de molho, sentou-se ao lado de Ephram e começou a tirar as pontas das vagens. Com uma graça experiente, atirava as ervilhas em um balde, fazendo ressoar um *TIM!* abafado.

Sem olhar para Ephram, ela disse:

— Esbarrei com a Senhorita Philomena ontem no P & K. Ela perguntou de você.

Ephram comia em silêncio enquanto a música rodopiava debaixo dele... *truth is marching on...*

Celia continuou:

— Aquela Senhorita P sempre foi tão generosa. Ela ajuda todo tipo de gente.

A canção se derramava no ar.

I have seen Him in the watch fires...

Ephram inspirou no ritmo da música.

As ervilhas ecoavam. *TIM.*

Celia continuou:

— O jeito que ela dá aqueles pães para aquelas pessoas que foram vítimas do alagamento em Neches.

Ephram assentiu... *of a hundred circling camps...*

TIM.

— E a carne-seca e os picles para aquele mundaréu de gente de Peels.

TIM. TIM.

... builded Him an altar...

— E ela também não ajuda bastante aquela Ruby Bell?

... in the evening dewes and dampes...

TIM.

— Agora, aquela moça Bell é um caso triste, não é mesmo?

I can read his righteous sentence by the dim and flaring lamps...

TIM.

— Você a conheceu quando criança, não foi? Ela era bem bonitinha, com aquelas tranças grandes.

Glory glory Hallelujah!

TIM.

— Até parecia

Glory

— que ela ia

Glory

— virar alguma coisa

Hallelujah!

— sendo criada por aquela madame branca depois que o Papa Bell morreu.

TIM.

— Dando no pé para

Glory

— Nova York

Glory

— como ela fez.

Hallelujah!

— Indo até

His

— para aquela escola de gente

Truth

— branca lá.

Is marching on.

TIM. TIM. TIM.

A canção se diluiu no papel de parede, mas Celia continuou cantando.

— É mais do que um pecado toda essa decadência dela. O cabelo sujo de lama, aqueles trapos de roupa rasgada e amarfanhada. Agora eu ouvi dizer que está fazendo xixi na rua! Implorando por restos, e está escrito na cara dela que ficou louca. E dizem que o velho Mister Bell ia se revirar no túmulo se soubesse o que acontece com os homens na casa dele de noite.

Ephram sentiu gotinhas de suor se formarem nas têmporas.

— Mãe...

— Mas eu não culpo nenhum deles. Você sabe como são os homens. A indecência toca a campainha e eles saem correndo como se fosse a hora do jantar no inferno. O Diabo fincou o pé aqui em Liberty. Eu sei. Vi com os meus próprios olhos o que acontece quando se invoca o demônio. As pessoas caem, os homens murcham que nem ameixa. O corpo fica vazio, sem espírito, então as pessoas viram uma coisa vazia até caírem mortas. Menino, eu me sentei de frente para o Diabo, assim, perto dele que nem eu estou perto de você agora. Vi ele mexendo o caldeirão dele, cheio de almas, em cima de um lago de fogo. Eu sou íntima do Diabo, por isso eu sei como a mente dele funciona, sempre procurando um pecador para servir de tempero para a fervura dele. Então, quando a Glister disse que o garoto dela, o Charlie, tinha visto você ficar de olho naquela Bell o dia todo, seguindo ela para lá e para cá, eu disse “Não, senhor”. Eu criei o meu garoto para coisa melhor do que se sentar à mesa de uma Jezebel qualquer e *sei* que ele não vai levar nenhuma sobremesa.

— Cel...

— Eu não tenho barbatana.

— Mãe...

— Que foi?

Ephram percebeu que seu pulso estava tremendo. Só um pouco, mas tremia. Pousou a xícara.

— Mãe... é só bolo.

— Está mais para isca.

— Ela só...

— Diz que você não enganou a sua própria mãe e fez ela preparar um bolo para uma mulher da vida. — Ephram inspirou fundo enquanto o incômodo dormiente nos dedos bocejava e começava a despertar. Ao longe, Andy cantava “Amazing Grace”. — Os seus ossos estão incomodando hoje, querido?

— Não.

A dor se espalhou pelos nós dos dedos, pelos pulsos e pelos braços.

Celia pegou a mão dele.

— Ephram, você sempre foi simples. Quando era menino, voltava para casa com metade do balde de leite em vez de trazer ele cheio. Nunca conseguiu descobrir um jeito de fazer aquela vaca parar de chutar você. Tudo bem. Deus ama o simples, mas o Diabo também. Porque quem é simples não tem cabeça para resistir à tentação.

Os ossos de Ephram começaram a ser consumidos por fogo, o próprio tutano chiando por baixo da pele. Era a dor de um dia ruim, a dor mais forte que ele tinha sentido em anos. Começou a transpirar. As pernas chacoalharam ao mesmo tempo que uma gota de suor pingou na mesa da cozinha. Ephram ficou de pé.

— Quer a sua bengala dos dias ruins?

Ele não olhou para ela ao responder:

— Eu não vou sair hoje, mãe.

Ephram andou até o vão da porta enquanto Celia pegava um pano e enxugava a gota de suor na mesa. Passou pelo corredor estreito enquanto ela se punha de pé e despejava as ervilhas em uma panela que as aguardava no fogão. Foi se arrastando até o quarto, tirou os sapatos polidos, a jaqueta e o chapéu, depois se estirou de costas na cama de ferro.

Celia gritou para ele da cozinha:

— Quer um pedaço de bolo, querido?

— Agora não, mãe.

— Bem, eu vou cortar um pedaço para você. Vou deixar separado para quando você levantar.

* * *

EPHRAM REZOU para espantar a dor. Ela veio mesmo assim, crepitando como uma fogueira. Crescendo, queimando, tragando. Ele cerrou os dentes para tentar suportá-la. O suor correu pela curva da orelha, indo parar no travesseiro. A dor começou a ceder. Ephram respirou fundo. Sentiu as molas do colchão se contraírem debaixo de si. O teto baixo e irregular de quando Celia tinha contratado o filho do pastor para cobrir a madeira com chapisco cinza.

Começou de novo, ressoando como um alarme de incêndio, retorcendo o estômago. Ephram cerrou os punhos com tanta força

que todas as dez luas crescentes das unhas desapareceram no branco. Passou. Ele ofegou.

As crises estavam ficando piores. Ultimamente, ele tinha a sensação de que seus ossos eram as tochas de Deus. Aquele Deus devia estar com muito frio para acender tantas tochas. Enquanto esperava a dor, Ephram divisou Ruby como ela era antes, da primeira vez que a vira. A linda garotinha com longas tranças. O tipo de beleza que doía na vista, como doce em um dente com cárie.

Ephram inspirou. Dava para sentir que a onda seguinte seria grande. A dor foi crescendo e o mundo desabou. Antes de desmaiar, o último pensamento dele foi triste: Ruby nunca provaria o bolo de claras de Celia.

O corpo de Ephram ficou flácido em cima da colcha de chenile, os ossos doendo até mesmo em meio ao torpor. O sol de sábado agitava as cortinas, lançando dedos de luz no piso. Algo grasnou do lado de fora, em uma árvore. Algo brilhante e negro. Voou do poleiro e planou, desenhando oitos preguiçosos acima do terreno dos Jennings, depois aterrissou no jardim, bem em frente ao quarto de Ephram. Ficou arranhando e batendo os pés até que uma mulher empunhando uma vassoura gritou de dentro da casa. O corvo inclinou a cabeça, abriu as asas e alçou voo. Então, grasnou.

CAPÍTULO 2

O bosque de pinheiros era repleto de sons. Árvores estalando e caindo mortas; o gemido dos machados ecoando em meio ao verde; o choramingo de filhotes de falcão esperando pela mãe e a presa que ela traria. Rãs enormes e corujas-das-torres. A granada dos corvos e o arrulhar dos pombos. Os gritos de um homem negro. Um coração refreando. Tudo capturado, aquietado e resguardado debaixo da colossal capa de pinheiros, carvalhos, magnólias, noqueiras e árvores-do-âmbar. Espinhos e pequenos galhos se entrelaçavam para formar uma grandiosa rede; assim, qualquer coisa que brotasse nunca conseguia abrir caminho até o céu. A floresta também guardava histórias, emoções e objetos: um retalho de manga de camisa, chumaços de cabelo, ossos enterrados havia tempo, botões perdidos. Mas, sobretudo, o bosque de pinheiros acumulava sons.

Como o guincho estridente da roda do carrinho de puxar de uma criança, girando e girando. Um menininho negro puxando seu carrinho Radio Flyer, a caçamba chacoalhando, carregada com uma marmitta de frango, bolinhos, biscoitos recheados com geleia de figo, couve e uma sobremesa especial embrulhada em guardanapo vermelho e branco.

O garoto chamado Ephram puxava o carrinho com grande expectativa. Ele se perguntava qual sobremesa a irmã mais velha teria colocado na marmitta. Ela fizera um embrulho igualzinho para o aniversário de onze anos dele, quatro meses antes. O bolo de claras. Ele salivou de tal modo que parou debaixo das grandes árvores e abriu o guardanapo. Estava certo. Mordiscou um dos cantos e voltou a cobrir o bolo. Parou por um instante, abriu o embrulho de novo e, então, enfiou a fatia inteira na boca, de uma vez só. Era como comer ar adocicado. Quando terminou, ele sacudiu

o guardanapo em cima da boca para aproveitar quaisquer migalhas remanescentes, depois se limpou e caminhou até sentir o cheiro da água.

Havia dois sóis no lago Marion, o que ficava no alto do céu e o que flutuava na superfície da água. O lago era um espelho azul, rodeado por centenas de árvores e milhares de sapos. Antes de mais nada, Ephram tirou os sapatos e refrescou os dedos dos pés. Ele adorava o lago Marion, especialmente nas manhãs de domingo, quando ninguém mais aparecia lá. Antes de a mãe morrer, ele costumava ir aos sábados, mas só depois de terminar todas as tarefas. Ela era bem rígida quanto a isso.

Ephram observou a água rodopiar e formar espuma não muito longe da beira. Sabia que um peixe estava mordendo a isca. Em um prego dobrado, ele colocara um pedaço de banha que pegara do pote onde Celia guardava os restos de comida. Depois prendera a vara de pescar entre duas pedras e se sentara para comer. Ephram sabia que talvez ficasse ali por horas sem pegar nem um peixe. Às vezes, sentia um deles lutar contra a linha, então a puxava para a superfície e conseguia enxergar os dentes translúcidos ainda mordendo a isca. O brilho das escamas prateadas, a cauda se contorcendo... um único olho vítreo espiava para fora da água, até que o peixe percebia a situação em que se encontrava e soltava. *Flop! Splosh!* Mergulhava para o fundo da água celeste, até sumir de vista. Sua mãe de verdade tinha dito que isso era "alimentar" os peixes, e não pescar. Ephram pensou que ela provavelmente tinha razão. Otha Beatrice Jennings sempre reparava nas pequenas coisas. Talvez esse fosse o motivo de ela ter sido uma rendeira tão boa. Ele se perguntava se a deixavam fazer rendas por lá, onde ela estava agora. Esperava que sim.

O frango com bolinhos estava bom. Não tão bom quanto o da mãe, mas Celia era uma boa cozinheira, mesmo que fosse um tanto mandona a esse respeito. Ela estava sendo mandona a respeito de tudo desde que os Anciãos haviam pedido para o pai deles, o Reverendo, deixar o cargo que ocupava. Na hora de dormir, o pai resmungava para ninguém em especial: "Essa foi uma atitude nada cristã vinda de um bando de cristãos."

Para piorar ainda mais as coisas, o pregador substituto era primo do Ancião Rankin e trabalhava durante meio período como gerente do Piggly Wiggly, em Newton. Fazia pouquíssimo tempo que o homem ouvira o chamado. O Reverendo rebatizara o culto de “a missa do Piggly”, então mandara Celia e Ephram nunca mais cruzarem aquela soleira. “A gente vai ter a igreja dentro da nossa própria casa, cinquenta e dois domingos por ano, estando eu aqui ou não.” Celia mantivera a fé, obrigando Ephram a decorar trechos imensos de Levítico e do Apocalipse e recitá-los com perfeição a cada Dia do Senhor. Nas manhãs de domingo em que o Reverendo estava na cidade, Ephram e Celia se ajoelhavam e ele rezava, antes do café da manhã e depois das tarefas domésticas, enquanto os ovos se transformavam em uma cola amarela e as panquecas encolhiam e murchavam. Era longo. E, às vezes, o Reverendo se servia de dois dedos de uísque de centeio e bebericava entre Efésios 1 e 2, até acabar cochilando sem querer. Aliás, isso tinha acontecido naquela exata manhã. Celia jogara no lixo a comida que havia preparado para o café da manhã, fizera um pouco de café para o Reverendo e, então, arrumara a marmita de Ephram e mandara ele ir brincar.

O menino tinha acabado de comer e estava sentado com sua vara de pescar quando as avistou — Maggie Wilkins e a garotinha quieta ao lado. Elas estavam na margem oposta. A menina andou na ponta dos pés e se inclinou, o nariz quase tocando a bochecha de Margaret. Ela era cor de caramelo, com o cabelo preso, num penteado alto e elegante, olhos de gente grande em um rosto com formato de coração. Usava sapatos pretos brilhantes com a meia-calça branca enrolada até os dedos do pé. O vestido era cor-de-rosa, e ela parecia ter oito ou nove anos. Margaret estava vestida com roupas de fazendeira. Era uma daquelas crianças que parecem gafanhotos, com pernas tão finas quanto os braços, mas duas vezes mais compridas que eles. Havia seis meninas altas e abrutalhadas na família Wilkins, incluindo Margaret. Todas magricelas e com a pele de um tom escuro de marrom, com manchas cinzentas permanentes nos joelhos, nos cotovelos e nas canelas. Todas elas eram conhecidas por serem más, mas Margaret tinha a pior

reputação. Os Wilkins eram os parentes sem importância dos Bell e moravam bem no limite de Liberty.

Ephram já ouvira falar de Margaret — que seu gancho de direita fizera com que ela fosse expulsa da escola — muito antes de vê-la brigar. Nenhuma das garotas da família Wilkins tinha permanecido por muito tempo no colégio. A maioria delas saía após quase matar um aluno ou professor.

Depois de derramar uma boa quantidade de sangue, cada uma das meninas passava a ficar em casa e ajudar a mãe, Beulah Wilkins, a cuidar dos onze hectares de plantação de cana-de-açúcar e algodão. Beulah Wilkins era maior do que todas as filhas juntas, uma montanha que, ao caminhar, fazia a terra estremecer um pouco. Tinha sido uma boa amiga da mãe de Ephram, e ele escutara a mãe dizer que ficar longe da escola poderia ser bom para Samella e as outras garotas, mas nem tanto para Maggie, que era a mais inteligente de todas.

Ainda assim, Ephram nunca encontrara a menina cara a cara. Ele lembrava que, no mês anterior, vira uma briga dela com o irmão mais novo de Chauncy Rankins, o Galo — que ganhara esse apelido por causa da cor de ferrugem do cabelo e pela mania de cantar de galo. O garoto tinha o mesmo físico de todos os Rankins: grande. Maggie tinha dez anos e o Galo, quatorze. Dizia ele que havia provocado uma briga com a menina para ver se ela sabia “lutar de verdade”. Mandara Maggie tirar as botas porque o bico delas era pontudo. E, mesmo descalça, ela o arrebentara. Uma surra sangrenta. Ephram vira como tinha sido horrível o que ela fizera com o Galo. Vira o orgulho dele escorrer até virar uma poça, e não conseguia evitar sentir um pouco de dó dele. A surra que Maggie dera no Galo tinha sido o único assunto da cidade durante semanas. Então, quando avistou Margaret na margem oposta, Ephram não sentiu nenhuma vontade de cruzar o caminho dela.

No momento em que pensou em fugir para dentro do mato, viu a menina quieta apontar para ele. Maggie se virou bruscamente e cravou o olhar nele.

— Tá olhando o quê? — gritou ela do outro lado do lago.

— Nada, não.

— O que é que você está fazendo, então?

— Pescando.

— Bem, é melhor não ficar olhando para ninguém, se você for esperto.

Ephram fez que sim.

— Eu estou só pescando.

— É melhor você ficar só pescando mesmo.

Ephram observou a outra garota sussurrar na orelha de Margaret. As duas começaram a andar na direção dele, caminhando junto à margem. Conforme se aproximavam, Maggie perguntou:

— Pegou alguma coisa?

— Não.

— Tem quanto tempo que você está aqui?

— Um tempinho.

— Você não está pescando, está dando comida para os peixes. —

Ephram parou e olhou para Margaret. Embora fosse um ano mais nova, a menina era bem mais alta do que ele. — Me dá essa vara.

— Ele entregou a vara de pesca antes que ela pedisse pela segunda vez. — Você é o irmão da Celia Jennings, né?

Ephram fez que sim com a cabeça.

— E você tem nome?

— Ephram.

Margaret puxou um grampo do cabelo da outra garota e removeu a ponta de plástico com os dentes. As duas tranças caíram nos ombros da menina.

— O que você está usando de isca?

Ephram estendeu para ela a carne de porco salgada.

Maggie deu uma olhada e revirou os olhos.

— Está explicado.

Ela foi direto para a beira do lago, cavoucou a terra macia e pegou uma minhoca. Foi até onde estava a vara de pesca e prendeu o grampo preto à linha, curvando-o. Então cravou a minhoca, que ainda se remexia na ponta afiada do grampo, e mergulhou o conjunto na água, bem devagar. Ephram e a menininha se retraíram.

— A Ruby nunca comeu bagre. Esta aqui é a Ruby. — Ruby o cumprimentou com um meneio de cabeça. Ephram retribuiu o cumprimento. — A Ruby fica quase o ano todo lá em Neches, com uma madame branca. Não tem bagre lá onde ela mora — continuou Margaret.

— Mas não tem bagre em tudo que é lugar? — arriscou Ephram.

— O que é que eu acabei de falar? — indagou Margaret.

Os três ficaram em silêncio.

Sentaram-se na beira do lago, Ephram à esquerda, Margaret no meio e Ruby à direita dela. Pelo canto do olho, ele viu a manga do vestido de Ruby quase roçando no macacão de Maggie. Então Ruby se recostou e deixou a cabeça repousar no musgo macio. Ephram a imitou, e os dois olharam para o mesmo pedaço de céu. Ele ainda não havia percebido, mas o azul tinha sido soprado para longe, substituído por uma flanela escura. Maggie tirou um cigarro de trás da orelha esquerda e riscou um fósforo na borda do cinto.

— A sua mãe não está lá no Dearing? — perguntou ela com o canto da boca, piscando por causa da fumaça. Ephram não emitiu nem um som. Maggie continuou: — Pensei que fosse a sua mãe. — Ele viu Ruby cutucar Maggie, como se quisesse fazê-la parar. — Que é? Eu não disse nada de ruim. O Papa Bell falava que algumas das melhores pessoas que ele conhecia estavam lá. Dizia que o mundo ia ser melhor se as pessoas de lá de dentro saíssem e as pessoas daqui de fora fossem lá para dentro. Faz quanto tempo que ela está lá?

Ephram pigarreou.

— Três anos.

— Tá vendo? Ela não está tão ruim assim. Eu conheço uma mulher que a mãe dela ficou lá quinze anos. Não tem motivo para ficar com vergonha. — Ela inspirou por entre os dentes. — Então, por que é que mandaram sua mãe para lá?

Ruby enfim falou:

— Vai chover.

Maggie tirou a camisa que estava vestindo por cima do macacão e a ofereceu para Ruby, que cobriu os ombros.

— O que foi que ela fez? — repetiu Maggie, batendo a cinza sem tirar o cigarro da boca.

— Nada.

— Ela com certeza fez alguma coisa bem grave, senão não iam mandar ela para lá. Eu não vou contar para ninguém, e a Ruby vai voltar para Neches ainda hoje. Olha, eu vou falar o que eu escutei e você me diz se é verdade. Disseram que a sua mãe apareceu pelada no piquenique de Páscoa da igreja. É verdade?

Ephram ficou olhando para a frente, em direção à água. Não queria conversar sobre a mãe e definitivamente não queria conversar sobre ela com Maggie, que não era flor que se cheirasse.

— Dizem que as donas lá na igreja quase se mijaram. A Samella foi pela boca-livre e contou que todo mundo se embananou para jogar umas roupas nela, mas que ela saiu correndo com as tetas sacudindo até o Reverendo, o seu pai, conseguir alcançar e derrubar ela. No dia seguinte, mandaram ela para o Dearing. Você estava lá quando isso aconteceu?

Ruby abriu os lábios, e havia uma aspereza nas palavras que disse:

— *Para, Mag!*

— Calma, está tudo bem. Só estou falando o que aconteceu. Estou só tentando descobrir por que é que a mãe do garoto fez isso. Se tem alguém que vai saber disso é ele.

Ephram tinha se levantado. Algum tipo de torrente de coragem quase o afogou, e ele se flagrou arregaçando as mangas e cerrando os punhos.

— Não fala mais da minha mãe.

Maggie começou a rir.

— Garoto, não me obriga a machucar você. Senta a sua bunda magrela aí. Eu não queria ofender.

Bem nessa hora, um peixe puxou a linha. Primeiro devagar, depois com mais força. Maggie pôs-se de pé e, justo quando parecia que o bicho ia escapar, ela deu um puxão forte e rápido na linha. O peixe emergiu se contorcendo, com o grampo preto espetado no nariz.

— Vocês quase me fizeram perder o meu jantar.

Maggie jogou o peixe balançante no chão e estourou a cabeça do animal com uma pedra lisa. Dentre todos os peixes naquele lago, a sorte mandou um bagre para Maggie. Ela sacou o canivete, abriu o abdômen do bicho e começou a estripá-lo.

Ruby virou o rosto.

— Maggie... por que você fez isso?

— Você disse que queria um bagre. Então eu peguei um bagre para você. — E, virando-se para Ephram: — Você! Vai pegar uns gravetos para a gente fazer uma fogueira.

— Vai chover — disse Ruby.

— Não antes de eu comer. Vai! — Ela se pôs a escamar o pequeno peixe, depois cortou a cabeça e o rabo dele enquanto Ruby começava a chorar. Maggie se ergueu e encarou a outra. — Fica calma, garota. Eu não fiz isso para machucar ele. Esse peixe sabia no que estava se metendo, nadando nesse lago. Ele não é o primeiro a ser pescado e frito, e não vai ser o último. É assim que eles vivem. É a vida deles. Nadando e sabendo que um dia desses, *vush*, vão acabar no prato de alguém. — Ruby começou a chorar ainda mais, e Maggie abraçou a menina. — Está tudo bem. Está vendo ali? Aquele vento em cima das árvores? — Ruby olhou para o alto. — O peixe está nadando lá em cima agora. Ele não vai ficar preso num laguinho do tamanho de uma moeda. Está vendo? As coisas são assim. Ele veio para a gente. Queria que a gente fizesse uma bela fogueira e comesse ele, porque aí todas as lembranças que ele tinha do lago ficariam dentro da gente. Está vendo, Ruby? Está vendo o peixe lá em cima?

Ruby voltou o olhar para Maggie.

— Você está inventando isso.

— Não estou, não. Juro. E a sua Maggiezinha não mente. Pelo menos não sobre bagres.

Maggie deu uma piscadela e sorriu.

Ruby sorriu de volta, exibindo dentes brancos e perfeitos. Ephram nunca tinha pensado daquele jeito a respeito da vida de um peixe. Ele recolheu pedaços de madeira ao redor de onde o trio estava, depois reuniu mais alguns que encontrou atrás de uns troncos grossos. Levou-os até Maggie, que acendeu a fogueira com

seus fósforos mágicos que podiam ser riscados em qualquer superfície. Ela puxou um canivete, talhou uma ponta afiada em um graveto e, em seguida, transpassou o peixe com ele. Então o assou, virando-o de um lado e do outro até que a gordura começasse a chiar ao pingar no fogo. Quando ficou pronto, os três se sentaram ao redor da pequena fogueira e mastigaram aquele peixe gorduroso e crocante, tomando cuidado com as espinhas.

— Está vendo o que eu falei? É bom, não é?

Ruby fez que sim e piscou para Maggie. Ephram continuou mastigando. Queria ter algo tão grandioso e comovente a oferecer quanto aquele bagre. Sentiu o coração apertar ao pensar no pedaço de bolo que devorara na floresta. Com certeza o bolo de Celia faria frente ao peixe de Maggie. Ele pensou que, no fim das contas, Celia estava certa sobre o pecado da gula. Quando todos acabaram de comer, exatamente como Maggie prometera, o vento aumentou e começou a choviscar.

Ruby se levantou para ir embora, mas Maggie disse:

— A gente tem que fazer uma coisa antes.

Então pegou a cabeça do peixe e cavou uma pequena cova perto da água. Posicionou a cabeça de pé dentro do buraco e a cobriu. A chuva respingava no cocuruto, no nariz e nos ombros das crianças.

— Agora a gente tem que fazer um pedido para esse bom peixe que a gente acabou de comer. Mas precisa ser rápido, para o desejo se realizar logo.

Então eles fecharam os olhos e fizeram o pedido. Ephram terminou e observou os lábios de Ruby dizerem, muito delicadamente, "Tanny". Não podia imaginar o que Maggie estava desejando, mas o pedido dele foi pela mãe.

Ruby calçou os sapatos, então a amiga deu a mão a ela e as duas caminharam depressa para dentro da floresta. Maggie se virou para trás:

— Espero que a sua mãe melhore logo.

— Aham.

Ruby ensaiou um aceno com a mão, mas Maggie a puxou e as duas se foram. Ephram ficou olhando enquanto elas se afastavam. Colocou a marmitta na caçamba do carrinho e pensou em ir embora,

mas se distraiu com a chuva no lago. Com o azul e o cinza. Parecia que os pingos caíam para cima, catapultados por milhares de pequenas explosões. Ele pensou em Ruby Bell. Também ouvira falar muito a respeito dela, mas nunca a tinha visto até aquele dia, a garota de cor que estava sendo criada por pessoas brancas em Neches. De onde teriam vindo aqueles cílios e aquela pintinha na bochecha esquerda dela? Conforme a chuva encontrava os veios em seu couro cabeludo e escoava por seu rosto, Ephram se deixou molhar até o osso. Um trovão caiu e reverberou pelo solo da floresta.

Ele não ouviu ninguém chegar por trás de si, só sentiu a mão no ombro. Virou-se depressa, e lá estava ela. A pequena Ruby. Encharcada e falante. Mas Ephram não entendeu o que ela dizia. Apenas viu o movimento dos lábios e sentiu o cheiro de sabonete Dove, além do aroma de brilhantina Dixie Peach e mais alguma coisa que ele não foi capaz de distinguir muito bem em meio à chuva. Mais uma vez, ele não conseguiu entender o que ela falava. Tentou adivinhar as palavras...

“... eu não pedi. Está vendo?” Ela havia terminado. Olhava para Ephram, e ele não tinha a menor ideia de como começar ou terminar. Ruby o estava repreendendo ou consolando?

Ela ficou parada por mais um instante e, em seguida, disse:

— Bem, eu tenho que ir.

Ele precisava falar alguma coisa antes que ela se virasse. Só conseguiu soltar:

— Eu estava pensando...

Ruby parou, o rosto transparecendo uma ligeira confusão.

— O quê?

— Nada. — Ele olhou para a lama a seus pés, tentando esconder a mentira. — Só estava pensando no que você disse.

— O que é que tem?

Ele falou com dificuldade:

— Nas coisas que ninguém pede para acontecerem.

Ela o encarou por um momento, então pareceu relaxar.

— Obrigada. Mas não sou só eu quem fala isso. O Papa Bell também fala, o tempo todo.

Mais uma vez, Ephram estava perdido, porém fez que sim de qualquer forma.

Margaret berrou do topo da subida, cercada por tocos de árvores e grama:

— Ruby, a gente tem que ir!

A menina gritou de volta:

— Já disse que estou indo!

— Eu não vou deixar você nessa chuva. Além disso, ela já deve estar esperando a gente.

Ruby berrou, a voz alçada pelo vento:

— *Eu disse para você ir na frente!*

Maggie ficou parada, quieta, encostada na casca de um pinheiro. Cortinas de água entre eles, a cabeça dela levemente inclinada. A menina se afastou, como um cachorrinho escorraçado, até seu cocuruto ser a única coisa visível por cima do aclave. Imóvel.

— Ela fica com ciúmes de todo mundo. Não é só com você.

— Por que ela é assim?

— Por que você é do jeito que é? Por que a sua mãe é do jeito que é?

— Eu não quis ofender.

— Não fica falando dela. Nem perguntando nada sobre ela. Quem você pensa que é para ficar questionando ela?

Ephram ficou em silêncio e começou a sentir frio. Queria encontrar um abrigo, mas não queria sair dali. Então sentiu que se inclinava na direção dela, daquela garota, e, antes que a ideia pudesse se tornar clara, ele soube que queria beijá-la.

De repente, Maggie apareceu ao lado deles. Seu olhar penetrou Ephram como se ela fosse capaz de ler os pensamentos dele, e então ela tomou a mão dos dois.

— Vamos lá, vocês dois vão morrer de gripe.

Eles começaram a caminhar e, depois, a correr pela floresta molhada.

— Para onde a gente está indo? Eu estou com frio — choramingou Ruby.

Ephram e Maggie falaram ao mesmo tempo.

Ephram:

— Tem uma caverna do outro lado...

Maggie:

— Ma Tante está esperando a gente, Ruby.

Ephram:

— ... do Marion, depois daquela clareira.

Ephram observou Ruby saborear a atenção que recebia dos dois. Como ela ergueu a cabeça de um jeito que parecia cheio de orgulho. Como os deixou esperando por um instante, ponderando mais do que as sugestões que eles deram na chuva. Enfim, Ruby olhou para os dois e disse:

— Eu odeio aquela clareira velha. Além disso, a casa da Ma Tante fica logo depois da curva.

— Meu pai fala que não quer que eu passe dali — declarou Ephram.

— Bem, então você não precisa ir. Precisa, filho do pastor? — interpelou Maggie.

— Eu vou — afirmou ele.

Todos andaram, depois correram, até a porta de Ma Tante.

Uma fileira de árvores mortas, cortadas e arrastadas desde a floresta, cercava a cabana. Gravetos, musgo, lama, tecido e chumaços de cabelo tinham sido misturados e batidos entre cada pilar. O portão da cerca era feito de madeira e argila. O céu soltou um rosnado grave ao mesmo tempo em que Maggie ergueu o punho e bateu no portão pesado, que se abriu com um rangido.

Ao entrarem no jardim, Ruby e Ephram pararam, apesar da torrente. Havia espelhos por toda a parte, brilhando e cintilando, ao lado de potes de geleia abertos que coletavam o céu que escorria. O lugar cheirava a mirra. O coração de Ephram se apertou quando ele viu montículos de terra cobertos de flores vermelhas encharcadas. A fumaça subia encrespada pela chaminé da cabana, e objetos que pareciam caveiras de texugos e raposas retiniam em um varal. Havia pás enfiadas na terra fofa e a asa ressecada de uma ave de rapina estendida na cobertura da varanda. Ervas estranhas escalavam gravetos e galhos perto dos tomateiros de aroma acre e indistinto. No canto do jardim, havia um carvalho alto, os galhos carregados de garrafas cheias de água colorida que

balançavam feito figos suculentos. Roxo. Verde. Vermelho. Preto. Azul. Amarelo. Os vidros batiam uns nos outros.

Maggie apontou para a árvore e sussurrou:

— Aquela ali é uma árvore de almas. Tem almas dentro das garrafas.

— ã-ã — negou Ephram.

— Quebra uma só para você ver.

Ele apertou o passo. Os três estavam completamente encharcados quando alcançaram a varanda. Maggie bateu à porta. O som saiu abafado e seco em meio ao barulho da chuva. Ela bateu de novo, esperou, então abriu a porta, deslizando para o interior da cabana.

De dentro da escuridão, falou:

— Podem entrar, ela não está aqui.

Ruby balançou a cabeça.

— ã-ã.

Maggie instigou:

— Ela não vai se importar. Você só está com medo.

— Eu não vou entrar aí.

— Não vou deixar nada de ruim acontecer com você, garota — disse Maggie em meio à escuridão.

Ruby fez que não de novo.

A chuva começou a cair com mais força e velocidade. Açoitava as panturrilhas e os sapatos de verniz de Ruby. Suas meias brancas rendadas estavam encharcadas. A calça de Ephram grudou na pele no momento em que ele estendeu a mão para pegar a de Ruby. Quando as mãos dos dois se encontraram, ela o olhou. Antes que a menina pudesse sorrir, Maggie a agarrou pelo pulso e a puxou para dentro da cabana. Ephram as seguiu.

Os três foram engolidos pelas trevas. Maggie tateou dentro do bolso e acendeu uma vela com destreza. “Eu consigo manter um fósforo seco até no olho de um furacão.”

Diante da luz repentina, Ruby arfou, e a boca de Ephram se abriu como a de um peixe. Havia facas por toda a parte, em cada superfície. Uma adaga pendia da lareira. Um facão com uma tira de couro enrolada tinha sido pendurado na parede. Havia sabres e

canivetes, facas para caça e facas de açougueiro, espadas e machadinhos indígenas, lâminas que as crianças nunca tinham visto e que jamais veriam novamente. Algumas eram brilhantes e limpas, outras estavam alaranjadas de ferrugem, todas entulhando o interior da cabana de Ma Tante.

Ruby se virou para ir embora e quase escorregou na poça que as três crianças haviam formado.

Maggie agarrou o braço dela.

— Ruby, a Ma Tante só guarda as facas, ela não tem motivo para usar elas.

Nesse momento, uma ventania abriu a porta da frente, engoliu a chama e derrubou a vela apagada. Maggie bateu em busca da vela enquanto o vento soprava, erguendo as cortinas pretas, deixando entrar vislumbres de cinza apenas para encobri-los novamente. Papéis balançavam, remexiam e farfalhavam como se fossem asas. Então a porta se fechou com um estrondo e a sala se acalmou. Maggie encontrou a vela em meio à escuridão, riscou um fósforo no piso de madeira e acendeu o pavio.

As três crianças gritaram ao ver Ma Tante em pé diante delas. A mulher tinha cor de rolha queimada e olhos amarelos. Era magra e alta como uma divindade. Baixou os olhos para observá-los.

Perguntou, com um sotaque meio francês:

— Já ouviram falar de ensopado de *méchant*? — Ephram, Maggie e Ruby permaneceram em um silêncio sepulcral. — Responde.

Os olhos da mulher recaíram sobre Maggie.

— N-não, senhora — respondeu a garota.

— É bom. Começa com cebola e porco salgado. Doze cenouras. Um pouco de batata... Aí você pica três crianças levadas e joga tudo numa panela.

A vela começou a tremer na mão de Maggie, fazendo com que as sombras bruxuleassem na parede cheia de facas. As três crianças prenderam a respiração enquanto Ma Tante, com o rosto marcado pelas sombras, as encarava. Seis olhos lacrimejantes a fitavam de volta.

Por fim, a mulher cedeu um pouco:

— Pena que vocês são todos magrelos. Ia ser um desperdício de batata boa.

— M-me desculpa, Ma Tante...

— É, você é uma menina descarada e cheia de “me desculpa”. Vai preparar o fogo para eu poder beber o meu chá.

Como se morasse ali, Maggie foi até a chaleira e atçou a lenha do fogão. Ruby e Ephram ficaram parados, com os sapatos e as roupas embebidos da tempestade, afluentes alargando a piscina ao redor deles. Ma Tante se virou para Maggie e disse, com desprezo:

— Seca isso, e rápido. O meu piso não é bacia.

A menina correu, pegou algumas toalhas de flanela gastas, jogou-as para Ruby e Ephram e começou a enxugar o chão. Cheios de medo, todos bateram e arrastaram os pés, secando o piso o melhor que podiam.

Ma Tante acendeu um cachimbo feito de espiga de milho, baixando as pálpebras ao soprar a fumaça. De olhos fechados, acrescentou:

— E manda os *méchants* sentarem. Me dá nervoso essa gente de pé.

Ephram e Ruby se sentaram rapidamente à mesa, de frente para Ma Tante, gelados e encharcados. Maggie acendeu velas e alimentou o fogão até que o fulgor tomou conta da sala. Enquanto a mulher escura fumava, Ephram a espiava pelo canto do olho. Era quase azul de tão preta. Ele tinha ouvido o pai dizer que ela era a parteira do Diabo e que costurava o mal nas bordas da noite. O Reverendo fizera sermões para que sua congregação ficasse afastada dela. Ainda assim, todo mundo em Liberty conhecia Ma Tante. Todos sabiam das incursões que ela fazia tarde da noite pela floresta, para recolher ossos de animais e plantas secretas. Das visitas ao cemitério. De como ela gostava de dentes de leite.

Ephram ouvira dizer que ela tinha nascido em um lugar chamado Jamaica, mas havia se mudado com a família para a Louisiana aos cinco anos, para uma comunidade em que todo mundo enrolava a língua falando um tal de crioulo francês. Deixara o lugar aos doze anos para começar seu “ministério”. Nenhum habitante de Liberty admitia segui-la, porém, cristãs ou não, as pessoas viviam de

acordo com um conjunto de regras sobre o qual ninguém falava em voz alta, mas que todos compreendiam. Nunca pendurar calcinhas nos varais, para evitar que alguém as roubasse e fizesse feitiçaria. Sempre prestar atenção para ver se não havia pó vermelho dentro dos sapatos ou no meio do caminho. Nunca emprestar sal, nem pedir sal emprestado. Boas mulheres devotas com maridos boêmios batiam no portão de Ma Tante depois de orar na igreja. Irmãs e missionárias iam até lá com notas de dólar presas à alça do sutiã. Levavam mechas de cabelo do pai, unhas do marido, a placenta de um natimorto embrulhada em jornal. Iam cheias de pavor, agitação e esperança. E, quando chegavam, pelo que Ephram ouvira dizer, Ma Tante as mirava com seus olhos amarelos e fumava seu cachimbo mostarda. Quem ia sem dinheiro era mandado embora. E quem ia com dinheiro também podia ser dispensado se tivesse, como ela dizia, um *odeur spirituelle* ruim. Quem não se enquadrava nessas categorias tinha as palmas das mãos, as solas dos pés e as orelhas examinadas. Ma Tante olhava suas línguas e a parte branca de seus olhos. Então, dava aos visitantes um pó colorido, uma poção ou um amuleto. Para pôr no café; para ferver com folhas de chá; para misturar com claras de ovos e um pouco de açúcar e melado; para deixar do lado de fora da casa durante o jantar, salpicado em um prato cheio ou escondido embaixo do último degrau da varanda; para pôr debaixo do travesseiro na hora de dormir. Para polvilhar na casa e varrer tudo logo depois.

Ephram ouvira falar que ela dissera a um homem: "Se você for para casa agora, vai morrer em três horas." Claro que o idiota ficou com fome e caminhou os quinze minutos que o separavam de casa. Quando chegou, a esposa atirou na perna dele por causa de uma traição. O homem sangrou durante exatamente duas horas e quarenta e cinco minutos até morrer, enquanto a esposa remendava e passava o melhor terno dele para o funeral vindouro. Havia muitas histórias como essa, narradas por toda a floresta de pinheiros. Ephram se perguntava se eram todas verdadeiras. Especialmente a que Gubber contara sobre Ma Tante, o pássaro negro e a coisa tenebrosa que diziam que a conjuradora tinha feito.

Ma Tante abriu os olhos de repente.

— Não fica me encarando, garoto. Eu mordo. — Depois: — Vem cá. — Os olhos da mulher o fisgaram como um anzol que atravessa as guelras de um peixe. Ele se aproximou, cambaleante. — Seu nome.

— E-Ephram Jennings.

Os olhos de Ma Tante se abrandaram.

— Ah. O filho da Otha.

— Sim, dona.

— Você tem os olhos dela. — Ephram baixou a cabeça, então Ma Tante a ergueu, o queixo do menino repousando na curva da mão dela. — Tomara que não tenha a mesma sorte.

Ephram queria sair correndo da sala, mas algo naquele rosto de meia-noite o segurou ali. A velha tocou a nuca dele, os dedos fazendo um suave cafuné no pescoço do garoto.

— Você não passa de um osso da sorte. Está vendo aqui? — Ela tocou a base do crânio dele, dando um tapinha em um pequeno calombo. — Isso mostra que você vive de desejo. — A mulher pressionou a nuca do menino. — Sabe de uma coisa sobre ossos da sorte? Eles têm que quebrar em dois para o desejo se realizar. E alguém sempre perde. Mas, ainda assim...

Ephram sentiu o coração acelerar enquanto Ma Tante o encarava fixamente. Pontinhos de suor brotaram ao longo da testa e das têmporas do menino à medida que ela remexia o rosto, examinando-o. Então a mulher se virou, balançou a cabeça, estalou a língua e disse:

— Garota, cadê o meu chá?

Maggie se agitou, fazendo uma barulheira no fogão.

— Quase pronto, dona.

Ephram continuou ao lado de Ma Tante.

De repente, ela se voltou na direção dele, quase rosnando:

— Por que é que você está parado aí?

Ele pigarreou.

— Eu pensei que... a senhora ainda não tinha terminado de falar.

— Você tem dinheiro? — disparou ela.

— Não, dona.

— Bem, então pode voltar quando tiver. Já ofereci o que dá para ser de graça. Se quiser mais, tem que pagar. — Ephram permaneceu imóvel. As orelhas quentes de vergonha. — Você quer chá? — ofereceu a velha. Ephram fez que não. — O que foi que você disse?

— Não, senhora.

— Margaret, dá um pouco para ele. E para a garota também.

Ephram se afastou, voltando a se sentar, e tentou não olhar fixamente para nada. Maggie empurrou uma tigela com chá quente na direção dele. O menino acompanhou com os olhos o vapor que subia e acabou espiando uma parede da cabana. Ao lado das facas, havia prateleiras e mais prateleiras com potes de geleia, alguns cheios de ossinhos, outros com pós de cores vibrantes. Havia pernas de sapo secas, chocalhos de cobra, miolos de maçã, pés de coelho felpudos. Muitos dos potes estavam recheados de ervas e raízes. Um deles parecia repleto de dentes de crianças. Havia também duas grandes urnas de vidro: uma cheia de penas de corvo ou gralha e outra com pedaços do que parecia ser cartilagem.

Uma brasa saltou do fogão. Ephram sentiu um calafrio na espinha. Sabia que precisava ir embora, mas como conduzir Ruby para fora daquele lugar? Maggie estendeu uma tigela de chá fumegante para que ele entregasse à garota. O aroma era forte, diferente do cheiro da bebida dele. Ephram sentiu uma pontada de preocupação quando passou o chá para Ruby, mas foi acalmado pela doçura do sorriso que ela deu ao pegar a vasilha.

* * *

RUBY SORRIU para o garoto de chocolate quando ele estendeu a tigela. Gostou do modo como ele retribuiu com um sorriso todo frouxo. Ela cheirou o chá quente. Era tão preto quanto a velha. O lado esquerdo do vestido da menina, mais próximo ao fogão, esquentava a pele dela, embora seus sapatos ainda estivessem empapados da chuva. Ela se desvencilhou deles com delicadeza, usando os dedos do pé para descalçá-los. Bebericou o chá e viu o menino Ephram franzir o cenho. Maggie deu uma olhadela nervosa

na direção de Ma Tante. Ruby tentou observar tudo para, mais tarde, poder relatar os acontecimentos a sua amiga Tanny.

Maggie disse, parecendo assustada:

— E essa é a Ruby Bell, que eu falei para você.

— Entendi.

Ma Tante soprou uma espiral de fumaça.

Ruby olhou primeiro para a esquerda. Depois, para a direita. Então fixou os olhos no rosto da mulher, como uma forquilha quando encontra água.

Ma Tante sibilou para ela:

— Bebe.

Ruby soprou o lago de chá, depois tomou um grande gole. Era amargo. Mesmo assim, bebeu mais. Quando ela já tinha quase terminado, Ma Tante esticou a mão, tomou a tigela da menina e estudou o interior do recipiente. Os olhos da velha pareciam brasa sobre manteiga.

— Você tem companhia — disse ela. Ruby sentiu que começava a ofegar. — Nasceu com um verniz na cara. Saiu do útero com o gel branco que deixa você enxergar no mundo cinza. Certo?

A garota anuiu discretamente.

Ma Tante estendeu o braço e pegou a mão direita de Ruby. Virou a palma para cima e apontou.

— Você tem a estrela mística. Aqui. — Pegou a outra mão. — Aqui também. Meu Deus, menina, você não passa de um portal. Quantas assombrações estão atrás de você?

Ruby ficou paralisada. Era a primeira vez que alguém via. Significava que ela não podia mais fingir que aquilo era um jogo ou parte de um pesadelo. Enfim, respondeu:

— Três.

— Sua conta está errada. E tem mais alma vindo.

Maggie e Ephram ficaram parados, mas Ruby começou a tremer, um calafrio que vinha de algum lugar perto do coração.

A voz de Ma Tante estremeceu, grave e baixa:

— Menina, eles seguem você do jeito que uma carruagem segue um cavalo.

A velha cuspiu na mão da garota como se estivesse jogando óleo. Ruby congelou. Ephram empurrou a cadeira para trás e se levantou. Maggie permaneceu estranhamente quieta.

Ma Tante se inclinou em direção a Ruby, encarando-a, os dedos afundados no pulso da garota. Ruby sentiu o hálito de fumo conforme a mulher se aproximava. E também alguma coisa que recendia a carne podre.

— Legba, Legba, *libérez cette enfant de douze mauvais esprits*. Legba, Legba, *libérez cette petite fille, s'il vous plaît*. — Ma Tante empurrou a mão de Ruby e deu um tapa na cara da menina. Então, explicou, para ninguém em particular: — De vez em quando, é preciso uma boa expiração para fazer eles largarem os vivos. — E falou para Ephram e Maggie: — Vocês dois, vão lá para fora. Eu tenho trabalho a fazer.

Ruby começou a chorar. Com um passo amedrontado, Ephram se pôs entre ela e Ma Tante.

Em meio às lágrimas, Ruby viu a velha olhar o garoto como se ele fosse um mosquito.

— Essa criança tem um feitiço poderoso *sur son esprit*, feito por gente que sabe como fazer. Transformaram ela em um para-raios para todo tipo de alma perdida por aí. Talvez já seja tarde demais. Agora, vai.

Ruby viu Ephram ceder. Ela não conseguia parar de chorar, o rosto lustroso. Ainda quieta, Maggie tomou a mão do menino e o conduziu para fora da casa, deixando Ruby sozinha com as facas, os dentes arrancados e os olhos amarelos.



MAGGIE E Ephram foram até a varanda ensopada enquanto os últimos pingos de chuva caíam. O céu estava rosa acinzentado. Ephram ouviu os soluços ocios de Ruby e pôs a mão na maçaneta.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou Maggie com rispidez.

— Lá para dentro.

Maggie se esgueirou por baixo do braço dele, encostou-se na porta e disse:

— ã-ã, não vai, não.

— Vou, sim.

— Tem certeza? — A garota franziu o cenho, a boca contraída. Em seguida, sem tirar os olhos de Ephram, puxou um Lucky e acendeu um fósforo seco em algo dentro do bolso do macacão. Tragou como se inspirasse ar, depois disse: — Então tenta.

Eles se encararam. Maggie contida atrás da fachada de um sorriso preguiçoso. Ephram tremendo.

Ele estava receoso de tentar passar por ela e envergonhado demais para se sentar, por isso perguntou:

— Por que você trouxe a gente aqui?

— Eu não trouxe você.

— Por que você trouxe a Ruby?

— Ela precisava vir. Agora cala essa sua bocona preta e vai embora.

Com relutância, Ephram largou a maçaneta. Os soluços de Ruby tinham se tornado mais suaves, misturando-se ao som das últimas gotas de chuva. Ele saiu de perto da porta, olhou na direção do portão e, em vez de seguir para lá, sentou-se no degrau molhado da varanda, o rosto queimando, a vergonha manchando de vermelho o marrom da pele.

Maggie se sentou ao lado dele. As árvores, a cerca, os pequenos potes de vidro, tudo ao redor estava brilhante e molhado. A garota soprou nuvens de fumaça para o alto.

Tirou um pedacinho de folha de tabaco da língua e disse, calmamente:

— Você não parece nada com ele. — No silêncio, ela mesma explicou: — Com o seu pai, o Reverendo Jennings. Não anda que nem ele, não fede que nem ele, não fala que nem ele. — Maggie virou o rosto para encará-lo, amarga. — É melhor você fazer o que ele manda e ficar longe daqui. Eu não vou deixar nada de ruim acontecer com a Ruby... não enquanto eu estiver viva.

* * *

EPHRAM SENTIU uma fúria repentina crepitar na garganta como se fosse gordura quente. Uma parte dela escorreu:

— A não ser deixar uma velha bater nela.

Maggie cravou o olhar nele, os punhos apoiados no colo.

— Apanhar não é a pior coisa que pode acontecer com um corpo.

— A ponta alaranjada do cigarro ia devorando a parte branca. — Além disso, você não tem nada a ver com a vida dela. Eu cuido da Ruby.

Os dois ficaram em silêncio. Contudo, havia uma resposta por trás do olhar de Ephram. Nada de palavras, apenas pensamentos soltos flutuando como as folhas de chá que tinham grudado nos dentes dele: *meninas* não cuidam de meninas.

Maggie respondeu como se ele tivesse falado em voz alta:

— Você é mais menina do que eu vou ser a vida toda, e eu já sou mais homem do que você vai ser capaz de virar um dia.

Ela analisou Ephram dos pés à cabeça e deixou escapar uma gargalhada.

Ele a observou. A maneira como ela ergueu o queixo, jogou os ombros ossudos para trás e estufou o peito, feito um galo. Aquela garota horrível parecia pensar que era o namorado de alguém. Ephram engoliu o pensamento ao mesmo tempo que outro começou a ferver em suas têmporas. *Não dá para existir atração quando é tudo igual debaixo do calção.* Ele ouvira o pai dizer isso em voz baixa a Clem, tio de Gubber. Os dois homens haviam abafado risadas no colarinho da camisa, mas nem Gubber nem Ephram tinham entendido o significado da frase. Agora, a compreensão fez o menino se sentir enjoado.

Maggie riu com escárnio.

— Vai para casa, senão você vai ver só o que eu vou fazer na escola dominical da semana que vem.

Ephram não moveu a cabeça um milímetro sequer. Ficou sentado, imóvel como o solo, com medo de engolir a própria saliva.

Maggie soprou uma curva de fumaça. Então, ágil como uma cascavel, deu um soco no maxilar do menino. Atordoado, ele sentiu

o dedo mindinho da garota acertar seu pescoço como uma pedra e o anelar pegar bem no maxilar. O sangue se concentrou no ponto em que o molar bateu na parte interna da bochecha. Ephram tentou se esquivar para a direita, mas ela já estava em cima dele, o cigarro entre os lábios contraídos. Ele cambaleou pelos degraus da varanda. Maggie disparou atrás, como um gato. Ephram tentou proteger a cabeça contra as investidas da garota, mas era impossível impedi-la. Não houve conversa.

Os dois ouviram o grito de Ruby vindo de dentro da casa. Então, a voz estrondosa de Ma Tante: "*Lâchez! Lâchez!*"

Maggie parou por um instante, o punho cerrado suspenso no ar. Ela e Ephram se viraram na direção da porta. Ele tentou empurrá-la para correr rumo à casa, mas a menina acertou seu nariz com um direto de esquerda.

Maggie encarou o garoto. Seria fácil acabar com ele. Uma cotovelada no olho direito, um soco na orelha esquerda. Bem fortes, do jeito que ela tinha dado no Galo Rankin. Ephram não fazia a menor ideia de como se defender dos golpes. Pele sobre pele molhada. Uma pancada na boca. Sangue entre os dedos dela. Lama por todo lado. Ela escutou sua Ruby gritar de novo. Sua Ruby. *Pam!* Soco no nariz do menino. Mais sangue. *Pam!* O mesmo golpe de novo. O sangue espirrou no lábio e na bochecha de Maggie. A fraqueza dele a deixou com raiva, a fragilidade acendeu uma fogueira que começou a alimentar os pulmões dela. Sem tirar o cigarro da boca, ela deu um trago fundo e soltou uma fumaça de dragão no ar úmido. *Pam!* Na orelha do garoto. Nos dentes. No golpe seguinte, a mão dela escorregou no sangue e entortou o nariz dele. *Pam!* Maggie sentiu que algo parecido com lágrimas escapava de seus próprios olhos. *Pam!* Ela as espantou com um soco no queixo de Ephram.

De repente, a porta da casa tremeu. Os vidros retiniram contra a madeira. As palavras de Ma Tante eram como lâminas que cortavam as tábuas, os pregos e o ar: "*Relâchez cette enfant... Maintenant!*"

Direto de direita. Direto no queixo. Em cheio. Maggie não se permitiria olhar na direção da porta. Nem mesmo ao ouvir um choramingo do outro lado. O garoto estava quase liquidado, só mais uns golpes e ele desmaiaria.

Através do sangue acumulado nos olhos, Ephram tentou enxergar Maggie. O mundo consistia em punhos, em vermelho e no alaranjado do cigarro dela; no entanto, de algum modo, ele conseguiu segurar o pulso da menina com as duas mãos. Levou-o até a boca e mordeu com força. Ele viu que ela tragava mais fundo. Então Maggie recuou.

Ephram sentiu algo crescer dentro de si. Algo que começou a fermentar e, então, embebeu e revestiu os cantos de sua alma. Essa coisa penetrou o ombro esquerdo de Ephram, depois desceu com um solavanco pelo braço dele e bateu com toda a força no peito de Maggie. *Pou!* O golpe pegou em cheio, e ela caiu para trás. Surpresa. O cigarro ainda firme. A ponta laranja ficando mais brilhante enquanto a menina se reerguia e dava um chute na lateral do corpo dele. A bota masculina acertando-o antes que o pé dentro dela trouxesse a dor. Ephram segurou o pé de Maggie, que caiu mais uma vez. Ele pulou para cima dela, seu sangue escorrendo até a fenda estreita entre os lábios da garota, molhando o cigarro. Maggie conseguiu girá-lo e ficar por cima. Os dois começaram a rolar pelos montículos de terra, esmagando as flores vermelhas. Ephram acertou três socos nas costelas da menina. Apenas um deles pegou em cheio. O cigarro de Maggie se partiu, a brasa alaranjada morrendo sobre a terra molhada.

Dentro da casa, Ma Tante acolheu Ruby em seus braços em meio à confusão de vidro e pedra. Os olhos da criança reviravam, a parte branca exposta. Ruby tentou falar, mas tudo o que saiu foi um silvo baixo e áspero. Ma Tante apontou uma faca pintada para algo invisível na escuridão. *"Passez cette enfant! Trouvez un autre cheval à monter!"* Então, a mulher começou a falar línguas estranhas, enquanto o cuspe que saía de sua boca formava arcos que caíam na escuridão. *"Schoon Netwaye li Tiszta Bersihkan Garbitu Bersihkan..."* O palavreado místico se ergueu e preencheu a sala.

Do lado de fora, Maggie se voltou para Ephram. Segurou a lanugem dos cabelos do menino e acertou o maxilar dele com toda a força. Ele começou a falar línguas indistintas. Palavras estranhas murmuradas e jogadas no mundo cinzento. Maggie parou por um instante. Inclinou-se sobre ele. *Pam!* Ephram a acertou no rosto. Ficou por cima dela. Desceu o punho na cabeça da garota. No pescoço. Na lama. Maggie conseguira rolar bem na hora. Ele escutou um estalido muito suave quando seus dedos bateram na pedra.

Dentro da casa, as paredes iam se inclinando na direção das duas. "*Rompre le lien! Rompre le lien!*", rosnava Ma Tante. Ruby ergueu os olhos quando a mulher levantou a faca e baixou-a com força, partindo uma romã ao meio no chão ao lado delas.

Ephram segurou a própria mão, a dor arranhando sua pele como uma unha. Maggie se levantou de um salto, lançando o pé para trás, então *po!* no peito do garoto. Ele ficou deitado, os olhos revirados, depois seu corpo começou a tremelicar e, enfim, ficou molenga e imóvel. A cabeça tombada na lama.

O suco escorria da fruta e caía no cabelo de Ruby. Ma Tante extraiu uma porção de sementes, espremendo a romã até que uma coroa vermelha serpenteasse pelo rosto da menina.

Maggie retornou à varanda no momento em que o vento trazia um novo véu de garoa. O céu se abrandou e foi ficando mais fino à medida que pequenos raios de sol atravessavam as nuvens. Ela percebeu que Ephram ainda respirava.

Ruby manteve os pedaços de fruta entre a língua e o céu da boca enquanto a velha esfregava o restante da romã na sua pele. A mulher ainda cuspiu palavras vindas de uma dobra na escuridão do tempo: "*Tumulong potrebno... Duboko haja Gu-semara esivanemad... O-negai shimasu min faDlik Apsaugoti savo... en smeken. Era Berean seo Faoi deara...*"

Em sua posição privilegiada na varanda, Maggie acendeu mais um cigarro. Torto, porém ainda intacto.

“Pronto, pronto, filha... pronto, pronto...” Ma Tante colocou Ruby no colo. A menina observou os olhos cor de gema da mulher. “Eu não quero machucar você.”

Do lado de fora, o gato amarelo de Ma Tante saiu de debaixo da casa, saltou no colo de Maggie e ronronou, encostado ao peito dela. A menina acariciou o bicho, soprou a fumaça e fingiu que não estava tremendo.

Ma Tante afagou a cabeça de Ruby.

— Eu estou tentando fazer eles terem mais dificuldade de roubar sua alma. Essas coisas que acontecem na floresta quando a lua está cor de sangue. Nas noites em que uma criança feito você devia ficar protegida atrás de portas trancadas. Mas já é tarde demais para isso, não é?

Ruby fez que sim.

— Eles já arrastaram você para o fundo do fogo deles, não foi?

A menina anuiu mais uma vez.

— Já abriram seu espírito como se fosse uma noz e tentaram enfiar a podridão deles lá dentro. É por causa disso que esses espíritos perturbam tanto você. Eles gostam de aberturas, e você é uma peneira. Precisa saber que existem dois tipos de espírito. Tem assombração, que é feito sanguessuga: fica ali, mas não consegue engolir você inteira. O Dyboù é diferente. Não se contenta até conseguir apagar tudo que você é... fica tudo com cheiro de vela queimada quando ele chega.

“Eu tentei tirar o veneno da fogueira. Eu tentei. Garota, você tem que ir embora da próxima vez que levarem você lá para baixo. Não fica montando guarda no seu corpo, se rende, porque aí você vai poder voltar quando eles terminarem. Eu tenho medo de isso transformar você em um nada se continuar lutando contra eles. Não vai sobrar nada.”

Ma Tante foi em direção à porta.

— Você vai contar para ela?

Ruby fez que não.

— Bom. Não conta. Ela é uma árvore frágil demais para carregar esse peso.

Ruby permitiu que seu longo pescoço se relaxasse e dobrasse. Deixou os pulmões expulsarem o ar e ficou sentada, vazia, até que a natureza lhe cutucasse para lembrá-la de respirar.

Ma Tante acariciou as costas da menina, retirando apenas um miligrama do peso que havia no peito dela. Mas já era alguma coisa.

— Meu Deus. Homem e magia não foram feitos para andar juntos. Os homens têm que governar as coisas. E a magia tem que ser o oceano que manda as pessoas navegarem nas ondas dele. Mas quando foi que você viu um homem satisfeito de navegar qualquer coisa que ele não tenha dominado? — Ela fez carinho na cabeça de Ruby. — Filha, tem um arco-íris de acontecimentos aqui neste mundo, mas o homem só enxerga o preto e o branco. Faz o bem com a mão direita enquanto o Diabo domina a mão esquerda. Fica longe dessa mão esquerda o máximo que você conseguir.

Ma Tante cuspiu no avental que usava e o esfregou na pele de Ruby, limpando-a como se fosse uma mãe gato.

— Eu? Eu não vou ficar muito mais aqui, você sabe, né? Engoli muitos pecados das pessoas quando era nova, e não sabia onde colocar todos eles. E por causa disso minha unha e meu olho são amarelos, feito mijo no sol. Tem umas coisas que não dá para consertar. Outras, dá. Ainda é cedo demais para dizer como vai ser com você.

Ma Tante embrulhou Ruby com um cobertor felpudo.

A mulher encostou a menina no peito e a embalou como se fosse um bebê até que ela dormisse. Então acomodou-a com delicadeza na cama de hóspedes e abriu a porta da frente.

A velha olhou para a varanda sem abrir a porta de tela.

— Maggie, ajuda aquele menino a ficar em pé, rápido.

A garota se levantou e foi até onde Ephram jazia, rodeado por estrelas que brilhavam e se apagavam.

— Levanta.

Maggie tragou o cigarro e enfiou a mão por debaixo do ombro de Ephram. Ele se levantou, cambaleante, apoiando-se nela. Ma Tante supervisionava. A chuva tinha recomeçado. Mais forte do que antes. Os corvos reclamavam nas árvores enquanto a menina acomodava Ephram sentado na escada. Para ele, o mundo girava, cheio de luzes e com o som de ondas.

— Vem, menino. — Ma Tante acenou para que ele entrasse. — Não, Margaret, você vai ficar sentada aí fora pensando no que fez.

Maggie arremessou o cigarro na chuva. Levantou-se para ir embora, mas se virou.

— Eu não saio daqui sem a Ruby.

— Então acho que você não vai sair.

A menina bufou enquanto Ephram cambaleava para dentro da casa junto de Ma Tante.

* * *

RUBY ACORDOU com o cheiro de chocolate. Seu rosto estava pegajoso com o sumo de fruta seco e cuspe da velha, e a bochecha tinha inchado por causa do tapa. A Senhorita Barbara ficaria muito brava com aquilo. A avó dela também. Da cama de hóspedes com cheiro de mofo, a menina espiou o cômodo. Resolveu fingir que estava dormindo por mais um tempo. Não conseguiu enxergar muito bem o garoto, mas viu Ma Tante saracoteando para lá e para cá, a saia se arrastando no chão como se fosse uma vassoura. A velha mexia em algo na mesa. Ruby torceu para que não estivesse retirando os ossos de um pássaro vivo — Maggie já vira a mulher fazer isso — ou extraíndo um feitiço de um lagarto-de-chifres. Depois do que presenciara, Ruby não duvidava de sequer uma palavra do que a amiga contara. Aqueles olhos amarelos tinham visto o que Ruby escondia até de si própria. E, quando duas pessoas veem algo, para o bem ou para o mal, essa coisa se torna real. Ruby sentiu aquela compreensão correr pelo corpo como a seiva de uma árvore, amainando um pouco a dor.

O garoto Ephram se remexeu na cadeira. A luz atingiu o rosto dele, e Ruby conseguiu vê-lo, um olho roxo e tão inchado que não

abria. Dois lábios grossos. O nariz certamente quebrado. Bolas de algodão enfiadas nas narinas. A mão com uma atadura. Ele estava sentado como se tivesse feito xixi na frente da turma. Tão envergonhado. *Maldita Maggie.*

— Chocolate quente, vocês vão dividir.

Ruby ouviu Ma Tante falando com Ephram. Foi capaz de sentir o amargor adocicado antes que a bebida chegasse até ela, e fingiu acordar.

A velha pousou a xícara em uma mesinha e limpou Ruby com uma toalha molhada.

Em seguida, entregou a bebida à menina e se voltou para Ephram.

— Vem até aqui, filho.

Ele se levantou com cuidado, foi até o pé da cama e se sentou, quieto. Ruby pegou a rabicha do silêncio dele e deixou que a sensação descansasse em seu colo. Bebericou o chocolate quente. Alguém bateu à porta.

— Você ainda não está pronta — gritou Ma Tante, e Ruby ouviu Maggie pisar duro na varanda e se sentar pesadamente.

Ruby ofereceu a xícara a Ephram.

Ele esperou, então segurou a alça com a mão boa.

— Obrigado.

— A Maggie me deu isso — disse ela depois de um tempo, puxando um dedal prateado do bolso do vestido. — Do P & K. Ela conseguiu um desconto de cem por cento.

— Hummm.

— Ela faz isso para mim às vezes. Rouba tesouros para me dar de presente. Ela não é sempre assim, que nem foi com você. Só está com ciúmes... e também não é muito fã do seu pai, o Reverendo.

Ephram ficou quieto de um jeito que parecia dizer que ele entendia muito bem como alguém poderia desgostar do pai dele.

Ruby olhou mais de perto o estrago no rosto do menino. A pele da bochecha tinha rasgado nos pontos onde os nós dos dedos de Maggie haviam acertado. A mão direita estava flácida, inchada e enrolada com um tipo de tala.

Maldita.

Ruby sentiu a solidão antes que ela surgisse. Sabia que, entre todas as coisas que precisaria encarar quando deixasse a pequena cabana, a solidão seria a pior. Sabia também que esse era o sentimento que todos eles compartilhavam, mas que esperava cada um em situações diferentes. Para Ruby, seria em um quarto na casa da Senhorita Barbara. Para Maggie, no minuto após Ruby se despedir. E, para Ephram, naquele exato momento. Ela sentia que a solidão nunca o abandonava, mesmo que ele estivesse sentado ao lado dela.

A garganta de Ruby se apertou até seus cílios ficarem úmidos. No entanto, desde que se mudara, desde que tinha recebido o quarto na casa da Senhorita Barbara, ela nunca chorava. Engoliu o choro.

Ephram olhou para ela.

— Eu estou bem.

— Está doendo?

— Um pouco — mentiu ele.

Ephram estendeu a xícara, e Ruby chegou mais perto para pegar o chocolate.

— Quem é que cuida de você? — perguntou ela.

— A minha irmã, Celia... E você?

— A mamãe está lá em Nova York. Ela vai mandar alguém para me buscar no mês que vem porque sente muita saudade de mim. Mas até o mês que vem, como a minha avó tem que trabalhar muito... essa dona branca lá de Neches fica comigo.

— Você trabalha para ela?

— Às vezes.

— E o que você faz?

— Umas coisas. Arrumo a bagunça das pessoas. Eu também cuido das outras crianças dela. Mas ela me manda para a escola e tal. Ela é cheia da grana. Tem umas lojas em Lufkin e Newton.

— Que tipo de loja?

— Noivas da Senhorita Barbara.

— Tudo para Noivas da Senhorita Barbara?

— Acho que é.

— Era onde a minha mãe trabalhava!

- Sério? O que ela fazia?
- Costurava bainha e essas coisas. E também era rendeira. Ela era muito boa.
- A Senhorita Barbara ia lá?
- Às vezes. De vez em quando ela ia, sim.
- A sua mãe trabalhava com ela? Que coisa. E ela era... era legal trabalhar para ela?
- A Senhorita Barbara era legalzinha, eu acho. Ela me dava doce às vezes. Ela dá doce para você?
- Ah, dá.
- De que tipo?
- Quase sempre é chiclete.
- Eu gosto de chiclete. Ela me dava mais bala de caramelo.
- Eu gosto também.
- É, é bem gostoso.
- Os dois ficaram em silêncio por um minuto. Então, Ruby acrescentou:
- Mas, se você encontrar a Senhorita Barbara, não conta que eu falei dela. Ela não gosta de estar na boca do povo. Diz que é deselegante.
- Não vou falar nada. Prometo.
- Obrigada.

* * *

MA TANTE foi até a porta da frente e a abriu.

— Entra.

Maggie entrou como um filhote de cachorro depois de levar uma bronca. Por um instante, observou Ruby e Ephram apoiados um no outro no canto da cama. Olhou para Ma Tante, que estava ocupada abrindo as cortinas pretas, e só então caminhou devagar até a cama, sentou-se e começou a fazer cócegas nas costelas de Ruby, que riu.

— O que vocês estão fazendo?

— Conversando — respondeu Ruby. — Ele conhece a Senhorita Barbara. A mãe dele trabalhava para ela.

Maggie passou o braço ao redor do ombro de Ruby, afastando-a de Ephram com um movimento sutil.

— Nossa, que coisa.

O menino desviou o olhar e viu que o céu tinha ficado preto como fuligem. Ma Tante acendeu o lampião a querosene e foi até as três crianças, enxotando-as da cama como se fossem pintinhos.

— Vocês precisam ir embora. Eu tenho um cliente daqui a pouco.

— Ela pegou a xícara vazia das mãos de Ephram. — Todo mundo abre a palma da mão direita para o céu.

Os três obedeceram.

Ma Tante olhou para eles. Burros como o barro antes que Deus o soprasse para criar seres humanos. Idiotas como água cheia de sabão, luz na espuma. Crianças ignorantes, mas com um sofrimento de adulto transparecendo nos olhos. Eles não valiam o tempo dela. Ela não sabia por que tinha desperdiçado tantas horas preciosas com os três.

Ma Tante suspirou e se sentiu subitamente velha. Toda a vida dela pareceu uma gota d'água em uma piscina: uma marolinha e depois nada. Os olhos ainda a encaravam. As palmas voltadas para cima. Então ela explicou:

— Ninguém nunca vai atender quando vocês chorarem. Vocês podem encher um poço de lágrimas que tudo o que vão conseguir é se afogar. Se ficarem parados por tempo suficiente, o louco vai achar vocês. Se chorarem demais, o coração vai doer, a carne vai desgrudar dos ossos e a alma de vocês vai encontrar outro lugar. Se esperarem alguém prestar socorro, vão esperar até o gato assustado que mora na barriga de vocês se enroscar e fazer seu fígado de almofada. E é bem assim que vocês morrem. Com medo e esperando. E a morte vai encontrar o fantasma de vocês gemendo por socorro. Nesta vida, se alguém prometer que vai ajudar vocês, é tudo mentira. Se estenderem a mão para vocês, olhem bem antes, cinco, dez vezes, para ver onde é que a pessoa está escondendo a conta. Vocês não são nada, são sozinhos. E Deus vem para quem luta para achar Ele. Nada é fácil. Não para gente como vocês.

O céu gemeu do lado de fora. A tempestade não tinha acabado. Na verdade, não havia sequer começado.

Não adianta, pensou Ma Tante. Dar a eles os amuletos que preparara. Que diferença poderia fazer? Os objetos não tinham a substância que o tempo os daria. A mulher os fabricara rapidamente ao sentir o cheiro das crianças indo na direção dela em meio à chuva. Os amuletos não tinham o poder de impedir nada. Ainda assim, era um pecado não remar o barco, mesmo em um lago de fogo.

Então, Ma Tante depositou em cada mão uma bonequinha negra com cruces vermelhas no lugar dos olhos. Não eram maiores que o dedo mindinho das crianças.

— Não espiem — advertiu ela.

A boneca com o osso da sorte de um corvo costurado no coração foi entregue ao garoto. A que trazia um anel de prata feminino costurado na cintura foi dada a Maggie. E a terceira, que tinha uma pedra-ímã oval amarrada às costas, foi para Ruby.

Depois de um instante, a velha apontou para Ephram e Maggie e disse:

— Vocês dois. Troquem. Não olhem, só troquem.

Maggie abriu mão de seu segredo, e Ephram fez o mesmo.

— Às vezes eu erro. É raro. Mas acontece.

Alguém bateu à porta.

Ma Tante sibilou “Fora!” enquanto abria a porta dos fundos e empurrava os três para a noite.

Os carvalhos, pinheiros e bordos escutaram o baque surdo da porta da bruxa e prestaram atenção.

Observaram as três crianças pararem e depois, uma a uma, espiarem o amuleto nas mãos entreabertas. A floresta de pinheiros escutou um rosnado alto: “Eu disse fora!” Então as árvores observaram as crianças saírem em disparada do jardim, aos tropeços. A garota alta e desengonçada se lançou à frente. Ruby ficou no portão com Ephram. Ele sussurrou algo na orelha da menina, tão baixinho que nem mesmo as pequenas mudas conseguiram ouvir. Ela respondeu: “Eu já tenho uma pessoa para me levar para casa, Ephram Jennings, e um namorado.” Deu as

costas para ele, mas, antes de ir embora, virou-se e beijou o garoto na bochecha esquerda. As velhas árvores observaram enquanto Ruby corria, afastando-se do menino e indo em direção aos braços delas. O garoto escuro ficou imóvel, a chuva limpando seu couro cabeludo. Continuou olhando na direção da menina durante muito tempo. Então, com o estampido de um trovão, deu um pulo, correu pela floresta em direção ao lago e pegou um carrinho vermelho enferrujado. Os rangidos do carrinho duplicaram conforme ele corria até em casa. A velha floresta absorveu todos os pequenos sons, apenas para ecoá-los cerca de trinta anos depois, em uma velha casa às margens da grande floresta, no ouvido de um homem que dormia ali dentro, enroscado ao sol como se fosse um gatinho.

~

EPHRAM PRATICAMENTE saltou da cama, deixando todos os pensamentos a respeito da dor emaranhados nas cobertas. Espantando o sono e as lembranças, ergueu uma tábua do piso e pegou um pequeno cantil para colocar na liga presa à perna direita, além de um lenço branco amarrado. Delicadamente, acomodou os objetos no bolso da calça. Então, amarrou os sapatos que o aguardavam e se moveu com determinação até a cozinha. O relógio da parede marcava três e vinte e sete da tarde. Havia se passado tempo demais. Ele viu o pedaço de bolo que Celia cortara com o fatiador especial. Um guardanapo branco de tecido tinha sido dobrado em cima, como uma bandeira de rendição. Ephram removeu o pano com cuidado, erguendo as pontas com ambas as mãos, então deslizou o garfo prateado de três dentes para debaixo do pedaço de bolo e encaixou-o de volta no lugar, como se fosse a última peça que faltava para completar um grande quebra-cabeça.

O sol da tarde entrava pela janela e incidia obliquamente sobre as mãos dele. Ephram sentiu a respiração acelerar. Virou-se e viu Celia ao seu lado.

— Você está indo para algum lugar?

— Sim, senhora.

— Com essa camisa? Amassou toda enquanto você dormia. Tira ela que eu vou passar um ferro.

Era um fosso que ele precisava saltar.

— Ela está boa assim mesmo.

— Tem certeza de que não está se sentindo mal?

O formigamento começou a rastejar pela mão esquerda de Ephram. Um anel de fogo a ser atravessado.

— Eu estou bem.

Ele pegou o bolo e a redoma de vidro para cobri-lo.

— Vou precisar dessa redoma mais tarde — rosnou Celia, tomando o objeto das mãos dele.

Ephram correu até uma gaveta aberta e pegou uma toalha de mesa xadrez. O sol começou a puxá-lo pela manga da camisa.

— Estou indo, mãe.

Celia se virou depressa e chispou pelo corredor, tropeçando e batendo na parede, o que fez com que o retrato do Reverendo se entortasse.

— Já disse para guardar essa bengala! — A ponte levadiça se erguendo. Ele teria que pular. — Me ajuda com isso aqui! — Ela segurou o retrato.

Com o bolo equilibrado em uma das mãos, Ephram atravessou o corredor e ergueu a fotografia emoldurada, ajeitando-a na parede. Então inclinou-se e beijou Celia na bochecha.

— Te amo, mãe.

Ele destrancou a porta com a mão livre.

— E essa bengala aqui, hein? EphRAM!

A ponte levadiça estava se erguendo ainda mais. Ephram saltou para a liberdade em direção à varanda, mas pisou em falso no último degrau. Um pilar de energia fez com que o bolo fosse lançado para o alto, escapando de sua mão direita. Estava caindo, dirigindo-se com toda a força para o chão. O tempo desacelerou. O jardim girou diante de Ephram. Então ele mergulhou debaixo do círculo em queda, caiu apoiado em um dos joelhos e pegou o bolo com as duas mãos. O doce estremeceu, coberto pelo pano de prato,

mas não se desfez. Ephram poderia jurar ter ouvido um júbilo sagrado, uma profusão de salvas oriunda das nuvens que passavam.

Ele se virou e era apenas Celia. Se dobrando de rir em frente à porta.

Ephram se levantou e quase correu até o portão.

— Você não consegue nem sair do jardim, imagine andar pela rua. — As risadas ladraram e cortaram o ar conforme ele destrancava o portão e saía estrada afora. — Está indo paquerar e não consegue andar dois passos sem se espatifar no chão. Uuuuuu huuuuu! Uuuuuu huuuuu! Até a maluca vai devolver esse peixe para o mar. Uuuuuu huuuuu!

Movendo-se. Com firmeza. Indo embora. Um rasgo fino na calça, o joelho sangrando em gotas vagarosas e suaves. Ephram ouviu as risadas da irmã na varanda conforme andava depressa pela estrada. O som não esmoreceu até que ele tivesse percorrido quase um quilômetro e meio, o caminho de barro acumulando gotinhas de sangue como migalhas de pão.

CAPÍTULO 3

Ephram sentiu o sol aquecer a nuca. Os raios brilhavam na pele negra, trazendo à tona uma fina camada de suor. Sua respiração começou a desacelerar. O aroma suave do talco de bebê Johnson's fez companhia a ele. Acalmou o rojão em seu peito.

Ele se sentou em um toco de árvore na lateral da estrada e apoiou o bolo em um tufo de grama, enfiando as pontas do tecido embaixo do prato para proteger o doce das formigas lava-pés. Só então percebeu que tinha esquecido o velho chapéu. Talvez, pensou ele, fosse melhor deixar os pensamentos guardados lá dentro mesmo, onde tinham se assentado. Ephram tomou um trago rápido do frasco que levava no bolso — sentiu o líquido quente queimar e amaciar o áspero da garganta. Abriu o lenço que escondera por mais de trinta anos e viu as duas bonecas negras empoeiradas com cruces vermelhas nos olhos. Uma com um anel de prata na cintura, a outra com uma pedra-ímã presa às costas. Tentou não pensar sobre como a boneca de Ruby acabara nas mãos dele. Fechou os olhos para não ver os porquês, empurrando-os de volta para o poço em sua mente. Então enfiou as bonecas no bolso mais uma vez. Ainda sangrando, a calça rasgada, deu uma olhada no relógio de pulso. Três e quarenta e cinco. Tarde. Mas ainda restavam umas boas três horas e meia de luz do dia. Ele apanhou o bolo e começou a caminhar para sudoeste, em direção a Ruby. Tarde. Mas, caso se apressasse, ainda havia tempo suficiente para passar no P & K e comprar um pouco de iodo e algodão. Quem sabe uma agulha e linha marrom.

Alguns dos irmãos Rankin estavam trabalhando em seus vinte e nove hectares quando ele passou. Daquela distância, homens pequenos em macacões escuros levantavam enxadas e as deixavam cair. Mas, de perto, cada um dos sete Rankin era uma

torre de mais de um metro e oitenta. Chauncy Rankin, que Ephram invejara secretamente a vida inteira, era o mais alto, mais corajoso e mais bonito dos irmãos. “Um metro e noventa e cinco”, gabava-se ele durante o jogo de dominó regado a refrigerante. Depois completava, dando uma piscadela: “E ainda tem mais vinte centímetros.”

Supra Rankin, a matriarca, tocou o sino para a janta. Todos os homens pararam feito zumbis, largando as enxadas e as sacolas, e deram passos largos de pequenos gigantes em direção à casa. Ephram continuou andando.

Ele viu a extensão da estrada à frente. Estreita e vermelha. Na verdade, pequena demais para a maioria dos carros de quatro rodas. Tinha sido feita quando a cidade funcionava à base da garupa dos cavalos e dos calcanhares das botas. A maior parte do povo achava falta de educação passar acelerado estrada afora. Então as pessoas em Liberty se locomoviam a pé, a cavalo ou em mulas, a não ser quando levavam suprimentos para o P & K e alguns outros estabelecimentos. O ônibus vermelho para Newton, que transportava zeladores e faxineiras para o trabalho, era outra exceção.

Ephram passou pela Igreja Pentecostal em Nome do Senhor, onde o Pastor Joshua empunhava um bastão de giz no jardim. Todos os sábados ele escrevia algum trecho da Bíblia sobre o julgamento de Deus no velho quadro-negro e o expunha na beira da estrada, onde as pessoas a caminho do Bar do Bloom certamente o veriam e repensariam o pecado prestes a ser cometido.

O Pastor Joshua era um dos dois homens conhecidos em Liberty por gaguejar; mas, se Paulo pudera suportar um espinho na carne, como dizia a Segunda Epístola aos Coríntios, então o Pastor estava mais do que feliz em cumprir a vontade de Deus.

Lutando contra o calor, ele passava a mão na testa, a nuvem de giz se assentando na pele. Estava quase terminando de escrever um trecho condensado e pungente da escritura:

Porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a minha mão, e não houve quem desse atenção (...) eu zombarei (...) sobrevindo-vos aperto e angústia. Então, a mim clamarão, mas eu não responderei; de madrugada me buscarão, mas não me acharão. Provérbios 1:24-28.

Era um dos favoritos de Celia.

O Pastor Joshua desviou a atenção do trabalho.

— Boa t-tarde, Ephram.

— Tarde, Pastor.

— Aonde v-v-você vai com um dos bolos da Celia?

Ephram olhou o Pastor nos olhos e, pela primeira vez desde que o conheceu, proferiu uma mentira deslavada:

— A mulher do Mo está passando mal.

— É aquela d-dispepsia atacando de novo?

— Acho que é.

— Bem, manda meu abraço para a Bessie e o Mo. Eles não tiveram um domingo de f-f-folga desde que começaram a trabalhar para aqueles Goldberg em Burkeville. — Ephram concordou com um aceno de cabeça, temendo dar voz a outra mentira. Analisando o próprio trabalho, o Pastor começou a discursar: — Q-q-que pena do velho June Rankin. Doou mais que o su-su-suficiente para o fundo da igreja quando v-veio na Páscoa passada. Ele v-vai fazer falta.

— Com certeza.

Ao pensar nisso, Ephram sentiu uma fisgada no coração, mas seus pés coçavam para continuar andando. Manteve os lábios apertados, temendo inspirar um dos sermões instantâneos do Pastor.

Felizmente, ele disse:

— Agora, v-v-vocês, meninos, venham d-direitinho e cheguem cedo na segunda de manhã para organizar o f-funeral.

— Pode deixar, Pastor. Eu estou de folga o dia inteiro na segunda.

— Que bom. Que bom.

— Bem, boa tarde para o senhor — falou Ephram, já se afastando.

— Boa tarde. — Então ele fez uma pausa, os olhos finalmente enxergando Ephram por completo. — Você s-s-sempre ajuda muito esta igreja. Dê um bom exemplo.

— Obrigado, Pastor.

— Vejo você amanhã, filho.

Com isso, o Pastor deu tapinhas nas costas dele, o pé de giz subindo e grudando no pescoço quente de Ephram.

CAPÍTULO 4

Cinco passos depois da igreja, Ephram avistou o telhado do Bar do Bloom. Ficava do outro lado da estrada, depois do aclave, e vendia descaradamente bebida clandestina de sábado à noite até domingo de manhã, de forma que os bons fiéis da igreja a caminho do culto cruzavam com os trôpegos e bêbados a caminho da cama. Como se encontrava em um condado afetado pela Lei Seca, Liberty precisava desesperadamente de Ed Bloom, também conhecido como “o boticário de bolso” da cidade. Ephram se lembrava de como Bloom, um contrabandista de Livingston com a pele cor de tabaco, chegara a Liberty depois que o irmão, Shep Bloom, fora expulso de Newton pelo xerife, um homem vermelho feito uma lagosta. Mas só depois de Shep ter trapaceado para não pagar os cinquenta por cento do xerife. Então Ed ocupara o lugar do irmão, renegociando a divisão e dando sessenta por cento dos rendimentos para o homem da lei.

Toda a população masculina da cidade rumava para lá nas noites de sábado. Os homens se reuniam recostados a uma pilha de lenha ou ao redor da fogueira. Dentro da casa de um único cômodo, com o ar denso de suor e fumaça, gritavam ao rolar dos dados ou diante de um ás sendo virado. As facas perfilavam a parte de trás das calças, e, nos homens que trabalhavam no Grueber, ou em Newton ou Jasper, o pagamento de sexta-feira inchava o bolso das camisas do uniforme ou o dianteiro das calças. Mais ou menos uma vez por mês, algumas das profissionais de Beaumont iam até lá de carona com um dos primos de Bloom. Um Falcon ou um Tuscedero com placa de Beaumont era o alerta para que os homens não gastassem todo o dinheiro nos dados e na bebida. Bloom separara do restante do bar o que costumava ser uma despensa nos fundos da casa. Prendera uma corda no alto, pendurara um tecido escuro que fazia as vezes de porta e colocara um lampião a querosene no canto do

cômodo. Os homens aumentavam e diminuían a intensidade da luz de acordo com seu estado de espírito e sua necessidade de enxergar o que acontecia lá dentro. Em geral, a luminosidade era baixa. As “garotas” eram putas de carne dura, velhas demais para a Fair Street, em Beaumont, desgastadas por décadas de ofício. Eram prostitutas que cobravam dois dólares, cinco diante da oferta escassa de Liberty. Contudo, às vezes, se um homem estivesse particularmente bêbado, elas aumentavam o preço até sete dólares. Sabiam que ficariam impunes naquele povoado. Sabiam também da pontada de luxúria que perfurava o coração das cidadezinhas religiosas. Onde citações bíblicas eram bordadas no forro de calcinhas e retratos de Jesus, pendurados na cabeceira das camas dos casais, observavam tudo.

O interior do salão principal do Bloom era barulhento e claro, cheio de fumaça e do cheiro azedo de álcool novo e sexo velho. Em contraste, o lado de fora era para os beberões silenciosos. Homens que tragavam seu uísque debaixo de galhos desfolhados e estrelas sussurrantes.

Ephram parou ao lembrar o sábado anterior, quando ele descansara encostado no pneu murcho do Buick enferrujado de Bloom. Deslocara o quadril ao carregar as compras até o Skylark verde-menta da senhora Gregory. Então a dor começara a fazer a ronda habitual pelo seu osso sacro, pelo cóccix e pelo fêmur. O uísque ajudava. Bourbon era seu favorito. Mas nem sempre o Bar do Bloom tinha esse tipo no estoque, e, quando tinha, uma dose pequena custava um dólar. O destilado caseiro de Ed era a opção mais econômica. O primeiro gole limpou o nariz e aguou os olhos de Ephram. Formigou no cocuruto. O segundo foi mais fundo, queimando a língua e chiando na acidez da barriga. O terceiro afrouxou a viga mestra da pelve, fazendo a fonte da dor derreter como sorvete de pêssego no verão. O sexto e o sétimo fizeram as costas de Ephram escorregarem no pneu. Meia garrafa e ele era capaz de sorrir por causa das cores da grama e das joaninhas que se enfiavam nas sombras. Os grilos atritavam na escuridão, inaugurando algo parecido com paz.

Ephram amoleceu como broa mergulhada em leite morno enquanto Gubber, Charlie e K.O., ex-namorado de Celia, saíam aos tropeços para o gramado. Jeb, irmão mais novo de K.O., estava vomitando seus primeiros dez drinques.

— É isso aí, garoto — gritou K.O., firme e escuro como uma rocha. Seu único sinal de idade era um encrespado branco nas têmporas. — Tem que botar para fora antes de botar para dentro. — Então, virando-se para os outros dois, disse: — Ele está completando dezessete anos hoje, vai fazer a primeira degustação depois que a Mabel terminar com o Chauncy.

— É melhor vomitar no quintal do que no colo dela — repreendeu Charlie, com sua voz anasalada. — Ela já disse que não volta mais aqui se outro homem fizer isso. — Então passou a mão na careca e bateu na coxa estreita para enfatizar o que estava dizendo.

Gubber Samuels, um homem molengão e estrábico desde que nascera, virou o uísque e estalou a língua ao engolir.

— É melhor ela não trazer aquele traseiro preto para cá de qualquer forma. Mais uma gota de feiura em Liberty e a gente vai ter uma enchente.

— A Mabel não é das piores. Ela sabe o que faz. — comentou K.O., acendendo um Lucky.

O Galo Rankin, quase caindo de bêbado ao lado do poço, conseguiu soltar algumas palavras arrastadas:

— Ela co-om certeza s-s-sabe!

— Mas ela é gorda demais! — contrapôs Gubber. — Meu Deus, eu não via tanta pelanca desde que o boneco da Michelin ganhou um concurso de quem come mais torta.

— Ah, não — interrompeu K.O. — É o sujo falando do mal lavado. O Gubber é tão gordo que, quando morrer, vão levar ele para o rio Jordão e só deixar afundar.

Charlie respondeu à citação:

— E por que isso?

— Porque nem o todo-poderoso vai conseguir fazer essa bunda gorda dele flutuar.

Algumas boas gargalhadas soaram de modo teatral.

— Bem, eu não tenho nenhum anúncio de “vende-se” pregado no meu traseiro — rebateu Gubber.

— É porque você já tem um de “coma tudo o que puder” ocupando o espaço.

Os homens irromperam em gargalhadas. O Galo urrou e acabou engasgando.

K.O. resolveu dar um fresco para Gubber:

— Mas você está certo numa coisa, Gub. A cidade está lotada de virgem solteirona e velha casada. Não tem mais mulher boazuda como antigamente.

Mabel apareceu na porta. Parecia um coelhinho de chocolate recheando um vestido azul royal.

— Vocês aí também não são nenhum colírio.

K.O. apontou para o irmão.

— Ei, Mabel. Ele é o próximo.

— Não antes de eu fumar o meu Lucky. Esta garota aqui precisa de uma folga. Me dá um, K.O.

Ele passou o cigarro para a mulher enquanto Gubber murmurava:

— Só que você com certeza não é mais nenhuma garotinha.

— Eu queria poder dizer o mesmo sobre você, Gubber Samuels.

Os homens urraram. Gubber bebeu de sua garrafa em silêncio.

O Velho Pete, um homem de cabelo branco e pele da cor de amêndoas tostadas, falou do meio das sombras:

— Que pena que vocês não são velhos o bastante para lembrar das garotas da família Bell. Meu Deus, aquelas, sim, eram mulheres bonitas.

Charlie desconversou:

— Ah, Pete, você é velho demais para lembrar da cara da sua própria mãe.

Pete revidou, caminhando em direção à fogueira e parando diante dela:

— Mas eu não sou velho demais para lembrar como era a sua mãe.

Charlie zombou, com raiva:

— Rapaz, você é tão velho que se eu mandasse você se comportar que nem um homem da sua idade, você iria direto para a

cova.

— Sabe, garoto, eu podia ser seu pai, mas o cara depois de mim na fila tinha dinheiro trocado.

Charlie fingiu que ia se levantar em protesto. K.O. o fez se sentar de volta.

— Sossega. — Então, para Pete: — Não, eu lembro das garotas Bell. Eram três. Eu era menino, mas já tinha idade para saber que elas eram mulheres de primeira. Como se chamavam mesmo?

Pete olhou para o fogo.

— A Girdie era a mais nova, tinha aquelas tranças compridas, a ruiva era a Charlotte, e a mais velha era a Neva.

O irmão de K.O., Jeb, um garoto magricela que era só dentes e pernas, reergueu-se perto da escada. Limpou a boca e disse, com a fala arrastada:

— K.O., aquela maluca que mora na casa dos Bell é parente delas?

— Aquela lá é a filha da Charlotte Bell, a Ruby — respondeu Pete.

— Ela não é nada boa de olhar — desdenhou Jeb.

— Antigamente, era — comentou K.O., baixinho.

— Bem — disse Jeb, tentando se concentrar —, agora ela parece um espantalho.

— Não foram aquelas três irmãs que tiveram problema com a justiça? — perguntou Mabel entre tragadas lentas.

Pete se inclinou mais para perto da fogueira e assentiu.

— Foram, sim, mas a Neva foi quem se deu pior.

Jeb se inclinou para a frente.

— Quem?

— Neva Bell, tia da Ruby.

— Foi, foi, eu lembro. Eu me lembro de ter ouvido falar no que fizeram com a menina — começou K.O.

Charlie anuiu.

— Foi um pecado diante de Deus.

O rosto de Jeb se contraiu de interesse.

— Bem... *o que foi* que aconteceu com ela?

Pete se remexeu, iluminado pela fogueira. E todo o jardim pareceu se debruçar na direção dele. À medida que ele falava, a ponta de cinza no cigarro de Mabel ia crescendo.



— O PROBLEMA começou no ano da grande colheita de algodão do Seu Bell. Mil novecentos e trinta e dois. A plantação cresceu tão alta e tão branca que o povo começou a dizer que ela estava espanando o paraíso. Naquele ano, o Seu Bell comprou uns sinos de latão em Jasper e amarrou no cinamomo dele. Então, em dia de vento na época da colheita, o ar ficava cheio de badaladas e pedaços de algodão que iam voando até o P & K.

“Bem, a maioria dos Bell se passava por branco. Todos eles se mandaram do Sul, fosse de ônibus, de barco ou de trem... Voaram para o norte que nem os pedaços de algodão, mas não o Seu Bell, que era mais branco que o leite de uma vaca branca no inverno. As pessoas sempre se perguntavam se a Neva ia tomar aquele trem para o norte, mas todo mundo sabia que não, porque ela amava muito o pai.

“Pois bem. A Neva era tão bonita que até o sol tinha inveja dela. Não só porque ela tinha cabelo ruivo claro e olhos azuis iguaizinhos aos do pai. Também não era só por conta da aparência dela, mesmo que Deus parecesse ter caprichado naquele artesanato. Era o sorriso. Que Deus acudisse os homens de Liberty quando aquela menina resolvia sorrir. Aquilo era um milagre da natureza, a maçã que aparecia no rosto dela. Então a gente não ficava bravo um com o outro por amar aquela garota, porque não tinha como escapar. Mesmo assim, a gente mantinha certa distância dela, todos os homens de cor faziam isso, porque ela era diferente. A gente olhava a Neva Bell que nem se olha uma estrela que brilha lá no céu. E por isso foi muito difícil aceitar quando o Senhor Peter Leech arrancou a menina lá de cima e jogou no chão.

“A Neva tinha trabalhado na casa dos Leech, em Newton, uns dois anos antes, quando as chuvas tinham destruído a maior parte da plantação do pai dela. O Senhor Leech era vice-presidente de um banco, o First National Bank. Diziam que ele parecia o Lincoln quando tirava o bigode. A mulher dele, Dona Julie Leech, era uma coisinha magrela e malvada e tinha um pomo de adão. Um dia, depois que a Neva tinha colocado aqueles três filhos com cara de cavalo deles para dormir, o Senhor Leech tentou avançar nela. Então ela pediu demissão e foi embora no dia seguinte.

“Sabem aquela história de que tem homem que não trabalha duro a não ser para fazer a coisa errada? Bem, esse homem, que mal erguia a cabeça para cumprimentar as pessoas, que não se dava ao trabalho de levantar a mão nem se a própria alma estivesse escapando do corpo... De algum jeito ele resolveu perseguir a Neva Bell pela estrada vermelha inteira naquele Fairlane preto que ele tinha. Ela disse não de todas as formas possíveis, mas ainda assim ele continuou perseguindo a garota durante meses. Botou para correr todos os homens negros. Botou para correr os poucos amigos que ela tinha. Perseguiu tanto que a Neva não se sentia segura nem para caminhar com as próprias irmãs. Ela fazia as meninas seguirem a um quilômetro de distância. O Senhor Leech a perseguiu tanto que ela não sabia mais para onde fugir. Perseguiu até a maçã sumir das bochechas dela. Acabou com toda a esperança dela e com qualquer sonho que ela pudesse ter a respeito daquele professor de inglês moreno claro de Louisville. Perseguiu até a Neva ficar tão cansada que se deixou alcançar, num domingo depois da igreja, numa vala perto do lago Marion.

“Algumas pessoas dizem que, depois de um tempo, ela começou a gostar dele. Outras dizem que ela simplesmente desistiu e acabou aceitando a vergonha. Quanto a mim, eu não sei de muita coisa, só sei que ele perseguiu a garota até ela ficar completamente solitária. E, quando a pessoa chega nesse estado, não sobra muita opção.

“As coisas ficaram mais fáceis para a Neva depois disso, só que o povo não olhava mais ela nos olhos. Olhavam para o chapéu novo

dela ou para os sapatos de verniz. Ela e as irmãs ainda eram convidadas para as reuniões da igreja e para as festas do milho ou da melancia. Mas, quando o violino aparecia, ninguém tirava a Neva para dançar, a não ser o pai. Ele nunca julgou a filha. Tratava ela igual a uma princesa, como sempre tinha feito.

“Tudo estava indo muito bem até aquele homem resolver construir uma casa para ela na floresta de pinheiros. O Senhor Leech passou três meses erguendo aquele lugar. Contratou o meu pai, que era serrador e carpinteiro, para cuidar da obra. Eu ajudei a levar lenha do moinho e vi o Senhor Leech lá. As mãos na cintura, o pé esquerdo batendo no chão até a última tábuia ser pintada. Ele aprontou aquela casa com janela de vidro de verdade, água encanada e uma geladeira para manter as bebidas dele geladas, mas sem nem uma tranca. Nem mesmo um trinco. Agora ele não precisava mais dividir a Neva com ninguém. Ele chamava a moça de Hortênsia, por causa dos olhos azuis dela.

“A menina não aparecia mais em lugar nenhum. Os casamentos e os mutirões iam e vinham sem a presença da Neva Bell. Ele só deixava ela sair uma vez por semana, para ir à igreja e depois jantar com o pai. No resto do tempo, o Senhor Leech mantinha ela dentro daquela casinha branca.

“Eles passavam quase todo fim de semana juntos ali. A fumaça saía sem parar da chaminé. Ele largava a esposa e os filhos toda sexta-feira e só voltava no domingo de manhã, a tempo da missa. Dava umas escapadas durante a semana também. O Fairlane preto dele levantava nuvens de poeira vermelha no meio do dia, enquanto as pessoas trabalhavam no campo, e voltava acelerando pela estrada menos de uma hora depois.

“Até que, um dia, ele encheu dois baús de madeira e foi com eles até a varanda da Neva. Ela estava cuidando da hortinha, foi o que a irmã dela contou, e fincou a pá na terra do lado dos rabanetes. Olhou para ele e sentiu o cheiro de problema na mesma hora. Dizem que ela sentiu até o gosto no fundo da garganta. Parece que um homem branco pode fazer qualquer coisa com uma mulher negra: estuprar, bater, humilhar. Mas, se ele mostra um pingão de respeito, é um Deus nos acuda. E, naquele dia, ele deu só um

pinguinho mesmo. Disse para ela que ia largar a vida que levava na beira da estrada até Liberty. Então a Neva, mesmo sentindo que alguma coisa na floresta estava prendendo a respiração, aceitou aquele pinguinho. Deixou a pá fincada na terra e abriu a porta sem tranca da casa dela.

“Mas a Dona Julie Leech, que não ligava muito de não ter o marido por perto para perturbar ela ou ficar na cama dela nos fins de semana, mudou completamente de ideia quando os vizinhos viram o homem colocando os baús no Fairlane. Foi aí que aquele pomo de adão começou a pular na garganta e ela convocou a família. Primeiro ligou para a mãe, Lucy Levy, que contou tudo para o marido, o Senhor Jeffrey Levy, presidente do First National Bank, que contou tudo para o filho, o Xerife George Levy, que ligou para a irmã. Ela chorou no ombro dele, se lamentando sobre vergonha, crioulas vagabundas, bruxas pretas e sobre não ter coragem de mostrar a cara em lugar nenhum.

“Eu lembro que era final de setembro e todos aqueles hectares de algodão dos Bell tinham sido colhidos, embalados e taxados. Foram vendidos por um preço justo, de modo que o bolso do Seu Bell estava cheio até a boca, para variar. Naquele sábado... Não, era um domingo. Eu lembro porque vi a Neva na igreja de manhã, com as duas irmãs. O pastor estava tinindo e o sol brilhava de leve nos campos, na estrada e no rosto das pessoas depois do culto. Principalmente no da Neva Bell. Ela estava usando uma roupa com umas florezinhas roxas. O vento dançava com aquele vestido como se fosse um namorado. Ela estava conversando com as irmãs, as cabeças inclinadas umas na direção das outras, como as três sempre faziam.

“Eu não tinha mais que dezessete anos, mas jurei por Deus que se Ele permitisse que ela olhasse para mim eu não pecaria nem um dia na minha vida. Deus teve piedade de um mentiroso, e ela fez exatamente isso. Virou e deu aquele sorriso largo e bonito bem diante dos meus olhos. Depois a irmã dela, a Charlotte, que também tinha uns dezessete anos, com aqueles olhos verdes e o cabelo vermelho bonito, olhou para mim também, então as duas

começaram a rir, como as jovens fazem. Depois elas foram embora. E essa foi a última vez que eu vi a Neva Bell nesta Terra.

“Ela ficou até tarde na casa do pai para o jantar, já que o Senhor Leech tinha sido chamado para resolver um problema do banco em Austin. A Neva sentou em volta da lareira com as irmãs e observou o pai tocar ‘Clementine’ no violino. Depois disso, o Papa Bell disse que ia dar um refrigerante para as meninas, então pôs um níquel na mão de cada uma, e elas saíram para ir à loja. Tem dias que eu me pergunto como ele vive sem aquelas moedas. O buraco que elas ainda devem cavar no bolso dele.

“Aconteceu a pouco mais de um quilômetro do P & K. Quando o xerife Levy, montado no cavalo preto dele, foi até as três garotas. Ele e onze delegados. Um, dois, seis não serviam. Ele precisava de todos os onze para o trabalho. Naquela noite, eles arrastaram as duas garotas mais novas, a Charlotte e a Girdie, para a prisão do condado de Newton, dizendo que precisavam fazer umas perguntas sobre o gado desaparecido do Claud Jackson. A Girdie não tinha mais que dez anos.

“Isso deixou a Neva sozinha com o resto. Se pensou em correr, ela desistiu. Não tinha para onde ir, então depositou toda a esperança na piedade.

“Os homens da lei arrastaram ela para aquela colina depois do lago Marion. Deve ter sido nessa hora que eles colocaram os capuzes brancos. A lua estava brilhante e quase cheia. De lá do alto, a Neva deve ter conseguido ver as terras do pai dela. Todos aqueles hectares recém-colhidos. Talvez ela tenha fixado o olhar na plantação durante todas as horas em que aqueles Klux mantiveram ela lá, fazendo coisas que nem Deus teria coragem de olhar.

“Então, quando eles terminaram, lá no alto daquela colina, o tempo se esticou feito melaço. Os grilos pararam de cricilar. A coruja prolongou os pios. Foi quando o xerife Levy destravou o rifle Remington Sport do qual ele tanto se gabava, o cano refletindo um pedaço da lua. Depois, cada homem levou a arma ao ombro e apontou para aquela criança. O que eles viram através daquelas miras de primeira qualidade que fez eles pensarem que precisavam atirar? Só a Neva Annetta Bell. Dezoito anos e meio. Ajoelhada no

chão de terra. A esperança derramada como se fosse água ao redor da barra da saia. Mas eles eram do tipo que estava acostumado a atirar em coisas inofensivas.

“Vinte e sete tiros. A gente contou na manhã seguinte pelos cartuchos caídos. Eles atiraram nela tantas vezes que ninguém conseguiu reconhecer a menina. Depois a penduraram. O corpinho dela balançando naquela noqueira logo depois dali. A parte da frente do vestido florido dura de sangue. A gente encontrou um capuz embolado atrás daqueles arbustos. O Papa Bell cortou a corda que amarrava a Neva antes que o sol tivesse a audácia de aparecer. Carregou a filha até a cadeira de balanço na varanda e segurou a moça como se ela fosse uma criança de cinco anos com o joelho ralado.

“Todo mundo sabia quem tinha feito aquilo. Não existem segredos em Liberty. Não com gente de cor varrendo cada chão dos brancos desta terra, incluindo o da Mason Clubhouse, onde o Senhor Peter Leech se escondeu durante toda aquela noite bebendo o bourbon Wild Turkey dele. Parece que, no fim das contas, não tinha viagem de negócios nenhuma, só uma longa conversa no escritório do presidente Levy sobre as responsabilidades de um homem branco e sobre como pode ser difícil conseguir um cargo de vice-presidente. E também sobre como, se fosse esperto, o Senhor Leech ficaria na dele em algum lugar até o amanhecer. E foi exatamente o que ele fez. Então, quando o dia raiou, o homem começou a chorar e a escorregar no próprio mijo, dizendo como sentia muito, como não tinha sido culpa dele. Dizendo ‘Minha Hortênsia’ até desmaiar no chão.

“Deixaram as outras duas meninas saírem da prisão de Newton na manhã seguinte, os olhos da Girdie feito duas beterrabas, a Charlotte com o sutiã na mão e as costas manchadas de argila vermelha. Dezesseis quilômetros de humilhação foi o tanto que aquelas garotas andaram, passando pela manhã de segunda-feira dos brancos e pelo ônibus escolar amarelo deles. Quando as duas chegaram em casa e viram a irmã, a Girdie deu um soluço e caiu dura no chão. A Charlotte gritou que nem um machado cortando um pinheiro.

“Apesar disso, de toda essa colheita do diabo, o pior ainda estava por vir.

“Foi só quando a Neva chegou à funerária do Shephard que alguém notou o buraco vazio no peito dela. Edwin Shephard viu o que estava faltando, mas, como só os corpos brancos iam para o condado, escondeu o segredo colocando serragem e cera entre as costelas quebradas da garota. Então limpou e vestiu a moça. Como nada podia ser feito em relação ao rosto dela, ele fechou o caixão direitinho e selou com pregos prateados. O Shephard levou cinco anos para contar para a mãe dele o que tinha visto, mas a velha só demorou cinco minutos para espalhar a notícia feito gordura de bacon por toda a cidade.

“Dizem que a Klux fez aquela maldade para acabar com o feitiço da Neva sobre o Leech. Já eu não sei o que eles fazem na escuridão daquela floresta. O que eles colocam naqueles saquinhos vermelhos no pescoço e por que a gente encontra todo tipo de animal com as entranhas arrancadas.

“Deus, na Sua misericórdia sovina, deu ao Papa Bell mais oito anos nesta Terra. Ele viveu o bastante para ver o Leech beber até cair de cara e se afogar em uma poça de lama e o Xerife Levy cair do cavalo e quebrar o pescoço em um poço seco.

“O Seu Bell continuou olhando para aquela nogueira até virar uma estrela de cinco pontas murchando na cama. Quando fechou os olhos pela última vez, dizem que ele ainda estava olhando para a árvore.”

* * *

O QUINTAL pareceu prender o fôlego. A cabeça de Ephram ficara sóbria, apoiada no pneu esvaziado, concentrada na história e em seu narrador. Mabel segurava o filtro do cigarro completamente queimado entre os dedos dobrados. Não dera uma única tragada.

K.O. fez uma pausa e se virou para Pete:

— Senhor Jeffrey, eu tenho que agradecer ao senhor por ter contado tão bem essa história.

Pete deu um aceno e chutou de leve um pouco de terra na direção da fogueira. Fazia quase quinze anos que ele não era chamado pelo sobrenome.

Jeb quebrou o encanto com:

— Então a mãe daquela maluca lá é a Charlotte Bell?

— E o pai é um carcereiro. — O Velho Pete deixou escapar um suspiro cansado. — Charlotte teve a Ruby em junho do ano seguinte. Dizem que ela queria que o bebê nascesse moreno. Ficou comendo pó de café, bolo de chocolate, até mesmo os ovos marrons de uma galinha preta. Ela não comeu nada branco enquanto estava com a criança dentro dela. Como era de se esperar, saiu aquela bebê morena clara, a Ruby. A menina mais bonita de Liberty. Mesmo as mães invejosas tinham que admitir isso. Ainda assim, a Charlotte fugiu para Nova York quando a Ruby ainda não tinha nem um ano, como se estivesse sendo perseguida pelo Diabo... e desde então não foi vista nem viva, nem morta.

Gubber franziu o cenho.

— Eu sempre digo que ia ser melhor se aquela Ruby ficasse trancada no Dearing.

K.O. interrompeu Gubber:

— Tem louco de todo tipo. Umas pessoas bebem até ficar idiotas. Outras são tão vazias que a gula sequestra a barriga delas. E algumas ficam tão cheias de ódio que isso acaba quebrando a alma delas. Não tem nada de estranho quando gente de cor fica maluca. O estranho é quando não fica. — Então se virou para Jeb. — Vai em frente, garoto. A Mabel não tem a noite toda.

A mulher se inclinou de leve, depois endireitou os ombros, cuspiu e disse:

— Vamos lá, homenzinho grande.

Jeb cambaleou varanda acima e seguiu Mabel para dentro da casa. A porta se abriu, deixando o som e a fumaça escaparem para o ar noturno.

A varanda ficou silenciosa durante um tempo, cada homem escalando o poço da memória. Na subida, tocavam em pedras que traziam recordações de outros linchamentos: familiares e amigos abatidos em campos abertos, arrastados por carros, pendurados em

um galho baixo. A mente de Ephram foi fisgada pela imagem do pai morrendo sozinho na floresta de pinheiros.

Os homens do lado de fora do Bloom tinham bebido o suficiente daquele poço. Sabiam que era um lugar perigoso, onde a água podia subir de repente, vinda de todos os lados. Um homem poderia se afogar num piscar de olhos.

O Galo tentou espantar os pensamentos dizendo:

— Ouvi dizer que eles n-n-nunca conseguiram limpar aquela m-m-mancha de sangue do chão.

— Ouvi dizer que só tem assombração nas terras dos Bell — acrescentou Charlie.

— Que diabo, a única coisa viva morando naquela casa é uma vagabunda feiosa e maluca da porra — comentou Gubber, tossindo uma risada úmida.

Pete se levantou e se afastou em direção às sombras. Parou e olhou para Ephram. Os dois homens trocaram um olhar.

— Dizem que aqueles brancos lá de Neches que ficaram com a Ruby não eram direitos — falou Charlie. — Aquela mulher arrastava a menina por aí como se fosse dona dela.

K.O. balançou a cabeça.

— Eu não consigo entender por que alguém daria a filha para ser escrava de gente branca.

— Muita gente tem um monte de problema — cuspiu Gubber —, mas isso não quer dizer que a pessoa pode andar por aí feito uma idiota com a calça de sabe-se lá qual homem enfiada na cabeça. A gente estava sentado jogando dominó e lá veio ela com aquela calça suja de terra... Depois foi andando até aquela vala sem nem olhar para onde estava indo.

— As pessoas fizeram aposta para saber de quem era aquela calça — bufou Charlie.

— B-bem, a gente sa-sa-sabe que n-n-não era do G-g-gubber, a não ser que a cabeça dela seja do tamanho da porta de um celeiro — disse o Galo.

Gubber apontou para o Galo.

— Abre o olho, ou eu vou encontrar uma garotinha para acabar com a sua raça.

Um golpe direto.

Por reflexo, a mão do Galo tocou na cicatriz que a Maggie de nove anos tinha deixado em sua bochecha esquerda.

— Uma vez eu encontrei ela com a bunda de fora, abraçada com um daqueles pinheiros — zombou Gubber.

O queixo de Charlie caiu.

— Não brinca!

— Minha mãe já viu aquela mulher carcando umas pedras no chão — continuou Gubber. — Viu claramente ela se roçando na estrada de terra. Ela joga aquele palito de dente que chama de corpo em cima de qualquer coisa, viva ou não.

O Galo recuperou a voz.

— E o q-q-que é que ela f-f-fica ente-te-terrando lá toda noite?

— E toda aquela barulheira e gritaria. Alguma coisa deve obrigar ela a fazer aquilo — acrescentou Charlie.

— Mi-mi-minha mãe sempre d-d-diz que é alguma co-co-coisa ruim que mora dentro dela.

— Não é só isso que ela quer dentro dela, se é que você me entende. — Gubber estalou os lábios e abriu um sorriso.

K.O. se levantou da escada.

— Até aquele toco de árvore entendeu o que você quis dizer, Gubber — falou. E acrescentou, para um aliado invisível: — Senhor, por favor, faça alguma coisa em relação a esses pretos ignorantes! — Depois, para os homens que estavam atrás dele: — Eu preciso de uma bebida.

Charlie e Gubber se levantaram com relutância e o seguiram para dentro da casa. O Velho Pete os acompanhou com o olhar e, em seguida, voltou-se para Ephram e o restante dos homens escondidos nas sombras. Então, banhado pelo luar, foi andando em direção à estrada vermelha.

O PANO de prato tremulou em cima do bolo na mão de Ephram. O vento quente o colava ao doce. Ephram se virou para trás e viu o vapor da cabana de Bloom se erguer até logo acima dos arbustos. Balançou a perna e sentiu o cantil gelado entre a pele e a meia. Tirou-o do esconderijo. Não sobrara muito. O bastante para uma dose rápida de coragem antes de bater à porta dela, não mais que isso.

Olhou para a frente e pensou em Ruby no fim daquela estrada. Cada passo que ele dava era uma pergunta. Como ela reagiria? Riria dele, como Celia tinha feito? Bateria a porta na cara dele? Daria um beijo nele? Ergueria a saia para ele? Será que se lembraria de Ma Tante e do lago Marion quando ele mostrasse as bonequinhas? Ephram sentiu uma raiz de medo se encravando na barriga, então desenroscou a tampa do cantil e tomou outro gole.

Virou o frasco depressa, voltando a guardá-lo na meia. O Bloom não estava longe. Apenas alguns metros de distância, em meio à sombra das árvores. Uma sede repentina atingiu Ephram conforme ele cruzava o terreno.

— O que é que você está fazendo aí, garoto?

Ephram se virou e viu Bloom e o Xerife Levy Junior, filho único do Xerife Levy, de pé bem à sua esquerda. As pessoas chamavam o homem de Xerife Junior, mesmo que ele já tivesse passado bastante dos cinquenta anos. Corado e robusto, tinha abundantes cabelos cor de mostarda que se espalhavam pela testa.

— Xerife Junior, você deve se lembrar do Ephram Jennings. Mora com a mãe logo ali adiante. Trabalha como carregador de compras lá no Piggly Wiggly de Newton.

O homem encarou Ephram sem demonstrar nenhuma emoção.

— Claro que lembro. — Então falou: — Você não estava espionando, estava?

— Não, senhor.

— Roubando?

— Não.

— Bem, você não veio aqui para comprar bebida, veio? O condado de Newton obedece à Lei Seca, e a cadeia é o destino dos homens que bebem por aqui.

— Não, senhor.

— Muito bem. — Ele encarou Ephram por um longo tempo. — Cuidado nunca é demais. — A boca do homem sorriu, devagar e com firmeza, mas os olhos permaneceram fixos em Ephram, que notou o carro do Xerife Junior escondido nos fundos do Bar do Bloom. — O que é isso aí? — O xerife apontou o queixo na direção do bolo.

— Bolo de claras. Eu estou... levando para uma amiga doente.

— Ela não deve estar tão doente assim se pode comer bolo. — O xerife riu com a piada, e Bloom se juntou a ele. — Você não acha que podia dar um pedaço para um trabalhador? Vocês me deixam tão ocupado que eu já perdi a hora do jantar.

Ephram ficou paralisado. Tentou se imaginar estendendo um bolo pela metade para Ruby, depois se imaginou dizendo não ao Xerife Junior. O momento se prolongou de maneira desconfortável.

De repente, um estrépito à esquerda de Ephram. O xerife correu naquela direção e sacou a quarenta e cinco do coldre. Um corvo imenso voou da lata de lixo de Bloom, pousou em uma árvore ali perto e grasnou. O xerife riu, nervoso, a arma em punho. Olhou para Ephram de novo.

— Cuidado nunca é demais hoje em dia.

— É verdade, senhor.

— Até mais, Bloom.

— Obrigado por ter vindo.

O xerife caminhou até a viatura com a arma frouxa na mão, entrou e foi embora. Quando o homem já tinha sumido de vista, Bloom foi depressa até Ephram e espetou o dedo no peito dele com força.

— Qual é o seu *problema*? — Ephram deu um passo para trás, segurando o bolo com firmeza. — O que foi que eu disse sobre vir aqui sábado de manhã? — Bloom virou de costas para Ephram e começou a andar em direção à casa. — Vocês vão todos acabar me matando e se matando com essa merda, seus idiotas! O homem me deixa em paz. Só não quer ninguém se metendo nas coisas dele. — Bloom dava passos ritmados, levantando poeira. — E ainda por

cima não deu um pedaço de bolo para o sujeito! Cai fora, Ephram Jennings, e é melhor não aparecer aqui por pelo menos um mês.

Ephram ficou parado como se tivesse levado um soco, então se virou e voltou rapidamente para a estrada. A respiração acelerada. Um suor pegajoso manchando a camisa na altura das axilas. Os sapatos empoeirados, a calça rasgada. Como poderia encará-la agora? Sentiu o impulso de voltar, mas lutou contra ele. Olhou para o relógio. Quatro e dez. Ele estava perdendo o dia. No entanto, calculou, ainda podia parar no P & K, costurar a calça e chegar na casa de Ruby antes do anoitecer, se fosse cuidadoso. E Ephram Jennings era um homem cuidadoso. Era cuidadoso ao carregar a nuvem de doçura no prato de louça de Celia, cuidadoso ao não deixar que a brisa de agosto soprasse poeira para debaixo do pano de prato. Cuidadoso o suficiente para não se permitir ter esperança.

De repente, uma gosma fria caiu no alto da cabeça de Ephram. Era cor de amora e branca e escorreu pela têmpora, pela bochecha e pelo colarinho limpo da camisa. Ele olhou para cima e viu o que parecia ser o mesmo corvo do Bar do Bloom traçando círculos preguiçosos no ar. Enquanto puxava o lenço para limpar o excremento do rosto e do pescoço, Ephram viu a ave começar a voar para o sul, na direção da fazenda dos Samuels. Então, o pássaro deu uma guinada a oeste, rumo às terras dos Bell.

CAPÍTULO 5

O corvo pegou uma contracorrente de vento e foi ganhando altitude enquanto o homem diminuía até desaparecer atrás de um aclave. A ave seguiu a curva do horizonte. O sol aquecia seus ossos frágeis, e suas penas escuras retinham o calor. Ela sobrevoou as folhagens dos terrenos, douradas, verdes, marrons, acompanhando a caudalosa estrada vermelha até alcançar a praça da cidade. Mais além, avistou um grupo de homens aboletado nos degraus da loja, as mulheres abanando os rostos e observando, lenços amarrados na cabeça. Uma delas enxotava três garotos com uma vassoura. O pássaro viu os diferentes telhados: de piche, de pedra, de madeira. Continuou voando. Mais fazendas. Pinheiros altos e selvagens lanceando as nuvens. Bolsões de verde. Cercas ossudas varando a estrada ou confinando porcos, galinhas, vacas. Uma mulher vestida de branco pendurando lençóis brancos para secar. Um bolo de frutas vermelhas esfriando na janela. Uma melancia partida em cima de uma mesa ao ar livre, crianças se amontoando ao redor dela como se fossem moscas. O corvo viu dois homens se arrastarem para casa carregando baldes vazios. Fumaça de uma fábrica à distância. Sobrevoou o lago Marion e o emaranhado do bosque, uma profusão de besouros, gafanhotos e outros insetos com pernas, até finalmente alcançar a terra dos Bell. A grama seca; a terra dura e arrasada. Figos e damascos bichados no solo. Lápides sujando a encosta da colina. A casa com buracos no teto. Chuva e sol as aumentando a cada dia, até que, agora, deixavam o pé da cama da garota à vista. Ela dormia de bruços, as solas pretas dos pés voltadas para o céu. O corvo pousou do lado de fora da janela, as penas eriçadas pelo vento. Abriu as asas e grasnou.

Dentro da velha casa, Ruby dormia, o que era raro. Ela nunca dormia. Não muito. Pois sua mente se embolara como uma fina

corrente de ouro, emaranhada por nós que, ela tinha certeza, eram impossíveis de desatar. Ainda assim, todos os dias ela tentava seguir os elos, apenas para perdê-los de novo.

Ruby havia perdido muito mais que isso. Perdera os quinhentos e sessenta e dois dólares que levara para Liberty, enfiados num compartimento interno de sua bolsa Etienne Aigner. Uma semana depois de sua chegada, a bolsa desaparecera. Então, de modo inexplicável, quatro calças capri, seis camisas xadrez e três vestidos acinturados. A maioria de seus sapatos, incluindo o par preferido, um Beth Levine vermelho de salto agulha. O ferro para alisar o cabelo, o óleo capilar Royal Crown, o batom, a bolsa de maquiagem e as malas nas quais tudo isso tinha sido carregado até o povoado.

Ela também começou a perder a noção do tempo. Ele se dobrava, de modo que as horas passavam em minutos e as semanas, em dias. Ruby começava a andar, os olhos fixos na estrada, e de repente se encontrava doze quilômetros depois, já além dos limites de Newton; ou em uma vala; ou, certa vez, com o queixo à tona no lago Marion, a água enchendo a boca, a garganta arranhando, tossindo.

Às vezes Ruby acordava no chão da floresta, a roupa levantada acima da cintura, o aroma lácteo e azedo de um homem nas coxas. As costelas doendo a cada inalação, hematomas cor de ameixa no rosto. Os arranhões que queimavam em suas costas a faziam gritar quando ela tentava se colocar de pé. Ainda assim, Ruby conseguia se levantar, ajeitar o vestido e voltar para as terras do avô.

Perdera as curvas. Já magra, ficara reduzida a um fiapo, as clavículas parecendo corrimões. As formas arredondadas das panturrilhas e das coxas desapareceram. Os seios se colaram ao tórax. Os pulsos se afinaram, transformando-se em folhas de grama, ossos nodosos e duros debaixo da pele.

Ela não se inquietava com o sangue que escorria e secava em manchas frescas ao longo das pernas. Mais tarde, a perda de peso interromperia o ciclo mensal de seu útero.

Mais do que tudo isso, Ruby tinha perdido a passagem de volta para Manhattan, seu lar. Perdera Nova York.

Ela se lembrava de usar meias pretas presas em cintas-ligas, batom vermelho e cabelo alisado com a prancha. Lembrava-se das festas e dos sussurros em sua orelha a respeito de fulaninho e o que ele pintava, o que escrevia, com quem dormia, além do inebriante rumor da multidão bebendo, os copos tinindo.

Lembrava-se do telegrama de Maggie, usando seu trunfo e chamando Ruby para casa.

Lembrava-se do aperto na escuridão de uma cobertura em Manhattan transbordando de mulheres com meias-calças pretas e cílios postiços, alguns Chanel e Ceil Chapman em meio à multidão, como luzes em uma árvore de Natal. Os homens usando calça justa e gravata, ou jaqueta de couro e boina. O ambiente tomado por uma nuvem cinzenta de fumaça em meio à qual as pessoas apareciam e, em seguida, flutuavam para longe. Havia os homens-ímãs, que tinham manchetes de imprensa esvoaçando acima das cabeças, carregavam um círculo de corpos humanos atraído por seus braços e suas vozes e aguardavam com risadas e deferências pré-fabricadas. Havia também os homens decadentes, que tinham escorregado para longe dos holofotes e se sentavam com um copo no gancho da calça e uma mulher pegajosa emaranhada nos braços. E havia Ruby, deslizando em meio a tudo isso. Um dos quatro rostos morenos que não eram famosos — cada um deles uma nota de rodapé no Guia Boêmio da Sociedade.

Ela se parecia com Doroty Dandridge — era o elogio que mais escutava. Maquiada como Sophia Loren, saltos acrescentando seis centímetros ao seu metro e setenta e três, de modo que ela olhara para baixo ao ser apresentada ao poeta Gregory Corso e ao pintor Robert Motherwell. O contraste fora ainda maior quando ela conversara rapidamente com James Baldwin sobre o Texas, a pequena Liberty e a vitória de Brown contra o Conselho de Educação de Topeka. Ele dissera que ela era linda daquele jeito puro que somente um homem gay consegue dizer, e, generoso, desvencilhara-se dela apenas quando a anfitriã, a Senhora Gladdington, o chamara.

Depois disso, durante um instante, Ruby se tornara um ímã, como se a mera aproximação dele tivesse lhe presenteado com o

poder da atração, e um círculo passara a orbitar ao redor dela, até que as pessoas perceberam que ela não era escritora, nem namorada de um homem famoso ou cantora — apenas uma bela garota preta que trabalhava para a anfitriã. Então, todos se dispersaram. Ainda assim, ela captou a piscadela conspiratória e incentivadora de James Baldwin do outro lado do salão e sentiu, por um momento, que tinha sido vista e reconhecida por alguém com um brilho cintilante.

Em um piscar de olhos, Ruby estava de volta a Liberty. Olhou para o colchão amarronzado e sentiu que o sorriso enrugado do homem desbotava. O espelho da penteadeira em Manhattan, os sutiãs, as calcinhas, as meias-calças, os cigarros, o vidro de Chanel 19, o dicionário inglês-francês para a viagem que faria com a Senhora Gladdington. Tudo se fora.

Mas, para compensar tudo o que Ruby perdera, havia muitas coisas que ela descobriria.

Um rugido crescente que surgia da barriga. A baba que molhava os lábios e escorria pelo contorno do maxilar. Uma contorção espasmódica e rítmica no rosto. E, porque essas coisas geralmente apareciam sem a permissão dela e na presença de todo o povo da cidade, Ruby descobriu como era deixar de ser vista como um ser humano.

Descobriu que era capaz de esmagar o orgulho a ponto de aceitar esmolas, como se fosse uma mendiga.

Então, em um fim de tarde, descobriu um novo terror profundo ao se sentar na cama e observar a poeira flutuando na luz. Ouviu o lento rangido da porta de tela, o adejar de pardais lá fora. Ouviu quando uma xícara de água tombou na mesa da cozinha e uma suave cascata de respingos, feito um homem urinando, foi derramada no chão. Ruby esperou. Não seria a primeira vez que alguém aparecia sem avisar. No entanto, em vez de um homem, ela viu um volume terroso e pesado deslizar para dentro da casa.

Aquilo se deslocou, movendo-se pelas tábuas do piso. Escureceu os cantos, aumentando a magnitude das sombras. Ruby murmurou baixinho, para si mesma, que não havia nada ali, apenas a noite se aproximando. Ainda assim, sua pele formigou, quente, e a boca

ficou seca à medida que aquilo cruzou o espaço que havia entre os dois, pressionando-a, achatando o vestido contra o peito e as pernas dela.

Ruby não soube por que se sentou na cama, depois se deitou, mas as velhas cortinas se agitaram na direção da janela, e não para longe da vidraça. Então, algo caiu no peito dela. O aroma do apagar de uma vela a preencheu, dificultando a respiração. Quando o colchão se afundou mais, ela pensou em gritar, mas a coisa em cima dela sussurrou os rangidos e gemidos da casa em sua orelha, e isso a acalmou e relaxou até que ela sentiu uma suave pressão na virilha. Confusa e surpresa, Ruby percebeu que seu corpo reagia com uma crescente excitação, que transbordava de sua fina moldura. Ela se sentiu compelida a se virar de bruços e empurrar a pélvis na direção de uma das molas logo abaixo do forro do colchão. A cama pareceu rolar debaixo dela, as pernas rangendo com o atrito. Ruby soube que se tratava de um Dyboù, sobre os quais Ma Tante falara tanto tempo antes. Um calor pulsou ao redor dela e, então, a penetrou. A casa pareceu balançar.

Ela falou, mas não era Ruby falando. Com uma voz baixa e irritada, grunhiu “Vaca”, o ar quente escapando dos lábios. “Putá.”

Ela roçou na cama com mais força, mais velocidade e uma precisão mecânica, até que, em meio ao calor crescente, uma explosão rugiu através dela. O grito encheu o quarto e, de repente, a casa ficou imóvel. Com seu sexo derramado, o peito esvaziado, Ruby caíra no sono.

O Dyboù visitara Ruby também na noite seguinte, deslocando os pilares da casa do avô dela, penetrando seus poros e seus folículos, passando a se mover feito óleo debaixo da pele dela. Inundando-a, preenchendo cada segundo da pulsação, cada respiro, noite após noite, até que Ruby sentiu que se tornara o que ele dizia que ela era. Batendo nas próprias nádegas, arrancando punhados de cabelo e esmagando o rosto na cama. Foi assim que ela encontrou o Dyboù. Foi assim que aprendeu a estuprar o próprio corpo toda noite.

Ruby estava exausta e exaurida quando encontrou outra coisa — ouviu o som débil de uma criança chorando, como vento soprando

entre os pinheiros altos. Não era o choro de uma criança viva, disso ela sabia. Já tinha visto e ouvido fantasmas de crianças antes. Seguiu o som e encontrou uma menina, quase uma nuvem, chorando no lago Marion. A garotinha era transparente como vidro, cor de canela, e não tinha mais que sete anos. Fazia a água ondular a cada soluço. Quando viu Ruby olhando para ela, relaxou os ombros em sinal de alívio.

A menina deslizou na direção de Ruby e parou a centímetros de distância. Os olhares das duas se encontraram e Ruby sentiu, soube que a criança não tinha simplesmente se afogado naquele lago — alguém a segurara debaixo d'água. Abraçou a garotinha, mas, como abraçar o ar era impossível, a criança entrou no corpo dela, enroscou-se lá dentro e se abrigou no útero. Ruby segurou a barriga e balançou para a frente e para trás. Murmurou cantigas e disse com suavidade que tudo ficaria bem. A menina soltou um pequeno arroteo e dormiu.

Ruby sabia uma coisa a respeito de crianças-fantasma: junto com centenas de outros fantasmas, elas haviam atravessado seu corpo. Sete tinham inclusive fixado residência, porém eram medrosas e espertas o bastante para se esconderem na medula. A nova menina não teve tanta sorte.

Naquela noite, quando escorregou para dentro do quarto de Ruby, o Dyboù parou na porta. Pareceu crescer. O ar ficou eletrizado. Rachaduras teceram teias nos vidros da janela. Em vez de buscar Ruby, o espírito flutuou, escurecendo todo o teto, e então desabou sobre a nova criança que dormia dentro dela.

Em segundos, a garotinha desapareceu no interior da assombração, berrando, o terror lampejando em seus olhos claros, bracinhos esticados tentando alcançar Ruby enquanto o Dyboù rastejava pelo chão. Ele parou e se virou, como se de repente sentisse os outros espíritos que Ruby escondera bem fundo dentro de si, anos antes. Ruby gritou e, rapidamente, o Dyboù se virou e saiu. Ela o seguiu, correu para o lado de fora, para a escuridão. As árvores estavam ocas e as sombras entre elas, vazias. Ruby não sabia o que berrar. A menina sequer tinha nome. Então deu um

grito agudo, uivou em meio à floresta, gemendo como um trem distante.

Nesse momento, do interior do grande matagal, surgiu outra criança-fantasma, um menino de cerca de doze anos com um nó corrediço em volta do pescoço. Depois outra, uma menininha bronzeada, as mãos amarradas. Então outra. E outra. Uma com a roupa ensopada de sangue. Uma nua, os olhos vermelhos. Outras surgiram, caminhando devagar na direção de Ruby, com as histórias de suas mortes logo acima das cabeças. Ela se lembrou de uma palavra que escutara a mãe de Maggie dizer uma vez: “tarrens”, os espíritos das crianças assassinadas. Tarrens. Todas as crianças que haviam sido mortas naquela floresta. Todas corriam para Ruby. Os rostos repletos de terror. Fugiam da criatura entre os pinheiros. A princípio, Ruby teve medo. Depois as escutou, uma centena de pequenos sussurros, cada voz um fio, todas tecendo um manto de sofrimento.

Então a mulher esperou na varanda. E, um a um, os espíritos deslizaram para dentro do corpo dela em busca de proteção. Um a um, ela os recebeu.

Ruby entrou na casa e se sentou com as costas apoiadas na parede da cozinha, os olhos fixos na porta da frente, o estômago vazio se revirando, o coração golpeando as costelas. Sentiu o Dyboù no negrume dos pinheiros. Observando, desviando-se dos galhos. Ela aguardou. Aguardou tendo somente suas mãos e seu medo para salvar os espíritos — mas, se ele viesse, ela tentaria. O suor escorria por seu pescoço, formando uma poça na concavidade na base da garganta. Vertia em córregos pelo esterno. Quando a manhã irrompeu, Ruby soube, como se aquilo fosse um prego enferrujado em seu esterno, que mais cedo ou mais tarde ele apareceria novamente e tentaria pegá-los.

Em meio à cacofonia de tudo o que perdera e tudo o que descobrira, Ruby cambaleou para um sono misericordioso.

Naquela noite, o velho corvo pousou logo acima dela no telhado. Permaneceria ali, vigiando-a, até o amanhecer.

CAPÍTULO 6

Caminhando depressa, Ephram adentrou o coração da cidade. Quatro e quarenta. O tempo escapando. Viu a congregação de homens no P & K, rindo, franzindo o cenho, os rostos viçosos cobertos de suor. Surgiram à frente dele, na varanda. Ephram tinha torcido para chegar antes da partida de dominó que o grupo disputava no fim da tarde, mas o dia decaía sobre ele.

Verde May Rankin, a irmã mais nova de Chauncy, escolhia alimentos secos e debatia a edição mais recente da revista *Ebony* com a Senhorita P. Ephram se esgueirou até a prateleira de temperos e esperou, a mão trêmula com a pulsação suave e ansiosa. Verde May, a desafortunada que recebera o porte e a altura dos homens da família Rankin, inclinou-se na direção da Senhorita P e parou ao ver Billy Dee Williams e o artigo “Beleza negra masculina” que o homem ilustrava.

— Se ele fosse uma laranja, eu espremia todinho.

A Senhorita P deu uma risada.

— Garota, como você é gulosa! Eu ficaria satisfeita com uma gotinha só.

As duas mulheres riram.

Debruçando-se sobre os vidros de pimenta-de-caiena e canela, Ephram se lembrou do dia em que Ruby voltara para Liberty. Fazia onze anos desde que, em agosto de 1963, centenas de milhares de pretos tinham marchado em Washington D.C., exatamente dois dias antes de Ruby aparecer no P & K. Ela havia remado contra a maré e atravessado as linhas inimigas. Ephram a vira ali, no mesmo lugar em que Verde May se encontrava agora. Usava sapatos urbanos cheios de tiras e saltos e carregava quatro lustrosas malas cor-de-rosa. Grossas linhas escuras emolduravam seus olhos questionadores, um sorriso nervoso nos lábios vermelhos. O cabelo

estava mais esticado do que o de algumas pessoas brancas e preso no alto da cabeça. Era a primeira vez que Ephram via Ruby direito desde que os dois tinham bebido chocolate quente na casa de Ma Tante.

Antes disso, ele a avistara de longe duas vezes. Aos treze anos, vira Ruby em um domingo, pela janela da igreja. Tivera vontade de disparar e gritar o nome dela, mas Celia o olhara de um jeito que o mantivera pregado no banco. Ephram precisara esperar cinco anos para rever Ruby. Com Maggie, ao pôr do sol. Ele estava na estrada, tão perto delas quanto uma pedra que fosse arremessada. Maggie usava um macacão masculino; Ruby, linda, uma roupa de renda branca. As duas estavam de braços dados. Na estrada vazia, ele observara mais uma vez Ruby andar na ponta dos pés e encostar a testa no queixo de Maggie, do mesmo jeito que ele a vira fazer no lago Marion tantos anos antes. As duas ficaram daquele jeito por um segundo, depois mais outro. Um gesto suave e simples que deu a ele a sensação de que uma pata de animal se apoiava no coração. Então elas se viraram e foram em direção às terras dos Bell.

Naquele agosto de 1963, no P & K, Ephram tinha enxergado imediatamente a garota que conhecera. Todos a conheciam, mas se deixaram levar pelo aroma pungente do perfume e pelo novo sotaque dela. Mais tarde, Ephram ouviu a Senhorita P dizer que Ruby soava com uma locutora de rádio. Para ele, parecia que, ao longo dos treze anos em que estivera ausente, Ruby tinha passado a voz a ferro para eliminar qualquer resquício de Liberty.

Havia uma multidão na varanda espiando lá para dentro: homens e mulheres, uma fileira de crianças se escondendo atrás dos pickles e dos doces. Mas foi só ao perguntar sobre Maggie que Ruby abrandou como algodão-doce. Nesse momento, a varanda pareceu reconhecê-la como a filha de Charlotte Bell, a netinha de Papa Bell. Diante daquela porta aberta, Ephram observou a Senhorita P dar um abraço na garota. Ruby se empertigou e recuou, envergonhando a mulher mais velha e fazendo com que ela disfarçasse o gesto fingindo arrumar vidros de Tabasco em uma prateleira.

Então, Ruby falou devagar, como se estivesse se dirigindo a um grupo de alunos do primário. Perguntou se alguém poderia levá-la às terras *dela*. Não de Papa Bell, não de sua finada avó, mas dela. As pessoas pareceram perceber isso de imediato. Ela disse que pagaria vinte dólares pela gentileza. Antes que qualquer um pudesse responder, Ruby comprou um Clorox, um esfregão, uma vassoura e uma pilha de panos de prato, como se já fosse certo que alguém daria uma carona a ela. E, embora todo mundo que a ouvira parecesse ofendido, Ruby estava certa. Vinte dólares eram vinte dólares. Charlie Wilkins se ofereceu.

Ephram tinha ido comprar o jornal de domingo para Celia quando ouviu Ruby. Viu Ruby. Os círculos de suor sob o azul do vestido de verão quando ele se aproximou para depositar as moedas de dez e cinco centavos no balcão. Ephram tomou cuidado para não esbarrar nela enquanto saía da loja, em silêncio.

Ruby tentou dar uma gorjeta de dois dólares a Percy Rankin por carregar galantemente as malas até o carro de Charlie e abrir a porta para ela. Não notou que, com isso, insultava tanto a família quanto o homem. Depois ela foi embora, deixando uma nuvem de desdém atrás de si, como um aroma desagradável.

Ephram observou tudo isso e não soube por que se sentiu tomado por um sofrimento esmagador. Permaneceu calado pelo resto do dia. Esqueceu-se de desejar bons sonhos a Celia. Não escovou os dentes, nem colocou um pijama limpo. Deitou-se na cama estreita, totalmente vestido, fitando a noite. Não dormiu até o amanhecer.



— Do QUE você precisa hoje, Ephram? — perguntou alegremente a Senhorita P.

Aos sessenta e nove anos, tudo nela era arredondado e suave: os olhos, as bochechas e o maxilar. O cabelo branco volumoso se

enrodilhava em um coque baixo. O pescoço roliço se unia aos seios fartos, que davam lugar a quadris e coxas ainda mais fartos. Ela sempre fazia Ephram pensar em pão recém-saído do forno.

— Eu não vi você aí. Estava falando uma coisa séria aqui com a Verde — continuou a Senhorita P, dando uma piscadela. Verde May pegara de volta o exemplar da *Ebony* e se debruçava sobre Billy Dee, que sorria para ela de cima do balcão. A garota ignorou Ephram por completo. — Então, do que precisa?

— Um pouco de iodo e algodão, linha marrom e uma agulha, por favor, Senhorita P.

— Um minuto, querido.

Ela desapareceu nos fundos da loja ao mesmo tempo que Chauncy entrou a passos largos, abriu a porta da geladeira e pegou uma Pepsi. Analisou a irmã, Verde May, enquanto usava o balcão para abrir a garrafa.

— Parece um canário babando pelo gato.

Verde respondeu sem erguer os olhos:

— Parece que o seu passarinho quer fugir.

Chauncy fechou o zíper da calça depressa e voltou de ombros baixos para a varanda.

A Senhorita P reapareceu com os itens solicitados. Apertou as teclas da registradora antiga.

— Dá quatro e noventa e nove, Ephram.

Ele deu uma olhada no relógio de pulso, os minutos derretendo, desaparecendo. Passou cuidadosamente por trás de Verde May para chegar ao balcão. Uma manobra complicada com o bolo na mão. A garota se moveu, bufando de forma irritada. Ele enfiou a mão no bolso e percebeu que tinha deixado a carteira na beirada da cômoda.

— Hmmm... Desculpa, Senhorita P. Eu saí e deixei a minha carteira na cômoda. Pego essas coisas amanhã.

— Vou fingir que nem ouvi. Você me paga amanhã depois da igreja. Parece que alguém vai ser reconhecida como Mãe da Igreja pela congregação.

Ela deu uma piscadela para Ephram e sorriu.

Verde cravou o olhar nele, colocando dinheiro no balcão.

— Eu vou pegar um refrigerante na geladeira.

Com isso, ela enrolou Billy Dee e todos os outros exemplares de “Beleza negra masculina”, enfiou-os debaixo do braço, pegou um refrigerante e saracoteou para fora da loja e pela estrada.

A Senhorita P sorriu e baixou o tom de voz:

— A Verde só está brava porque queria que a mãe dela ganhasse em vez da sua. A Supra Rankin não tem chance. A Celia já é tão boa quanto uma Mãe da Igreja.

— Obrigado por dizer isso, Senhorita P.

— Não precisa agradecer, a gente é que tem que agradecer por tudo o que ela faz por aqui com as Falas Sagradas dela, pela obra com aqueles bêbados no Bloom e por jogar água benta nas cinzas das fogueiras que aqueles idiotas andam queimando na floresta. Eu não sei o que seria da gente sem ela. — A Senhorita P olhou para Ephram e, em seguida, para o bolo que repousava na mão direita dele. — Para onde é que a Celia está mandando você a uma hora dessas com um dos bolos dela?

— A mulher do Mo Perty está doente de novo.

— Meu Deus, aquela dispepsia é um fardo.

— É mesmo, Senhorita P. Obrigado pela gentileza.

Ele cruzou a porta, indo para a varanda cheia de homens, e tomou o cuidado de dar a volta para não passar por entre eles. O jogo tinha acabado e todos conversavam.

Ephram conseguira chegar ao último degrau da escada, mas a madeira rangeu alto e todos os olhos se voltaram para ele.

— Ei, Ephram — gritou Gubber. — Onde é que você vai com esse bolo?

— A mulher do Mo Perty está doente.

— Não está, não. Eu vi ela pegando o ônibus para Newton hoje de manhã — disse Moss Renfolk.

Gubber riu.

— Então você está indo é para o inferno por mentir assim. Traz a sua bunda preta até aqui para eu poder dar uma boa cheirada nesse bolo.

A adoração sagrada aos bolos de Celia era tamanha que toda a varanda ficou na expectativa. Então, com relutância, Ephram subiu

alguns degraus e ergueu o pano.

— Meu Deus, que cheiro bom! — Gubber assobiou bem alto. — Que tal um pedacinho? — disse, em parte perguntando, em parte provocando.

Ephram cobriu o bolo depressa.

— Ephram, é melhor ficar esperto. Eu acho que o Gubber está quase agarrando você por causa desse doce — instigou Chauncy. Depois: — O que é que ela vai preparar para o lanche do meu tio Junie, depois de amanhã?

— Um bolo de claras, duas tortas de batata-doce e um pouco da compota de figo dela.

— É por isso que eu e você vamos ser amigos para sempre, Ephram.

— Eu fico todo feliz quando estou doente porque sei que a Celia Jennings logo, logo vai bater na minha porta — comentou Charlie, sorrindo.

— Aquela mulher tem a mesma facilidade para cozinhar que uma mula tem para mijar — comentou Gubber, pensativo.

Ephram olhou para a floresta e começou a fuga.

Percy prolongou a conversa com a fofoca inesgotável:

— Falando de mijó, vocês ouviram o que aquela garota Bell fez ontem? — Ele obteve a atenção do grupo. — Sentou no meio da estrada e se mijou toda. Como se toda aquela gritaria e gêmeção de madrugada não fossem o bastante.

Gubber deu uma risadinha.

— Alguém tem que acabar com esse sofrimento dela.

Chauncy se recostou na cadeira.

— Eu não dispensaria ela tão rápido assim. Não é porque a rã tem verruga que não vai ficar gostosa depois de frita.

Ephram observou Moss fechar a porta da loja. Ele sempre fazia isso quando a conversa passava a um assunto não cristão.

Gubber cuspiu de volta:

— Eu não como rã nenhuma.

Percy cutucou Gubber, piscando para o irmão, e provocou:

— Talvez você devesse começar a comer. Alguém me contou que a rã tem uma língua comprida e gostosa e sabe usar ela direitinho.

Moss balançou a cabeça.

— Eu nunca ouvi falar nisso.

— A boca também... — encerrou Percy.

Chauncy acrescentou um posfácio:

— Um homem não é melhor que uma mosca, então o que é que a gente pode fazer se uma rã suculenta aparece e implora para passar a língua na gente? Se o próprio Diabo quisesse fazer isso em mim, ia ser difícil recusar.

— Não, senhor! Tem certeza de que isso acontece? — gritou Moss.

— Que Deus me parta.

Moss ficou assombrado, como se tivesse visto seu cachorro se sentar e mugir.

— Aconteceu na quinta de noite mesmo. Eu sei porque estava lá — acrescentou Percy.

— Misericórdia, Senhor — murmurou Moss.

Ephram não conseguia se mexer. Sentiu as pernas se transformarem no corrimão da escada. Seus pés eram as tábuas, pregadas com firmeza às vigas. Não seria capaz de ir embora naquele momento nem que Deus ordenasse. Ficou na escada, como se fosse feito de madeira maciça, até que Gubber propôs:

— Joga uma partida comigo.

Ephram sentiu suas pernas de madeira formigarem e subirem os degraus. Uma dor incômoda e familiar começou logo acima do joelho. Não havia mais para onde caminhar. Nenhuma estrada a seguir. Nenhuma porta na qual bater e que pudesse se abrir. Depois que Ephram se sentou, Gubber acrescentou:

— Faz a sua aposta. Cinco centavos a partida.

Ephram sentiu os lábios se moverem.

— Eu estou sem dinheiro aqui, Gub.

Os dois tinham sido bons amigos até os treze anos, mas a lembrança disso já esmorecera havia tempo. Agora eles grunhiam um para o outro quando se cruzavam por acaso na rua.

— Então joga valendo esse bolo.

— Mas esse bolo vale mais que duas moedinhas — interveio Percy.

— Eu já vi ele ser vendido por até sete dólares no leilão da Festa da Abolição — acrescentou Moss.

Gubber cedeu.

— Que diabo, eu dou cinco dólares se você ganhar, o que não vai acontecer.

De repente, Ephram sentiu vontade de se livrar do bolo. Queria enfiá-lo entre os dentes de Gubber, então fez que sim com a cabeça, e a varanda se inclinou para assistir. Moss abriu de novo a porta da loja, e a Senhorita P espiou pela tela contra mosquitos, sempre agradecida pelo cavalheirismo oportuno do sujeito. Estava quase na hora de fechar, mas ela deixaria os garotos terminarem o dominó.

O “jogo do bolo” permaneceu na boca dos homens até a hora do jantar. Não era um evento com grandes consequências, mas não deixava de ser um acontecimento. Gubber Samuels propôs o desafio e Ephram Jennings aceitou. Moss foi incumbido de segurar o bolo enquanto os dois jogavam. Gubber faria a primeira jogada. Cada um já tinha escolhido suas sete pedras e, como um raio, Gubber arriou um seis duplo. Ephram não tinha um único seis e, rápido assim, foi obrigado a passar. Gubber lançou uma peça zero/seis. Mais uma vez, Ephram teve que passar. Então Gubber começou a provocar Ephram, dizendo palavrões a respeito da sorte do adversário e acrescentando algo sobre o pé chato dele. Em dado momento, Gubber já baixara quatro pedras antes que Ephram conseguisse se livrar de uma única peça. Todo mundo comentou sobre como ele tinha enganado Gubber de maneira serena e solene, sobre como, até mesmo quando cada um estava por uma peça, não tinha erguido os olhos do jogo uma vez sequer. Quando ele baixou aquele quatro/dois, Gubber foi obrigado a admitir que tinha sido vencido e ficou tão bravo que embaralhou os palavrões seguintes: “puta do filho”, “cu no pau”. Toda a varanda riu. No fim, as pessoas comentaram sobre como, depois de ganhar, Ephram saiu andando varanda afora em uma espécie de torpor.

Falaram também sobre como Gubber Samuels o seguira e sussurrara alguma coisa que fizera Ephram disparar, o bolo

balançando, e depois sair pisando duro pela estrada. Gubber voltou a se sentar e sorriu de forma irônica.

— Não mexe com um homem que não dá umazinha há vinte anos.

Charlie fechou a porta enquanto a Senhorita P contava o dinheiro do caixa. Ele se abaixou.

— Isso não é natural.

— Eu conheço aquele bundão rabugento faz muito tempo — explicou Gubber. — Mentindo, carregando bolo de clara, suando e com cheiro de loção pós-barba? O idiota está indo paquerar.

— Nada dá mais pena do que um homem adulto que perde a masculinidade — afirmou Chauncy Rankin.— Essa merda está tão guardada que é capaz de ele matar a pobre da vadia quando soltar o negócio — acrescentou Gubber.

Charlie olhou na direção da floresta que escurecia.

— Quem é que ele está paquerando para aqueles lados? Não tem nada para lá, só a casa do Rupert Shankle e uma porção de túmulos.

Um brilho surgiu nos olhos de Chauncy.

— E a Ruby Bell.

— Jesus amado. — Charlie empalideceu.

A Senhorita P recolheu o jogo, levando-o sossegadamente para dentro da loja, depois saiu e trancou a fechadura antiga. Seus movimentos expulsaram os homens da varanda.

Enquanto se encaminhava para a estrada, Chauncy assobiou e disse:

— É tipo ir no inferno para pegar enxofre. O homem ganhou na loteria.

— Para mim é desperdício de um bom bolo, se você quer saber — disparou Gubber.

Os homens se reuniram como galinhas velhas para um último grão de fofoca antes do pôr do sol. Depois se dispersaram, cada um para sua própria mesa de jantar, a fim de encher as barrigas com o produto fumegante e temperado do trabalho das mulheres.



PARA EPHRAM Jennings, o jogo tinha sido uma espécie de tortura chinesa mental. Ele se lembrou de um livro ilustrado que Charlie e Lem mostravam no Bloom em algumas noites de sábado, com mulheres fazendo todo tipo de coisa. Aquilo o deixava ao mesmo tempo envergonhado e excitado. Nuas e se retorcendo, as bocas abertas, ajoelhadas, agachadas, os corpos como sacos de ração, adaptando-se ao gosto de cada homem. Então, ele encaixou o rosto de Ruby em cada uma daquelas imagens mentais e perdeu a luta contra o constrangimento, a luxúria do Diabo e o ciúme. E, pior de tudo, contra o medo. No mesmo instante ele soube que nunca, nem mesmo em sonho, conseguiria chegar ao nível da voz de Chauncy Rankin, a marcha do passo dele ou o deslizar experiente de seu toque.

Então, uma esperança que vivera em Ephram por trinta e cinco anos, mesmo em face a provações que nem Jó poderia imaginar, morreu. Bem ali nos degraus do P & K. Com o sol bocejando ao ver a noite e onze homens adultos rindo ao redor dele.

Não que ele já não tivesse experimentado um pouquinho da vida. Quando Ephram fizera dezesseis anos, K.O. mentira para Celia a respeito de uma Conferência Bíblica para Jovens e, em vez disso, arrastara ele e Gubber para a Fair Street, em Beaumont. K.O. dissera que aquilo era algo que o pai de um garoto deveria fazer, mas, já que nenhum dos rapazes tinha pai, ele assumira a função.

A mulher tinha a pele amarela, da cor de um pudim de banana, e era tão gorda quanto um porco premiado, com um espartilho cor-de-rosa espremendo e comprimindo a carne, mas o rosto dela era suave e doce, como o de uma boneca de criança, e seu lábio superior tinha sido pintado com dois pequenos triângulos vermelhos. Ela cheirava a suor, amônia e pirulito. Ephram tinha se atrapalhado e se contorcido até que a mão impaciente da mulher o guiara até o centro macio do corpo dela. O alívio fora magnífico. Quase tão grande quanto a vergonha que se seguiu.

Muitos anos depois, houvera a prima de Gubber, Baby Girl, ágil, jovem e com jeito de problema. A única namorada de verdade que Ephram tivera. Ela nunca tirava a calcinha, mas deixava ele fazer o que fosse possível, aproveitando-se do elástico frouxo ao redor das pernas fartas e carnudas. Ele gastava cada centavo que ganhava com ela, até que os dois foram descobertos atrás do P & K por Celia, que os seguira. A irmã mais velha os separara com um puxão tão forte que a calcinha de Baby finalmente caíra no chão. Depois de uma noite com Celia e dez fiéis da igreja rezando para que os demônios saíssem da carne de Ephram, o namoro chegara ao fim.

Ephram adentrou mais na floresta de pinheiros e sentiu uma fraqueza fazer cócegas nas juntas, nos joelhos. Enquanto cruzava a clareira, o amuleto de Ruby caiu no chão e foi coberto por uma camada de poeira.

Aquilo de que Chauncy falara, aquela façanha semelhante às coisas que apareciam no livro de Lem. Ephram tentou afastar esse novo ato da imagem de Ruby que levava no peito: a cena em que ela se erguia como uma onda de uma poça de lama. Mas a mancha permaneceu, como um arranhão em madeira polida, até que Ruby se tornasse todas as coisas na mente dele. E, sendo um homem simples do leste do Texas, Ephram Jennings fez o que qualquer outro faria. Caminhou até o lago Marion e tirou um cochilo.

CAPÍTULO 7

Ruby se sentou na terra macia debaixo do cinamomo e deixou que seus dedos arranhassem o solo. Olhou adiante, para a curva da estrada. As sombras do fim de tarde haviam se alongado e pareciam desaparecer em meio à escuridão cristalina da floresta.

O dia inteiro, Ruby sentira que algo se aproximava por entre os pinheiros. Sabia que não era o Dyboù, nem Chauncy Rankin e nem Percy, irmão dele. Era algo doce com um toque salgado, como perfume e suor.

Então ela passara o dia esperando. Arrumara o cabelo no melhor penteado que conseguira, prendendo-o atrás da cabeça. Fora até a bomba d'água, puxara a manivela com toda a força e esguichara a água fria do poço nas mãos, esfregando-as no rosto. Os dedos voltaram pingando um líquido preto, então ela repetira o processo. Era o melhor que podia fazer.

Em seguida, puxara uma cadeira, esfregara a mesa da cozinha com o antebraço e se sentara. Naquele dia, a casa não estava perversa. Ruby já se acostumara ao cheiro — o sutil aroma adocicado de lixo e coisas apodrecendo. De algum jeito, era reconfortante. As cigarras passaram o dia cantando alto demais do lado de fora, na expectativa.

Quando a manhã esquentara e se transformara em tarde, Ruby atravessara a estrada e pegara um longo galho de corniso que havia caído. Na volta para casa, começara a arrancar lentamente as folhas e a retirar os pequenos pedaços quadrados de casca do galho, como se estivesse depenando uma galinha. Lembrou-se de sua avó dizendo, antes de morrer, que o corniso tinha sangue nas raízes desde que fora usado para crucificar Jesus. Ruby pensou que já fazia muito tempo que a balança da justiça estava quebrada: mais uma pequena praga não causaria tanto dano.

Ao cair da tarde, Ruby já acumulara um amontoado de folhas e casca na mesa. Algumas tinham caído no chão. Um murmúrio baixo começou a soar, o que fez com que os dedos dela começassem a tamborilar nas pernas. Os pequenos espíritos na barriga de Ruby se movimentaram, causando uma pressão inconstante em seu diafragma. A náusea se expandiu até o estômago, deixando sua boca cheia d'água. Ela estava grata por não ter regurgitado o dia inteiro. Em muitos dias, vomitava. Em muitos dias, na obliquidade de seu mundo, não conseguia limpar os resíduos, e eles acabavam secando, duros como casca de árvore, no chão.

Ruby foi até a porta, encostou a testa na tela e olhou para o céu cobalto. Os sons do crepúsculo a chamaram — os grilos, os noitibós e algumas corujas impacientes, então ela empurrou a porta da frente e seguiu até o cinamomo.

Mais tarde, enquanto o entardecer se transformava em noite, Ruby soube que nada estava a caminho. Uma tristeza agitada a preencheu. O ar estava morto e o vento parara. Dentre todas as coisas que haviam acontecido na pequena casa do avô dela ao longo dos anos, a solidão tinha sido a pior. Palavras caladas por tempo demais. Apenas as árvores como ouvintes.

Contudo, havia as crianças. Um pouco mais de cem agora. Logo a meia-noite chegaria, trazendo os gritos, a pressão, o nascimento de outra alma. Mas agora tudo estava calmo.

Ruby sentiu as raízes do cinamomo se retorcendo um metro abaixo da mão. Esfregou até conseguir sentir um pequeno pedaço de raiz com o polegar. Já tinha intimidade com aquelas raízes. Sentiu-as se esvaziando debaixo das palmas das mãos. Aquelas raízes a tinham mantido viva. As raízes a salvaram.

Ela se lembrou de seis anos antes, quando tomara a decisão de pegar dois tijolos que encontrara perto da cerca de Rupert Shankle, amarrá-los aos pés com ramos de salgueiro e saltar na parte mais funda do lago Marion. Por mais forte que fosse, por mais que amasse as crianças, Ruby não conseguia suportar o peso de seus dias. Pensou que, talvez, se partisse, poderia levar todas elas consigo, como a rabiola de uma pipa.

Antes de caminhar até o lago Marion, tinha ido se despedir do cinamomo e do velho corvo. Então sentira as velhas raízes sussurrando, mandando-a enterrar os dedos dos pés na terra. Fechara os olhos, unindo seus cílios grossos, e se concentrara. De repente, sentira os dedos dos pés se esticarem, espalhando-se pela camada superficial do solo. Eles eram finas raízes de gavinha que se enroscavam como fios de lã nas pedras e nas canas-de-açúcar abandonadas da plantação ali perto. A pele de Ruby se tornou marrom-avermelhada e endurecida, seu corpo se estreitou e se esticou. Ela sentiu a doce seiva ganhar densidade dentro de si. Seus seios e suas nádegas se tornaram intumescências suaves e nodosas no tronco da árvore. Centenas de flores de lavanda irromperam das pontas dos dedos de suas mãos, tocando uma melodia deliciosa que perfumava o vento e atraía abelhas e beija-flores.

Naquele momento, Ruby sentiu a audaciosa esperança das coisas com raízes. A ansiedade inocente dos caules germinados, a tranquilidade trêmula das árvores que a observavam.

Durante as semanas seguintes, caminhou em meio ao Grande Matagal, tornando-se os cachos pretos e frouxos das uvas moscatel na videira. As sementes ovais do maracujá. Nogueiras, ervas, pedras e poças de lama.

Ela sentiu o chamado da estrada vermelha e, então, também se tornou a estrada. Sentiu que se esticava, indo além do corredor poeirento que atravessava Liberty e os dois hectares de terras do avô, estendendo-se até estradas de acesso, até avenidas asfaltadas com postes de iluminação e faixas amarelas, até Burkeville, até Prairie View, até Katy, até Houston, até Austin, até Galveston e além, serpeando ao longo do Golfo do México.

Foi capaz de sentir um par macio de sapatos infantis pisando oito quilômetros à frente, no condado de Newton; dezesseis quilômetros além, em Burkeville, sentiu os pés grossos e calejados dos trabalhadores dos canaviais ao amanhecer. Escutou vagamente o pisar saltitante de um homem que ainda carregava nos dedos o cheiro doce e maturado de uma mulher. Ao longe, o silencioso andar de duas primas adolescentes com tranças no cabelo, farfalhando as saias e treinando uma com a outra como beijar na

boca à sombra de uma árvore. Sentiu o rumor de motores a diesel e uma centena de pneus pretos de borracha mal tocando o asfalto.

Ruby continuou sendo a estrada vermelha muito depois de a coruja anunciar a meia-noite. Dormiu tendo as pedrinhas como colchão e a luz das estrelas e o algodão cru como cobertores.

Dormiu e acordou na mesma estrada por quatro manhãs, até o anoitecer do quinto dia, quando a égua de Chauncy Rankin, Millie, quase a chutou na cabeça. Ruby se levantou, coberta de poeira e palha, ouvindo o homem xingar as mulheres malucas deixadas para morrer sozinhas. Ela se virou para entrar no jardim enquanto Chauncy descia da sela desgastada. Contudo, parte de Ruby ainda era a estrada, viva com os homens, as máquinas e os coelhos apressados em suas margens.

O homem agarrou o fino tecido ao redor da cintura dela. Abaixou o próprio queixo, anguloso e marrom, para estudar os olhos inexpressivos dela. O olhar de Ruby ainda se mantinha na estrada. Ele a chamou, empurrou, chacoalhou. Torceu o nariz ao sentir o cheiro dela. Então, Chauncy Rankin cuspiu no rosto de Ruby, que permaneceu inexpressivo e imóvel. Ele viu gotículas de sua própria saliva salpicarem o rosto coberto de poeira da mulher. O fluido espesso escorreu pelas bochechas, revelando uma pele morena como a pena de um pardal. Ele segurou a manga da própria camisa, lambeu o tecido e começou a esfregá-lo nela. Em seguida, espanou a poeira e a grama do vestido, dos braços, da bunda, da barriga e das pernas dela.

Chauncy tirou o vestido de Ruby e começou a esfregar a nudez dela, limpando-a com a ponta úmida da camisa. Ele sentiu que crescia dentro da calça manchada, erguendo o tecido frouxo perto do zíper. Então, arrastou Ruby até a bomba d'água e acionou a manivela até que a água saísse, no começo amarronzada como ferrugem e, depois, transparente. Encheu um balde e despejou-o sobre a mulher. Uma, duas, três vezes. Quando ela ficou suficientemente limpa, ele meio que a carregou, meio que a arrastou até uma vala que ficava a apenas um metro da estrada aberta. O rosto marrom escuro do homem se contorceu acima dela

enquanto ele cuspiu uma saliva grossa na palma da mão, umedeceu o pênis e a penetrava.

E ainda assim, para Ruby, o vestido vazio e estirado a menos de um metro de distância, a lombar se arranhando na superfície de pedrinhas, a pélvis e as costelas sendo esmagadas pelo peso e pelo suor, tudo não passava de mera irritação. Como uma formiga rastejando em um pão de milho recém-assado antes de ser arremessada para longe com um peteleco.

Chauncy Rankin não tinha como saber que era apenas uma fagulha nos olhos delirantes de Ruby, muito preferível àquilo que a aguardava no fundo do lago Marion e nas sombras do bosque. Para Ruby, os homens eram um leve desagrado que ela esperava até passar.

Desde os quinze anos, simplesmente mantinha os braços e as pernas entorpecidos e os olhos vazios. Desde os doze anos. Sete. Seis. Cinco. Desde que o primeiro homem rasgara o algodão da calcinha dela, explicando que aquilo era o que acontecia com meninas muito levadas. Desde que o primeiro homem sorrisse de maneira solar. "É hora do treino..."

Quando terminou, Chauncy Rankin deu tapinhas distraídos na cabeça de Ruby, então foi embora, murmurando um aviso banal de que era perigoso ficar deitada em estradas por onde homens adultos precisavam passar. Montou na velha égua e saiu trotando.

A estrada o sustentou, assim como fizera com as crianças, as primas e as centenas de rodas pretas que giravam. Não lutou contra ele, nem se abriu e o devorou. A estrada traidora o sustentou com as palmas das mãos abertas. Conduziu-o até em casa. Conduziu-o até a cama. E o conduziria de novo até a porta de Ruby sempre que ele quisesse.

* * *

RUBY OLHOU para a lua no céu. A estrada continuava vazia e silenciosa, e as dores estavam começando, o parto que lhe roubava os sentidos e a dilacerava. Uma menina esperava, nadando dentro dela, dócil, com as mãozinhas abertas. A cada nascimento,

Ruby vivia o assassinato daquela criança. O quebrar de um pescoço. O estupro de um corpinho. Surras, ossos se quebrando. O crânio esmagado por um punho veloz.

Ano após ano, noite após noite, um a um, Ruby os libertava, o corpo se contorcendo de dor. Olhava para as pequenas sepulturas pontilhando a colina. Pensava com frequência nos montículos de terra na casa de Ma Tante e se perguntava se a velha também enterrara almas em seu terreno. Era chegada a hora. Ruby gritou a cada contração que a rasgava. Urrou e viu um travesseiro sufocando a menina no meio de uma noite de sono. Gemeu e açoitou as árvores altas ao redor.

CAPÍTULO 8

Os pinheiros mais próximos sabiam que havia legiões de espíritos caminhando pesadamente em meio ao bosque, enroscados em arbustos densos, presos debaixo do emaranhado de galhos e em lugares do outro lado do Marion, onde a luz do sol nunca atingia a terra. Alguns eram assombrações ainda penduradas nas árvores onde tinham sido linchadas. Outros deixavam que o vento os embalasse de um lado ao outro do bosque, como se fossem bolas de feno. Alguns eram furiosos e cheiravam a vela queimada, como a sombra pegajosa e murmurante que assombrava a propriedade dos Bell, inchada com tanta raiva que, ao passar, fazia as jovens mudas se dobrarem e alterava o solo coberto de espinhos e folhas secas.

Foi esse, o Dyboù de Ruby, que observou Ephram adormecer na margem do lago Marion.

Sim, o espírito observara, vira algo cair do bolso do homem ao sair do P & K, uma boneca com uma pedra-ímã amarrada às costas. Tinha o cheiro da garota que escondia fantasmas na barriga. O Dyboù soltara um gemido, erguendo um redemoinho de poeira que enterrara a boneca antes que o idiota notasse o sumiço do amuleto. Então seguira o sujeito, deslizando para debaixo de cada pé do homem antes que os passos dele tocassem o solo, projetando dedos de dúvida e vergonha através do arco dos pés, acumulando tudo nos testículos de Ephram.

O Dyboù desprezava o homem e o corpo dele, que ainda faiscava com os vaga-lumes da esperança. Por isso, esmagou a luz cintilante. Depois, sentou-se de frente para o sujeito enquanto ele dormia. Olhou para aquele rosto velho e estúpido. *Fraca*, pensou: *Os idiotas sempre têm a carne fraca.*

O espírito contemplou Ephram durante horas, observando a baba descer pelo queixo. Zombou da gordura atrás do lobo das orelhas dele. Depois, começou a procurar fendas no espírito do homem, buraquinhos para arrombar e alargar até que estivessem grandes o bastante para que pudesse sorvê-los.

A maior fenda estava perto do coração, como o fio puxado de uma meia-calça. A língua do espírito serpeou, a ponta se metendo despreocupadamente no rasgo. Provando. O Dyboù se perguntou por que a inocência sempre tinha gosto de bolo de pêssego. O fantasma sorveu com avidez. Um estremecimento correu pelo corpo adormecido de Ephram.

Foi nesse momento que o primeiro corvo pousou. Desceu planando, as garras se enrodilhando em um galho. Depois veio outro. E mais outro. O cortejo negro se acomodou na árvore, grasnando e murmurando sob as estrelas. Em meio ao júbilo dos clamores e das respostas, o Dyboù diminuiu e escapuliu.

Ephram acordou. A primeira coisa que viu foi a lua branca ondulando na superfície do lago negro. Então, ouviu o suave alarido dos corvos adornando as árvores. Sentiu as pinhas nas costas e uma dor no peito. O bolo ainda estava intacto. Deu uma olhada no rasgo da calça. Ao luar, aplicou iodo no joelho, dando leves batidinhas, e começou o lento processo de passar a linha pelo buraco da agulha — do jeitinho que mamãe o ensinara.

Então, ele ouviu. O lamento da meia-noite.

Era longo e agudo como o apito de um trem. Cortava o ar feito uma faca arremessada. Feriu o orgulho e a determinação de Ephram, que correu, o bolo nas mãos. Passou pela casa de Rupert Shankle e pelos carvalhos. Quando alcançou as terras dos Bell, congelou. Um silêncio o fez parar.

Caminhou devagar. Era capaz de sentir o frágil viço da grama debaixo dos sapatos. O lugar era um matagal. A casa, o poço, a varanda, o topo do cinamomo ao longe, tudo ali era arqueado e ressequido. O coração de Ephram batia como um sino de boi. Ele pisou na varanda, bem debaixo do teto estilhaçado, e bateu à porta. Silêncio. Bateu de novo. Silêncio. Mais uma vez. E outra. E mais outra.

Experimentou dar a volta na casa. Nada. Ninguém. Espiou para dentro da escuridão. Chamou o nome dela, um pequeno apelo sob o peso do céu.

Então ouviu Ruby gritar.

Correu na direção do som fantasmagórico, equilibrando o bolo. Guiado pelo luar, ultrapassou o aclave. Ali, viu a mulher agarrando a terra seca com as mãos. Viu quando ela teve um espasmo e arrancou uma raiz dura. Em silêncio, chegou mais perto e viu que o dedão de Ruby estava cortado e sangrando, todos os dedos das mãos em carne viva.

Ela cavou com fúria, uma força arrebatadoramente selvagem, e urrou até que as raízes e os galhos balançaram. Nesse segundo, fixou o olhar em Ephram e derramou toda a sua angústia na parte preta dos olhos dele. “Meu Deus! Meus bebês! Meu Deus do céu! Meu Deus do céu!”

Ele acolheu e abraçou aquilo.

O nó da boca de Ruby cuspiu saliva, e ela abriu as pernas e empurrou absolutamente nada para a cova rasa. No entanto, sabia que tinha acabado de libertar a alma oculta de uma das crianças assassinadas. Ephram viu a cena e sentiu uma torrente morna atingir a bainha da calça, os tornozelos. De algum modo, um minúsculo vislumbre luminoso foi crescendo naquele solo.

Ele observou Ruby enterrar e benzer aquilo com lágrimas.

“Pronto, pronto”, sussurrou ela, como o vento. “Você está a salvo agora. O útero ou a terra. O útero ou a terra. Os dois únicos lugares onde as crianças ficam a salvo.” Ruby deu tapinhas no montinho de terra enquanto seu corpo engolia o ar e o liberava em rasgos. Ephram olhou mais além e viu dezenas de pequenos túmulos. Os galhos do cinamomo projetavam sombras que se alongavam como braços pela colina.

“Pronto, pronto...”, sussurrou ela mais uma vez. Os olhos vermelhos da mulher encontraram Ephram. Ele sabia que tinha visto o cair da tempestade. Olhou a bainha do vestido cinzento dela. Reparou em como um dos cantos tinha sido rasgado e uma evidente camada de azul repousava nas coxas dela.

Queria dizer a Ruby que aquilo era da cor do ovo de um tordo. Queria abraçá-la. Queria contar a ela como o bolo de Celia ficava mais gostoso com leite gelado. Queria... Ephram prendeu a respiração. Ele queria. Mantivera o desejo quieto em um canto durante toda a sua vida.

Então estendeu a mão pela primeira vez desde que a mãe o deixara. Estendeu-a para ajeitar o vestido de Ruby.

Ela se deitou, ergueu a saia e esperou. Quanto mais rápido o homem começasse, mais rápido terminaria. E ele tinha trazido algo que parecia ser bolo, o que era mais do que a maioria fazia, mais do que todos tinham feito. Por isso, quando Ephram a levantou e pegou sua mão machucada, ela mostrou os dentes e o encarou, porque, se ele não queria tomar o corpo dela, então sem dúvida queria algo pior.

Quando ele sacou o vidrinho de iodo, ela rosnou e o chutou. Com força. Chutou o bolo de lua que descansava ali perto. Chutou a boca e o nariz dele, fazendo o sangue escorrer pelo queixo do homem. Depois, agachou-se e esperou.

Com o bolo arruinado a seus pés, Ephram sentiu um nó subir na garganta e começou a soluçar. Um choramingo suave como o de uma criança. Ruby olhou para ele. Então percebeu o rasgo áspero da própria respiração. Seus pulmões se acalmaram e ela se inclinou, deixando que a mão desse tapinhas nas costas do homem. Com delicadeza, como quem coloca um bebê para arrotar.

— Pronto, pronto — disse ela.

Os dois permaneceram assim por um tempo, na escuridão, até que ela estendeu a mão e pegou uma porção de bolo do chão.

Mastigou e deu ao homem um aceno discreto com a cabeça.

Ele retribuiu o gesto.

Ruby se aventurou:

— Sabe, você tem que parar de deixar as mulheres baterem em você.

— É, eu sei — respondeu Ephram.

A noite mudou o horizonte e contemplou a centelha da aurora. Ruby e Ephram ficaram sentados em silêncio e comeram o bolo de

claras mais incrível do mundo, devorando-o com pedaços de terra e grama enquanto a floresta de pinheiros os observava das sombras.

LIVRO DOIS

Duas moedinhas

CAPÍTULO 9

Celia Jennings não dormiu na cama. Pegou no sono à mesa da cozinha, esperando Ephram. Acordou às quatro da manhã, sozinha, ainda sentada, a coluna ereta. Não tinha se debruçado, nem mesmo se curvado, sobre a mesa de madeira polida. Não deixara um rastro de saliva nos veios. Permanecia rígida até dormindo, imaculada no sono.

Celia tinha quatorze anos quando a mãe envergonhara toda a família ao aparecer nua no piquenique de Páscoa. Ephram tinha apenas oito anos, mas a mancha ainda se espalhava em cada um deles. Era o fardo que Deus decidira colocar sobre os ombros dos dois. Isso e o fato de a mãe ter passado a morar em um novo lar daquele dia em diante: o Hospital Psiquiátrico Estadual de Dearing. O fato de o pai deles, o Reverendo Jennings, ter sido educadamente convidado a deixar sua própria igreja era outro peso que os dois precisavam aguentar. O Reverendo passara a pregar em diligência durante dez dos doze meses do ano, em igrejas cada vez menores e mais obscuras ao longo do rio Sabine.

No dia em que o pai dobrou a carteira de tabaco, pegou a mala e saiu, Celia começou a limpar. Limpou a chaminé, o sótão, todos os potes de geleia vazios no porão, as lamparinas e o relógio do avô. Limpou a sala de estar e o lavabo, desengordurou o fogão e espanou as cinzas, alvejou as paredes, os armários e os espaços entre os dentes de cada garfo. Obrigou Ephram a ajudá-la a arrastar os três colchões para fora de casa, um de penas e dois de palha de cevada, e então os sovou, subjugando-os. Em seguida, esfregou todos os pisos com lixívia e água, até seus dedos ficarem brancos e queimados. Bombeou água e encheu três tinas grandes e uma chaleira. Acendeu uma fogueira. Usou a água da primeira bacia para esfregar sete conjuntos de lençóis, dez toalhas e uma

infinidade de roupas. Enxaguou tudo na segunda tina, jogou a água fervente da chaleira em cima das roupas e usou a última tina para azular as peças brancas, depois pendurou tudo do lado de fora para secar. Quando terminou, duas semanas haviam se passado.

Depois disso, Celia se surpreendeu com o fato de algum dia ter tido tempo para ir às aulas, participar de competições de soletração, tirar nota máxima em aritmética e história e se distrair com garotos como Chauncy Rankin e K.O. Charles quando havia tanta coisa para fazer dentro de casa. Sem contar que Chauncy e os outros nunca haviam tido muito tempo para Celia até o segundo ano, quando os seios e o quadril da garota incharam de tal modo que os alunos literalmente apontaram para o corpo dela no primeiro dia de aula. Foi nesse mesmo dia que começou a cordial rivalidade entre Chauncy e K.O. por causa da filha do pastor, bela e de pele marrom, que morava no número oito da Abraham Road.

Chauncy e K.O. disputavam tudo: dominó, dados, bola de gude, beisebol, notas, fileiras de terra aradas, corridas, natação no lago e, acima de tudo, garotas conquistadas. Aos dezesseis anos, Chauncy Rankin ostentava um metro e noventa e três de altura, pele macia da cor de amêndoa tostada e uma cabeleira preta que tinha a empáfia de se enrolar e formar ondas. O sorriso do rapaz nocauteava quase todo mundo, com os dentes perfeitamente brancos e uma covinha retorcida debaixo da bochecha esquerda. K.O. era um garoto estudioso, moreno da cor do xisto e apenas dois centímetros mais baixo que Chauncy. Ainda assim, parecia talhado para ser forte e veloz. Queixo anguloso, maxilar saliente; parecia ter sido burilado com uma lâmina afiada.

No outono de 1936, Chauncy e K.O. viviam aparecendo na Abraham Road. Como o pai de Celia não permitia que ela saísse com rapazes, eles iam até a casa dela, levando barras de chocolate Hershey's e refrigerantes RC Cola. Durante as visitas, cada um dos garotos se sentava na sala de estar durante horas, até que o Reverendo o expulsasse. Chauncy provocava Celia, soprando o canudo para formar bolhas no refrigerante e dizendo: "O K.O. não chega aos meus pés."

K.O. lia para ela trechos de *Natureza*, de Emerson, e, num momento em que os dois ficaram sozinhos, inclinou-se em direção à orelha da menina e perguntou se podia, dali a dois anos, pedi-la em casamento. Quando ficou sabendo disso, Chauncy simplesmente fez o pedido. Celia disse sim, desde que ele concordasse em ter um noivado longo. Ele respondeu que esse era o tipo de noivado de que mais gostava. K.O. recebeu a notícia da melhor forma que pôde.

O casal planejou pedir permissão aos pais de Celia naquele domingo de Páscoa. Chauncy passou o piquenique segurando a mão dela com força, até que as pessoas começaram a rir, a comentar e a apontar para alguma coisa. Ele soltou a mão da namorada e também apontou. Celia acompanhou o braço e o dedo indicador de Chauncy e viu a mãe caminhando por aquela colina, nua exceto pelo chapéu de Páscoa, os sapatos azul-claros e a renda de bilros. O garoto nunca mais seguraria a mão dela.

Aos quatorze anos, Celia recolheu seus talentos e costurou-os no avental. Abandonou de bom grado a Escola Secundária Lincoln e passou a cuidar de Ephram e do pai, quando ele aparecia na cidade. Depois de um ano cortando lenha e arando quatro hectares de terra, ficou com os braços grossos e definidos. Cicatrizes se enroscavam em suas canelas e em seus joelhos. Aos quinze anos, seu cabelo se tornou quebradiço devido aos detergentes e ao vapor, e seus olhos aveludados se recobriram de uma fina camada de gordura e rotina massacrante. Aos dezesseis, os lábios carnudos começaram a pender em direção ao maxilar e se tornaram mais tensos com a raiva da responsabilidade. Quando Celia tinha dezessete anos, Ephram sucumbiu a uma doença nas juntas, e ela precisou arrastá-lo para o Hospital Municipal de Galveston e depois de volta para casa durante quase dois anos. A moça tinha dezenove anos quando o pai foi encontrado assassinado perto do lago Marion. Ephram tinha apenas treze. Ela dera o melhor de si para explicar a ele por que a mãe ainda estava longe e por que homens horríveis faziam coisas ruins a homens bons. Mas, quando Celia olhou para o rosto do irmão, as únicas respostas nas quais conseguiu pensar não eram dela: só podiam ser encontradas na casa de Deus, quando a

pessoa se ajoelhava diante do trono Dele. Ela pegou na mão do menino, entrou novamente pelas portas da igreja e começou sua nova vida em Cristo. E lá permaneceu durante os trinta e dois anos seguintes.

E Celia era grata por isso. Claro que era. Como ela sempre dizia durante seu testemunho, "O Diabo soltou os cães dele atrás de mim, com uma vontade poderosa de me vencer. Mas ele me caçou com tanto empenho que eu corri direto para os braços de Deus". Ao longo dos anos, Celia inventara centenas daquilo que chamava de "Falas Sagradas". Diferentes membros da congregação tinham as suas favoritas e faziam pedidos a ela antes da missa. O Pastor, um homem desprovido de vaidade, sempre chamava Celia para dar o testemunho, dizendo que ela tinha um dom.

Era somente em raras noites de primavera, quando o vento carregava uma pitada de jasmim até a janela logo antes da hora de dormir, que Celia encostava os lábios na mão em concha... e se perguntava como seria um beijo de verdade.



O DIA rompera a casca havia muito e já estava alto, acima do horizonte. Ruby sentiu a manhã fazer cócegas e mordiscar seus dedos. Abriu os olhos e viu formigas lava-pés ao redor da mão. Rapidamente as espanou, limpando a mão no solo e, com isso, matando um batalhão inteiro. Foi então que viu o homem. Ele era inofensivo enquanto dormia. O que restara do bolo jazia entre os dois, em migalhas.

Ela observou o peito largo do sujeito subir e descer. A cabeça dele repousava em um montinho de terra. Um vento discreto cruzou o colo de Ruby e ela reparou em sua criança mais velha se levantando da sepultura e encostando a mãozinha de cera no queixo dele. As outras seguiram esse primeiro espírito, como os liliputianos em cima de um Gulliver adormecido. Algumas ficaram

contidas, enquanto outras foram audaciosamente para cima do homem e se sentaram no peito dele, puxaram seus cílios e brincaram com suas orelhas.

Ephram não se moveu, e Ruby gostou disso. Ele era bom o bastante. Se ao menos fosse uma magnólia ou um cardo florido e precisasse apenas de chuva e sol. Mas ele era um homem e exigia muito mais que isso. Quase todos os homens que Ruby conhecera eram ou demônios ou meninos, e ela já estava farta de ambas as coisas.

Ephram se levantou depressa, espanando formigas das mãos, da calça e das mangas da camisa. Mas os movimentos também espantaram as crianças-fantasma. Elas tropeçaram e caíram na grama. Ruby arregalou os olhos diante do descaso dele.

Ephram viu o medo nos olhos dela e olhou lentamente para o chão a fim de não assustá-la, o corpo imóvel, a respiração suave.

Ruby sentiu a calma experiente do homem e atacou:

— Você não tem para onde ir, não?

Ela o viu dar uma risadinha.

— Não, não tenho mais.

Ruby o encarou. Ele olhou para o relógio de pulso e, depois, para o céu azul-alaranjado, balançando a cabeça e sorrindo.

— Do que você está rindo? — indagou ela, ríspida.

Um alívio agridoce tomou o rosto dele.

— De mim mesmo.

— Então não sou eu quem vai interromper.

Ruby se levantou abruptamente. As crianças se juntaram atrás dela, como nuvens.

Ela estava pronta para escapar. Ephram conhecia os sinais, e desejou ter algo parecido com a pitada de sal que usava para atrair as jovens corças quando tinha doze anos. Então disse:

— Vou pegar uns bolinhos da Senhorita P. Ela fez ontem. — Os olhos de Ruby foram atraídos para Ephram. A voz dele abrandou: — O P & K abre durante uma hora no domingo, antes da igreja. Eu vou e volto rapidinho.

Ele esperou, não podia pressionar.

— Faz o que você quiser — disparou Ruby.

Ephram enxugou o suor da testa e tomou a estrada que tinha percorrido apenas algumas horas antes.

Ruby observou-o se afastar, as costas largas, o colarinho molhado. O homem era paciente, como se tivesse aprendido cedo na vida que só devia comer a sobremesa depois do espinafre. Mas ela tinha certeza de que ele a atacaria depois do café da manhã. Assustado, em seguida exaltado e apressado. Depois iria embora envergonhado. A vergonha era o melhor, maleável como massa de biscoito.

O velho corvo espiou de cima da cerca branca e grasnou.

“Cala a boca”, mandou Ruby, fechando os olhos.

A ave levantou voo, cruzando a estrada e a pequena distância que a separava do jardim, reclamando docilmente. “Nada disso é da sua conta”, rosnou Ruby.

Era o mesmo maldito pássaro grande. Tão grande que vergava os galhos finos em que pousava. O mesmo que clamava por ali havia quase onze anos. Alguns poderiam confundi-lo com outros pássaros, mas Ruby sabia que estariam enganados. Reconhecia-o somente pelo piado e pelo modo como murmurava quando ficava sozinho.

A criança mais nova começou a ficar irrequieta, então Ruby a ninou. Sempre tentava acalmar todas as suas crianças. Como estavam agitadas, Ruby cantou para elas.

Hush-a-bye, don't you cry...

Go to sleepy little baby.

O corvo saltou para o jardim de Ruby, descendo da árvore, então a mulher fez com que a canção se espalhasse pelo solo.

When you wake,

you'll have cake

and all the pretty little horses.

Cantou com suavidade para não assustar as crianças. Era a música favorita delas.

Way down yonder,

in the meadow

there's a little baby crying.

A voz era quase um sussurro.

*Birds and butterflies,
Round his eyes,
Little baby finds his mama.*

Ruby sentiu as crianças se acalmarem, as mãos debaixo da bochecha, os joelhos dobrados. Em pouco tempo, todas dormiram.

Ela olhou para o corvo arranhando o solo devagar, depois pegando um cacho de frutinhas verdes e duras e batendo as asas até um galho baixo. Em duas semanas, os pequenos frutos estariam amarelos. Em um mês, fermentariam, deixando todos os pássaros e esquilos tontos. Quando pequenas, Ruby e Maggie costumavam observá-los, os tordos se empanturrando e depois alçando voo como pilotos bêbados. Galinhas, porcos e cabras mordiscavam as contas marrons enrugadas e cambaleavam ao ir embora, voltando no dia seguinte. As duas meninas gargalhavam no jardim, dizendo que deveriam abrir um Bar do Cinamomo.

Anos mais tarde, quando voltara a Liberty, Ruby vira a árvore no fim de agosto e sorria, especialmente diante do grande corvo, que parecia ter se embebedado mais que todos — batendo as asas e caindo, atordoado, no jardim. Quando o cão de caça dos Rankin aparecera, Ruby decidira sair da casa e se sentar perto da ave para manter o cachorro longe. Desde então, as duas eram amigas.

O pássaro grasnou mais uma vez. Ruby olhou ao redor. A terra parecia diferente. As pegadas do homem ainda estavam visíveis na poeira, e a colina ainda não as tinha encoberto. Ela observou as próprias mãos. O corte no polegar estava cheio de terra. Pensou no esmalte que usava quando voltara para Liberty. Na manicure à qual a Senhora Gladdington a levara, em um salão particular em Chelsea. Ruby escolhera o esmalte Lost Red, de Elisabeth Arden. Vira os cones perfeitos nas mãos cruzadas enquanto pegava o trem saindo de Nova York, o escarlata perfeito de cada unha.

ERA A Liberty errada. Cento e setenta quilômetros a sudoeste da cidade negra homônima. Ruby deveria ter se dado conta disso no momento em que comprara a passagem, mas o ar ao redor dela estava carregado, e seu raciocínio tinha explodido e se turvado como um fusível defeituoso. As cores piscavam tão brilhantes na rodoviária que ela precisara usar óculos escuros do lado de dentro, e algumas vezes o barulho de estática chiara e arranhara seus ouvidos.

Era 1963 e uma multidão de negros estava indo a Washington D.C. para acrescentar alguma mudança na massa do mundo. Pegando ônibus e trens, alguns se amontoando na traseira de picapes e outros erguendo os polegares, pegando carona por oitocentos, mil quilômetros. Como um salmão solitário, Ruby pegara a estrada em direção ao sul.

Quando o trem parara em Shreveport, Louisiana, em vez de Lufkin, Texas, ela deveria ter percebido que havia passado da Liberty dela.

No entanto, ficara encolhida atrás da janela do trem. Um zumbido baixo e constante percorrendo seu corpo. Uma voltagem excessiva que amplificava a irritação e tornava impossível perceber qualquer coisa tão benigna quanto o mundo que girava e piscava à frente. Então, em vez de olhar para fora, ela amassara caixas de fósforo, desenrolara guimbas de cigarro e esmigalhara os filtros úmidos. Não falara com a mulher que se fazia notar do outro lado do corredor, embora algumas coisas a encorajassem a fazer isso: os olhos bovinos da moça, a mão gordinha acenando uma asinha de frango como se fosse uma baliza de banda marcial e estendendo o saco manchado de gordura como uma oferta de comunhão. Ruby fizera que não com a cabeça em um único movimento claro e abrira um sorriso que era, na verdade, um estremecimento. Até mesmo seus "olás" tinham sido sinais de reprovação.

Fungara quando o condutor idoso passara, reprovando em silêncio os cuidados pessoais e a higiene do homem. Ele fingira não notar, mas, quando passara por Ruby de novo, recendia a um bálsamo forte.

Ela não suspeitara de que estava no lugar errado até que o maquinista gritou “Próxima parada: LIB-er-ty, LIB-er-ty” e algo fez cócegas nela. Essa coisa a levou de fato a olhar para fora da janela. Quando viu a campina plana da região central do Texas em vez da floresta de pinheiros, um pânico surgiu e se acomodou em seu peito. De repente, ela recordou o caminho para Liberty. Pegar o trem Carolina South para Lufkin, Texas e mudar para o Buxton Limited. Saltar em Newton. Depois, pegar o ônibus vermelho pelos sessenta quilômetros até Liberty. Ela não tinha seguido as migalhas de pão que deixara para trás havia mais de uma década e se esquecera completamente do caminho para casa. Só tinha conseguido proferir “Liberty”, então a passagem fora emitida e o trem acelerara rumo ao sul.

Vinte minutos mais tarde, com raiva e confusa, Ruby deu duas belas moedas de vinte e cinco centavos na mão do carregador de malas que a ajudara a desembarcar do trem. O peso do erro fez com que ela desabasse em cima da bagagem, de onde ponderou qual seria o próximo passo.

Foi assim que Ruby acabou sentada na plataforma de trem em meio a uma fortaleza de malas Samsonite novas e cor-de-rosa. O cabelo preto alisadíssimo e preso em um penteado alto. O batom vermelho. A pintinha na bochecha direita escurecida. O zumbido na cabeça se aquietou em um murmúrio enquanto ela se arrumava discretamente sem a ajuda de um espelho. Ruby tinha certeza de que, em uma situação estressante, estar com aparência excelente era questão de sobrevivência.

As últimas pessoas, tanto brancas quanto negras, cruzaram a plataforma para embarcar no trem do qual ela acabara de sair. As escadinhas foram recolhidas e as portas se fecharam quando um homem de uniforme azul e preto se dirigiu até Ruby, o boné rijo com uma insígnia do sistema ferroviário na parte da frente.

— Precisa de ajuda com a bagagem, senhorita?

Ruby remexeu em sua bolsa (a Etienne Aigner), tomando o cuidado de evitar o telegrama de Maggie. A plataforma começou a esvaziar, exceto por alguns homens e mulheres que corriam em direção ao trem. A princípio, ela não olhou para o carregador.

Depois olhou. Aquele era um homem cujas costas vinham sendo usadas como descalçadeiras durante a maior parte da vida. Ruby percebeu que fazia quase uma década que não sentia aquele odor peculiar de obediência.

— Não exatamente — respondeu.

Os modos dela reivindicavam uma autoridade inquestionável. Era uma das muitas coisas que Ruby aprendera no Upper East Side de Nova York: como inclinar a cabeça e erguer o queixo para ordenar e persuadir. Encontrou os cigarros no momento em que as portas do trem suspiraram e se fecharam, deixando apenas carregadores de malas, o chefe da estação e pequenas aglomerações de famílias reunidas, amantes, homens brancos conversando enquanto se afastavam.

O carregador chegou mais perto. Ruby sentiu a urgência na voz do homem.

— Madame, tem alguém vindo buscar você? — perguntou, o rosto franzido de preocupação; um avô, um tio ou um homem com muitas filhas. A voz dele baixou até virar um sussurro. — Porque, com toda essa algazarra da Marcha dos Homens de Cor, o chefe da estação não vai deixar nenhuma mulher de cor ficar aqui por muito tempo sem uma passagem para algum lugar.

O olhar de Ruby pousou no homem. O tom protetoral da voz do sujeito era uma afronta a ela. Aquilo e a subserviência no comportamento dele.

Ela puxou um Dunhill da bolsa. Colocou o cigarro entre os lábios vermelhos, encarou o velho e aguardou. Sabia que anos de hábito fariam com que ele pegasse os próprios fósforos para acender aquela porcaria. E foi exatamente o que o homem fez. Ruby não soube por quê, mas estreitou os olhos de raiva. Não agradeceu. Como uma mulher branca. Como a Senhora Gladdington ensinara: algumas coisas eram direito dela. Ruby não precisava mais agradecer ao garçom ou ao motorista de táxi, deveria encará-los como o ar que respirava.

A Senhora Charlise Gladdington tirara Ruby do The Pony, um bar no Village, e a acomodara nos alojamentos das faxineiras em sua cooperativa no Upper East Side. Ruby seria acompanhante da

mulher. E, rápido assim, a acompanhara à loja da Bergdorf e voltara para casa com um mundo de Chanel e Emilio Pucci. Caramelo salpicado de castanho e dourado para ressaltar a pele de Ruby. A Senhora Gladdington começara a levá-la ao Met, ao Museu de Arte Moderna e a festas calmas no West Side nas quais as mulheres se vestiam com terno e gravata. Pelo simples peso de sua posição e por fazer parte do conselho, conseguira uma vaga para Ruby, que nunca tinha frequentado o ensino médio, no City College de Nova York. Ruby era uma entre a meia dúzia de estudantes pretos que havia lá, mas era a única a ser buscada por um motorista no fim do dia.

Esvaziava copos e cinzeiros nas festas da velha, nas quais os intelectuais, os artistas e os compositores da moda se reuniam com benfeitores, amigos e possíveis clientes. Acendia cigarros para Bukowski, Ginsberg e a artista Elaine de Kooning. Levava gim e tônica para Ezra Pound, cujas obras já tinha lido, e Chivas com gelo para John Hersey, cujas obras fingia ter lido.

A única recompensa que a Senhora Gladdington recebia pela generosidade era o tempo que passava lendo para Ruby durante as noites, sentada na namoradeira Charles Lane, a coxa vestida encostando de leve no joelho da jovem.

— Senhorita?

O carregador de malas ainda estava parado ali.

— Eu tenho que chegar em Newton, depois ir para o município de Liberty — disse Ruby, cortando as sílabas das palavras.

A poucos metros dali, o trem fungou e deu um solavanco ao se pôr em movimento.

— Município de Liberty. Não é aquela Liberty com pessoas de cor perto do Sabine?

— É.

— Não tem caminho direto para lá a essa hora, só se for de carro, senhorita.

— Eu não tenho carro. Quando sai o próximo trem?

— Não vai haver nenhum trem indo para aquele lado até amanhã de manhã, a não ser que pegue o que acabou de deixar você aqui.

Estava indo para Beaumont. De lá, tem um ônibus que vai até Newton.

O trem que se arrastava, saindo da estação, cuspiu uma centelha de malícia que aterrissou no pavio da garganta de Ruby. A fumaça conjurou uma parede de fuligem preta e chamas que encheram sua boca, fazendo com que ela tivesse dificuldade de formar frases completas.

— Tem um... onde é que eu posso... tem um hotel onde eu possa...

— Não tem nenhum lugar desses por aqui, senhorita.

Claro que não tem, pensou Ruby. *Claro*. Ela percebeu que tinha passado tempo demais longe do Sul. Olhou para além do homem, para os toldos verdes e lisos, para o vermelho dos bancos e o rosto pálido do chefe da estação, cujos olhos cinzentos se encontravam pousados nela. Não importava que ela usasse um vestido de verão Mary Quant original, feito de linho azul. Não importava que ela tivesse torcido a cara para os pretos que se espalhavam ao redor dela, suando debaixo de chapéus floridos enquanto se desviavam para entrar no vagão para pessoas de cor. Nada disso importava. Aos olhos daquele homem, ela sempre seria uma preta. Uma preta que ele poderia até querer foder, mas ainda assim uma preta.

Ruby voltou rapidamente ao momento diante de si.

— Então você me arranja uma carona? Eu pago vinte e cinco dólares.

O homem saltou, diligente.

— Vou ver o que posso fazer. Já volto, senhorita.

Ela olhou de novo para a placa de *ÁREA DE ESPERA PARA PESSOAS DE COR*. Nove anos depois da decisão do caso Brown e o aviso ainda rangia, atrevido. Antes de ela ir embora de Manhattan, seu amigo Billy, um figurinista no X Theater do Greenwich Village, havia chorado. Ele dissera que o Sul dos Estados Unidos estava para os negros do Norte assim como a Alemanha nazista estava para os judeus. Que era loucura ir para lá. Que fazia quase uma década que ela não via Maggie e que a garota deveria estar tão morta para Ruby quanto a pequena e antiquada cidade onde ela nascera. Por causa disso, Ruby o esbofeteara.

Ela o conhecera certa noite no The Pony, no East Village, e, depois de cada um tomar três martinis, Billy, um ruivo pálido de Boston, confessara que era homossexual. Ela contara que era a prostituta platônica de uma mulher rica, e rapidamente os dois se tornaram amigos. Entravam de penetra em festinhas e fumavam maconha com artistas que divagavam durante horas a respeito do expressionismo abstrato *versus* a pop art. Billy tinha dormido com um escritor itinerante não identificado que fingia ser heterossexual, e tanto Ruby quanto o amigo estavam apaixonados, platonicamente, pelo autor baixinho e atarracado famoso por ser gay. À noite, quando a Senhora Gladdington viajava, os dois dormiam juntos na cama estreita de Ruby, sussurrando sobre seus sonhos, a cabeça dela no ombro dele.

Ruby inalou a fumaça. Com força. Era do tipo de fumante que deixava o cigarro molhado, os filtros sempre empapados e marrons que nem merda quando eram apagados. Maggie era o contrário: mesmo que tragasse como se estivesse inalando ar depois de uma corrida intensa, as guimbas ficavam tão secas quanto palha. Mas tudo o que Maggie fazia era limpo. Ela dominava a arte de enrolar os próprios cigarros com uma das mãos. Todos perfeitos.

Ruby bateu a cinza, o batom brilhando no filtro, e levou o cigarro de volta aos lábios. *Maldita Maggie*, pensou ela, *Maldita Maggie e aquela porcária de telegrama*. O fato de que ela nunca quisera voltar para casa era outro assunto. Estar ali era culpa de Maggie. Maggie arrastando-a de volta a Liberty, onde as pessoas negras abanavam o calor com leques com estampa de Jesus. Todo mundo era lento. O sangue fluía nas veias como se fosse melado, o suor grudava na roupa como óleo de ungir.

Maldita Maggie. Como ela se postara de frente para Ruby antes da partida para Nova York, rígida como ferro fundido, mas sem conseguir conter o choro. Maggie dizia que nunca tinha chorado antes. Nunca. De qualquer modo, era a primeira vez que Ruby a via chorar. Ela falara para Maggie que desprezava aquela cidade: tudo o que o lugar havia tirado dela e a forma como a usara como escarradeira.

Ruby se lembrava de como a própria mãe de Maggie, Beulah Wilkins, detestara Liberty. Quando as duas eram pequenas, ela dizia quase todo domingo, enquanto limpava a espingarda: “Cidade amaldiçoada”.

E Beulah continuava: “Nenhum desses idiotas teve o bom senso de incorporar o município ao condado. Então Liberty não responde aos Estados Unidos, a Deus, a nada. Que diabo, o lugar nunca foi batizado pela lei de ninguém.” Então ela enfiava o trapo untado no cano. “E é por causa disso que o Diabo incluiu a cidade no caderno dele, a alma de muito homem de Liberty está na lista dele.”

Ruby sabia que Maggie jamais iria embora. Sabia que Maggie engoliria lavagem, pescaria perca e bagre no lago Marion, trabalharia como um burro de carga, beberia até cair, se meteria em confusão no Bloom e trapacearia no pôquer. Que, com o passar do tempo, vincos se formariam no rosto dela, como se a pele fosse feita de barro úmido, até que, pedaço a pedaço, as rugas ressecassem e endurecessem; que o cabelo dela ficaria cinzento como se estivesse empoeirado, as bochechas afundariam em direção aos dentes, os músculos murchariam e grudariam nos ossos. Ruby sabia que, um dia, alguma admoestação febril se apropriaria do magnífico corpo de Maggie até que ela mal fosse capaz de erguer a cabeça para engolir uma colherada de sopa; que ela acenderia cigarros apesar dos gritos e das reprovações das irmãs que ainda estivessem vivas. Que aquelas mesmas irmãs se reuniriam ao redor de Maggie no momento em que a amiga sorvesse o último respiro; carregariam o caixão e seriam as únicas pranteadoras. Que Maggie repousaria lá dentro, debaixo de areia branca e barro vermelho, até que os ossos desbotassem e a carne fosse eliminada pelos vermes. E que Maggie nunca deixaria a floresta de pinheiros.

As duas tinham se conhecido perto de uma plantação de algodão quando Ruby tinha três anos e Maggie, cinco. A avó de Ruby e a mãe de Maggie suavam oceanos sob o sol do Texas enquanto as meninas ficavam sentadas debaixo de um guarda-chuva desbotado e chupavam cana. Ruby se lembrava de como todo mundo dizia que as duas tinham cruzado os olhares e unido os corações em um

espaço de tempo tão curto quanto o piscar de uma estrela. Conforme iam crescendo, passaram a praticamente morar no cinamomo. Os galhos eram suficientemente baixos para que uma criança de sete anos subisse neles com facilidade. As pernas balançando. Maggie sempre a encontrava lá. Mesmo na pior época, quando Ruby foi pega como um passarinho pelas garras de um grande felino, Maggie subia e se sentava ao lado dela. Dava a Ruby presentes que roubava do P & K e, o que era ainda mais ousado, de uma loja de artigos populares que havia em Newton, onde ela teria sido espancada sem dó. Dedais e chocolates, presilhas de cabelo e lenços bordados, sacos de pipoca caramelizada — Maggie sempre deixava Ruby ficar com o cobiçado brinde que vinha dentro da embalagem. Elas puxavam o caramelo, enrolando-o nos pulsos para formar pulseiras antes de comê-lo. Maggie pegava para ela pedras transparentes no lago Marion ou uma pena azul de passarinho. Levava pêssegos de Clem Rankin, porque Ruby não tinha estômago para o chumbo grosso do homem. À noite, quando Papa Bell ainda era vivo, elas se sentavam debaixo daquela árvore, olhando para o céu cor de mirtilo, ouvindo o violino do velho, com uma vara de crina de cavalo endurecida com resina e as cordas metálicas modulando uma melodia que navegava por entre as árvores e tocava o coração das meninas. Então, Ruby apoiava a cabeça no peito largo de Maggie e sentia os braços dela como se fossem aço flexível ao seu redor. Ruby costumava se reconfortar com o cheiro da amiga, uma mistura de chiclete Juicy Fruit e tabaco. Quando Maggie ficou mais velha e começou a cheirar à lavagem que comia, Ruby viu algo se quebrar dentro dela. Porque Maggie tinha sido feita para se tornar o rei de alguma coisa. Deveria estufar o peito e conquistar outros mundos. Mas Ruby vira a amiga entrar para o exército de negros que se arrastava até Newton, as almas amarrotadas nos lenços até a hora do jantar. E, apesar de não baixar a cabeça tanto quanto os outros, Maggie a inclinava um pouquinho para conseguir passar pela porta da servidão.

Contudo, antes disso, quando as duas ficavam livres debaixo do cinamomo, Maggie contara a Ruby que queria ter um anel elegante para presenteá-la. Que queria que existisse um campanário em

algum lugar que as elevasse bem alto, à vista de Deus. Mas Maggie não podia roubar um anel bom o bastante para Ruby, porque as joias eram mantidas atrás de um vidro na loja de Newton e os únicos anéis em Liberty estavam nas mãos de algumas mulheres casadas. Então, ela abraçara Ruby o mais forte que podia, sempre segurando a garota como se ela fosse feita de renda e vidro, e prometera que conseguiria um anel à altura da sua Ruby Bell. Não muito tempo depois, Maggie tinha começado a trabalhar, e, não muito tempo depois disso, Ruby a perdera.

Para deixar Maggie para trás, ela precisara se esquecer do cinamomo e do céu cor de mirtilo, dos grilos e das cigarras que acompanhavam Papa Bell. Do rouxinol que aparecera depois que o violino fora posto de lado e que cantava todas as músicas da floresta, imitando o tordo e a toutinegra e chegando a inventar as próprias melodias. Ruby precisara se afastar e transformar tudo isso naquela pedra dura e transparente do rio. Precisara transformar a língua em um graveto afiado. Caso contrário, teria ficado em Liberty. Precisara fazer de tudo, exceto matar Maggie, para poder deixá-la. Ruby era jovem demais para saber que poderia ter dado um beijo de despedida. Jovem demais para saber que uma pessoa pode manter o segredo compartilhado do amor e, ainda assim, ir embora. Não descobrira, até chegar a Manhattan, que também havia matado uma parte de si mesma. E que essa parte demoraria anos para voltar à vida.

* * *

RUBY SENTIU os olhos ficarem úmidos, um nó se formar na garganta. Engoliu-o, como fizera a vida inteira.

Então ficou com raiva. Se Maggie tivesse saído de Liberty, mesmo que em uma viagem para Houston, Ruby não estaria naquela plataforma. *Foda-se a Maggie*. Ela viu o carregador ajudando uma jovem loira com as malas. Novos passageiros, tanto negros quanto brancos, tinham começado a se reunir na plataforma, esperando o trem seguinte. *Foda-se a Maggie e foda-se o carregador. Crioulo burro e lerdo*. Ruby arremessou a guimba nos

trilhos e, enquanto acendia outro cigarro, começou a sentir uma dor no maxilar. Desde a semana anterior, estivera pressionando os molares com tanta força que, de vez em quando, o maxilar começava a latejar. Ela desejou ter levado consigo a aspirina, ou um dos remédios para dormir da Senhora Gladdington, ou ambos. Não conseguia se lembrar de quando fora a última vez que realmente dormira. Até mesmo antes do telegrama, durante muitas noites, um som baixo de algo arranhando a mantivera acordada, como se alguém esfregasse areia em um piso de madeira. A mão de Ruby tremeu um pouco quando ela deu um longo trago no novo cigarro.

A plataforma do trem estava esparsa e livre. Ela precisava pensar. Esperar. Contraindo os lábios e expeliu a fumaça dos pulmões. *Onde estava a porcaria do carregador?* De repente, uma forma curvilínea e escura se moveu entre as malas de Ruby, que a ignorou, como havia feito durante semanas, como vinha fazendo com tantas coisas naqueles tempos. Mas o nada que habitava a periferia da visão dela era a pior de todas. O nada com dedos gordinhos que se espalhavam nas ondulações de suas roupas e que às vezes assumia o contorno de tranças. Ruby o odiava. Odiava a carência da coisa, o modo como tentava se enroscar em seu peito quando ela dormia. Odiava o fato de a coisa se ajoelhar debaixo de caixotes de maçã e se agitar em meio às couves-chinesas nas feiras livres em Chinatown. Ruby vira que o nada morto era oco e imaginara que tinha sido por isso que ele se fixara no fêmur esquerdo dela.

Uma vez ancorada, a coisa vagara atrás de Ruby como um balão de gás hélio, baixando até o solo e voltando a flutuar. Ruby tinha tentado se livrar dela fazendo viradas bruscas ou pulando para dentro de vagões do metrô segundos antes de as portas se fecharem, mas fora inútil. Logo que recebera o telegrama de Maggie, logo que começara a viagem de volta para casa, o espírito tinha flutuado acima dela perto da banca de jornal na estação rodoviária, alvoroçando os jornais que traziam imagens do jovem monge budista condenado por autoimolação. A coisa se instalara

perto do rádio de uma cafeteria enquanto Ruby bebia um café e balançava as pernas ao ritmo de "It's All Right".

No trem, havia se aconchegado debaixo da poltrona, fazendo cócegas na parte de trás dos joelhos de Ruby. Agora, na plataforma, rastejava para fora do esconderijo. Ruby se recusou a olhar. Como resposta, o sopro de ar saltou em seus ombros. Ela se levantou de repente, derrubando duas malas. Quatro rostos se viraram na direção dela. Um choque de medo a percorreu. Ruby se sentou de novo na mala, mas o pequeno espírito agarrou com força o pescoço dela. Desesperada, ela sentiu que ele tentava entrar na base de seu crânio. Tapou o local depressa com as mãos, um suor fino recobrando a testa. Então a coisa deslizou por baixo do braço de Ruby e passou a empurrar o peito dela, primeiro com suavidade, depois de maneira brusca, quase derrubando-a no piso da plataforma. Ela queria correr, gritar e chutar a menina-nuvem para longe.

Agora, estava presa na montanha de malas cor-de-rosa. O dia escureceu. O horizonte passou de azul para dourado e, depois, para recortes de verde. Verde demais. Um verde eletrizado e rodopiante. O negror dos trilhos, a limpeza das gravatas. Os dedos de Ruby estavam pegando fogo. Ela arremessou o cigarro aceso no chão e chupou as queimaduras. Sentiu o cheiro de um charuto queimando em algum lugar, de alguma coisa salgada como presunto, de perfume. E de suor. Tudo isso tinha sido deixado para trás na plataforma. Agora a criança chorava, tanto que o ar estalava. Ruby sabia que, em pouco tempo, gritaria. Em poucos instantes, quebraria o espelho da convenção, e os homens brancos viriam correndo, as mãos torcendo os pulsos dela, os olhos vermelhos demais, os rostos brancos demais. Os negros se acovardariam, e ela seria levada para a prisão ou um lugar ainda pior. Então Ruby rezou. Rezou pela ilusão de igualdade.

Como se respondesse à prece, o espírito diminuiu. Ficou mais novo. Uma criança pequena. Mais novo ainda, até voltar a ter seis meses de idade, três, até se tornar uma bebezinha recém-nascida. Ruby a reconheceu pela primeira vez. O rosto em formato de coração. O corpo comprido e moreno. Ela parou de respirar quando

viu que aquela era a sua menina. A bebê que morrera sem receber um nome quando Ruby tinha quatorze anos.

A garotinha estava encolhida, minúscula, ali nas tábuas de madeira, então é claro que Ruby a pegou no colo. A criança começou a chorar. Berrando, assustada, tossindo para expelir algo dos pulmões, tentando respirar. Ruby a segurou e a ninou. Sua menina. Sua menina perdida. Tentou escondê-la das pessoas na estação, algumas delas se virando para olhar. Ruby fingiu que sentira um calafrio e que estava meramente enroscando os braços ao redor do próprio corpo, mas a bebê não conseguia parar de chorar, e o som atravessava Ruby e a despedaçava.

Ali na plataforma, ela ordenou que a menina entrasse. A criança ficou em silêncio e olhou nos olhos dela. Ruby conseguia escutar o eco do coraçãozinho, e de repente a bebê escorregou como se estivesse ensaboada, caindo pesadamente no colo dela.

Ruby cambaleou para trás, tropeçando nas malas. Lutou para se equilibrar, mas o pé se enroscou na alça de uma das malas e ela caiu novamente. Então chorou. Grandes lágrimas pretas caíram no azul-celeste do vestido.

O carregador de malas voltou, a mão no braço de Ruby, o rosto contraído de preocupação, o chefe da estação assomando atrás dele. Uma pequena multidão de brancos se aproximou.

O chefe da estação trovejou acima dela:

— Qual é o problema aqui, Jonah?

Ruby olhou ao redor, o delineador escorrendo pela bochecha.

O carregador, Jonah, sabia de algo. Será que era sobre a criança? Será que também a tinha visto?

Jonah tentou ajudá-la.

— Ela só tropeçou e caiu, senhor. Foi só isso.

Ruby aceitou a ajuda.

— É, sinto muito, eu só tropecei. Na minha mala. Sinto muito.

Ela começou a se levantar, ajeitando o vestido.

O chefe da estação deu um passo adiante.

— Você está bêbada, garota?

O homem branco estava a menos de um passo de distância.

Ruby sabia que, se olhasse para ele, seria capturada. Então ficou de pé, baixou os ombros, olhou para o chão e respondeu:

— Não, senhor. Eu sinto muito, muito mesmo. — Ela prosseguiu: — Eu estou indo para casa... minha prima morreu. — Ruby extraiu a verdade das próprias entranhas e a retalhou para se salvar. — Ela... o enterro dela foi há um mês. Eu acabei de descobrir, senhor. Ontem, senhor. Eu só... só fiquei chateada, só isso.

O ar estava quase fervendo. Ruby observou a plataforma. Sua bolsa jazia de lado. Ela a alcançou e pegou o telegrama, aquele que o Western Union tentara entregar em três endereços antigos antes de localizá-la. Empurrou o papel no rosto do carregador de malas. Ele passou o papel para o chefe da estação, que o esquadrinhou, os lábios contraídos.

Jonah colocou um ponto-final na situação.

— Você sabe como a gente é emotivo de vez em quando, senhor.

Quase satisfeito, o chefe da estação se afastou, jogando o telegrama na direção de Ruby.

— Se tem uma coisa que eu não preciso é de outro preto bêbado. A semana toda eles estão saindo daqui bêbados que nem Moisés para aquela marcha de macacos, juro por Deus — disse.

Os companheiros do homem deram risadinhas. Os demais brancos se viraram, aproveitando a deixa para se refugiarem na sombra fresca e nos refrigerantes gelados da Área de Espera Exclusiva para Brancos.

Ruby respirou fundo. Pôs a mão no braço de Jonah.

— Obrigada.

— Não tem de quê, senhorita. Quantos anos ela tinha?

— Trinta e três.

— O que aconteceu?

— Parada cardíaca, foi o que disseram. — Diante do olhar confuso do homem, Ruby esclareceu: — Ataque do coração.

Ele balançou a cabeça.

— Sinto muito.

— Obrigada. Você pode... Você conseguiu um carro?

Ele se certificou de que não havia ninguém ao redor.

— Não. Sinto muito, senhorita, mas é melhor você sair daqui da estação, mesmo que precise ir andando. Eles estão procurando alguém para linchar desde que o Pastor King começou esse negócio. Meu sobrinho vai para lá. Grupo de jovens da igreja. Nunca bebeu uma gota de álcool na vida.

Então Jonah entrou rapidamente na estação.

Ruby observou as costas dele entrarem no prédio. *Maldita Maggie*. Recolheu a bolsa de mão e foi se sentar no banco perto de um homem cor de ameixa desbotada que mastigava tabaco. Um pouco do sumo marrom escorria pelo queixo. Ele se limpou com a manga da camisa. Ela voltou a chorar. *O maldito coração dela. Merda de coração fraco*. Ruby sacou o pó compacto, olhou-se no espelho. Uma louca a olhou de volta. Linhas pretas como fuligem ao longo do rosto. Batom carmim nos dentes, no queixo. Nas bochechas. O cabelo perfeito agora despenteado e arrepiado. Mas os olhos eram a cereja do bolo. Vermelho-sangue, porém, mais que isso, com um novo terror vazio que se espalhava a partir das pupilas. Os olhos dela tinham desaparecido e essas novas coisas mortas haviam surgido no lugar deles. O velho estendeu um lenço para ela, que agradeceu silenciosamente e começou a esfregá-lo no rosto com as mãos trêmulas.

Ruby tinha limpado o rosto da melhor forma que podia quando o homem se virou para ela.

— Eu não tenho carro, mas tenho um caminhão — disse, dando uma piscadela.

— Eu posso pagar...

Ele sorriu, tímido, mas determinado.

— A sua companhia vai ser o suficiente.

As sobrancelhas de Ruby se ergueram um pouco. Ele parecia ter uns setenta anos. Os poucos dentes que haviam sobrado estavam marrons de tabaco. Cheirava a mofo de tão velho. Ela tentou abrir um sorriso, aquele que costumava fazer os garotos e as garotas de Nova York cambalearem. Tentou, mas tudo o que conseguiu foi menear a cabeça.

O velho tomou fôlego e começou a arrastar a maior mala de Ruby pela plataforma, olhando para trás como se tivesse acabado

de dar de cara com um jantar grátis com direito a bife.

A menininha se remexeu dentro do peito de Ruby, que foi forçada a sair do quarto escuro da própria mente. Sair e desligar o projetor, aquele que mostrava um velho caminhão parado em uma estrada abandonada do Texas. E uma garota não tão nova com a cabeça no colo de um velho, destruindo a menina e corrompendo o homem, cuja maior tentação ao longo da vida inteira devia ter sido a sidra de maçã no porão da casa da esposa.

Ruby olhou para cima. Cinza. Quando o sol se tornara tão cinza?

— Você está com sorte, dona — disse Jonah. — O trem está voltando.

— O que foi que aconteceu? — perguntou o velho com a mala de Ruby, em um tom lastimoso.

— Parece que a mulher do gerente ferroviário das linhas do sudeste dormiu e se esqueceu de descer na parada.

A plataforma se encheu de gente, todos surpresos com o retorno do trem. O chefe da estação correu para a porta, atraído por um condutor que sinalizava com bandeiras enquanto o trem guinchava até parar e todos observavam uma brancura de olhos sonolentos saltar. Irada. Constrangida. Afobada.

Jonah disse com delicadeza:

— Vagão para pessoas de cor na parte de trás. Entra lá, rápido.

Ruby voou do banco e, com a ajuda dele, reuniu as malas e subiu no vagão correto. Enfiou uma nota de dez dólares na mão de Jonah. Ele tentou devolver o dinheiro, mas Ruby acabou vencendo. Em questão de segundos, o trem rangeu, pondo-se em movimento, e seguiu para o coração da Liberty dos negros.



UMA HORA se passou até que Ephram voltasse com duas sacolas de compras, a testa molhada e manchas escuras na camisa, debaixo das axilas.

Ruby se levantou, os ossos rígidos de ficar sentada, e meneou a cabeça na direção da casa. Ele acenou de volta com a mão e foi até a varanda.

Ruby sabia o que o homem encontraria assim que entrasse pela porta. Entulho, roupas imundas, fezes nos cantos, sujeira endurecida, moscas procriando. Descobriria que cuidar de fantasmas, além de lutar contra eles e contra o inferno da memória, era um trabalho árduo. Manter a casa arrumada enquanto fazia isso se provava uma tarefa impossível. Ela estava ansiosa para ver como a bandeira de esperança de Ephram se sairia em águas tão desoladas quanto aquelas. Ruby não ergueria a própria bandeira até ter certeza.

Sentiu a saliva subir à boca feito raiva, por isso cuspiu. Não erguer a bandeira? Antes de tudo, ela teria que fabricá-la. A esperança era algo perigoso, algo que era melhor ser esmagado antes que se tornasse contagioso. Ruby olhou para Ephram a centímetros da porta e sentiu um rosnado grave no fundo do estômago. Duvidava de que o homem conseguisse permanecer tão esperançoso até o fim do dia.

CAPÍTULO 10

Celia olhou para o relógio em formato de galo que ficava na parede da cozinha. Eram nove horas da manhã de domingo. A Igreja Pentecostal em Nome do Senhor do município de Liberty estava começando o culto do outro lado da cidade e Celia ainda nem pusera o vestido azul-marinho que passara na véspera. Ele repousava como uma bandeira deposta na cama do quarto dela — o tecido felpudo e pregueado logo abaixo do corpete, o colarinho alto e arredondado e as mangas debruadas com renda de Bruxelas —, engomado e vincado.

Dois minutos depois das nove. O olho de Celia começou a ter espasmos de raiva. Ela se levantou para fazer o café da manhã e voltou a se sentar. Não haveria tempo para comer depois que Ephram chegasse em casa. Eles precisariam se apressar e se vestir. Celia sabia que, independentemente do que tivesse feito, seu menino estaria em casa naquela manhã porque, em quarenta e cinco anos, Ephram Jennings nunca perdera o culto de domingo. Com certeza absoluta ele não perderia aquele, justo no dia que Celia tinha aguardado pacientemente ao longo de vinte e cinco anos. O dia da eleição para Mãe da Igreja. O nome dela era um dos únicos três na cédula. Ela começou a andar de um lado para o outro.

Durante quatro meses, Celia planejara usar o novo broche no formato da estrela de Belém para ir à igreja nessa manhã. Apenas os membros da congregação que possuíam o discernimento adequado veriam o vestido azul igual à noite e o broche com uma imitação de diamante em formato de gota e reconheceriam a simbologia, o que a roupa comunicava. Mas, quando se levantasse para dar o testemunho antes da eleição, Celia incluiria o broche no discurso, mostraria o objeto com tal clareza que até Melonie

Rankin, filha de sua oponente, soltaria um suspiro. May, a esposa do Pastor, se sentiria impelida a clamar um "Aleluia!" bem alto, seguido pelos ecos de "Continua o discurso, irmã Jennings!", "Conta a verdade e envergonha o Diabo!", "Serafim" e, é claro, "Em nome do Senhor!".

A associação costumava dizer que Celia pregava melhor que o pai, o Reverendo Jennings. Que era uma pena ela não ter nascido homem para poder subir ao púlpito como pregador. Celia costumava observar o Pastor Joshua travar no meio do sermão por causa do hábito quase superado que ele tinha de gaguejar, mas nunca se permitia a blasfêmia da inveja. Sabia que nascera exatamente como Deus queria, para fazer o trabalho que Ele havia lhe atribuído.

Celia olhou para o relógio mais uma vez. Nove e sete. Enfiou a cadeira com força debaixo da mesa da cozinha, andou até a janela da sala de estar e olhou para a estrada vermelha. Vazia. Desejou ver Ephram acima da colina. Em resposta, o vento ergueu pequenos demônios de poeira na estrada. Celia mordeu a parte interna da boca e pensou no chapéu de três pontas que planejava usar, combinando com o vestido. A peça era, como ela notara quando a vira pela primeira vez no catálogo da Spiegel, um chapéu da Santíssima Trindade, adornado com penas altas em tons de creme e azul-marinho. A renda transparente se alargava ao redor da circunferência do chapéu, e a peruca de Celia, preta e grisalha, brilharia debaixo dele, reta e lisa.

Ela encostou a palma da mão no vidro da janela. A peruca a aguardava em uma de suas cinco cabeças de espuma. Todo o cabelo bom de Celia vivia em cima do espelho da penteadeira. Ephram tinha fixado uma prateleira perfeita para elas havia um ano, de modo que Celia podia se olhar no espelho e, em seguida, levantar os olhos e ver a seleção de penteados para determinar qual ficaria melhor com o traje em questão. O seu Ephram fizera isso e muito mais. Ele amava as perucas quase tanto quanto ela. Sabia, por exemplo, que o modelo que imitava o cabelo de Audrey Hepburn em *Charada*, na cor Preto Elegante, era seu favorito — franja comprida, ondas pendendo na parte de trás —, porém o modelo mais curto e grisalho ficaria melhor com o chapéu novo.

Celia voltou à cozinha. Nove e quinze. A ruga que havia entre seus olhos se aprofundou, e ela mordeu com mais força a parte interna das bochechas. Uma pergunta brotou: seria possível que, de algum modo, ele tivesse levado consigo a roupa de domingo e planejasse encontrá-la na igreja? Celia praticamente correu até o quarto de Ephram. O terno azul-marinho ainda estava pendurado no lugar onde ela o havia deixado na tarde da véspera. A camisa branca, lavada e passada, com a gravata azul que ela escolhera, ainda se encontrava no cabide. Celia se sentou na cama do irmão, a raiva se espalhando como vapor pelo corpo largo e robusto.

De segunda a sexta, ela vivia de lenço na cabeça. Toda noite, o cabelo era besuntado com Camber's Hair Food e, em seguida, preso com uma infinidade de grampos. Ela usava vestidos de ficar em casa comprados na loja beneficente do Exército de Salvação e pantufas já murchas de tão usadas. Preparava as refeições de Ephram: café da manhã, almoço e jantar, além de um lanche noturno. Torcia o pescoço das galinhas e quebrava seus ovos férteis. Fazia a cama do irmão e aspergia água de rosas nos lençóis para atrair bons sonhos, depois colocava sal de Epsom nos cantos do quarto para manter as assombrações afastadas. Dava a Ephram uma colher de chá de xarope de ipeca quando ele tinha febre e uma aspirina da Bayer quando os nervos dos braços e das pernas dele doíam. Óleo de fígado de bacalhau todo dia de manhã. Celia lavava, passava cloro e desinfetante na casa 8 da Abraham Road durante a semana e administrava o dinheiro que Ephram ganhava empacotando compras no Piggly Wiggly. Guardava todas as gorjetas que o irmão recebia por carregar as compras até os Buicks de senhoras brancas. De segunda a sexta, fazia tudo isso e mais por seu menino.

Ela se sentou na cama, o coração batendo no esterno, ficando com cada vez mais raiva à medida que recordava semana após semana, ano após ano de trabalho.

Aos sábados, ela se guardava e se preparava. Cortando e fatiando para a ceia de domingo. Fazendo tortas de batata doce e bolos de 7Up. Mantendo a lenha do fogão seca e depois acendendo o fogo. Dez anos antes, Ephram comprara um modelo a gás para

ela em uma loja de departamentos, mas o forno acrescentava um sabor esquisito às tortas, e isso ela não aceitava. Enchendo a máquina de lavar roupa. Depois lavando à mão o que a máquina não limpava, usando quantidades generosas de alvejante. Pendurando tudo para secar no varal e, mais tarde, carregando tudo para dentro. Esquentando o ferro no fogão e passando os lençóis, as fronhas e as roupas de trabalho e de domingo de Ephram. Só então Celia cuidava das próprias vestimentas para ir à igreja. Tirava o lenço do cabelo. Lavava. Passava o óleo capilar. Depois o prendia de novo, para que ficasse confortável debaixo da peruca escolhida. Uma vez na cama, lia o Deuterônômio, seu livro favorito da Bíblia, até cair rapidamente no sono.

O domingo era o único dia de Celia. Ela mastigou com mais velocidade a parte interna da bochecha esquerda. Mordeu a carne macia até sentir gosto de sangue e agarrou a colcha na cama de Ephram. Ele tinha que se lembrar, tinha. Não era possível que houvesse *esquecido* que esse era o dia em que ela se aconselhava com o Santíssimo. Para ensinar aos outros dando o exemplo: através da conduta, do testemunho, da fala em línguas sagradas e, certamente, da vestimenta. Celia e Ephram haviam concordado que não existia melhor maneira de glorificar o Senhor do que usar um manto digno Dele. Os dois sempre usavam roupas da mesma cor para ir ao culto. Como um par, pensou Celia, sempre tinham sido exemplares. Os trajes em azul-marinho de hoje, sem contar a peruca, tinham custado cinquenta e cinco dólares e sessenta e oito centavos provenientes das gorjetas de Ephram. Mas valiam a pena. A melhor roupa de domingo de Celia não teria sido suficiente para esse dia especial.

Ela se levantou. *Porque hoje...* Arrancou a colcha da cama. *Era o dia...* Correu até o armário, pegou um punhado de bicarbonato de sódio e salpicou os lençóis do irmão, como uma oração para chamá-lo. *Celia Jennings seria eleita a Mãe da Igreja.*

O pó branco criou uma pequena nuvem acima da cama. Celia fez o sinal da cruz e cuspiu no bicarbonato para dar sorte. Voltou correndo à cozinha. Nove e vinte e cinco. Depois até a cama dele.

Esticou os braços e enfiou o rosto no colchão. Segurando a cama, começou a rezar para que seu menino voltasse para casa.

Celia sonhava em ocupar sua legítima posição como Mãe da Igreja desde que era menina. Depois que sua mãe tinha sido levada para o Hospital Dearing e o Reverendo fora linchado, ela se aferrara à imagem que projetava de si mesma sentada no lugar da Mãe da Igreja, no banco do canto que trazia uma fita branca. Não nos bancos voltados para o pregador, onde a massa da congregação se sentava, mas um dos dois bancos especiais que ladeavam o púlpito, formando um quadrado com um dos lados aberto. Os bancos para os quais as pessoas eram obrigadas a olhar se quisessem ver o pastor, e o lugar da Mãe da Igreja era o mais visível de todos.

Celia se levantou de sua oração, arrebatada, com bicarbonato de sódio no rosto, no pescoço, nos braços e no peito. Pegou o terno de Ephram e foi até a cozinha. Nove e quarenta. A eleição aconteceria depois do culto, então... Se Ephram fosse para casa, se eles conseguissem chegar à igreja antes de o culto terminar, se vencesse a eleição, Celia receberia a faixa branca que trazia "Mãe da Igreja" escrito em letra cursiva prateada para usar todos os domingos.

Ela dobrou o terno de Ephram com cuidado e colocou a roupa em uma sacola do Piggly Wiggly. Foi até o banheiro e limpou o bicarbonato do rosto forte, do corpo. Tirou o vestido de ficar em casa, usou a pia para molhar e ensaboar uma toalhinha e, de repente, soube que Ephram não voltaria naquela manhã. Começou a chorar enquanto se lavava entre as pernas. Sentou-se no vaso e perguntou a si mesma se era a vontade de Deus que ela deixasse aquele cálice se afastar de seus lábios. Talvez Ele estivesse tentando livrá-la da responsabilidade e do sacrifício que ser a Mãe da Igreja implicava.

Mas Ele não a ajudara ao longo de todo o caminho para conseguir aquele posto?

Deus não tinha começado aquilo dois anos antes, quando ficara evidente que Mercy Polk, ou Mãe Mercy, como ela era chamada, logo não seria mais capaz de cumprir os deveres de Mãe da Igreja por conta da idade avançada e da incontinência? Sob o cuidado de

Deus, Celia começara uma campanha secreta, fizera apelos especiais à esposa do Pastor, May, e a outros membros influentes do conselho. Contudo, as regras do afastamento tinham sido mais rigorosas do que as da justiça da Suprema Corte. Uma vez no cargo, uma Mãe simplesmente não podia ser substituída. Mesmo depois da morte de Mãe Mercy, o lugar permaneceu vazio por seis meses. O protocolo em geral previa quatro meses, para mostrar respeito a cada Mãe. O mandato de Mãe Mercy tinha sido tão longo que lhe deram dois meses adicionais de luto.

Não houvera dúvidas de que Celia ganharia a eleição. A concorrência era fraca. Supra Rankin e a neta de Mãe Mercy, Righteous, não tinham brilho, para dizer o mínimo. Todos os netos pagãos de Mãe Mercy haviam recebido nomes sagrados em inglês. Isso não os ajudara. Praise B., o menino do meio, tinha passado os cinco anos anteriores na penitenciária federal de Burkeville por roubar selos da agência dos correios. Havia boatos de que Salvation se encontrava com o Pastor Joshua bem debaixo do nariz da esposa. As gêmeas Milk e Honey haviam engravidado, fora do matrimônio, de um mesmo pastor itinerante. Os bebês, meninos, haviam nascido com duas semanas de diferença um do outro e eram ao mesmo tempo primos e irmãos. E então aquela coisa horrível tinha acontecido com Honey depois que ela abandonara o filho, mudara-se para Beaumont e, pelo que diziam, tinha se embaralhado com uma lésbica homossexual e uma vida de drogas. O fruto, pensou Celia, nunca cai muito longe da árvore.

Também havia o fato de que nenhuma das candidatas a Mãe da Igreja tinha decorado tudo do Gênesis ao Neemias. Sem falar nos Salmos, nos Provérbios e nas Lamentações. Lembrando que Celia sabia tudo de Mateus a João. Coríntios um e dois. E, é claro, o Apocalipse. Quem mais podia dizer o mesmo? As línguas sagradas de Supra Rankin eram uma piada, coisas com uma camada de verniz para impressionar as multidões. Righteous Polk tinha apenas a glória da avó para levá-la a uma nomeação. Nenhuma delas possuía seguidores como Celia. Mulheres que se reuniam ao redor dela depois do estudo bíblico para fazer perguntas. Debruçando-se sobre cada palavra dela. Nenhuma das duas tinha a natureza

devota de Celia. Sua humildade, os anos de trabalho missionário no condado de Kountze, na cidade de Beaumont e em Nacogdoches. Quem mais fora à convenção no condado de Hardin, em 1955, ou em Galveston, em 1957? Quem pegara o dinheiro dos próprios filhos e viajara para contar às pessoas sobre o pequeno município de Liberty? Quem havia colocado a pequena igreja no mapa durante a convenção de 1959 em Raleigh ao ser eleita presidente do Comitê Preparatório de Cestas? Quem mais tivera uma visão de Jonas e visitas angelicais dos doze Apóstolos ou possuía o dom da profecia? Certamente Righteous Polk, com suas roupas de baixo largas e seus sapatos surrados, não tinha nenhum desses atributos. Seria possível que a mulher não tivesse um espelho para se olhar domingo de manhã antes de ir à igreja?

Quem mais não tinha se casado e se mantivera o instrumento sagrado de Deus? Não. Era a vontade Dele. Era a vontade de Deus que Celia Jennings tomasse seu lugar legítimo entre todas as demais mulheres cujas imagens pendiam da parede do banheiro feminino. O salão era para os antigos pastores, mas, quando o banheiro foi levado para o lado de dentro do prédio, em 1945, a Auxiliar Feminina da Igreja Pentecostal em Nome do Senhor do município de Liberty decorara o local com papel de parede rosa e bege e pendurara cortinas de chintz e duas fotografias emolduradas de antigas Mães da Igreja em cima da pia.

Celia pensou em ir à igreja sozinha para receber seu prêmio, mas parou. Que respostas ela poderia dar às perguntas das pessoas?

“Espero que o Irmão Jennings não esteja se sentindo mal”, diria Supra Rankin com malícia. E se ela mentisse, “É, ele está um pouco mal hoje”, e Ephram aparecesse? Ou passasse perto da igreja na volta da noite pecaminosa? Ainda com o cheiro... dela. Aquela Bell. Isso era indescritível. A vergonha que sentiria quando a congregação descobrisse a verdade, que o filho dela, seu bom menino, caíra como Adão, como Sansão. Caíra como um fruto, não muito longe da árvore dela.

Celia ouviu a verdade com tanta clareza que foi como se a trombeta de Gabriel soasse acima de sua cabeça. Aquilo era obra do Diabo. Quem mais tinha um interesse genuíno na ruína da igreja

de Celia — o que certamente aconteceria se Supra Rankin fosse eleita e usasse sua influência para colocar outros Rankin agressivos e mandões no conselho da igreja? Quem mais tentaria Ephram, a pessoa mais próxima de Celia? E quem melhor que os Bell para fazer isso? Aquelas meretrizes de pele clara que levavam vergonha e agitação para a comunidade havia mais de quarenta anos. Aquela Neva Bell, loira e de olhos azuis, que fornicava com um branco e acabara morrendo baleada por causa disso? Não importava que a garota atual fosse morena. Ruby Bell carregava o mesmo sangue, e aquele sangue carregava o mesmo pecado. E o pecado se erguera como uma enchente para carregar para longe o bom menino de Celia. Ela não permitiria isso! Não naquele momento. Nunca.

Ephram iria ao culto, e ela se tornaria a Mãe da Igreja.

Celia Jennings correu para o quarto, tirou a roupa de ficar em casa e pôs o vestido azul novo. Colocou o broche da estrela de Belém, enfiou a peruca na cabeça e prendeu o chapéu com grampos em forma de T. Os sapatos... Ela não os separara. Foi até o armário e encontrou os sapatos azuis de verniz. Pegou a bolsa da mesma cor, a sacola do Piggly Wiggly com o terno de Ephram e saiu pela estrada. A mesma estrada vermelha que o irmão tomara menos de doze horas antes.

As ruas e os campos estavam vazios, como ficavam em todas as manhãs de domingo, preenchidos pelo som dos pés dela esmagando o barro, chutando a poeira e a brita para trás de si. Celia passou pelas terras do Rankin, pelo espantalho acenando as mãos de palha ao vento. O mundo estava na igreja. Ainda assim, não custava caminhar pela trilha a fim de ficar longe da vista de todos. Ela estremeceu ao passar pelo Bar do Bloom, ainda exalando o cheiro da noite de sábado. Então voltou para a estrada principal. Seus passos ganharam ritmo. Uma batida triturante. Celia viu o grande pássaro negro voar até pousar na cerca logo à frente. Ele esticou as asas quando ela passou depressa e a seguiu com os olhos cor de petróleo. Grasnou três vezes, depois levantou voo. Celia andou mais rápido. A batida do sapato de verniz levando-a depressa para cada vez mais perto. Passou cambaleante pelo P & K, escuro e silencioso. Quando cruzou a plantação de melão dos

Rupert e a trilha que levava ao lago Marion, estava quase correndo, os pinheiros altos empurrando-a para a frente.

Quando ela alcançou as terras dos Bell, sua respiração estava intensa e entrecortada. A batida na porta seca e apodrecida soou mais alta do que Celia esperava. Sem resposta. Ela bateu de novo. Um rosto surgiu na janela e desapareceu. Ela ergueu a mão para bater mais uma vez...

Ephram abriu a porta.

Parecia amarrotado. A barba matutina crescendo, remela no canto do olho esquerdo. Nem parecia o filho dela, que nunca saía de casa sem se barbear, se lavar. Ele segurava um trapo molhado. Os joelhos estavam úmidos com sabão, e Celia avistou por cima do ombro do irmão um balde cheio de espuma na cozinha da casa imunda. Ele estava... *limpando*? E no Sabbath? O lugar parecia um cômodo do inferno. Teias de aranha e terra preta, camadas espessas. Poeira em toda parte. A casa fedia a dejetos humanos. O rosto de Celia ficou dormente de repugnância e fúria.

Entre os dentes, ela disse, com calma:

— Ephram. Você está atrasado para o culto de domingo.

Ele olhou para a irmã, o rosto bondoso, porém sério:

— Eu não vou hoje, Celia.

Ela ouviu o que parecia um som de molas no quarto ao lado. Esticou o pescoço para enxergar além de Ephram e viu aquela coisa sentada em um colchão sujo. Os olhos como um lagarto do pântano. A pinta maldita na bochecha. As pernas abertas naquele vestido cinza imundo que ela sempre usava.

Por um instante, Celia não soube o que dizer. Então, um barulho que parecia algo entre um ganido e um choro subiu pela sua garganta.

— NÃO! Ephram, você vem comigo agora.

Ele inclinou a cabeça, passou a mão no queixo.

— Mãe, eu vou ficar aqui mais um pouco.

Ephram tentou pousar a mão no ombro da irmã, que o empurrou.

— A sua alma está em perigo, garoto.

— Cel, eu não estou em perigo nenhum... eu juro.

— Olha só como é que isso começou, você já está fazendo faxina no Sabbath.

— Lucas, quatorze. “O boi estava no poço”, Cel.

— Você está distorcendo a Bíblia; além disso, o culto já começou.

— Vai na frente, então. Eu vejo você logo mais.

— Quando?

— Quando eu chegar lá, Cel.

Ephram soou mais severo. A suavidade tinha ido embora. A coisa nojenta estava em pé ao lado dele agora.

— Vai em frente — disse a coisa. — Vai para casa com a sua mãe.

Celia viu seu Ephram se virar para a criatura e se desmanchar como caramelo. Ficar molenga, doce, e sussurrar:

— Mas eu não *quero* ir a lugar nenhum, Ruby.

Celia se afastou, andando para trás na direção do jardim. Evocou o evangelho, a única coisa que nunca tinha falhado em pôr Ephram na linha.

— “... ainda que os seus pecados sejam como o escarlata, eles se tornarão brancos como a neve!” — Ela apontou para o céu e continuou: — “Ainda que eles sejam vermelhos como o carmesim, eles se tornarão como a branca lã.” Isaías, capítulo um, versículo dezoito.

A criatura se calou. Do vão da porta aberta, Ephram ficou olhando, perplexo, para a irmã. Celia sentiu algo como eletricidade crescer dentro de si, guiando suas palavras.

— Ephram, é melhor você se lembrar do Levítico, capítulo vinte e seis, versículo vinte e um: “E, se andardes contrariamente para comigo e não me quiserdes ouvir, trarei sobre vós pragas sete vezes mais, conforme os vossos pecados. Porque enviarei entre vós as feras do campo, as quais roubarão seus filhos e destruirão o vosso gado.”

Celia ergueu os dois braços bem alto, para que o Céu terminasse o trabalho. Havia escolhido a passagem perfeita. Ephram piscou como se estivesse prestes a chorar. Celia estendeu a sacola de compras com o terno de domingo. Depois de dizer as últimas palavras, ela o instruiu a se trocar atrás do P & K. Ele entraria na

Em Nome do Senhor de braços dados com Celia, e os dois dariam o testemunho juntos naquele dia. Sobre o Levítico. Sobre família e o sangue de Jesus. Celia sentiu os olhos marejarem de alegria conforme ela se enchia de emoção. “E se continuares a andar contrariamente a mim, eu mesmo vos ferirei sete vezes mais, por causa de vossos pecados.”

Celia ficou parada, sorrindo com a sacola esticada.

Ephram entrou e fechou a porta.

Celia cambaleou para trás, escorregou em uma pedra e quase caiu. Não conseguia respirar, nem puxar o ar nem expulsá-lo dos pulmões, como se um grande e imenso muro tivesse caído em cima dela. Ficou imóvel por um instante, depois correu desenfreadamente para casa, envergonhada.

Já tinha alcançado o lago Marion quando parou de repente, um sorriso escorregando pelos dentes. De maneira muito metódica, Celia retirou o broche e guardou-o na bolsa, depois pousou-a na lateral da estrada.

Então, ela se jogou no chão. Com força. Usando uma das mãos para segurar o chapéu e a peruca, esfregou-se violentamente no barro rachado. Rasgou o colarinho... um pouco, mas não o suficiente para o decote ficar indecoroso. Esgarçou a renda das mangas e, inadvertidamente, machucou o tornozelo, que sangrou. Quando se pôs de pé, estava coberta de poeira, com a pele castanha cinzenta por conta dos arranhões e da terra. Em seguida, pegou a bolsa, retirou o broche e prendeu-o junto ao coração.

Ao tomar a estrada em direção à igreja, Celia tinha uma missão, uma guerra santa que ela não apenas lutaria, mas venceria. Ensaiou as primeiras palavras que proferiria quando entrasse pelo portão. Quando abrisse a porta, dirigindo-se à congregação ali presente. Quando soasse a singular nota de pavor que a multidão soltaria ao vê-la.

Murmurou as palavras: “Eu acabei de lutar contra o Diabo...” O restante, Celia sabia, sairia de sua boca como um poço fundo jorrando no deserto. “Eu acabei de lutar contra o Diabo”, treinou, “e preciso da ajuda de vocês para vencê-lo.”

CAPÍTULO 11

A bandeira do homem ainda tremulava, mas estava imunda como o diabo. Ruby se sentou na cama e comeu o terceiro bolinho que Ephram dera a ela naquela manhã. Ele também tinha comprado um embutido feito de carne de porco com mocotó de boi, o qual ela prontamente ignorara.

Pequenas descargas percorreram o corpo dela, depois cessaram. Ruby bebericou o café que ele havia corajosamente preparado na lareira com uma pequena chaleira que comprara no P & K. O aroma amargo a atingiu, depois explodiu. Fazia dez anos que ela não bebia uma xícara de café. E ela amava café tanto quanto amava o ar. O fogo que Ephram atiçara dançava na tepidez do dia, partículas de azul e dourado. Ele ainda estava limpando. Já haviam se passado duas horas e o homem não fizera uma pausa para se sentar, isto é, se existisse um centímetro limpo no qual ele pudesse se sentar.

Quando Ephram pusera os pés à porta da casa pela primeira vez, Ruby o vira vacilar. Tropeçar no preto dos próprios sapatos. Então ele tinha segurado o lenço perto do nariz, parado e dado uma olhada na casa. Depois, parecera planejar metodicamente o ataque que se seguiria.

Ruby observou enquanto ele inspecionava os cinco grandes cômodos: a cozinha, com o fogão à lenha enegrecido e coberto de gordura, massa seca, pedaços de comida e uma panela contendo água parada na qual larvas de insetos haviam brotado tempos antes. O balde de madeira estava cheio de amoras pretas podres que ela colhera e se esquecera de comer. O balcão, cheio de pão mofado e pêssegos marrons e pegajosos, rodeados por um enxame de mosquinhas de frutas. Antes, Ruby não tinha de fato visto a

casa, mas nesse momento, através dos olhos de Ephram, a imundície e o lixo ecoaram.

Ele afastou a mesa redonda de carvalho de algo com uma crosta preta e notou o monte de folhas e casca de árvore no topo. Saiu da cozinha e entrou em uma sala de estar vazia, onde ninguém tinha se sentado desde que Neva morrera. Ruby sabia que a sala estava surpreendentemente limpa, assim como o quarto dos fundos no qual Ephram desapareceu. Esses cômodos não pertenciam a ela.

Ruby ouvira dizer que as três meninas — Neva, Charlotte (a mãe de Ruby) e a tia Girdie — dividiam o quarto. Em algumas noites, dormiam encaixadas como se fossem conchas, rindo feito uma cachoeira.

Ephram passou pela cozinha e entrou no pequeno banheiro, de onde saiu trôpego, preenchido por um pouco de medo. Ruby sabia que o que ele tinha visto poderia fazê-lo sair porta afora para sempre. No entanto, em vez de fazer isso, Ephram foi até a generosa varanda e andou até a bomba d'água.

Ruby ouvira dizer que, antes da morte de Neva, Papa Bell havia começado a adaptar a casa para que tivesse água encanada. Comprara canos de ferro compridos e rolos de fio. Conseguira chegar até o banheiro. Mais tarde, vendera cada um dos canos por uma mixaria.

Papa Bell teria gostado de Ephram. Ele não escorregou. Ruby tinha ouvido falar que o avô construía os degraus um pouco inclinados. “Para manter longe as pessoas fracas e desonestas”, era o que costumava dizer. “Gente determinada consegue subir qualquer tipo de escada.”

Ela ouvira dizer que, no tempo em que a casa era nova, muitos visitantes acabavam em cima das ervilhas que ficavam logo à direita da varanda.

Quando Ephram voltou, Ruby ficou observando enquanto ele virava à esquerda e entrava no quarto dela. Era o pior de todos, mas tinha sido projetado como um cômodo quadrado e espaçoso. Com janelas tão grandes que haviam precisado de folhas de vidro especiais. Tinha sido o quarto do avô de Ruby, e, entre todos os fantasmas que a haviam assombrado, Ruby sempre desejava que

ele aparecesse. No entanto, Papa Bell nunca voltara. Ela pensou que, talvez, o avô não tivesse muita vontade de gastar nem mais um segundo na Terra. Talvez houvesse finalmente encontrado um pouco de descanso, sentado ao lado de Neva em uma estrela, sem prestar qualquer atenção ao mundo.

Quando decidiu assumir o trabalho, Ephram começou para valer.

Os suprimentos eram poucos, mas ele improvisou bem e trabalhou com afinco. Acrescentou uma lata de desinfetante em pó que comprara no P & K aos poucos produtos que Ruby adquirira ao chegar à casa. Varreu o chão com uma velha vassoura cheia de lama ressequida que encontrara nos fundos. Segurara a vassoura debaixo da bomba até que a água corresse limpa. Então varreu dois cômodos, juntando toda sorte de coisas em uma pilha central. Nesse momento, a irmã apareceu na porta.

Os olhos da mulher se arregalaram, a veia em sua têmpora saltou e se repuxou. Celia Jennings ficou à porta de Ruby cuspiendo como uma lunática raivosa, berrando imprecações em versos. Então Ruby começou a rir e, depois, a gargalhar. Não queria fazer isso, mas, quando espiou pela janela e viu a espuma de baba se acumulando no canto da boca de Celia, aquele chapéu de marinheiro Popeye balançando em cima da peruca zebrada ridícula, enfiou o punho na boca e riu até chorar. Ephram tentou fazer sinal com os olhos para que ela se calasse, o que só fez com que risse ainda mais.

Por fim, foi até a porta só para irritar a mulher. Fazer com que a velha visse Ephram escolhendo Ruby. E foi o que ele fez. Claro.

Depois que a irmã foi embora, ele pareceu perdido. Passou as mãos no rosto e fez uma pausa antes de se voltar para Ruby, esfregar os braços e balançar as pernas. Por um instante, pareceu exausto, depois se desculpou pela interrupção e recomeçou a limpeza. Ruby estaria pronta para ele quando a faxina terminasse.

Agora Ephram estava usando o balde de Chauncy Rankin. Chauncy o enchera com água e depois o despejara nela duas noites antes, no quintal, quando aparecera na casa com o irmão.

Moss deixara o sabonete Dove se desfazendo em uma espécie de lodo dentro de uma tigela quebrada. Ephram o estava pegando

agora para lavar as mãos.

No começo, quando Ruby voltara para Liberty, houvera muitos visitantes, que se comportavam de modo mais diligente. Era a época da colheita, o milho alto e dourado, o algodão voando e ficando preso na copa das árvores. O cinamomo tinha brotado seus frutos amarelos que todos os pássaros adoravam arrancar. O outono estava agradável e quente quando o primeiro — um homem curvado, alto, com um pequeno queleide no lábio superior — se aventurara pela estrada. No momento em que ele apareceu, ela estava esfregando a velha mancha na varanda — aquela que ouvira dizer que a tia Neva tinha deixado ao morrer. Quando o homem perguntou se ela era a pequena Ruby Bell, ela respondeu que sim. Ele disse que conhecera o avô, a mãe e as tias dela e que via Ruby ir à igreja aos domingos. Disse que ouvira dizer que ela estava de volta à cidade e que tinha resolvido visitá-la para oferecer ajuda. O fato de ele ter a profissão de zelador se provou conveniente e, assim, ele se abaixou, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, e assumiu a função de lavar a varanda manchada. Ruby não conseguia se lembrar do nome dele — Jeffers, Jefferson — e não quis ser indelicada ao perguntar de novo, mas ele era educado e disse obrigado quando ela ofereceu um copo d'água. Trabalhava na escola de ensino médio para pessoas de cor em Jasper e disse que tinha um creme especial de limpeza no trabalho que poderia ajudar na faxina. O homem quase fez uma mesura ao sair. Quando voltou, uma semana depois, Ruby estava rosnando em um canto, nua, as roupas emboladas no chão do quarto. Ele a levou para a cama e a possuiu de maneira simples e educada. Ao sair, deixou o creme de limpeza no criado-mudo.

As notícias voam pelo Sabine quando dizem respeito a mulheres solteiras que oferecem refrescos horizontais. Outros três foram visitar Ruby logo depois. Um homem alto, com cor de foca, expressão devota e que citou a Bíblia durante o ato e depois dele. Um sujeito gordo, preguiçoso e de pele clara e um avô velho e escuro com o rosto enrugado. Depois, os alunos do ensino médio de Jasper fizeram sua peregrinação. Foram bêbados e aos bandos. Às vezes, chegavam maus. Às vezes, batiam nela e, o que era pior,

riam dela. Conforme o tempo foi passando, conforme a pele de Ruby foi se tornando mais rente aos ossos e ela perdeu qualquer resquício de sanidade, o número de homens diminuiu. À medida que a casa acumulou pilhas de excrementos humanos e lixo, apenas os assíduos permaneceram. Veteranos como Chauncy e Percy limpavam aqui e ali antes de fazerem o serviço, sempre levando Ruby para fora. Algumas vezes acontecia debaixo do cinamomo, com o velho corvo observando, gritando, censurando. Havia ocasiões em que eles levavam um trapo, ou uma caixa de lixívia, ou um pote de gordura de bacon para misturar e fazer sabão. De vez em quando, levavam comida.

O que ela nunca admitia, nem mesmo em seus pensamentos contíguos, como vagões de trem unindo-se para uma jornada que ela nunca se permitia fazer, era que, ultimamente, vinha gostando das visitas. Encontrara seu próprio reflexo nessa rotina. Não havia outro espelho na casa. Aqueles homens e os olhos deles — abertos, semicerrados, pretos como besouros, verdes com tons de avelã, arrependidos, medrosos, raivosos, alegres, úmidos de luxúria — viam Ruby. Não a graça ou a força dela. Nem o cavalo de tração de sua alma. Mas eles viam algo. Seguravam alguém. Desejavam que as pernas dela se afastassem, que ela os recebesse. Pois naquele momento, antes do alívio, o mundo poderia se partir ao meio que eles continuariam. Metendo sem parar. Rugas se aprofundando. Suor escorrendo. Toda a hipocrisia silenciada. E, embora eles pudessem sair e encontrar uma garota melhor, mais sã, mais bonita e com seios fartos, naquele exato momento nada mais no mundo os satisfaria e, conseqüentemente, Ruby tinha a única sensação de poder que já sentira.

Ela mantinha a porta de tela destrancada na maior parte das noites.

Ephram encontrara a caixa branca de lixívia e estava espalhando a substância como se fosse açúcar no chão varrido.

— Você é bom nisso — disse Ruby, baixinho.

— Obrigado. — Ele deixou um sorriso despontar em um canto do lábio.

Ruby olhou para o próprio pé, que, de modo involuntário, havia começado a se tornar o veio da madeira. Ela sentiu que estava ficando dura, rígida demais para se mover. Pequenas farpas formaram uma lanugem ao longo dos dedos do pé. Ruby balançou a perna e o pé para que voltassem a ser carne. Ephram olhou para o chão, educado, enquanto ela perguntava:

— Foi a sua irmã que ensinou?

— Para falar a verdade, foi, sim.

Nesse momento, um zumbido familiar recomeçou, dessa vez na barriga dela. A comida tinha um cheiro forte demais, o embutido era muito pungente e laranja. Ela não conseguiria comer aquela cor tão brilhante e dolorosa. Pousou o sanduíche no colchão sujo. Ainda estava com fome, por isso mordeu o pão, mas ele travou na garganta quando Ruby tentou engoli-lo. Ela tossiu, cuspidando o pedaço na mão, e esfregou a massa mastigada no colchão.

Ephram reparou, mas disse apenas:

— Como está o café?

Ruby bebeu mais um gole. O líquido escorreu pela língua e se ocultou em esconderijos na boca antes de se derramar na garganta. Era de um marrom amigável e sem graça. Ruby optou por não responder à pergunta intrometida de Ephram. Em vez disso, revidou:

— Por que é que você chama ela de mãe?

— Foi a Celia quem me criou.

— Eu me pergunto como é que a sua mãe de verdade ia se sentir com isso. — Foi a vez de Ephram ficar em silêncio. Ela continuou: — E sobre o que vocês estavam falando na porta... um boi no poço num domingo? O que isso quer dizer?

O zumbido ficou mais alto. O estômago de Ruby se revirou, e ela sentiu a comida subindo pela garganta.

Ephram olhou para ela.

— É um versículo da Bíblia, do Livro de Lucas.

— O que significa?

A comida vazou da boca de Ruby, cobrindo o colchão. A garganta dela queimava. Ephram não parou. Pegou a mão dela, mas o som

ficou mais alto. O toque dele machucava a pele. Ela recuou e foi até a janela.

Ephram pegou a vassoura e varreu o vômito para dentro de um balde. Então, foi jogar aquilo fora. Voltou com o casaco molhado.

Ruby se sentiu aliviada. Agora ele pegaria o que fora buscar ali. Ela sabia que ele a limparia, lavaria. O mundo voltava ao eixo. O som parou quando ela imaginou Ephram: um homem solitário e dócil que se masturbava atrás da porta do banheiro da “Mamãe” e depois odiava esse pecado. Ruby ficou parada, esperando.

Ele estendeu o casaco para ela e disse:

— É interessante você ter perguntado do boi. Foi o que Jesus disse quando os fariseus zombaram dele por curar um homem no Sabbath. Jesus disse que se o seu boi cai num poço, não importa o dia, você vai lá resgatá-lo. Se a coisa for importante o suficiente, você tem que fazer.

Ela quase arrancou o casaco da mão estendida dele.

— Então a minha casa é um boi.

— Eu diria que sim.

Ruby começou a limpar o rosto e a boca em uma espécie de choque.

Ephram mergulhou a vassoura no balde com água e lixívia e começou a esfregar a cama. Depois, com naturalidade, voltou ao chão.

Ruby observou enquanto Ephram limpava e conseguiu sentir a velha casa se espreguiçando sob as mãos dele, suspirando e se acomodando para receber melhor os esforços do homem. A vassoura quase se despedaçou enquanto ele trabalhava, mas Ephram continuou a esfregar, usando o cabo e a protuberância esfiapada até que Ruby enxergou o tom marrom do piso. Então ele atacou o teto com um trapo que encontrou. Pequenos bolos de poeira e teias de aranha desapareceram dos cantos, carregando com eles as carcaças de quarenta ou cinquenta moscas. Os palitos de pernas de aranhas voaram para o chão.

Ruby observou enquanto Ephram perturbava as sombras de homens e mulheres enroscadas nos rodapés. Fazia nove anos que os mortos sem-teto usavam a casa para se abrigar, espíritos adultos

que não eram parentes de Ruby. Embora incomodassem, ela havia permitido que ficassem, já que não tinha motivo para expulsá-los. Eles isolavam os quartos e amorteciam a solidão.

Ephram começou a cantarolar baixinho enquanto fazia a faxina. Ruby ficou impressionada ao notar que ele sabia. Talvez o filho de um pastor soubesse alguma coisa sobre assombrações. Quem sabe fossem os anéis cor de lavanda ao redor das pupilas dele, ou talvez uma feliz coincidência. Ela observou a voz do homem vibrar contra a intrusão dos parasitas. Ele não ficou de pé nem estufou o peito. Simplesmente cantarolou baixinho, e o tremor de sua voz disse “Sai”. Eles bocejaram, despertando, e formaram uma fila, saindo vagarosamente pela porta.

Merda, pensou Ruby. Ele era mais do que ela imaginara. Aquele não era o homem que ela tinha visto se aproximando na noite anterior, o sujeito assustado que trazia apenas uma poça de vida no peito. Algo havia crescido dentro dele. E essa coisa tinha maré e ritmo. *Merda*. O cheiro era pungente e amargo, como o colchão. Estava dominando o cômodo. Por que aquele homem estava ali? O que ele queria tomar dela? Os olhos de Ruby se estreitaram para examinar Ephram. Que direito ele tinha de revirar a casa como se fosse uma panqueca?

Ela quase latiu:

— Ei.

Ele ergueu os olhos.

— Ei. — Ela suavizou o tom de voz para se adequar ao que pretendia.

Ephram estava começando a mexer no fogão a lenha. Algo grudento e negro como piche tinha aderido ao ferro anos antes.

— Você não precisa fazer tudo isso.

— Ah, mas eu vou.

Ele continuou a esfregar.

— Não.

Ruby foi até ele. Quando ela chegou, Ephram se virou para olhá-la. Ela estava perto o bastante para sentir o cheiro do homem, e pousou a mão sobre a dele. Queimava, mas ainda assim ela o segurou. Ruby colocou o queixo na dobra do pescoço de Ephram e

deslizou o braço ao redor das costas dele. Pondo-se na ponta dos pés, pressionou levemente a virilha contra a dele. Sentiu os pulmões do homem se encherem. Será que ele a penetraria com temeridade? Ou miraria mais em cima? Abriria o zíper da calça em cima da garganta dela? Uma raiva cansada brotou das entranhas de Ruby. Ela queria engoli-lo por inteiro. Soltaria quando ele estivesse devidamente treinado.

O quarto rangeu conforme o dia trouxe calor para debaixo dos braços e para o espaço entre as pernas de Ruby. Ela sentiu as mãos de Ephram ao redor da cintura. Ele praticamente a despreendeu de si e a carregou até uma cadeira solitária. Inclinou-se, os lábios próximos aos dela. Ruby viu a oleosidade acumulada nas curvas do nariz dele. Fechou os olhos.

— A gente já tem um boi no poço. Vamos deixar assim por enquanto.

Ruby piscou. Nesse exato momento, viu o que ele via. A pele flácida ao redor da caixa torácica dela. O espírito da mesquinha tentando escapar dela como se tivesse unhas. A imundície corrugada do cabelo dela. Contudo, havia ainda mais. O fêmur quebrado de sua alma. Ela poderia aceitar qualquer coisa de um homem, exceto pena.

— Seu maricas — xingou ela, correndo para fora da casa.

Ele a alcançou no primeiro degrau da varanda, a mão firme ao redor do pulso de Ruby.

Ela tentou se libertar.

— Me solta. — Mas ele não a soltou. Segurou o braço dela com força, então Ruby grunhiu: — Você não é o único homem que eu conheço.

— Eu sei.

— Você só está com medo.

— Pode ser — respondeu ele, gentil.

Mas Ruby sabia que aquilo era só parte da verdade. A vergonha se espalhou por debaixo da pele quando ela sentiu o fedor que subia de seu vestido, de seu corpo de espantalho. Sangue seco debaixo da unha do dedão, lodo acumulado nas linhas das mãos. E, como se não bastasse tudo isso, Ruby subitamente tomou

consciência do nó retorcido de suas próprias feições, a loucura escorrendo dos olhos.

Por um instante, ela se agarrou à menina que tinha sido, aquela que chegara a Nova York, recém-saída de Neches, limpa, com dezoito anos. Olhos assombrosos, uma bela pinta desenhada por Deus, maxilar anguloso, um balanço firme nos quadris. Um sorriso sedutor que atraía homens e mulheres, que colidiam uns com os outros para estarem perto dele, estendendo dinheiro, bebidas e drogas. Tudo isso e muito mais.

O ano era 1950, quando os literatos da cidade se adornavam com acessórios coloridos e simbólicos. Ruby tinha sido uma pulseira brilhante no braço de um dos adorados cidadãos nova-iorquinos. Mas isso foi depois; primeiro, ela precisara se ajoelhar no portão da cidade e escolher o que sacrificaria para conseguir entrar. A escolha fora fácil: a culpa.

CAPÍTULO 12

Ruby Bell não tivera dificuldade em encontrar o centro devasso da cidade. Ela nunca entrara por completo na casa do próprio corpo, mas foi fácil achar pensionistas. O Senhor Hubert Malloy foi o primeiro homem a lhe oferecer dez dólares em troca de sexo. Ela estava sentada no Brewster's, um pequeno piano-bar de jazz localizado na rua vinte e poucos, na parte oeste da cidade, ouvindo uma tépida interpretação de "Lush Life". Naquela manhã, Ruby gastara seis dos doze dólares que lhe restavam no vestido de cetim opaco que, à meia-noite, apertava sua cintura. Ficou bebericando água com uma azeitona e uma piscadela até que o senhor Hubert Malloy se aproximou.

Ele era um comerciante de peles cujo escritório no segundo andar tinha vista, por cima da Sétima Avenida, para a rodoviária. De segunda a sexta-feira ele observava homens e mulheres empanturrarem o lugar na hora da janta. Naquele dia, Malloy ficara até tarde no trabalho e vira a sogra, a esposa Bea e o filho do primeiro casamento dela enxamearem junto com aquelas pessoas para dentro do trem A, com destino a Far Rockaway. Entrara no banheiro próximo ao escritório, molhara um bolo de papel higiênico e se limpou bem limpinho lá embaixo. Depois seguira para onde garotas de cor e brancas fingiam ser iguais, no buraco negro de um bar subterrâneo.

Deslizara a mão até a lombar de Ruby. Ela não a afastou, nem mesmo para ver quem ele era, e Hubert soube que tinha encontrado sua garota. Ele era muito redondo e usava o cinto apertado demais para seguir a moda, mas a escuridão lhe dava coragem. Pagou um Manhattan para ela, porque Ruby disse que nunca experimentara o drinque, e a fodeu duas horas mais tarde, ao lado de uma máquina de costura Blaster com o fio passado,

peles de *vison* embaixo da agulha, esperando a costura. Pés balançando centímetros acima de escarpins pretos descartados. O corpo dobrado na altura da cintura, seios amassados no imenso carretel de linha. Calcinha branca de colegial. Sem meia-calça. O aroma das carnes curadas ao lado das unhas brancas dela. Ele adorou senti-la. Indecência negra e firme. O modo como ela arqueou as nádegas jovens para se oferecer a ele. A maneira como ela nem virou a cabeça quando ele peidou alto e molhado. Como, em seguida, ele a empurrou no chão, em cima de aparas de coelho e lobo, o rosto dela quase dentro da pá de lixo. Boca aberta sobre pele curtida. Ela não tinha peitos. O sutiã com enchimento jazia no chão, duas pequenas colinas de renda ao lado dela. Essa foi a única decepção dele. Mas ela era pegajosa e adstringente e parecia um menininho com batom borrado na garganta. Era uma drag queen preta com uma xoxota. Então foi fácil foder a boca e o ânus dela. Ela se abriu para tudo isso e bebeu o sêmen empelotado dele. Hubert deu a ela uma estola de coelho e um beijo com bafo de uísque na bochecha. Depois. Enfiou uma nota de dez dólares, habilmente embrulhada em um cartão que dizia "Peles da Bea", na palma da mão da garota. Então deu a ela duas moedas. A de vinte e cinco centavos era "para a condução", explicou. "E dez centavos extras."

Foi o dinheiro mais fácil que Ruby já ganhara.

Ela foi andando para casa. Carregou a moeda de vinte e cinco centavos junto de si, depois abriu a mão. A palavra "Liberty" pendia como uma faixa acima da cabeça do homem branco. Ruby se deu conta de que um dos significados do nome de sua cidade-natal era "liberdade". Foi fácil saber a quem aquilo se destinava. Tanto a liberdade quanto a moeda. Com a confiança e a bênção de Deus.

Então Ruby pensou no que mais Liberty significava. A Liberty dela. Estradas vermelhas e florestas de pinheiro. O sol bocejando no céu do Texas, cansado demais para acompanhar o passo da Terra rodopiante. Pensou a respeito do trem que a levava até Manhattan, o mesmo que levava a mãe dela até a cidade, dezessete anos antes. Mas sua mãe escolhera fingir. Embarcara negra e desembarcara branca em Nova York, despindo-se de Liberty

pelo caminho, incluindo sua negritude, seu pai e um bebê de pele marrom chamado Ruby Bell.

Ruby ficava constantemente maravilhada com a torrente de vida que a pressionava na rua. As marquises dos teatros assomando sobre sua cabeça. As bandas tocando nas esquinas, cantarolando jazz, blues, suingue. Os gritos dos taxistas, os sons da borracha no concreto e centenas de pés aterrissando na calçada, depois voltando a se levantar com determinação. Os olhares que a escrutinavam, alguns aprovadores, outros, não. A multidão de pessoas de cor e brancas se empurrando ombro a ombro nas ruas, nos ônibus e no metrô. Um enorme outdoor com uma negra estonteante chamada Katherine Dunham rodeada por negros usando plumas e máscaras, livros no alto das vitrines com escritores de pele marrom: Richard Wright, Gwendolyn Brooks e J. Saunders Redding sorrindo para os transeuntes. E as pessoas! Claro que Ruby passava por pessoas de cor com a cabeça abaixada, mulheres com uniforme de doméstica debaixo de sobretudos largos ou homens com macacões, as mãos arranhadas e cinzentas. Contudo, havia também as negras imaculadamente arrumadas, combinando saia e echarpe verdes, com cigarrilhas e poodles com coleiras também verdes, cabelos penteados e perfeitamente alisados debaixo de chapéus inclinados. Havia garbosos homens cor de chocolate usando ternos de veludo marrom e carregando pilhas de livros debaixo dos braços. Além dos vendedores de cachorro-quente e pretzel que olhavam para Ruby, havia brancos magros de cavanhaque que lhe lançavam sorrisos cordiais, brancos jovens, muito jovens, com cabelo despenteado e calças largas, e ainda mulheres severas com saias largas que distribuía panfletos sobre socialismo e reforma social e olhavam nos olhos dela ao convidá-la para reuniões. Ruby estava perdida e achada ao mesmo tempo. Vasculhava os muitos, muitos rostos, como vinha fazendo havia cinco meses, procurando o cabelo vermelho, a pele cor de creme e os olhos verdes da mãe, Charlotte Bell, como a fotografia colorizada que ficava sobre a cornija da lareira de Papa Bell. Ela sentia a mãe ali, mais perto que o ar, na periferia do olhar. Desde que chegara, Ruby seguia cada mulher de cabelo vermelho que via até conseguir

ver o rosto. Essa esperança a manteve em Manhattan mesmo depois de meses de buscas infrutíferas. Isso e uma nova liberdade semeada, uma liberdade afiada que parecia ter se enraizado nela assim que pôs os pés na cidade.

Ruby segurou com mais força a moeda do homem das peles. Quando chegou ao quarto de criada que alugava no Roger Williams Hotel, na East 31st Street, deixou a moeda retinir dentro de uma lata vazia de Band-Aid no armário de remédios, atrás da aspirina e da pomada para cabelo Dixie Peach.

Depois do vendedor de peles, Sherman Monty, o dono da *delicatessen* Monty's, localizada na 53rd Street, deu a Ruby uma caixa de provolone e cinco dólares em troca de um boquete. O gerente noturno do Roger Williams Hotel não cobrou por toalhas e lençóis em troca do direito de usar a mão de Ruby e o creme hidratante dela. O vizinho de quarto, o Senhor Moskowitz, deu a ela cinco pares de meia-calça em troca de sodomia regada a vaselina. Ruby também juntou as moedinhas deles.

Ela pensou em bater ponto na beira do Hudson, mas as outras mulheres tinham navalhas, sapatos melhores e cafetões. Ruby vira as mulheres que ficavam balançando como cabides em esquinas, com generosos decotes em V, bandanas vermelhas ao redor do pescoço e hematomas roxos mal-disfarçados.

Não querendo trocar a própria soberania pela brutalidade da proteção, Ruby passou três anos entrando em bares nos quais, sentada em bancos cinzentos, conseguia esconder os pés nas sombras do balcão. Aprendeu o que vestir e como falar e passou a deslizar para dentro e para fora da boca dos homens. Escureceu a pinta no canto da boca, os lábios e as sobrancelhas e descobriu a pulsação noturna do Village. Era 1953. Os *hips* e os *beats* fingiam fingir que a cor da pele era uma roupa que se escolhia para sair à noite. Ruby era mais do que bonita, fazendo com que homens e mulheres parassem no meio da rua, esbarrassem em postes de luz e dessem assobios longos e baixos. Ela era mais nova do que todo mundo e se dependurava facilmente em orelhas e gargantas. Até que, certa noite, uma branca robusta em uma mesa do restaurante

Jim Atkins's a convidou para o Julia's Place, um clube lésbico secreto e de segunda linha. Lá, ela aprendeu sobre o bar lésbico Swing Rendezvous, sobre o Stonewall, sobre seletas festas particulares e sobre o Pony Stable, onde mulheres com ternos de anarruga fumavam como se fossem chaleiras cheias de água em ebulição.

Ruby nunca teria descoberto o Page Three e Abby se não fosse pela facilidade das mulheres mais velhas. Nada para lavar. Nada de nós para desembaraçar do cabelo. Nada de batom de esperma nas luvas. E, em sua maioria, elas eram gentis. Caso contrário, era fácil derrotá-las. Uma olhada para um homem, uma calça masculina, um sopro de ar suave na direção certa e elas ruíam. Até mesmo a montanha mais firme e mais imóvel viria abaixo, e a avalanche sempre trazia uma compensação.

Além disso, havia os braços. Firmes, algemados, hidratados, macios, amplos, debaixo de lençóis impecavelmente brancos. Cotovelos dobrados encostando em barras de metal ou de madeira. Ou se alongando por trás de um topete para alcançar um cigarro sem filtro, brilhantina escurecendo uma faixa estreita de fumo de rolo. Esticando-se para pegar uísque com gelo derretido. Braços se erguendo, amarrados, pesados e velozes. Prontos para proteger ou causar dor.

Havia também as mãos. As lésbicas velhas carregavam países nos vales das palmas das mãos. Rios brotavam na colina dos dedos, na brandura das unhas. Dedões se projetando, penínsulas margeando o suor em um copo ou em uma coxa. Comprimindo a ponta de um Camel ou de um clitóris. Elas emanavam sexo da curva dos sorrisos, da abertura dos olhos. Ruby descobriu que elas eram os melhores homens que já tinha conhecido. Pois a virilidade delas coagulava no brilho cru do espírito, não na virilha, eletrizando o ímpeto de suas línguas e de seus dedos.

Abby Millhouse, a segurança do Page Three e melhor amiga da proprietária do clube, era alta, sem graça e muito branca. Deixara Ruby entrar na boate depois de barrá-la por um bom tempo. Ruby dera o tipo de sorriso que dizia que, caso se comportasse direitinho, Abby poderia ter companhia. Naquela noite, Ruby chamou Abby de

sua “Pequena Polegar”. Porque Abby, aos quarenta e sete anos, foi a primeira mulher a deslizar o dedão largo e arqueado por debaixo da calcinha de Ruby, enterrando-o e girando-o devagar, com firmeza e determinação, até que, em um arroubo de agradável compreensão, Ruby aprendeu a verdadeira magia dos polegares opostos. Ruby adorava contornar com a língua a grande lasca no dente da frente de Abby. Beijava os entalhes cicatrizados nas pernas de Abby e também o espaço deixado no joelho pela ausência da rótula, que ela explicou com orgulho depois de beber quatro uísques com refrigerante: tinha sido espancada até quase morrer pelos infames Batman e Robin, dois policiais famosos por atacar e matar sapatões velhas, bibas e drag queens perto da Washington Square e em vielas escondidas do West Village. Os médicos tinham dito que Abby nunca voltaria a andar. Ruby sorriu ao pensar em tal afirmação a respeito do corpo furioso de sua homenzinha, como Ruby a chamava ao grasnar baixinho durante o sexo, à medida que aquela guerreira osso-duro se transformava em queijo derretido debaixo do domo das coxas dela.

Quando Ruby contou que tinha ido para Nova York para encontrar a mãe, Abby pressionou o coração da garota e disse:

— Talvez você já tenha encontrado.

Então, uma semana depois de as duas se conhecerem, Abby foi ao Roger Williams Hotel e observou Ruby empacotar a vida em duas sacolas de papel, enchendo-as com: um vestido azul-marinho, uma estola de pele de coelho, um par de escaupins pretos, dois sutiãs com enchimento da marca Peter Pan, três calcinhas, uma calça capri, uma blusa de gola rolê preta, produtos de cabelo, escova de dentes, maquiagem e uma velha e tilintante lata de Band-Aid cheia de moedas de vinte e cinco centavos. Abby carregou as bolsas marrons por dezessete quarteirões, até o número 275 da East 12th, apartamento 7. Agora, Ruby alugava o corpo para Abby, aninhava a vida no colo quente de Abby.

Dentro do apartamento estreito e de cômodos perfilados, havia um colchão nu e torto em cima do piso de ladrilho e uma única lâmpada pendendo do teto, com um brilho turvo e, depois, intenso.

Uma cadeira de latão dobrável e bamba, com uma das pernas apoiada na parede para evitar que caísse. Uma chapa elétrica de apenas uma boca e uma panela para ferver água. Ruby rapidamente gastou as economias de Abby em um fogão Westinghouse e passou a comer as refeições que Abby preparava para ela. Retirou o lençol rasgado da janela e, no lugar dele, pendurou novas cortinas de *voil* verde-claro. Em apenas quatro semanas, apresentou Abby a parcelamentos e encargos financeiros. Elas pintaram as paredes de verde-claro. Ruby decidiu, Abby pintou.

Ruby escolheu muitas coisas. Sob a tutela dela, Abby foi a uma barbearia pela primeira vez na vida em vez de retalhar o próprio cabelo tigrado, que escorria e se aninhava na altura do pescoço. Ela começou a usar gravatas e paletós que Ruby escolhia e assumiu um novo ar de superioridade no Page Three. Ruby desempenhou seu papel tão bem que todas as meninas na boate passaram a ver Abby sob uma nova luz. No escuro, Ruby brilhava ao lado dela. E, quando a polícia apareceu às duas da manhã de um sábado de junho, no momento em que as duas estavam indo embora depois de fecharem a boate, foi Ruby quem escolheu fazer um boquete nos garotos no banco de trás do carro para que eles deixassem Abby em paz.

Abby esperou, encostada na parede sombreada, tentando não olhar pelas janelas embaçadas do carro. Viatura 244 — Batman e Robin. Quando eles chamaram Abby e abriram a porta do carro, Ruby foi até lá, rindo como se estivesse levemente embriagada, apesar de não estar. Ela se debruçou na janela até que o Batman irlandês de rosto vermelho sorrisse. Ele deu uma olhada para Abby, sussurrou algo para Ruby e então riu bem alto. Ruby se esgueirou para dentro do carro e as janelas se fecharam. Contudo, assim que ela sumiu de vista, Batman desceu o vidro com um rangido para olhar na direção de Abby.

Depois de um tempo, Ruby cambaleou para fora, rindo, dando tchauzinho. Até que a viatura 244 dobrou na Avenida A. Então o rosto dela desmoronou. Abby e Ruby caminharam até o apartamento em silêncio, os pés fazendo barulho na calçada, entrando e saindo das poças de luz derramadas pelos postes.

Carros risonhos passavam por elas, depois sumiam. O céu obscurecido em um negror.

Abby colocou um cigarro entre os lábios e acendeu. A pedra de sílex girou e a chama iluminou seus olhos vermelhos e inchados. Ela fechou a tampa do isqueiro depressa e tragou profundamente enquanto as duas andavam. Como era de costume, Ruby estendeu a mão e tirou o cigarro dos lábios de Abby, dando um longo trago e tossindo um pouco, como sempre fazia quando fumava um dos Camels dela.

Ruby foi atraída pelo cabelo brilhante e vermelho de uma drag queen magnificamente desmontada, cambaleando na direção delas, mais do que bêbada, um rastro de rímel descendo até o queixo, meia preta rasgada no joelho e nos tornozelos. Ela piscou para Ruby.

— Tem mais um?

Abby gesticulou para o cigarro na mão de Ruby.

— É o último.

A drag queen parou e fez um gesto com a mão.

— Tudo bem. Tem cinco centavos?

Abby enfiou a mão no bolso e deu a ela uma moeda de vinte e cinco.

A drag queen deu outra piscadela, agora para Abby.

— Obrigaaada, docinho.

Então as três continuaram a andar. A ruiva oscilando em cima de saltos altíssimos. Ruby deu mais um trago profundo no Camel enquanto caminhava ao lado de Abby. Então esticou a mão para recolocar o cigarro entre os lábios da namorada. Abby hesitou. Desviou a boca por apenas uma fração de segundo. Depois pegou o cigarro, limpando o filtro, eliminando os resquícios de Ruby e da viatura de vidros embaçados. Ao observar isso, Ruby sentiu o rosto queimar. Antes que Abby levasse o cigarro à boca, Ruby tomou-o das mãos da namorada, virou-se e chamou a drag queen, que já ia a meio quarteirão de distância.

— Ei! — Caminhou rapidamente até ela. — Quer?

A drag queen anuiu. Os lábios cor-de-rosa. Os olhos injetados, com rímel preto grudento.

— Obrigaaada, linda. — Ela pegou o cigarro.

— Troca aí. — Ruby gesticulou para a moeda de vinte e cinco centavos.

— Isso não está certo.

Depois, fitando ardentemente o cigarro, entregou o dinheiro a Ruby. Pegou o Camel e tragou forte, engolindo a fumaça. E saiu cambaleando e murmurando:

— Você sabe que não está certo.

Abby tinha parado perto de um poste. Ruby passou depressa por ela, depois foi obrigada a esperar na entrada para que ela abrisse a porta. Quando as duas entraram no apartamento verde-claro, Abby perguntou:

— O que foi que aquela drag queen disse para você?

Ruby mentiu, impassível:

— Perguntou se eu também sentia falta de um pau.

Abby ficou imóvel.

— O que você respondeu?

Ruby começou a se despir. Abriu o zíper e tirou o vestido com um movimento rápido.

— Eu disse “Claro que sinto”. — Tirou os sapatos. — Mas já dei um jeito nisso por hoje.

Abriu o fecho do sutiã. Deixou a calcinha no chão e saracoteou para dentro do banheiro.

A mão tremia quando ela trancou a porta e entrou, nua, no conforto da banheira branca e vazia, a moeda de Abby ainda na palma da mão. Abriu a torneira e assistiu enquanto a água fumegante subia. Abriu a mão, olhou para a moeda e pensou no vendedor de peles. Lembrou-se então de como havia jogado fora depressa o cartão de visitas dele. Mas a moeda do homem tivera um destino diferente. Assim como todas as moedas que agora enchiam a caixa de Band-Aid.

Elas eram os cartões que ela guardava. Recebera a primeira em 1939, no Clube dos Amigos, no condado de Neches, Texas, quando tinha apenas seis anos. Ruby pousou a moeda em cima dos pelos pubianos enquanto a água subia, cobrindo sua barriga. A água chegou na altura dos seios, do coração. Ela conseguia escutar Abby

andando ruidosamente do lado de fora do banheiro. Abrindo o armário da cozinha, quebrando um copo na pia. Imaginou Abby bebendo direto do gargalo. Então, Ruby deixou a mente vagar, atravessando um terreno cercado no leste do Texas, em Neches.

* * *

O CLUBE dos Amigos era composto por escritórios abandonados feitos de metal corrugado. Não havia grama por quilômetros, como se uma bota gigante tivesse pisoteado o solo e ordenado que nada crescesse ali. A Senhorita Barbara era a anfitriã, uma mulher cuja pele parecia gesso branco solidificado em montículos pegajosos. Ela usava uma peruca alta e manchada de tinta. Lábios de um cor-de-rosa pálido circundavam um sorriso com incisivos podres. Em geral, ela sorria com a boca contraída para camuflá-los, mas havia momentos em que algum ato aleatório de crueldade a fazia dar risada, expondo o marrom corrosivo. Essa era a mulher para quem Ruby era periodicamente entregue quando Papa Bell ficava doente, e com ainda mais frequência depois que ele morreu.

Na primeira vez que o Reverendo Jennings a levou para Neches, ela estava usando o vestido de domingo cor-de-rosa e sapatos pretos de verniz com meias de renda. A avó dela acatara a sugestão que o Reverendo fizera de que Ruby trabalhasse naquele verão para uma branca gentil que dirigia um colégio interno em Neches. Ruby seria paga para fazer companhia aos mais novos e buscar lenha, lavar louça e tudo o mais. Até que as aulas começassem, voltaria para casa a cada duas semanas, depois retornaria ao trabalho. Vovó Silvia tinha alisado o cabelo dela, prendendo-o em um coque elegante, e preparara uma sacola com roupas e uma refeição para a viagem. O Reverendo disse que estava indo a Nacogdoches para rezar no Templo Renascimento da Fé e que não se importaria de deixar Ruby em Neches.

Depois de uma hora de viagem, eles pararam em Zavalla, perto do lago Rayburn, para comer. Ruby se sentia nervosa por estar com o Reverendo, mas ele foi muito educado e fez perguntas do tipo que os adultos gostavam de fazer. Os dois conversaram sobre os

filhos dele, Ephram e Celia. Ruby perguntou se eles frequentavam o ensino fundamental na Lincoln, onde ela estudaria a partir do outono. O Reverendo disse que sim. Ruby comeu a coxa de galinha e os bolinhos de milho fritos que a avó preparara. O Reverendo deu a ela um copo de leite fresco que tinha um gosto esquisito, e os dois conversaram até que as pálpebras de Ruby ficassem tão pesadas que tombaram. Ela caiu em um sono profundo.

Quando acordou de um sonho muito estranho, o céu tinha ficado preto e o Reverendo estava sentado em frente a ela, sorrindo.

Ele disse que, como Ruby parecia muito cansada, deixara ela continuar dormindo depois de cochilar. O Reverendo embalou sua marmitta e derramou no solo o leite que sobrara na garrafa.

Os dois seguiram viagem por mais uma hora até o terreno da Senhorita Barbara, depois seguiram por uma tortuosa estrada de terra no meio da floresta que ia em direção a um prédio velho com uma luz vermelha na varanda. Havia uma velha bandeira em um dos lados da construção, que mais tarde a Senhorita explicou ser dos “Estados Confederados da América”.

Um homenzinho branco e estranho estava esperando do lado de fora. Era apenas um pouco mais alto que Ruby, mas tinha pernas mais curtas que as da menina. Usava uma boina xadrez em tons de azul, mas estava com as mãos e as botas pretas de sujeira. Quando viu o Reverendo, deu um aceno com a cabeça e bateu uma vez na porta da varanda.

A Senhorita Barbara apareceu. Quando a mulher abriu a porta, parecia estar fumando com o corpo inteiro. Deu um trago no cigarro e fez um afago na cabeça de Ruby. O homenzinho desapareceu.

— Oi, pessoal.

Ruby apenas maneou a cabeça, perplexa com a visão da mulher.

O Reverendo apresentou a menina à Senhorita Barbara. Em seguida, os dois adultos se afastaram alguns passos e cochicharam, muito perto um do outro, a boca dele quase tocando a orelha dela. Ruby viu a mulher entregar um envelope ao Reverendo, que olhou o conteúdo e disse, baixinho:

— Estão faltando dez.

* * *

RUBY FEZ marolinhas na banheira com os joelhos. Pegou um paninho e um sabonete. Um fio de cabelo marrom enroscado nele. Ensaboou o tecido e limpou a maquiagem do rosto, depois lavou debaixo dos braços. Tinha se esquecido de colocar a touca de banho e se conformou com o fato de que, no dia seguinte, acordaria com o cabelo arrepiado. Foi escorregando e enfiou a cabeça debaixo da água.

A Senhorita Barbara estava lá, logo abaixo da superfície, estendendo a mão a Ruby.

* * *

AS UNHAS da mulher eram de um tom berrante de cor-de-rosa e longas como as garras de um gambá. Ruby recuou. Ficou ainda mais assustada quando a Senhorita Barbara sorriu. Não conseguia parar de encarar aqueles dentes. Parecia que um rato tinha roído os cantos escuros deles.

“Deus não gosta de gatinhos assustados.” A voz soou alta e doce, como se as duas fossem velhas amigas. Então ela deu uma piscadela para a menina e estendeu a mão outra vez. Ruby não tinha mais nenhum lugar onde se segurar, então deu dois dedos à Senhorita Barbara, que a puxou para dentro do prédio. A sala era uma nuvem de fumaça, como se a chaminé tivesse sido fechada. E havia também o fedor. O cômodo cheirava como um poço dentro do qual uma cobra aquática tivesse morrido, com um aroma um tanto doce e pegajoso borrifado por cima. Os cinzeiros estavam cheios de guimbas, e garrafas vazias de Coca-Cola repousavam ao lado deles. As luzes zumbiam e piscavam no alto, e havia um sofá cinzento no meio do piso, como um gato com migalhas no bigode. Revistas estavam espalhadas na mesinha de centro: *Life*, *Look*, *Movie Time*. Um sanduíche pela metade fez Ruby lembrar que estava com fome. Ela não tinha certeza, mas o lugar parecia uma espécie de sala de espera. No entanto, a Senhorita Barbara continuou andando e entrou em um corredor longo e escuro. O coração de Ruby começou a bater mais rápido à medida que ela seguia a mulher. A menina

teve a sensação de que ficava cada vez menor conforme atravessava o corredor, enquanto o cheiro ia ficando mais forte. O chão estava pegajoso e preto. Havia portas dos dois lados, a maioria fechada. Quando passou pela primeira aberta, Ruby viu as pernas de uma menina branca pendendo da beirada de uma cama. Espreitou e viu o rosto dela. A garotinha parecia uma boneca que Ruby tinha visto na vitrine de uma loja popular em Newton, os mesmos olhos azuis e o mesmo cabelo loiro e comprido, exceto pelo fato de que o da menina estava todo bagunçado. Ela parecia entediada, até que notou a presença de Ruby e botou a língua para fora.

A Senhorita Barbara deu tapinhas nas costas de Ruby a fim de apressá-la. Havia sons vindo de trás das portas fechadas. Vozes abafadas que fizeram a garganta de Ruby se apertar. A mulher a conduziu até um quartinho, então falou, dirigindo-se à fumaça que subia das próprias mãos:

— Este aqui é o seu quarto, querida. O banheiro fica no fim do corredor, mas estou vendo que você é muito moreninha, então vai ter que usar o lá de fora. Eu acho isso um bocado inconveniente, mas são as regras. Você precisa pedir permissão antes de ir. E não fica mexendo aqui nesse abajur, porque ele serve para as pessoas saberem o que é o quê, está bem? Vou chamar você de Bunny. Qualquer dúvida, é só perguntar por mim, Senhorita Barbara.

Ela ficou olhando para Ruby por um bom tempo, depois saiu. A menina ficou sozinha no quarto minúsculo. Alguma coisa a respeito da solidão fez com que sentisse falta de ar, então ela caiu de quatro no chão, tentando respirar. Ficou tonta, até que suas estranhas lhe mandaram diminuir o ritmo do coração. Ruby colocou as mãos no peito e fez pressão, acariciando a si própria como acariciaria um gato. Depois de um tempo, a pulsação foi diminuindo e voltou ao normal. Ela continuou fazendo isso enquanto examinava o quarto. Estava quase vazio, a não ser por um beliche estranho, com a parte de cima parcialmente cortada. Foi nesse momento que Ruby chegou à conclusão de que estava sonhando. Então, o criado-mudo era um criado-mudo de sonho. Com um abajur de sonho, horrendo e sem cúpula. O pratinho de sobremesa vazio ao lado dele também era de

sonho. As paredes de sonho eram altas e de um tom escuro de amarelo, com o papel de parede cheio de bolhas de ar até o teto.

Depois de um tempo, Ruby ficou cansada de ficar em pé e começou a morder a boca. Descobriu que morder o interior macio da boca era um jeito de passar o tempo enquanto ficava sentada na igreja. Pressionou o dedo do lado de fora da bochecha e a empurrou até os dentes. Nesse momento, parou, porque conseguia sentir aquilo, e em sonhos não se sente nada. A barriga de Ruby soltou um ronco de faz de conta e começou a se revirar. As pernas ficaram cansadas, então ela se sentou no único lugar disponível: subiu na cama e deixou as pernas penduradas na beirada, os sapatos batendo de leve na estrutura de madeira do móvel. Quando a porta rangeu, o coração de Ruby subiu até a boca.

Uma menininha mulata de não mais que sete anos apareceu. Deslizou para o interior do quarto e continuou olhando para Ruby, depois olhou para o prato de sobremesa. O cabelo da garota era vermelho como o da mãe de Ruby, mas com alguns fios loiros. Os olhos eram de um tom claro de cinza, e ela tinha uma covinha debaixo da bochecha esquerda.

— Você ainda não recebeu nenhum amigo?

Ruby olhou para trás em resposta.

— Você tem o direito de guardar as gorjetas. Não acredita em ninguém que falar outra coisa. Tentaram pegar as minhas, mas aí eu aprendi.

As duas se encararam por um tempo.

Então a menina falou:

— Nunca diz o seu nome para eles.

Ruby não entendeu, mas algo dentro dela teve a sensação de que acabara de ouvir o Evangelho.

Ela anuiu ao mesmo tempo que a Senhorita Barbara chegou à porta com uma cúpula. Com o rosto contraído, a mulher disse:

— Tanny, volta para o seu quarto.

Tanny se enfiou debaixo do braço da mulher e fez uma careta engraçada, o que amenizou em Ruby o terror que estava se acumulando como um alagamento. Ela saiu pela porta.

O olhar da Senhorita Barbara se cravou em Ruby.

— É melhor você deixar essa daí fora do seu quarto. Ela não é boa influência.

Então a mulher deixou um sorriso transparecer no rosto enquanto ajeitava a cúpula no abajur. Em seguida, desapareceu. Um homem com a cabeça grande e quadrada entrou. A parte de cima e a parte de baixo do crânio quase formavam ângulos retos. Ele era branco que nem cola, com olhos vermelhos e lacrimosos. Tinha um cheiro azedo, como o uísque de centeio que Papa Bell guardava para os domingos. Sua gravata estava afrouxada. Ruby pensou em como aquilo parecia o lenço que a tia Girdie usava antes de se mudar para o Kansas para se casar com aquele porteiro e em como os sonhos faziam as pessoas pensarem em tantas coisas engraçadas, vindas de todo lugar. Por exemplo, como os homens da vida real não andavam por aí com corpos pequenininhos ou cabeças quadradas. O sujeito mexeu a cabeça para indicar que queria se sentar ao lado de Ruby na cama, então ela abandonou o lenço e a tia Girdie e se arrastou para o lado, o coração batendo com tanta força atrás dos olhos que ela teve certeza de que acordaria. Além disso, ela queria, precisava acordar, porque alguma coisa naquele homem silencioso ao seu lado era mais terrível do que qualquer monstro que ela já tivesse imaginado. Ruby começou a beliscar o próprio braço. Deu beliscões cada vez mais fortes, mas o sujeito permanecia ali sentado, as mãos juntas entre as pernas, cabeça baixa. Continuou se beliscando enquanto mantinha os olhos nos dedos do homem, nos polegares quadrados, nas manchas amarronzadas na parte interna deles. Foi limpando os fios de sangue que brotavam na pele e continuou se beliscando enquanto ela e o homem ficavam sentados, eternamente. Parou quando viu o corpo do estranho começar a tremer e as mãos dele voarem até o rosto, como se tentassem conter uma bomba d'água em funcionamento. Ele gemeu, catarro e lágrimas escorrendo pelos dedos e pelos braços. Chorou alto, feito um bebê. Gritos melódicos e grandes goles de ar. Ruby pensou que aquilo pararia, mas só foi piorando até o homem desmoronar, abraçando a própria barriga como se alguém o tivesse socado, e esconder o rosto da luz do abajur. Ele chorou como se o mundo tivesse se partido ao meio,

como se tivesse perdido o primeiro filho, a mãe e o melhor amigo. Ruby nunca tinha visto um corpo tão triste, nem mesmo o do tio-avô Tippy depois de perder o cachorro, Pete, que morrera aos dezesseis anos. Ou mesmo o de Papa Bell quando falava sobre Neva. A tristeza do homem de cabeça quadrada a afetou. Ela inspirou o aroma agridoce que ele emanava. O cheiro preencheu seus pulmões e arrancou lágrimas de seus olhos. Ruby sentiu tanta pena dele que cometeu o erro de estender a mão para ajudá-lo, e ele se virou para ela.

As coisas que o homem fez com ela a machucaram mais do que qualquer coisa que Ruby conhecia, e de maneiras que ela nunca tinha imaginado que podia ser machucada. Mas o que mais machucou foram as coisas de que ele a chamou. Ruby não sabia o significado daquelas palavras, mas as sentiu rastejando pelo corpo, movendo-se dentro dela como se fossem veneno. *Putá, oferecida e vagabunda*. Os dedos manchados do sujeito a agarraram, abriram e lambeiram por todos os cantos, moveram-se dentro da calcinha de Ruby e depois a abaixaram, as mãos como patas de lagosta. A raiva saindo como suor do corpo dele e entrando no dela, as palavras sendo ditas para o centro do crânio da garota. *Piranha safada. Putá de merda*.

Então... então Ruby vasculhou a escuridão de seu próprio corpo e encontrou um esconderijo em meio aos galhos do cinamomo. As folhas fartas, sempre verdes. O céu cheio de estrelas e grilos. Havia sons acima dela, sons horríveis, então ela se aproximou ainda mais e rezou para a árvore. O cinamomo respondeu, e Ruby viu sua própria mão se transformar em casca, cheia de sulcos marrons, os dedos virando pequeninos ramos vivos de onde pendiam frutos dourados. O torso da menina se fundiu ao tronco e os dedos dos pés passaram a repousar debaixo do solo. O céu tremeu, mas Ruby agora era a árvore. Ficou ali, segura, e esperou até que a tempestade passasse.

No entanto, a garota que ainda estava na cama, presa debaixo do peso de um gigante, não tinha esse refúgio. A maré de ódio do homem se derramou sobre ela, preenchendo cada centímetro, até que ela não teve opção a não ser engolir aquilo.

Sua crioula puta. Sua pretinha piranha.

E então foi nisso que Ruby se transformou.

Um vaga-lume dentro daquela menina lutou contra isso. Nesse momento, como se soubesse, sentisse, o homem deu um tapa nela, como um pai que disciplina a filha. Com a força necessária para provocar um raio de medo que quase a levantou da cama e que acabou despedaçando-a, pedaços voando feito vidro e aterrissando por todo o corpo dela. Cada um continha uma fração do momento. O teto, o olho vermelho do homem; o papel de parede, a boca do sujeito se abrindo; o abajur e o vaga-lume. Esse último pedaço se cravou na carne dela, mais fundo do que ela poderia imaginar, e permaneceu dormente pelos muitos anos que se seguiram.

Ruby não saiu do esconderijo até que o homem estivesse chorando de novo ao lado dela. Pressionando-a contra o rosto molhado, apressando-se em vesti-la novamente, chorando com tanta intensidade e por tanto tempo que, quando o sujeito perguntou se ela pensava que ele era mau, Ruby sabia que era para responder “não”. Ao sair, ele sorriu como um menino que tivesse quebrado o abajur da mãe. Enfiou a mão no bolso e colocou duas moedas no pratinho de sobremesa — uma delas de vinte e cinco centavos. A primeira gorjeta de Ruby, dada pelo primeiro Amigo.

A Senhorita Barbara entrou de novo no quarto, retirou a cúpula e entregou a Ruby uma toalha úmida e um vestido azul. “Vai se limpar agora, Bunny, tem outro amigo vindo ver você daqui a uns dez minutos.”

Durante as duas semanas seguintes, foi nesse lugar que Ruby esperou toda noite, com adultos brancos entrando na pequenez de seu quarto. Ao irem embora, deixavam tilintar uma moeda de vinte e cinco centavos, às vezes mais, no pratinho de sobremesa vazio. Ela ficou sabendo que algumas mães e avós levavam bolsinhas de moedas para suas meninas. No quinto dia, um homem, que a Senhorita Barbara disse ter pagado a mais, falou para Ruby que ela própria era uma bolsinha de moedas, enfiando o dinheiro dentro da menina e sussurrando: “Ding, ding.”

Ruby preferia que os visitantes lhe dessem doces em vez de gorjetas. Naquele prédio inteiro não parecia haver um único chiclete de menta Wrigley's, uma bala Pixy Stix ou chocolate Chunky Bars para se desembrulhar nas mãos de uma menininha! "Mas tem muito quebra-queixo", ela ouviu a Senhorita Barbara debochar.

Tanny e Ruby eram as únicas meninas de cor com a Senhorita Barbara. Uma vez, a mulher disse: "Vocês são importantes aqui, porque com uma garota de cor os homens podem fazer coisas que simplesmente não conseguem fazer com as brancas." Ruby sabia que as meninas brancas eram sempre boas meninas, mesmo quando eram más, mas que as pretas começavam más e podiam ser qualquer coisa depois disso.

Em uma longa noite, depois de receber visitas de mais de oito Amigos, Ruby caiu no crepúsculo do sono. Acordou quando a porta se abriu com um rangido e o homenzinho de chapéu entrou sorrateiramente, estendeu a mão e recolheu três dólares e vinte e cinco centavos do pratinho de sobremesa. Sem pensar, Ruby saltou em cima dele, braços e pernas voando, disparando pelo ar como se fossem balas de revólver, os pequenos punhos enovelados batendo com força e rapidez. Ele a segurou, rindo, e a empurrou para a cama.

"Certo, certo, eu só estava contando."

Ruby ficou sem fôlego, ofegando no colchão.

Ele já estava se virando para sair quando disse: "A Senhorita Barbara tinha razão. Você já nasceu puta."

Ele nem precisava ter falado isso. Ruby já sabia. Já sabia que era uma puta. Uma puta preta que era capaz de ganhar três e vinte e cinco de gorjeta em uma só noite.

* * *

RUBY SABIA quem era ao sair da banheira de água fria, os dedos enrugados, o corpo tremendo. Percebeu que, de algum modo, tinha se esquecido desse fato, brincando de casinha no número 275 da East 12th, procurando uma mãe que desde cedo tivera a sabedoria

de deixar os problemas para trás. Ruby não se esqueceria disso de novo.

Pegou a moeda da banheira que se esvaziava, depois se secou e foi para a cama. Abby estava enroscada no canto mais distante. Ruby sabia que a namorada tinha chorado até cair no sono, mas ela própria não chorava. Coisas malignas raramente choram.

Uma semana depois, Ruby decidiu trocar Abby por coisa melhor, praticamente trepando com uma sapatão mais rica na pista de dança do Page Three, bem na frente da namorada. Abby correu até as duas e deu uma bofetada violenta em Ruby, que escorregou pelo chão e acabou batendo na perna de uma mesa. Levantou-se, apoiou as costas no bar e tocou de leve o sangue que saía da boca. Fumou um cigarro sem tossir enquanto as duas mulheres brigavam. Feio. E continuou observando enquanto as duas rolavam na rua, ensanguentadas. Do lado de fora, viu uma ruiva alta se afastando da confusão, uma graça singular no jeito que caminhava. Ruby nem se deu ao trabalho de virar a cabeça.

CAPÍTULO 13

Ruby piscou e, em um instante, onze anos escorreram por seu rosto. Ephram a conduziu de volta para dentro da casa e a fez se sentar na beirada da cama. O dia se transformava em noite. Ela olhou para o lugar onde morava havia mais de uma década. Estava tarde. Ela se perguntou quando tinha ficado tão tarde. Nova York, Liberty, o escorregão para o fogo do inferno. Todos os quarenta e dois anos desabaram em cima do corpo de Ruby, derrubando-a em uma cadeira.

Ela conseguiu empurrar as palavras para fora da boca:

— Em que ano a gente está?

Ele respondeu imediatamente:

— Mil novecentos e setenta e quatro.

Ela perdera onze anos andando pelas ruas vermelhas de Liberty. Sem que Ruby notasse, a idade havia se esgueirado para dentro de suas articulações, para debaixo das cinzas da pele. Quase nua, sentada diante de Ephram, ela ficou encarando os olhos dele, suaves e tristes.

— Mil novecentos e sessenta e três. — Ruby balançou a cabeça. Olhou para as próprias mãos e, num sussurro baixinho, disse: — Eu não sou a mulher que já fui.

Ele sorriu.

— Você é um mulherão, Ruby, nunca duvide disso.

Ela desviou o olhar para a janela.

Ephram segurou a mão dela.

— Mas vou dizer uma coisa. Eu estou mais interessado na mulher que você ainda vai ser.

A gratidão inundou o corpo de Ruby. Pela primeira vez em onze anos, aquela futura mulher também interessava a ela. O quarto estava quase cor de cobre com a luz do sol da tarde. Ephram

encontrou a mão dela e segurou-a com delicadeza. Algo como uma pequena janela se abriu na garganta de Ruby, e as primeiras lágrimas começaram a descer pelas bochechas.

Nem Ruby, nem Ephram ouviram a primeira batida na porta, nem a segunda. Quando as janelas começaram a trepidar e uma voz estridente chamou “Ooooooo-oiiiiiiiiiii. Oooooo-oiiiiiiiiiiiiiii... alguém em casa?”, o encanto se quebrou. Ela escutou o som de algo se quebrando e um ganido.

Ruby encontrou o peso das próprias pernas, levantou-se, abriu a porta e saiu para a varanda, ficando cara a cara com Supra Rankin, Righteous Polk, Tressie (esposa de Moss Renfolk) e Verde (filha de Supra), que estava saindo do meio das vinhas enquanto reclamava: “Maldita escada.” Ruby recuou e, inadvertidamente, fechou a porta atrás de si. As mulheres pareciam assomar sobre ela, carregando potes Tupperware especiais com salada de batata, bolo de mirtilo, bacalhau com ervilhas e galinha ensopada, um olhar de determinação impiedosa no rosto de cada uma delas.

Supra era uma mulher grande e angulosa, com seios igualmente grandes e angulosos. Usava um vestido verde simples. O cabelo, grisalho com generosas faixas em tons de bege, estava preso tão apertado que repuxava os cantos dos olhos. Supra tinha um metro e meio, o que fazia com que as pessoas brincassem dizendo que, se não a conhecessem bem, duvidariam de que ela fosse a mãe dos garotos Rankin. Os sapatos marrons e confortáveis nos pés dela estavam cobertos de poeira.

As mulheres se aproximaram de Ruby como se fossem galinhas atrás de um punhado de milho.

Ruby se virou e correu em direção à porta fechada. Sentiu como se a casa tivesse dado um soco nela. As mulheres a giraram.

Ephram gritou de trás da porta fechada:

— Ruby? Está tudo bem?

— Menina, como é que você está se sustentando? — começou Supra, as mãos afagando os ombros de Ruby até ela sentir um rosnado na base de suas entranhas.

— É, como é que você tem se virado? — indagou Righteous com uma voz aguda inconfundível.

Ephram tentou abrir a porta, mas as mulheres estavam encostadas nela.

Tressie Renfolk, uma matrona com cara de menina, manteve os lábios contraídos em uma linha fina e estendeu, em um gesto desengonçado, a salada de batata para Ruby.

— A gente trouxe isso das Mulheres Auxiliadoras.

Righteous amaciou a coisa, explicando:

— A gente já estava cozinhando um monte de coisas para o velório do Junie Rankin hoje à noite, então pensou que podia trazer um pouco para você.

— Isso aqui também — acrescentou Verde Rankin, confiando uma Bíblia surrada às mãos de Ruby.

Righteous tirou outra Bíblia da bolsa.

— A gente pensou em estudar um pouquinho também, se estiver tudo bem para você.

Ephram empurrou a porta até as mulheres se desencostarem. Tomou a mão de Ruby:

— O que é que vocês querem aqui?

Como se obedecendo a um sinal, todas as quatro estreitaram os olhos ao verem o homem. Supra colocou o braço ao redor de Ruby e passou por Ephram como se ele não estivesse ali. Aquelas quatro mulheres tinham acariciado e elogiado Ephram desde que ele era criança. Ao longo dos quarenta e cinco anos anteriores, ele fora o exemplo perfeito de virilidade cristã. Quando elas o ignoraram, Ephram sentiu essa frieza como sorvete em uma cárie.

Conforme atravessavam a soleira da porta, as mulheres pararam e notaram o estado da casa. Uma vassoura jazia ao lado de um balde, enegrecido com Deus sabia lá o quê. Restos de sujeira ainda se encontravam presos ao chão. Trapos usados, cada centímetro da cor do alcatrão, repousavam no piso.

Righteous deixou escapar um “Jesus amado!”. Verde puxou o lenço e comprimiu-o com força no nariz e na boca.

Supra murmurou uma oração contra a imundície demoníaca.

— Cria em mim um coração limpo, ó, Senhor; e renova dentro de mim um espírito justo. — Ela olhou para Ruby, que estava distraída, a Bíblia e a salada oscilando nos braços ossudos. — Criança, a

gente estava querendo vir aqui ver como você estava. Dá para ver que está precisando da palavra de Deus.

Righteous se juntou a Supra, pondo-se ao lado esquerdo de Ruby.

— É, a gente estava mesmo querendo fazer isso. Como é que você *está*, menina?

Verde deu uma olhada na casa.

— Estou vendo que você andou fazendo faxina.

Os lábios de Ruby estavam se retorcendo, mas os olhos permaneciam atentos e selvagens. Ela começou a tremer e, em seguida, a se inclinar para a frente. Supra a segurou antes que ela caísse no chão.

Ephram pegou o cotovelo de Ruby, afastou-a delicadamente de Supra e disse:

— Eu queria agradecer por vocês terem vindo visitar a Ruby hoje, mas, como podem ver, ela está muito ocupada...

— Vocês já andaram ocupados o bastante ontem à noite, não foi? — disparou Supra, entre os dentes.

— Pode deixar com a gente agora, Ephram — dispensou-o Tressie, com antipatia.

— Você não precisa ir para casa, não? — provocou Righteous, baixinho.

A vergonha pegou Ephram de surpresa, engrossando a língua dele na garganta.

Então Supra pousou a salada de batata de Ruby no aparador. As outras mulheres seguiram o exemplo. Supra tomou as mãos de Ruby e começou:

— Ruby, eu conhecia a sua mãe e chamava a sua avó de amiga, então espero que você saiba que é de coração o que eu estou falando. O Diabo se agarrou em você, e ele é como o piche, querida, gruda em qualquer lugar em que encostar. E, se você tentar se livrar dele com as próprias mãos, só vai ficar mais enrolada e presa.

— Amém — sussurrou Righteous.

Supra olhou com firmeza para Ephram.

— E quem vem ajudar com boa intenção nos lábios, mas pecado no coração, fica preso nesse piche do mesmo jeito. — Ephram viu Ruby tentar dizer algo com os olhos, mas Supra continuou: — Agora, que pena que a gente não veio aqui antes, mas viver num mundo de pecado deixa você cansada de lutar tentando apagar o fogo com um dedal e começa a cuidar do seu próprio quintal, da sua própria boa família. Mas, quando a minha amiga Celia desabou e abriu o coração lá na igreja, bem, aí a gente falou com o Pastor e ele concordou em encontrar a gente perto do lago.

— A gente ia gostar muito se você fosse com a gente para o lago, para um batismo. Lavar o seu espírito no sangue do Cordeiro — falou Tressie, o rosto infantil tomado de preocupação.

— Lavar a bunda dela pode ser um bom começo — resmungou Verde, a boca coberta pelo lenço.

— A gente tem três diáconos e a nossa nova Mãe da Igreja, Celia, esperando lá também. Ela não tem rancor nenhum de ninguém por nada. É assim que ela é — interveio Righteous.

— Eles estão rezando lá enquanto a gente veio aqui buscar você. Se a gente não for lá direto, eles vão vir aqui mais tarde e vão te pegar — acrescentou Tressie, o rosto sombrio.

— A Ruby não vai a lugar nenhum — interrompeu Ephram.

As mulheres o ignoraram.

— A Celia disse que o Diabo estava satisfeito com a sua alma, mas agora ele está querendo puxar o resto de Liberty, um por um, para o inferno, e ninguém pode deixar isso acontecer. Ela disse que, quando ele consegue pegar um homem bom como o Ephram Jennings, então é porque nenhum de nós está a salvo — explicou Righteous, balançando a cabeça de tanta preocupação, a pele lisa como um seixo de rio.

Supra empurrou Ruby em direção à porta.

— Agora vamos lá, minha filha, não é uma questão de se, é uma questão de quando.

Ruby se recompôs, sentiu o olhar de Ephram firme em cima dela e puxou a mão, desvencilhando-se de Supra. Os dedos da mulher eram como gelo. Ruby sentiu seu braço se transformar em um

sincelo. Em um instante, soube que deveria dar um soco naquela mulher. Em um instante, soube que a mulher gritaria.

Ephram engoliu depressa a vergonha silenciosa, devolvendo-a para suas entranhas, que era o lugar onde ela deveria ficar.

— Sinto muito, mas vocês precisam ir embora.

Supra se posicionou.

— Eu não estava falando com você, Ephram Jennings. Você está com um tom de voz de quem mergulhou e fritou na incorreção. Eu estava falando com essa pobre criança atormentada.

— Vai me desculpar, senhora Rankin — soltou Ephram —, mas vocês demoraram onze anos para chegar aqui, mais um dia ou dois não vão fazer diferença.

— E quanto tempo você demorou? — disparou ela de volta.

Ele olhou para Ruby. Ela permitiu que seus olhares se encontrassem.

— Tempo demais.

Uma calma recaiu sobre Ruby, e o gelo derreteu.

— Mamãe, a gente já pode ir? Dá para cortar o fedor desse lugar com uma faca, de tão sólido que é — choramingou Verde através do lenço.

Supra colocou a mão no rosto de Ruby.

— Minha filha, a sua mãe pode ter caído em desgraça, mas isso não quer dizer que você tenha que fazer igual. Você precisa escolher o caminho certo, senão o mal ganha toda vez.

Verde começou a empilhar os Tupperware, segurando-os contra o peito.

Supra olhou de maneira ameaçadora para Verde, então se virou para Ruby e disse, em um tom mortalmente baixo:

— As pessoas não vão deixar essa coisa deformar o tecido da cidade. Você vem com a gente ou a gente vem até você, mas a gente vai alcançar a sua salvação no domingo. — Depois, entre dentes trincados, disse a Verde: — Deixa as coisas aqui.

Ruby finalmente falou. Virou-se para Verde e disse:

— Deixa tudo, menos o bacalhau com ervilha.

Verde olhou com avidez para o bolo e a galinha, depois para a mãe, que fez que sim com a cabeça. Verde saiu encolerizada da

casa segurando o bacalhau com ervilha, seguida por Righteous, Tressie e, por fim, Supra.

Quando a porta se fechou, Ruby olhou para Ephram. Expirou e deixou o piso sustentá-la, então explicou:

— Eu sempre odiei bacalhau com ervilha.

— Elas também nunca fizeram nem uma coisa para me salvar.

Ephram sorriu, de modo que Ruby também encontrou o próprio sorriso e retirou a poeira dele. Os dois se olharam por tempo o suficiente para que o sorriso dela se acomodasse.

Então Ruby se afastou de Ephram e da casa de Papa Bell e caminhou para dentro da floresta de pinheiros. Encontrou o caminho estreito que havia tomado tantas vezes quando era criança, seguindo-o até chegar ao outro lado das terras dos Wilkins, no local onde eles enterravam os parentes, mesmo depois que todos haviam se mudado para Beaumont. Todos, exceto Maggie. Ruby viu de longe o túmulo, salpicado com as folhas verdes e aneladas do salgueiro. Desejou que Maggie tivesse uma lápide. A menina merecia ao menos aquilo, com algo doce e secreto talhado na frente — mas as irmãs tinham construído uma cruz boa e resistente. Ruby se ajoelhou por um momento, a mão espalmada no solo. Depois se deitou a menos de três metros dali, perto de um ramalhete de junquinhos que balançava ao vento. Fora até ali em busca de respostas, mas, como não tinha certeza de que perguntas queria fazer, inspirou a doçura e irrompeu em centenas de pequenos botões amarelos, dormindo enquanto a tarde virava noite.

* * *

NO RESTANTE do dia, a estrada na frente da propriedade dos Bell ficou mais movimentada do que estivera em anos. Ephram passou por lá exatamente quatro vezes, uma para pegar emprestadas uma tina de banho e uma muda de roupas com Rupert Shankle, uma para encontrar um galho de cedro caído para cortar e transformar em lenha para o fogão e duas vezes para comprar coisas fiado no P & K. Ele já usara os dez dólares que tinha ganhado de Gubber e ainda

não estava pronto para encarar Celia ao buscar a carteira. Ephram amaldiçoou a si mesmo por ter se esquecido da lamparina a óleo na segunda vez. Nas duas vezes, passou em silêncio pela aglomeração em frente ao P & K, causando uma agitação ao sair.

Havia também as crianças que tinham ido à igreja de manhã, quando a Irmã Jennings — agora Mãe Jennings — contara à congregação que o Diabo estava morando nas terras dos Bell. Nunca tendo visto o Diabo em pessoa, cerca de seis delas se empoleiraram na cerca do outro lado da estrada, em frente à casa dos Bell, e esperaram que ele mostrasse a cara.

Naquele dia, aproximadamente outras vinte pessoas se flagraram vagando pela estrada até a propriedade dos Bell, curiosas para verem se Ephram cairia e começaria a espumar o mal pela boca. Em vez disso, assistiram a um homem solitário limpar, carregar e puxar coisas. Mas isso já foi mais do que o suficiente. Não era a exibição de pecado que Celia Jennings pintara tão lindamente durante seu testemunho naquela manhã, mas sim o espetáculo puro, inalterado, delicioso e profano da coisa. A vadia maluca igual a um espantalho tinha ficado com o diácono taciturno de Liberty. Era a melhor fofoca que a cidade tivera em vinte e três anos.

Chauncy Rankin e o irmão passaram de carro, devagar, enquanto o entardecer dava lugar à noite e os dois se encaminhavam para o velório do tio. Estacionaram logo à frente na estrada e observaram a casa iluminada. Chauncy se perguntou por que não tinha pensado em limpar a garota e o lugar adequadamente, de modo que ele e Percy pudessem tê-la à disposição sempre que tivessem vontade. Amaldiçoou Ephram em silêncio e percebeu que, apesar de conhecer o homem havia muitos anos, nunca dera a ele o devido crédito.

A noite encontrou Ruby deixando o túmulo de Maggie para trás. O perfume das florezinhas claras ainda emanava de seus poros. Ela seguiu em meio aos pinheiros silenciosos e observadores. Quando chegou em casa, as janelas brilhavam com uma luz cor de âmbar. A bomba d'água refletia o luar.

Ruby imaginou Ephram do lado de dentro e sentiu uma mão gentil no coração. Contudo, suas crianças a chamavam, então ela foi até o cinamomo e se ajoelhou. As vozes se ergueram do solo como música, violas e flautas, entrelaçando-se em uma só canção. Ela sentiu os muitos pequenos fantasmas que ainda se escondiam em seu corpo. Aqueles que ela ainda não tinha parido. Eles se reviravam e se mexiam dentro dela. Ruby olhou para os últimos sussurros do entardecer azul-escuro e se sentiu compelida a cavar não apenas um túmulo, mas vários. Então, aguardou a dor e as contrações, vendo mais um assassinato.

De repente, as crianças que ainda habitavam o corpo da mulher olharam para os pequenos túmulos de terra revirada. Algo estava diferente. Elas se moveram em sincronia. Ruby sabia que era a hora. Os fantasmas não a dilaceraram, como tinham feito todas as noites durante anos. Em vez disso, flutuaram, um a um, saindo da barriga dela, suaves como um sopro de talco. Não era um parto, e sim um êxodo manso.

O último espírito a sair foi a filha de Ruby. Aquela que a seguira desde Nova York, que aparecera na plataforma do trem.

A filha de Ruby. A doce bebê a quem ela nunca dera um nome. A menina que Ruby tivera aos quatorze anos na casa da Senhorita Barbara. Na época em que, apesar de ela estar grávida e redonda, os homens ainda tomavam seu corpo com delicadeza, ou às vezes com uma brutalidade incrível, apesar — e algumas vezes por causa — da condição dela.

Ruby ergueu o olhar. Parecia haver mais estrelas espiando acima dela, posicionando-se, o Grande Carro e o Cruzeiro do Sul.

O pequeno espírito parou diante do precipício diminuto. Olhou para Ruby. Queria que Ruby se lembrasse, então ela viu tudo. O velho quarto, depois que um homem tinha saído, antes de outro entrar. Ruby se lembrou de como havia se sentido, cheia de vida esperançosa. Os enjoo tinham parado. Agora, aos oito meses, sua filha estava forte dentro dela, apesar de Ruby nunca ter ido a um médico. Era como se a criança soubesse que precisava ficar forte e crescer sem qualquer ajuda bondosa ou especializada. A filha de Ruby era a parte mais forte dela, até que um dia, Ruby foi

derrubada por um soco esmagador dado na barriga por um cliente que havia pagado um pouco mais para isso. Sempre um pouco mais. Ruby ficou curvada, segurando, se protegendo enquanto o homem a chutava com uma bota marrom. Repetidamente. Então ele encenou um estupro, um estupro brutal de uma mulher grávida, o exato motivo da ida dele até lá. No dia seguinte, as contrações começaram. A dor insuportável e dilacerante. Nada de hospital. Nada. Fazendo força e gritando sem receber sequer um olhar gentil. Ainda assim, a bebê lutou e deslizou para o mundo. Alguém pegou a menina e a jogou no colo de Ruby como se fosse uma peça de roupa suja. Ruby viu o cocuruto da criança, molhada, vermelha com pontinhos brancos. Mãozinhas... dez milagres gordinhos. A criança estava chorando, deitada em cima dela. Chorando. Depois tossindo. Tossindo como se tivesse engolido o lago Marion. Mãos a levando para longe. Ruby esticou os braços. A filha tossia com tanta força. Depois suavemente. Então, pequenos suspiros. E ela ficou quieta, nos braços de outra pessoa. Até que o silêncio ficou pesado, cheio de significado.

As únicas palavras que Ruby ouviu foram: “Ela morreu.” Foi assim que ficou sabendo que era uma menina.

No topo da colina, debaixo do céu, o pequeno espírito se afastou de Ruby. A bebê parecia satisfeita: a mãe não a esquecera. Deitou-se e se deixou ser coberta pelo solo.

Ruby manteve a mão em cima do monte de terra durante muito tempo. Suspirou. Era mais seguro ali — o útero ou a terra. O útero ou a terra. Sentada ao lado de todas as suas crianças, ela percebeu que o solo era as duas coisas. O mundo as defenderia.

Ruby sabia que elas ainda podiam se levantar e brincar. Ainda as visitaria ao pôr do sol, ainda mandaria elas se debruçarem para ouvir histórias para dormir. As crianças até mesmo brincariam de amarelinha e pique-cola durante o dia. No entanto, à noite, dormiriam em suas covas. À noite, estariam seguras. Ela se abaixou, beijou a terra bondosa e seguiu em direção à quentura da casa.

Quando Ruby passou pelo vão da porta, a primeira coisa que notou foi que a casa cheirava a cedro.

Havia duas chaleiras com água fervendo e, no chão, uma imensa tina de banho cheia de água. Ephram estava de pé no meio da cozinha, de banho tomado e usando um macacão dois números maior do que o adequado.

A casa estava limpa. Algumas poucas manchas furtivas permaneciam nas ranhuras do chão, mas as paredes, os rodapés, as molduras das janelas, todas as madeiras pareciam brilhar como se fossem de bronze. A barriga do fogão se encontrava viva com chamas. As seis lamparinas de querosene lançavam raios cor de açafreão nas paredes. Um prato cheio de galinha e salada de batata repousava no aparador. O vapor que se erguia da banheira e das chaleiras criava um efeito mágico na luz. Grilos e corujas se harmonizavam na escuridão do lado de fora.

Havia um lençol dobrado e limpo perto da banheira.

Ephram apontou para ele.

— Eu vou lá fora para bombear bastante água. Você come tudo o que quiser, então entra na água, toma um bom banho, depois deixa esse lençol em cima da banheira. Eu já volto.

E ele saiu para a noite. Ruby fez exatamente o que Ephram mandou. A comida, embora tivesse uma pitada a mais de julgamento do que ela gostaria, desceu bem.

A água estava quase quente demais contra a pele, e as ondas a cercaram. Ela procurou e encontrou o sabonete Dove no chão. O branco foi ficando amarronzado nos pontos em que tocava a pele de Ruby. Ela lavou o rosto. O pescoço. A água estava perfeita agora, tão morna debaixo dos braços e em cima das coxas, das pernas compridas, dos seios, dos mamilos cor de cacau, da barriga. Ruby mergulhou o cabelo e o retirou, fumegante, da água, depois esticou o lençol em cima da banheira e chamou-o baixinho.

Ephram entrou e olhou para ela. Fez uma alquimia de óleo, vapor e água de poço em um jarro e, então, derramou a mistura no cabelo grosso de Ruby, que parecia beber a água como se fosse a areia do deserto. Ela suspirou.

Ele arrumou os produtos que comprara em cima do aparador: duas latas grandes de óleo capilar Crown Royal. Óleo de amendoim Casey Farms. Gengibre. Xampu e condicionador White Rain.

Elásticos de cabelo, pequenos globos azuis ligados a elásticos pretos em forma de oito, como os que as crianças usavam para ir à eucaristia. Um pente de dentes largos e uma tesoura.

Em algumas partes, o cabelo estava tão duro que parecia feito de plástico grosso. Ficara tão emaranhado que cascas haviam se formado ao longo do couro cabeludo, sangrando e secando, transformando-se em cicatrizes. Uma parte do cabelo se embaraçara e formara crostas, tão densas e tão sólidas que teria sido mais fácil raspar a cabeça e começar do zero. Como se fosse capaz de ler os pensamentos de Ephram, ela disse: "Talvez seja mais fácil cortar tudo."

Mas Ruby falou isso do jeito que mulheres bonitas dizem coisas das quais sabem que as pessoas vão discordar. Ele sorriu ao perceber o peso do orgulho dela. As raízes da crença de Ruby em sua própria beleza eram profundas e tinham resistido a mais de uma década de estiagem. Talvez, pensou ele, as pontas do cabelo dela se lembrassem.

Ephram sempre pensara no cabelo de uma mulher como uma testemunha viva da existência e das lembranças dela. Celia mantinha os fios torcidos e bem presos com grampos, amarrados debaixo de lenços e redes de peruca. A mãe dele deixava o cabelo solto e armado, até que, segundo diziam, o pessoal do Dearing a obrigara a prendê-lo para trás. Durante toda a vida, Ephram havia observado em silêncio as mulheres e a complexidade de seus cabelos. Sabia que era melhor cortar algumas lembranças, amputá-las. Já vira mulheres se libertarem assim. No entanto, intuía que Ruby precisasse do passado para encontrar o caminho de volta para casa. Por isso, passou a noite cuidando do cabelo dela.

Ele não tinha a quem perguntar, então imaginou. Começou com o sabonete. As primeiras espumas ficaram pretas. Ephram enxaguou a cabeleira com um jarro, derramando a água em um balde separado, para preservar a água limpa e morna da banheira. Lavou o cabelo várias vezes. No sétimo enxágue, a água saiu quase transparente. Ao toque, o cabelo parecia lã preta pesada de tão molhada.

A cabeleira começou a sussurrar para os dedos dele. Mostrando onde deveria intervir e que partes deveria deixar em paz. Os fios instruíram Ephram a esmagar o gengibre e misturá-lo com o óleo de amendoim, aquecer a mistura, derramá-la nos túneis tumultuosos e massagear o couro cabeludo com as pontas dos dedos. De repente, Ephram percebeu que o cabelo vinha falando com ele o dia inteiro, enquanto ele fazia faxina, dizendo a ele o que comprar, do que precisava. Isso o assustou. Ephram se perguntou se, no fim das contas, Supra não estava certa: talvez a coisa diabólica fosse contagiosa. Talvez a loucura fosse como uma gripe. Mas então o medo o abandonou, e ele percebeu que fazia anos que o mundo inteiro sussurrava em seus ouvidos. No entanto, ele tinha enfiado algodão neles e apertado bem. Até que um fiapo tempestuoso de mulher retirara o algodão com um chute na cabeça.

Então ele se abriu e escutou as instruções do cabelo sobre como passar o condicionador em cada nó emaranhado. Sobre como o objetivo não era desfazer completamente os nós, mas se contentar em alargá-los, pouco a pouco. A cabeleira o orientou a pentear as pontas franjadas, depois o ajudou a trabalhar como um artesão, extraíndo os fios, um, dois, três por vez.

Ephram manteve as chaleiras no fogão para que o ar permanecesse pesado e úmido. Foi aquecendo a água do banho de Ruby conforme as horas vagarosas passavam. Trabalhou de forma constante e gentil. Trabalhou apaixonado.

Por volta de duas da manhã, foi para a varanda enquanto Ruby emergia do banho, nua e dourada, e se deitava na roupa de cama limpa em cima do colchão. Ephram a cobriu com um lençol, apoiando a cabeça da mulher em uma sacola do mercado, e continuou a trabalhar. Ela caiu em um sono tão profundo que se esqueceu de ficar com medo.

Com o White Rain e o óleo a postos, ele penteou e encharcou, trazendo à tona os punhos teimosos. Por volta das quatro da manhã, três quartos da cabeleira estavam livres. Os fios se torceram, enrolaram e ondularam, como um rio que tivesse se libertado da represa. Cobrindo o pescoço, atravessando os ombros e pingando depois das escápulas dela. Então, o cabelo de Ruby

começou a fazer mais do que guiar as mãos de Ephram: passou a orientar o coração dele.

A cabeleira falava a língua dos sentimentos. Cada fio continha uma história, cada nó, um evento. Feixes de pensamentos presos foram sendo libertados. A juventude de Ruby vivia nas pontas. A vida presente, próxima ao couro cabeludo. Ephram estava na metade das costas dela quando, de repente, as palavras *Cadê a minha bebê?* se infiltraram em suas mãos. Ele sentiu um vazio oco na barriga. Um aperto na garganta. Então: *Cadê a minha bebê? Cadê... ela? O que aconteceu?* Depois um grito, espalhando-se como fogo alimentado por gordura, até explodir. *Onde foi que você colocou o corpo dela? Foi embora. Levaram.* Ephram repartiu o cabelo de Ruby em meio às próprias lágrimas. Foi trabalhando em frações.

Exausto, os olhos vermelhos, libertou um carretel de linha preta enroscada. A mola pareceu quicar de leve entre os dedos dele. Ephram sentiu a pele macia como as pétalas de uma gardênia. A frivolidade da seda encostada nos joelhos. Lábios cobertos com uma cor espessa. Ouviu as pancadas surdas da música e sentiu os quadris balançarem ao ritmo. A mão firme de um homem girando-o, a saia rodando, se erguendo. Depois, os olhos dos homens pausando em sua trajetória, observando. À medida que a música se expandia e a risada borbulhava da garganta, Ephram sentiu uma confiança, uma segurança no poder da beleza.

Ele afrouxou outro fio e sentiu a chama azul da vida na barriga. O corpo se expandindo, se acomodando, como uma árvore-do-âmbar no outono, enchendo-se de leite. Sentiu o torso se esticar, abrindo espaço para a coisa rodopiante e em construção, até que ela se tornou tão pesada quanto um planeta no útero. Até que uma onda de dois metros se quebrou no dedal de seu corpo e uma criança surgiu, aparecendo como uma pena molhada encostada ao peito de Ephram, com o peso de um novo mundo.

Ele segurou um nó imenso e apertado que se libertou ao toque da mão. Sentiu o rosto ficando quente. Um terror tão forte que arreventou a parede da razão. Sentiu-se invadido, rasgado, dilacerado, sangrando. Sentiu o suor pegajoso, o cuspe se chocando

na bochecha. Engasgou, sufocou e, depois, aceitou. Sentiu como era ser o solo mudo. Uma dor difusa se espalhou por seus dedos, até que ele resolveu atacar outro nó.

No momento em que segurou firme ao cabelo de Ruby, Ephram sentiu um incômodo nas mãos, depois cócegas, então foi obrigado a sorrir. Depois rir. E então engasgar à medida que sua pélvis esquentava como mel ao sol, enquanto ondas quentes e viscosas rodopiavam, enquanto seu corpo inteiro se contraía, enquanto um para-raios de uma dor agridoce fazia sua carne se curvar. Muito, muito doce, embaraçosamente doce, como uma montanha-russa mergulhando e descobrindo que havia outra ladeira para subir e mergulhar, subir e mergulhar. Explodindo de novo, de novo, de novo. Quando terminou, Ephram não sabia como recompor o próprio rosto. Tinha murchado como uma rosa velha. Soltou as rédeas do cabelo de Ruby. Olhou para cima e viu a lua tentando entrar pela janela. A mulher ainda dormia, e o grasnar de um corvo solitário quebrou o silêncio.

Então é assim a vida das mulheres, pensou ele antes de se ajoelhar ao lado da cama, a cabeça no colchão, e adormecer.

LIVRO TRÊS

Revelações

CAPÍTULO 14

Debaixo do céu cor de mirtilo, a lua imparcial brilhava sobre arbustos de flox, prímulas e casas solitárias com degraus íngremes. Também se lançava sobre filhotes de lobo presos em armadilhas, ossos enterrados tempos antes e cruces que queimavam — com a mesma graça indiferente.

Naquela noite, o Dyboù se esgueirou pela cordilheira de pinheiros, movendo-se em direção a uma luz que cintilava ao longe. Agulhas de pinheiro mortas se remexiam debaixo da barriga do espírito; acima dele, os galhos balançavam. Ele gostava de como as velhas árvores se curvavam e gemiam, empurradas por uma força impassível.

Quando chegou à fogueira, viu os homens ao longe. Os olhos fixos em algo que tinham acabado de jogar no fogo. A coisa uivou. O Dyboù sentiu o cheiro da coisa sendo queimada viva.

À medida que deslizou para a frente, começou a sentir o gosto dos gritos do gato. Viu os pelos pretos se incendiando e as presas arranhando, os olhos verdes sendo cobertos e, depois, devorados pelas chamas vorazes. O animal demorou até parar de lutar, mas então o Dyboù engoliu o espírito trêmulo da criatura, ainda preso no corpo queimado e semivivo. O bicho desapareceu dentro dele para sempre. Os homens bem que podiam ter queimado algo maior. Mas ele estava com fome. O gato bastava.

Um dos homens ficou de pé na frente dos outros, o líder, fuligem e sangue nos sulcos das palmas das mãos. Os outros estavam esperando no calor ondulante. O Dyboù se ergueu acima deles, subiu bem alto e, então, despencou, como uma granada, em cima do círculo. Todos tropeçaram e caíram para trás. O espírito subiu de novo e escolheu o cavalo que usaria. Todos os homens o queriam, as bocas abertas, os dentes arreganhados e encharcados, repetindo

as velhas palavras até os lábios ficarem brancos nos cantos. Ele escolheu o homem mais forte e se infiltrou nele como uma âncora.

O Dyboù olhou através dos olhos do homem. O homem dele. O cavalo dele. Sentiu a força dos músculos, o calor da virilha. Tinha escolhido bem. O homem tremia violentamente no chão de terra, o nariz sangrando, baba escorrendo pelo pescoço, tentando acomodar o Dyboù dentro da casca de noz de seu corpo humano. O espírito do homem se dobrou, ficando cada vez menor, para abrir espaço.

O Dyboù aguardou. Como se fodesse uma virgem, esperou até que o homem se acostuma ao seu tamanho. Então, cravou mais fundo. Sentiu do que o homem gostava e do que não gostava, a predileção por tabaco mentolado, o terno e a gravata favoritos. Não sufocou a alma do homem, fundiu-se a ela.

Em pouco tempo, colocou-o de pé. Olhou para todos os homens viventes, com os rostos idiotas brilhando, amarelos. Sentiu o cheiro dos pinheiros. Então recuou e mordeu a pele do homem que vestia. O sujeito resistiu, por isso o Dyboù cravou os dentes no braço musculoso até sentir o gosto débil de sangue, até o sangue correr pelo antebraço, pela mão. Ele havia sido domado.

O círculo de homens deu a ele a bolsa vermelha e uma garrafa preta. Era o motivo para o terem chamado. Ou era isso que eles pensavam. Mas a ideia tinha sido do Dyboù desde o começo, plantada como um espinho na mente dos sujeitos enquanto eles dormiam em meio a lençóis brancos de algodão.

Agora ele sentia a sola de seus pés no chão da floresta. O sussurrar das corujas, o silêncio dos grilos. As moitas vivas observavam.

A bolsa vermelha em sua mão estava carregada de mágica, ainda mais poderosa com o sangue fresco que acabara de escorrer nela.

Antes que chegasse às mãos do Dyboù, o pó mágico tinha sido uma raiz de mandrágora, assando e secando sob o sol do oeste do Texas. A raiz fora colhida na lua minguante por um homem canhoto e, desde então, nunca mais vira a luz do dia. Depois, seguiu seu caminho, atravessando o Texas até o novo lar no leste, onde havia sido embebida de urina de crocodilo e cozida em uma fogueira.

Tinha sido raspada dentro de uma caçarola sem tampa, depois fervida com coisas como poeira de cemitério, pimenta vermelha, água estagnada, corante vermelho Rit e coisas tão secretas que haviam sido acrescentadas no breu da noite sem que a pessoa que as jogou na mistura sequer olhasse para o que estava adicionando. Contudo, o ingrediente mais forte era a intenção. A malevolência do homem, talhada até virar uma ponta afiada, depois misturada durante quarenta dias, deixada para secar ao longo de uma semana e, enfim, triturada até virar um pó bem fino. O Dyboù estava satisfeito.

Ele logo viu as terras da garota. Ao chegar, recuou. O mel do solo o encheu. A terra era tão doce que se remexeu debaixo dele. A grama se achatava antes de cada passo, e um cachorro ali perto começou a ganir. O lugar tinha cheiro de caqui e damasco misturados com caldo de cana. Centenas de pequenos seres batendo, pulsando. O Dyboù se curvou, pegou um torrão de terra e o enfiou na boca do homem. Parecia um pano embebido em açúcar e leite, do tipo que as pessoas costumavam dar aos bebês para que chupassem e se aquietassem. Ele se acalmou. Conhecia a paciência. O pequeno escudo que a mulher provavelmente preparara, fosse o que fosse, seria lavado pela manhã.

A casa estava rachada, com lascas de almas nos lugares em que o sofrimento explodira a construção. O Dyboù olhou através da janela, através das cortinas rasgadas, e ficou surpreso ao ver que a garota não estava sozinha. O homem dormia, o corpo embolado como um trapo ao lado da cama, joelhos no chão, a cabeça de bolota repousando no travesseiro. A garota estava esparramada no colchão como uma estrela-do-mar, o cabelo como água negra espumando ao redor dos dois. O espírito se apressou para ver melhor e percebeu que aquele era o idiota que ele já vinha seguindo havia anos, o sujeito que deixara cair o amuleto e a própria virilidade do mesmo modo como uma meretriz deixa cair a calcinha.

Passou o dedo nas nervuras do vidro, e as linhas em zigue-zague se espalharam sob sua mão. Sentiu o membro intumescer e começou a roçar o relevo na calça com a mão. Rápido. Mais rápido.

Agora a mão estava dentro da cueca, até que ele ficou grosso e duro, encostando na coxa. O prazer aumentando... a saliva escorrendo pelo queixo. Quase explodindo. A casa começou a balançar. A mesa quicou e a garota se mexeu, quase erguendo a cabeça.

O Dyboù parou momentos antes de gozar. Os olhos esbugalhados. O cinamomo balançou ao longe. A garota se curvou, virando-se de lado. Um velho corvo grasnou.

Ele caminhou até a porta, abriu-a com um rangido e se abaixou, os joelhos se ferindo em um estilhaço no chão, que o Dyboù moeu ainda mais. Sangrando. A mão esquerda derramando o conteúdo da garrafa preta na soleira da porta, melado e sangue de boi. A ereção forçando o zíper. Ouviu algo sussurrando, dizendo para *parar*. Parar o que ele estava fazendo. *Parar. Parar. PARE*. Ele olhou, mas era apenas o velho corvo — não tinha utilidade alguma, não servia nem para cozinhar. O Dyboù rugiu baixo. Então espalhou o conteúdo da bolsa vermelha na escuridão pegajosa. Agachou-se para sentir o cheiro da mistura, e uma densa onda de poder atingiu seu corpo. Sim. A mistura estava boa, forte. Enfraqueceria a alma de qualquer um que pisasse nela. Drenaria a coragem pelo pé da pessoa. Causaria cólicas nas entranhas e retorceria qualquer determinação.

O Dyboù abriu a porta da casa. Ficou parado no vão da entrada. Pisou no chão do quarto dela e sorriu. Aquele garoto, aquela mula, pretendia proteger a puta? Eram como dois bichos-de-conta encarando um louva-a-deus: não tinham nenhuma chance de sobreviver.

Ele se afastou, saiu pela porta, desceu os degraus e foi em direção à floresta. O nariz do homem começou a sangrar de novo, o coração batendo rápido demais. Ele não duraria muito, então o Dyboù o levou de volta para casa, colocou-o na cama e deslizou para fora do corpo. O homem se lembraria de pouco, mas acordaria mais forte, com um pouco mais de rancor e fogo nas veias. O Dyboù gostou do tamanho e do talhe do homem. Em breve, ele o montaria de novo.

CAPÍTULO 15

Ephram acordou com o barulho de alguém batendo na porta. O sol apenas espiava por cima do horizonte quando ele viu Gubber Samuels do lado de fora da casa de Ruby, transferindo o peso de um pé para o outro. O homem olhou Ephram nos olhos e fez um gesto para chamá-lo. Ephram tirou a cabeça da cama e foi até lá na ponta dos pés.

— Por que você limpou a casa da puta? — disse ele quando Ephram o cumprimentou.

— Gubber, vai para casa — ordenou Ephram. O dia estava azul-claro e coral, novo e bonito demais para o gosto de Gubber. Então ele repetiu: — Vai para casa.

— Rapaz, eu sei que ela tem uma xoxota gostosa. — Perante o olhar de Ephram, ele acrescentou: — Pelo menos foi o que ouvi dizer.

Ephram agarrou Gubber pela manga da camisa e o empurrou para longe da porta de Ruby. Contudo, antes que Ephram pudesse abrir a boca, Gubber interrompeu:

— Olha, Ephram, a gente é amigo há tempo demais para eu ficar quieto. As pessoas estão querendo expulsar vocês dois da cidade depois do que a Celia contou na igreja ontem. É sério.

Ephram olhou para Gubber Samuels, seu amigo e aliado de infância, que havia se inclinado para um dos lados a fim de equilibrar o peso considerável do corpo. A pele da cor de creme de milho do homem estava molhada pelo esforço de caminhar tão cedo. O olho direito, castanho-claro, estava fixo, enquanto o esquerdo flutuava, vagando para a direita, depois para a esquerda, por vontade própria. Estrábico.

— Nunca mais quero ouvir você dizer uma coisa dessas.

— Quê? — indagou Gubber. Ephram o olhou de soslaio, então ele cedeu. — Tudo bem, cara.

Ephram sabia que Gubber Samuels nunca fizera rodeios para dizer as coisas. Encadeava as falas como pedras caindo. Ephram se deu conta de que não se lembrava da última vez que Gubber acordara antes das dez da manhã em um dia de semana. Por isso, apontou para um toco do outro lado da estrada. Os dois foram até lá e se sentaram.

— O que foi que a Celia falou?

— Você sabe como a Celia fica quando dá o testemunho. Consegue convencer até uma mosca a sair de cima de um monte de merda fresca.

— Eu sei.

Ephram olhou de volta para a casa a fim de assegurar que Ruby ainda estava dormindo. Esfregou os dedos. Ao sentir que estavam doloridos, sorriu.

— Não tem graça. Ela apareceu na igreja toda rasgada logo antes da eleição, parecia que tinha sido violada. Quando começou a falar, nem que tivesse um porrete você conseguia derrubar as pessoas. — Um galo cantou em algum lugar distante, como que para dar ênfase ao que Gubber relatava. — Primeiro ela contou que não tinha conseguido dormir a noite inteira porque ficou ouvindo os demônios correndo pelo chão da casa. Então ela acordou e descobriu que você não estava na cama. Depois, antes de ela fazer o café, um dos demônios ficou escorregando pelo chão da sala, em cima do carpete bom coberto com plástico que ela tem. Aquele demônio só ficou dizendo: “A gente pegou ele. A gente pegou ele.” Quando ela perguntou quem era “ele” e quem tinha pegado, o demônio começou a rir e apontar para aquela foto sua de quando você era pequeno, a que fica na parede e que tem você e o seu pai. Aí ela disse que olhou para a foto e, valha-me, Deus, o papel começou a pegar fogo.

— Bom, é fácil provar que isso é mentira.

— Ah, ela está um passo na frente, garoto. Disse que, quando olhou de novo, as chamas tinham desaparecido. Aí ela falou que

isso foi um aviso. Falou que isso quer dizer que ainda está em tempo.

— Jesus.

— É, negão, por que você acha que eu vim com a minha bunda gorda até aqui de manhã tão cedo? — A luz do dia jorrava tons de amarelo pelo céu enquanto Gubber contou o resto da história. — Aí ela começou a ver você, e viu o Diabo três vezes antes de chegar aqui. Cada vez ele estava de um jeito diferente. Primeiro era um corvo, depois era um chacal e, por último, uma rã. E você sabe como ela conta essas coisas com aqueles floreios, aquelas rimas e todas as Falas Sagradas dela. Toda vez o Diabo disse: “Não mexe com aquela garota, ela é a minha pérola especial.” Mas aí a Celia continuou andando até chegar na terra dos Bell, onde viu uma cobra rastejando de costas, atravessando a estrada. Ela chegou na porta e, quando encostou na maçaneta, o metal estava frio que nem gelo.

“Aí ela disse que implorou para você ir embora, porque ela tinha visto a marca do Diabo aparecer e se espalhar na sua bochecha esquerda. Ela contou a cena tão bem que aqueles pretos estavam prontos para sair correndo daquela maldita igreja e pegar você. Se ela tivesse mandado, uns idiotas daqueles iam ter queimado a casa da garota inteira. Mas depois ela acalmou eles, disse que era melhor enganar o Diabo com bondade. Tentar batizar vocês debaixo da tentação dele. Tentar trazer o menino dela de volta para Jesus. Que a marca sumiu tão rápido quanto apareceu. Que ainda estava em tempo.”

Ephram balançou a cabeça diante de tamanha estupidez.

— Eles acreditaram nessa porcaria?

— E eu ainda nem contei a melhor parte. Umas pessoas não estavam dizendo Amém como ela queria. Então ela disse que o Diabo contou para ela que ia entrar na mente dos fracos da congregação antes de ela conseguir chegar na igreja e ia mandar eles não acreditarem nela. Aí, você sabe, todo mundo ficou de pé, batendo palma, batendo o pé e gritando Amém enquanto ela contava como tinha lutado contra o Diabo.

Ephram olhou novamente para a casa. Uma nuvem lilás estava se acomodando logo acima do telhado. Gubber soltou um arroteo, estalou os dedos e disse:

— Se eu fosse você, devolvia meu júnior para dentro da calça e voltava para casa.

— Eu não vou voltar. Não sei se é seguro para ela eu ficar aqui, mas... eu não vou voltar.

— Caramba, você sempre foi um negão cabeça-dura e ignorante. Você ainda pode trepar com ela, se a xoxota é tão boa assim. Pensa só, todo mundo faz isso.

Ephram olhou para Gubber de um jeito que dizia que já tinha passado da hora de parar. Um olhar que alertava para o fato de que seu punho não só poderia ir, como iria de encontro ao maxilar preguiçoso do amigo.

Gubber recuou.

— Rapaz, faz o que você quiser. — Ele se levantou para ir embora. — Só é melhor você ir no funeral do Junie Rankin hoje de tarde. Já perdeu o velório ontem à noite. A Supra e a família inteira estão contando com você para carregar o caixão e vão ficar pau da vida se você não cumprir com o que disse.

— O Junie era um homem bom.

— O único que conseguia manter aqueles brutalhões dos Rankin na linha.

— Eu não posso garantir que vou lá, Gubber. Pode ser que sim. Pode ser que não.

— Não vou falar mais nada. É só que é melhor pensar muito bem, ou então o seu próximo passo pode acabar em um precipício.

Ephram observou Gubber se levantar com dificuldade do toco, depois se sentar de novo, com um baque.

— Droga. Me dá um minuto, andei isso tudo só para dar meia-volta e andar tudo de novo. Preciso retomar o fôlego.

Ele puxou um maço de Newport do bolso, acendeu um cigarro e o tragou.

Uma revoada de andorinhas levantou voo de um pinheiro alto, dando pios reclamações que eram como pequenas alfinetadas no tecido do amanhecer. Os dois homens olharam para cima e

assistiram às aves salpicarem o céu. Ephram pensou em um pente de dentes largos dentro da casa, coberto de cabelos pretos. Gubber pensou em cuspir. Mas fez isso com tanta preguiça e falta de vontade que o cuspe ficou pendurado no queixo. Até mesmo limpar a baba parecia exigir muito esforço. Ele esperou até levar o cigarro novamente aos lábios para fazer uma tentativa desanimada. Ephram combateu a ânsia de puxar o lenço e entregá-lo ao homem. Às vezes era difícil se lembrar do menino que Gubber tinha sido, mas, sentado perto dele naquele toco de árvore, Ephram ainda era capaz de enxergar alguns resquícios da criança.

O sorriso de dentes acavalados de Gubber Samuels se esgarçando por completo, transparecendo orgulho. Gubber, o menino magricelo e amarelo com o qual ele aprendera a fazer xixi em pé. Ephram tinha cinco anos, Gubber, seis. A mãe de Ephram e a avó de Gubber tinham ensinado os meninos a fazer xixi como se fossem meninas para evitar respingos nos banheiros recém-construídos dentro de casa. Então, um dia, Ephram e Gubber tinham se aventurado floresta adentro, perto do lago, feito a mira longe das calças caídas e urinado e urinado e urinado até não conseguirem expelir mais nem uma gota. Os dois correram até o poço e encheram a caneca tantas vezes que as barrigas começaram a reverberar a água ao se moverem, e eles aguardaram ansiosamente para treinar a mira mais uma vez.

Ephram se lembrou disso com clareza porque, mais tarde, no mesmo ano, em junho de 1934, os dois meninos haviam assistido à água e à lama subirem e engolirem a nova igreja do Reverendo Jennings. A construção deveria ser a estrela de Liberty, com vinte bancos novos, tapete vermelho de veludo nos corredores, puxadores de bronze na porta da frente e um vitral comprado pela metade do preço porque a Primeira Igreja Batista de Jasper para Brancos considerou que Jesus tinha sido representado, equivocadamente, com lábio leporino. O Reverendo Jennings conseguiu a obra por uma pechincha. Depois da tempestade, Ephram e Gubber se empoleiraram no campanário caído e observaram enquanto o Reverendo chutava a lama, amaldiçoando o furacão até escorregar e cair de cara bem em cima do Jesus de

lábio leporino, cortando o desenho em duas metades. Os meninos seguraram a risada até o homem começar a chorar alto, dando soluços horrendos. Nesse momento, ao ver o pai chorando, Ephram começara a chorar também, então o Reverendo dera um pulo e tirara o menino de cima do campanário aos tapas.

Na Páscoa de 1937, quando a mãe de Ephram andara pela colina como viera ao mundo, Gubber tinha sido a única pessoa no piquenique que conseguira prestar atenção ao amigo, indo até ele e dando-lhe tapinhas nas costas enquanto todas as mulheres corriam para cobrir o pecado de Otha com uma toalha de mesa.

No dia seguinte, o pai de Ephram dera uma surra na mãe durante uma hora antes de arrastá-la para o Hospital Psiquiátrico Estadual de Dearing enquanto ela gritava e implorava. Não deixara a mulher sequer se despedir do filho. Batera em Ephram com uma escova de cabelo quando ele tentara desafiá-lo saindo da casa. A mãe arranhando o próprio rosto até o Reverendo parar e dar um soco nela. Gubber ficara esperando na grama alta enquanto tudo isso acontecia. Rastejara até a janela de Ephram e encontrara o amigo com a cabeça debaixo do travesseiro, o rosto inchado de tanto chorar, o corpo dolorido, o espírito dilacerado. Subira até o quarto dele, que estava trancado, e oferecera um pedaço de cana-de-açúcar ao amigo. Os dois meninos chuparam e roeram em silêncio enquanto o Reverendo levava Otha, inconsciente, até o Dearing.

Depois disso, Gubber cuidara do estilhaço que se alojara no coração de Ephram. Não por meio de qualquer ação direta. O mero fato de saber que aquilo estava lá e continuar agindo como se não estivesse permitira que os dois garotos fingissem que a vida tinha enveredado por um caminho diferente. Juntos, eles descobriram que eram capazes de ignorar os olhares lançados e as perguntas direcionadas a Ephram. Gubber Samuels também conhecia os olhares severos, por causa do olho estrábico e das brincadeiras a respeito de sua própria mãe, que tivera quatro filhos com quatro pais diferentes e não ficara por perto durante tempo o bastante para criar nenhum deles. Ao longo de alguns anos depois disso, os

meninos entrelaçaram seus esquecimentos únicos, construindo um escudo contra as pessoas de Liberty.

Os dois resolveram que o olho dançante de Gubber era algo bom. Significava que ele poderia ver não só o que estava bem diante dele, mas também o céu e as estrelas, tudo ao mesmo tempo. Murmuravam dentro de poços recém-cavados para ficarem tranquilos e nunca maltratarem nenhuma criancinha. Lembravam mudas tortas de endireitarem seu porte.

Aquele escudo deu aos meninos uma nova ousadia, de modo que eles corriam pelo município de Liberty acrescentando letras aos nomes talhados nos troncos das árvores para dar um novo sentido pouco lisonjeiro às palavras, nadando e espirrando água no lago Marion, roubando calcinhas do varal de Sarah Geoffrey e se revezando para cheirá-las. Roubaram tantos pêssegos de Clem Rankin que o homem foi forçado a atirar chumbo grosso neles para não falir na época da colheita. Os dois se escondiam brilhantemente dos sete Rankin bagunceiros, enfrentando-os somente quando havia algum idoso da igreja presente.

Em 1939, os meninos assistiram, com o restante dos vizinhos, a milhares de soldados brancos armarem tendas na floresta e nos barrancos do município de Liberty e em Shankville — as únicas cidades de pessoas de cor que havia nos arredores. Observaram quando eles marcharam pela floresta cheios de insígnias de batalhas, carregando nas costas o que eles mais tarde aprenderam que eram fuzis M1 Garand. Em segredo e cheios de coragem, Ephram e Gubber tiraram do lugar as fitas de algodão vermelhas ou amarelas que marcavam as fronteiras para as manobras militares do batalhão. Esconderam-se enquanto soldados, usando braçadeiras amarelas ou vermelhas desbotadas, aproximavam-se devagar, e seguraram as gargalhadas apavoradas quando os homens pararam e verificaram os mapas duas vezes. Chutaram um tufo de grama, sussurraram e deram meia-volta, xingando. Dois anos antes de Pearl Harbor e no ano seguinte à batalha, mais de dez mil homens foram ocupar aquele cantinho da floresta de pinheiros, acampados em tendas, algumas a menos de vinte metros das portas dos fundos das casas das pessoas negras. Como em

qualquer cidade ocupada do mundo, mães e pais mantinham as filhas trancadas em casa e os meninos em idade de combate longe das vistas. Mais de uma garota tinha corrido para casa aos prantos, as roupas rasgadas; mais de um rapaz se tornara alvo de uma crueldade regimentada e orquestrada. O irmão mais velho de K.O., Taylor, tinha sido encontrado morto a tiros. O pai deles fora ao necrotério em Jasper para desenterrar por conta própria a bala do exército do corpo do filho depois que todos se recusaram a fazê-lo. A mãe de Taylor fora a pé até Newton para mostrar a prova ao xerife, que pegou a bala, olhou nos olhos da mulher e disse que investigaria o caso. Logo em seguida, o homem jogara a munição na lixeira.

Em 1940, Mussolini decidira se juntar a Hitler contra a França e a Grã-Bretanha, a França se rendera à Alemanha, Leon Trotsky fora assassinado na Cidade do México e Ephram Jennings quase morrera depois de comer um caqui. Ephram e Gubber estavam emplastrando o rosto e a boca com o fruto laranja e uma semente se alojara no nariz de Ephram. Gubber tentara pescá-la, mas acabara enfiando a semente tão fundo que o sangue começara a jorrar. Gubber correria para dentro de casa, gritando. Como o Reverendo estava viajando, o pai de Gubber precisara levar Ephram, Celia e Gubber de carro por quase setenta quilômetros até o Hospital Municipal de Leesville, a única instalação médica em centenas de quilômetros que possuía uma ala para pessoas de cor. O menino perdera tanto sangue no caminho que o estagiário dissera que era um milagre ainda estar vivo. Aparentemente, a semente do caqui tinha perfurado a "artéria dorsal inferior", e Ephram poderia ter sangrado até a morte. O pessoal do hospital pegara um par de pinças especial e, causando grande dor, recuperara a semente. A parte interior da narina esquerda de Ephram precisara de doze pontos. Ele ficara no hospital durante a noite, até a notícia chegar ao Reverendo, que prontamente arrancara Ephram da maca para que convalescesse em casa.

Um ano depois, no verão de 1941, os meninos tinham visto a prima Lily, que visitava Sarah Geoffrey, tirar o sutiã para Percy Rankin no celeiro azul dos Geoffrey. Percy tinha mandado os

meninos se esconderem ali e pagarem cinco centavos para ver como eram os peitões. Na época, Gubber tinha treze anos e Ephram, doze, e os dois haviam ficado imóveis e prendido a respiração enquanto a menina de batom tirava a blusa e desabotoava o sutiã. O detalhe mais vívido na memória de Ephram não era o modo como Percy apertara os seios dela ou a maneira como a garota se deitara no feno doce com a calcinha ao redor dos tornozelos, nem mesmo o jeito como Percy se mexera em cima dela e ela fizera força para encontrá-lo. Era o modo como os seios tinham caído do sutiã, derramando-se como massa de biscoito na barriga lisa da menina.

Ephram e Gubber se esgueiravam para dentro do mesmo celeiro bem cedo nas manhãs de domingo, antes de Gubber ir para a Missa do Piggly. Ali, enquanto a poeira flutuava nas ripas de sol, eles faziam aquilo que chamavam de "brincar de Lily". Gubber se deitava com cuidado no mesmo feno dourado, Ephram por cima dele, correndo as mãos por todo o corpo do amigo. Os dois se beijavam, os lábios carnudos de Ephram na boca morna de Gubber. Descobrimo o uso e a necessidade da força durante o prazer.

Aquele foi o ano, o momento da juventude, em que Ephram sentiu as cócegas do desejo, um desejo pelas coisas que outros homens prezavam, que suscitavam piscadelas secretas de aprovação nas noites de sábado. Ele desejava que uma mulher de cabelo liso e pele clara o amasse. Desejava que fosse alta e tivesse uma voz estridente e reverberante. Um Lincoln Continental Cabriolet verde-cinza. Desejava que Sarah Geoffrey gargalhasse alto e com doçura para ele como tinha feito com Charles, irmão de Percy. Que amigos o cercassem e desenrolassem suas gargalhadas diante de meio litro de uísque e um fumo.

Contudo, mesmo naquela época já havia coisas mais caras a ele, e a preciosidade delas o tornava uma pessoa diferente. Ele amava o cheiro da madressilva, tanto que colocava uma na orelha à noite, na hora de dormir. Observava a aranha tecendo sua teia durante horas a fio. Adorava o modo como Gubber fazia um som parecido com um gargarejo ao dar risada. Gostava de se deitar ao lado do amigo ao entardecer e desenhar sonhos grandiosos no céu

estrelado. Mudar-se para o Norte. Unir-se à marinha mercante e navegar até o Alasca. Jogar beisebol nas Ligas Negras.

Nada disso soara bem para o pai de Ephram, o Reverendo Jennings, que em uma manhã de sábado bem cedo seguira o filho até o celeiro e, depois do choque de ver os dois meninos se beijando no feno, batera em Ephram até quase matá-lo. Partira o lábio do menino, quebrara duas costelas e mandara os dois últimos dentes de leite, o canino superior direito e o molar ao lado, garganta abaixo.

Ephram tinha acatado isso em silêncio e com vergonha, aceitando cada chute e soco e se protegendo apenas minimamente para salvar o pai de uma cela de prisão ou coisa pior. Gubber permanecera no celeiro de maneira heroica até que o Reverendo rosnara, dizendo que mataria os dois se o garoto não obedecesse a seu "*FORA!*". O pai arrastara Ephram para casa, atirando-o no tapete da entrada para que Celia cuidasse dele. "Nada de hospital dessa vez" foi tudo o que disse. Na verdade, isso seria tudo o que o Reverendo diria sobre o assunto. Ele também nunca mais olharia o filho nos olhos.

Um ano depois, o Reverendo Jennings encontrara uma pequena paróquia em Farrsville cujo pastor estava doente e passou a viver e a celebrar cultos ali durante três semanas por mês. Embora o pai tivesse proibido, Ephram escapava para a floresta e encontrava o amigo Gubber quase todo dia. Era outono e ainda fazia calor, embora as manhãs estivessem frescas. Os dois meninos estavam indo dar um mergulho no lago Marion. Tinha feito tanto calor nos dias anteriores que eles haviam planejado nadar na água fresca até a hora do jantar, então correram pela floresta, as árvores criando pequenos pontos de luz do sol ao longo do caminho. Os garotos foram pulando de trecho ensolarado em trecho ensolarado, rindo nos momentos em que encostavam nas sombras, até que Ephram sentira um vulto inesperado tocar seu corpo. Erguera os olhos e vira o Reverendo em pé acima dele. Jogara as mãos para o alto a fim de bloquear o golpe. Um lampejo de sol roubara o rosto do pai, tão alto, a boca tão aberta, que Ephram baixara as mãos e abrira a própria boca para perguntar o que o Reverendo estava fazendo ali.

Então vira a corda. Vira o pai girando no ar. O xixi de Gubber escorrendo pela perna. Uma nuvem passara na frente do sol. Havia sangue no chão de folhas embaixo dos pés do pai. Um dos sapatos estava jogado no meio do caminho. A meia à mostra, furada. Tudo rodopiando a meio metro do solo. O som de Gubber chorando, lágrimas e catarro grosso. O modo como a cabeça do Reverendo pendia como um balão retorcido, os lábios gritando, os olhos sem vida, porém abertos e perguntando algo a Ephram. Ele ouvira um “O quê, papai?” sair baixinho da garganta. Não havia um único som de água, sapo ou pássaro; a morte desenhara seu círculo de giz ali e nenhuma criatura conseguia respirar. Moscas pretas cobriam a boca do pai como um cobertor, até que Ephram vira a coisa decepada enfiada ali dentro.

Ephram desejara ser um cachorro. O bom cachorro de alguém, com um rosnado e um latido poderosos. Se fosse um cão, rosnaria e enterraria o nariz no solo, uivaria para dentro da Terra até ela tremer no eixo. Mas era apenas um garoto, por isso enterrara o grito nas entranhas, como se cravasse um machado em si próprio. E lá o grito permanecera.

Ao longe, Ephram sentira as mãos de Gubber puxando, depois batendo, então gritando algo e, por fim, correndo. O silêncio, Ephram e o pai, um encarando os buracos dos olhos do outro até mais um grito. Dessa vez, o som parecera o de uma porca na hora do abate, mas era apenas Celia chorando e mais mãos o puxando. Mãos enfim fortes o bastante para puxar o corpo de Ephram para longe, mas não o resto do menino.

O velório fora na Missa do Piggly. O primo dos Rankin presidira. Quando Ephram completara quinze anos, ele e Gubber mal falavam um com o outro. Ephram assistira ao amigo inchar, crescer e encher as roupas que vestia, depois ganhar espaço e enchê-las de novo, de novo e de novo. Gubber não olhava para Ephram quando eles se cruzavam na escola ou no P & K e, pior, nos momentos em que uma circunstância os colocava juntos, Ephram se tornava o alvo perfeito para Gubber, algo flexível e enfraquecido para o qual apontar quando as presas coletivas estavam arreganhadas. O fato de que Gubber Samuels conseguia isso com uma série de censuras e piadas

pesadas e que essas ações causavam mais danos ao próprio Gubber do que ao alvo não escapara a Ephram. Ele assistira ao amigo engolir a bondade e cagá-la, até que restara somente o refugio de um homem bom.

* * *

GUBBER TRAGOU o resto do cigarro e esmagou a guimba com a bota. Levantou-se e se voltou para o oeste, na direção da fazenda dos Samuels.

— Se cuida — falou.

Então seguiu pela estrada vermelha. Ephram ficou sentado e observou as costas de Gubber desaparecerem entre dois pinheiros depois do aclave.

Em seguida, ergueu-se do toco de árvore. Sentia frio nos ossos e um pouco de dor nas juntas. Celia devia estar se levantando naquele momento, bombeando a água para o banho do irmão e, então, interrompendo-se. Ephram sentiu uma súbita saudade dos ovos com mingau que ela preparava exatamente do jeito que ele gostava. Do café com uma pitada de chicória e do salmo que eles escolhiam para ler em voz alta todo domingo depois do jantar. Na noite anterior eles teriam lido o 124, um dos favoritos de Ephram. A estrada parecia empurrá-lo para casa. Ele deu um passo. Então, dois. Quando viu, estava andando, só para ver se estava tudo bem com ela. Talvez devesse bater à porta, dizer um “oi”, ou quem sabe se sentar para o café da manhã e resolver tudo entre eles.

Um punhado de pinhas choveu à esquerda. Ephram se virou e viu o cemitério dos Bell acima do aclave. E foi assim que percebeu que, se continuasse a caminhar, seus pés o carregariam até lá, para dentro daquela casa em forma de sepultura, daquela morte em vida. Ephram viu o próprio corpo imóvel e gelado, deitado na mesa da cozinha de Celia, esperando pelo agente funerário de Jasper para levá-lo. A aparência dele continuava quase igual — a única diferença era uma penugem mais acinzentada ao longo das têmporas. Então a imagem desapareceu e ele foi deixado sozinho com a manhã, que havia se desfraldado por completo e agitava

uma bandeira brilhante no céu. Ele se virou e caminhou até a porta de Ruby.

Do lado de fora, em um pinheiro, logo acima de uma fileira de lápides, um velho corvo roía uma pinha. A ave tinha sido a única criatura a ver o pó vermelho, repleto de intenções malévolas, ser espalhado de um lado a outro na entrada dos Bell. E foi o único ser vivo a ver Ephram pisar em cheio naquilo, sem perceber, e levar o pó como um rastro maligno se esgueirando para o interior da casa.

CAPÍTULO 16

A manhã de segunda-feira rompeu, esfregando os olhos para tirar os resquícios de domingo. Por toda a cidade, o café tinha sido coado e as xícaras já estavam vazias. As migalhas de torradas e os restos endurecidos de mingau haviam sido raspados para dentro de potes. Às nove da manhã, o pecado de Ephram Jennings já tinha sido misturado, assado e posto para esfriar, o aroma da história enchendo o ar de Liberty.

A Igreja Pentecostal Em Nome do Senhor estava irrequieta, preparando-se para o culto de uma da tarde. O Pastor Joshua estava à mesa, escrevendo o louvor, tentando evitar ao máximo palavras com *R*, *M* e *T*, posto que elas representavam o diabo em relação à sua quase superada tendência de gaguejar. Ele se perguntou se Ephram Jennings mostraria a cara depois da desgraça que tinha derramado em Mãe Celia. Não era tanto o fato de ele ter se envolvido com outra mulher, porque isso acabava acontecendo na vida de um homem que vivesse todo dia cercado de tentação; mas, sim, o fato de Ephram ter entrado na sala de estar do inferno e se acomodado ali. O Pastor ficara grato por Mãe Celia ter acalmado a multidão, caso contrário as pessoas poderiam ter expulsado a garota da cidade, como haviam feito com a Irmã Thelma depois que ela se relacionara com o marido de Supra Rankin — e olha que a mulher era uma frequentadora da igreja. Só Deus sabia o que o povo faria com uma pagã. O Pastor Joshua olhou para o papel e pensou em como poderia unir Provérbios 29:3 a Mateus 15:22, mas duvidou de que os Rankin fossem apreciar as muitas referências a meretrizes e possessões demoníacas durante o elogio destinado a Junie.



RUBY ACORDOU em uma cama morna, com lençóis limpos no colchão e ao redor do corpo. Ephram se movia pela casa, então ela o observou, de camiseta, carregando madeira para dentro, acendendo o fogão. Até então, Ruby só vira Ephram com camisas mal-ajustadas e ternos. Nesse momento, à luz da manhã, o corpo dele parecia talhado como um carvalho sólido — bem lixado, desbastado, pintado de escuro e polido. Uma paleta de aquarela em tons de marrom. Ela se perguntou o que Billy diria se a visse ali, na cama com aquele homem. O que a Senhora Gladdington diria se visse Ephram? Se o conhecesse, digamos, na Broadway com a 53rd Street? Tentaria, inadvertidamente, colocar uma moeda em um copo de papel cheio de refrigerante que ele tivesse acabado de comprar de um vendedor de cachorro-quente? E se Ruby a impedisse e os apresentasse? A Senhora Gladdington era capaz de açoitar alguém com uma palavra. Cortar um objeto, um verbo e uma proposição, uma proveta de advérbios, com a delicadeza e a habilidade de uma cientista cruel. Seria fácil ferir aquele homem sem que ele sequer percebesse que havia sido atingido.

O que todas aquelas pessoas espertas e aceleradas que ela havia conhecido *diriam*? O mundo liberal, os corajosos *outsiders* e os filantropos ricos. Tão diferentes, mas ainda assim, sem dúvida, todos profeririam um único julgamento hipócrita e comum em relação àquele negro em particular. Que desdém desabaria dos olhos coletivos daqueles indivíduos, de seus lábios tesos e esticados?

A desaprovação de classe e raça. Se Ephram fosse um membro assediado dos pobres abjetos e iletrados, um receptáculo da generosidade caridosa daquelas pessoas, levado a um banquete com pratos de quinhentos dólares servidos em honra a elas mesmas e, em seguida, retirado de lá às pressas — se ele estivesse usando um terno comprado por elas para a ocasião, elas se sentariam, conversariam e posariam para fotos na *Vanity Fair* e na

Page Six e fingiriam ser o tipo de gente que não ligava para essas coisas. Mas, se alguém o convidasse para uma festa na região rica do Upper East Side, o mar de socialites se abriria, deixando-o sozinho com os canapés. Bom? Não o bastante. Honesto? Muito chato. Um negro envelhecido do leste do Texas com a fala arrastada e roupas de quem ia à igreja todo domingo estava além do impensável.

Ainda assim, ali estava ele, preparando uma xícara de café para ela, com um ímpeto nervoso nos movimentos. Ela viu os entalhes e as cicatrizes que se espalhavam em desordem, como gravetos pelo corpo do homem, pequenas insígnias de uma guerra à qual ele não apenas sobrevivera, mas vencera. Alto, orgulhoso, honesto, corajoso. E, quando o amigo fora até lá para buscá-lo, ele tinha escolhido ficar. O coração de Ruby ficou mole como torta de batata-doce, e ela mal conseguia esperar para pressionar o corpo no de Ephram.

Perto das onze e meia, uma migração de homens surgiu na estrada estreita que levava à terra dos Bell, todos usando ternos pretos e azul-marinho e roupas de baixo limpas. Eles cheiravam a sabonete Lifebuoy e Old Spice, exceto Chauncy, o líder do bando, que estava limpo e salpicado de Paco Rabanne, um presente de uma das amigas que ele tinha em Galveston. Gubber seguia atrás, de cabeça baixa, carregando uma bolsa de viagem que continha o terno de Ephram, além de uma camisa e uma gravata. Ele tinha pensado em dizer não, mas não era o tipo de homem que iria contra uma mulher forte, menos ainda contra uma cidade inteira. Celia entregara a ele os pertences de Ephram e o encargo de transmitir uma mensagem. Não era um recado que Gubber apreciasse. Nem um pouco.

* * *

QUANDO OS homens alcançaram a terra dos Bell, Ephram já espalhara o pó vermelho por toda a casa de Ruby, até mesmo nos fios de cabelo caídos que varria para dentro de um saco de papel. Ele não percebeu os olhos observadores de Ruby, nem notou o fato de que

tinha deixado um rastro daquele mesmo pó debaixo do telhado da varanda, onde escondeu o saco cheio do cabelo de algodão-doce até que tivesse tempo de queimá-lo, como Celia o ensinara a fazer a vida toda para se proteger contra feitiços. Então, inadvertidamente, Ephram espalhou partículas do pó na cozinha e no quarto. A barriga dele já havia se repuxado e se contraído, mandando-o correndo ao toalete de Ruby, onde ele se balançou para a frente e para trás, triturando o limo vermelho nas tábuas do piso.

Ele não sabia por que, de repente, começara a sentir aquela dor e aquele cansaço, não apenas nas solas e em todo o comprimento dos pés, mas também nos tornozelos e nas panturrilhas.

Depois que ele fez a barba, escovou os dentes e se lavou o melhor que pôde com a ajuda dos itens que comprou no P & K e de uma bacia rasa, a dor tediosa e exaustiva se infiltrou nos ossos, fazendo com que Ephram precisasse se sentar na cama. Quando o mal-estar voltou a atingir a barriga, o suor irrompeu nas têmporas e ele quase se dobrou ao meio. Era mais do que a dor costumeira; havia também um medo estranho se espalhando pelo seu corpo. Parecia estar sendo bombeado do coração até a menor das veias, infiltrando-se em cada parte dele. Ephram se sentia vazio e fraco quando os homens chegaram.

Chauncy, que não via a si próprio como um garoto de recados, mandou Gubber bater à porta.

Ruby a abriu, um pequeno nó de medo entalado na garganta.

Gubber e todos os homens ficaram imóveis quando a viram. O brilho cor de caramelo da pele dela, os cachos do cabelo preto, descendo como um rio espumoso para além das escápulas. Eles se lembraram da garota que chegara em Liberty e, de repente, ficara doente e inerte.

Exceto Chauncy. Ele olhou para Gubber e disse:

— Vai pegar o garoto.

Sem saber mais o que fazer, Gubber se espremeu para passar por Ruby e encontrou Ephram sentado na cama.

Foi até lá e se inclinou.

— A Celia disse que, se você não for no funeral do Junie, ela vai mandar o xerife de Newton levar a Ruby para o Dearing — sussurrou na orelha do amigo.

Os olhos de Ephram pousaram em Ruby, do outro lado da sala, mexendo em biscoitos e manteiga de amendoim. Ele pensou na mãe e na única vez que Celia o levara para vê-la depois da morte do pai. O portão trancado, depois outro portão trancado — como se o lugar fosse uma cadeia, a não ser pelo fato de que todos ali tinham sido condenados à prisão perpétua. Os funcionários tinham ido buscar a mãe, que usava um vestido azul-claro com manchas que tinham sido lavadas e secas mais de uma vez. Ephram pensou no cabelo dela, alto e emaranhado, nas marcas de queimadura nas têmporas e nas picadas de agulha em toda a extensão dos braços arroxeados. Ele viu os olhos dela, coisas vazias e ressecadas que apenas olhavam para o chão ou por cima do ombro dele. Ela fedia.

A mãe o enxergara por um instante. Um olhar de alívio agridoce visitou o rosto da mulher, então os ombros dela caíram e o pescoço gracioso se levantou. Ela tentou erguer as mãos, e foi assim que Ephram notou que estavam amarradas. Ela também pareceu perceber isso naquele momento. Começou a chorar e, evidentemente, ele também chorou. Uma avalanche de vergonha pareceu virar a cabeça da mulher. Em seguida, o olhar dela ficou vago e ela voltou a se embalar suavemente até que a levassem para longe.

Não tinha olhado nem uma vez para Celia.

Ephram pegou a bolsa de Gubber sem dizer nada e trocou de roupa com rapidez. Estava faltando um par de sapatos sociais, por isso ele manteve os que usava. Ruby se aproximou. Gubber ficou entre os dois.

— Aquele idiota está vindo? — gritou Chauncy do lado de fora.

— Agora mesmo — berrou Gubber em resposta.

À medida que os dois homens chegavam à varanda, Ephram se virou e olhou para Ruby. A dor se elevou até o peito dele, dificultando a respiração. Ela parecia pequena como uma criança, de pé, descalça. Havia perguntas escritas no rosto dela, mas ele não sabia como responder. No entanto, os olhos dele se

abrandaram e, apesar do medo arraigado na barriga, ele não conseguiu evitar que um sorriso discreto surgisse no rosto.

— Você quer que eu traga alguma coisa na volta? — perguntou. Ruby sabia que esse era o jeito dele de dizer que retornaria. — Sorvete?

A última palavra soou como uma declaração, uma proclamação de que aquele era um lugar onde a risada teria água o suficiente para crescer, um terreno alagadiço para a esperança.

— Seria ótimo — respondeu Ruby.

Gubber cutucou Ephram.

— Vamos lá, homem.

Houve um murmúrio generalizado lá fora.

— De que sabor? — indagou Ephram. E algo se moveu dentro de Ruby.

A ideia de um sorvete era mais do que ela era capaz de imaginar; escolher um sabor era parecido com comer demais no Dia de Ação de Graças. Ela se sentiu inchada e vagarosa, repentinamente exposta, instantaneamente em perigo.

Como se fosse um sopro de calor queimando através dela, aquilo se tornou demais, aquela bondade constante e implacável, a gentileza no centro dos olhos dele que nunca vacilava. A atenção do homem tinha enchido a tigela rasa que ela separara para a alegria. Naquele momento, a porcelana rachou.

Ruby se levantou de um pulo, foi até Ephram e o beijou, de língua. A mão deslizando pela nuca dele, empurrando o corpo contra o dele, a língua garganta abaixo.

Então ela disse, com o rosto a centímetros do dele:

— De chocolate.

Ruby fez tudo isso diante de Deus, de seus bebês e de uma matilha de lobos. Embora Ephram estivesse mais do que ligeiramente surpreso, ela pôde sentir os homens no jardim, a fome deles aumentando, como se ela fosse uma corça ferida.

A matilha engoliu aquilo e, em seguida, escoltando um Ephram entorpecido, foi embora. Os homens o empurraram para a dianteira do grupo. Foi Chauncy quem ficou para trás, os olhos queimando o corpo dela como ferro em brasa até parar no rosto.

Ruby olhou diretamente para ele, sem dizer nada.

Chauncy ficou parado por mais um instante, tempo suficiente para que Ephram se virasse. Então todos seguiram pela estrada, Chauncy estranhamente calado enquanto Ephram deixava cair partículas de poeira vermelha como se fossem migalhas de pão ao longo do caminho.



O CORPO de Junie Rankin já estava pronto para a vigília. O único habitante da cidade que não estava a par dos acontecimentos recentes, repousava rígido, um sorriso curvando as imediações dos lábios macios, o casaco fino de lã azul-marinho passado e os sapatos engraxados. Embora concordassem que o Necrotério/Serviços de Ambulância Edwin Shephard sempre fazia um bom trabalho, os presentes no velório da noite anterior tinham ficado preocupados com o fato de Junie ir para o túmulo usando lã em pleno verão. Chauncy dissera que talvez o Senhor olhasse para o homem suado e sem fôlego e decidisse mandá-lo para um lugar ao qual se adequasse melhor. No entanto, como aquele era o melhor traje de Junie, todos enfim concordaram que os Rankin e a funerária haviam tomado a decisão correta. Supra colocara uma pequena Bíblia junto a ele, dentro do caixão, só para garantir. Naquela segunda-feira, a funerária estava representada por Shephard filho, e não pelo pai. Um homem delicado, cor de algas marrons, com um bigode delineado, Edwin Shephard Junior se inclinou sobre a forma murcha de Junie, reaplicando o blush Max Factor de tom Cor-de-Rosa Elegante. Os Shephard se orgulhavam de ser um dos dois únicos serviços de “transporte de todos os tipos, da doença ao luto” para os negros da região de Liberty, Shankleville e Jasper, atendendo a despachos da polícia ou a ligações particulares quando um ente querido precisava de internação e, depois, dependendo da natureza da emergência, levando-os para

qualquer destino que fosse solicitado: o pronto-socorro ou a funerária.

Muitas das Irmãs da Igreja estavam arrancando as flores murchas dos arranjos da noite anterior e espiando quanto cada um tinha custado e quem havia passado a perna em Junie ao não cumprir com as obrigações florais. Righteous Polk e a irmã, Salvation, tinham se encontrado com Celia de manhã bem cedo. Haviam se sentado em oração e, depois, ajudado a mulher a levar as tortas, os figos e os bolos para a recepção na casa de Supra Rankin, onde os quitutes foram somados à montanha de comida que sofreria um ataque assim que o enterro terminasse. Agora, as duas Polk trabalhavam para acrescentar os retoques perfeitos ao culto vindouro. Righteous pegou uma xícara de balas em tons pastel e as derramou em um prato de plástico transparente no lavabo feminino. Righteous ensaiou a expressão que assumiria no momento em que se jogasse em cima do caixão. Quando ficou satisfeita, pensou sobre o que Irmã Celia dissera naquela mesma manhã e soube que o discurso estava certo. Era bom rezar e converter as pessoas em tempos de problemas amenos, mas, quando uma onda estava prestes a desabar em cima da sua cabeça, você seria um idiota de usar apenas um guarda-chuva frágil para se proteger. Era necessário tomar atitudes drásticas, disso Righteous tinha certeza.

Haviam se passado sete anos desde que a cidade enfrentara um caso tão ruim quanto aquele — a própria filha amada de Righteous, Honey, sempre fora um doce, mas de repente rejeitara a igreja depois de engravidar daquele Reverendo Swanson. Righteous tentara ajudar Honey a compreender a natureza do homem e como era função da mulher se manter acima dela. Caso isso não fosse possível, a mulher deveria encontrar o perdão, especialmente para um homem de Deus. Mas Honey abandonara a igreja de qualquer maneira e, então, o problema começara. A garota abandonara o bebê pequeno e fugira da cidade para morar longe de casa com uma abominação feminina de Deus, o que sem dúvida acontecera por causa das drogas que Honey certamente estava consumindo para tomar uma atitude dessas. Righteous e suas Irmãs da Igreja

tinham feito o melhor que podiam para enganar a garota e levá-la de volta para casa, inventando que a mãe estava com a saúde debilitada. Então, arrastaram Honey para o abrigo de tempestade subterrâneo e a mantiveram lá embaixo, orando por ela durante quatorze horas ininterruptas, não deixando que ela saísse para comer nem para se aliviar, até que ela gritara o nome de Jesus, falara línguas sagradas e fora bem-vinda de volta ao rebanho. Contudo, assim como em Mateus 12:43, o espírito imundo saíra do corpo da garota, fora tomar um chá no inferno e, em seguida, voltara com sete amigos, possuindo-a de novo, até que, dois dias depois, a pobre criança conduzira o carro daquela abominação feminina na direção de uma carreta de dezesseis rodas. Não importava que as pessoas dissessem que a garota não parava de chorar e beber e chorar mais um pouco, porque Righteous sabia que a culpa era dela. Aliás, a culpa era de toda a congregação, por não ter trabalhado com mais afinco para resgatar a alma de Honey. Righteous ensaiou sua expressão enlutada mais uma vez e se surpreendeu ao ver a umidade das lágrimas brilhar em seus olhos. Enxugou-as depressa e foi se juntar às irmãs.

As pessoas começaram a chegar à igreja pouco depois do meio-dia, a fim de conseguir os melhores lugares. Os bancos mais próximos ao caixão e à família foram os primeiros a lotar. Em seguida, os lugares perto de Righteous Polk, uma vez que ela sempre desabava com grande pompa e dava berros dramáticos enquanto corria tanto em direção ao caixão quanto para longe dele. Celia chegou somente quinze minutos adiantada, com a segurança de quem sabe que alguém guardaria o seu lugar. Um grupo ansioso se amontoou ao redor dela, a estrela do evento até que os Rankin chegassem. Celia escolhera uma saia simples de crepe preto e um paletó, além de uma camisa azul-petróleo e um chapéu de aeromoça com enfeite de pedrinhas pretas. Os olhos dela não se desgrudavam da porta da igreja, antevendo a entrada de Ephram. Os homens e as mulheres que cercavam Celia seguiam o olhar da mulher como se fossem abelhas atraídas por mel, ávidos para presenciar o momento exato do encontro.

Ela não precisou esperar muito. Ephram Jennings, que havia perambulado do lado de fora tanto quanto possível, entrou na igreja naquela manhã de segunda-feira e ficou de pé, desprotegido, nas portas do santuário. Celia o fuzilou com o olhar e, depois, armou uma cena, tapando os olhos e se virando de costas. Ephram, um misto de nervosismo e medo profundo, sentiu-se como se tivesse sido atingido por chumbo grosso. A multidão se regalou com o doce contato entre os irmãos. Ephram absorveu os olhares e entrou na igreja, deixando atrás de si um rastro do pó da casa de Ruby, que agora se encontrava grudado como cola nas ranhuras das solas dos sapatos dele.

Os Rankin, à exceção de Chauncy, que tinha se voluntariado para ir buscar Ephram, chegaram em duas limusines azul-bebê alugadas em Leesville. Amontoaram-se à porta, de modo que Ephram abriu caminho e deixou que passassem. Apesar da suntuosidade das indumentárias da família, das plumas negras no chapéu de Supra, da lisura dos cabelos repuxados das mulheres e dos bons ternos dos homens, da severidade do luto pintado no rosto dos familiares, das lágrimas que já escorriam pelas bochechas macias de Verde, da beleza genuína dos sete irmãos Rankin e dos soluços intensos de Bessie, esposa de Junie, quando Ephram se sentou no fundo e não ao lado de Celia, no banco que os dois haviam partilhado por duas décadas, todo o salão se voltou primeiro para Ephram e depois para a irmã dele, desejando ver como ela receberia aquela atitude. Os curiosos encontraram a mulher de olhos fechados, orando.

Mais tarde, todos disseram que o funeral de Junie Rankin tinha sido um bom testemunho da vida do homem. Não fora o melhor que já haviam presenciado, mas com certeza não fora o pior. Os Rankin de fora da cidade acharam um pouco estranho quando o Pastor mencionou como estava feliz pelo fato de Junie nunca ter sido importunado por nenhuma Jezebel, demônios ou demência. Nesse momento, todos de Liberty se viraram novamente e encararam Ephram Jennings por um instante. Quando a cantoria começou, as mulheres desabaram e precisaram de ajuda para se levantar. Os homens bateram palmas e cantaram "Serafim!". Righteous Polk não decepcionou e desabou tantas vezes, tremendo

e chorando com tamanha fúria, que precisou ser atendida no escritório do Pastor pelo recém-viúvo Diácono Charles. Ao caixão, a competição havia sido feroz para decidir quem amava mais Junie: a esposa, Bessie, ou a irmã, Petunia. Lamúrias e mais lamúrias se sucederam, seguidas pelo bater e sovar da carne. A fotografia emoldurada de Junie, o cavalete sobre o qual ela fora colocada e dois arranjos florais exibindo copos-de-leite foram vítimas da rivalidade. O culto terminou sem um vencedor claro.

Ephram se sentiu fraco, e seu estômago se revirou no momento em que ele se levantou com o restante dos que carregariam o caixão: Chauncy, Percy, Gubber, Charlie e Sim Rankin. Ele tomou seu lugar na parte de trás, à esquerda, enquanto os seis homens erguiam o pobre Junie e o apoiavam nos ombros. Ephram sentiu Celia abrir caminho em sua direção ao longo de todo o corredor, porém alguma força desconhecida o impediu de olhar para a irmã. Ele deixou a igreja e entrou no carro funerário com os demais homens.

Então seus ossos começaram a formigar.

Edwin Shephard Junior os conduziu por mais de seis quilômetros até o Cemitério de Liberty, onde eles descarregaram o caixão e levaram Junie até seu destino. Edwin ajeitou a área do enterro enquanto os seis carregadores se encaminhavam até o centro do cemitério para aguardar a chegada das outras pessoas. Até a família fazer a procissão para fora da igreja, reaplicar a maquiagem, trocar as roupas de baixo, arfar, sentar-se, reunir forças e se organizar dentro das limusines, os homens tinham pelo menos uma hora de espera pela frente.

Logo que eles se instalaram em cima de lápides para fumar, Ephram vestiu o casaco e começou a caminhar colina abaixo, em direção às terras dos Bell.

— Se eu fosse você, não iria a lugar nenhum até colocar um ponto-final naquele encontro com a Celia. Não quero que nada aconteça com aquela garota — cuspiu Percy Rankin.

Ephram se virou, um terror débil segurando-o, e se juntou novamente ao grupo.

Chauncy Rankin tirou o paletó, olhou para Ephram e começou a gargalhar. Riu tanto que quase caiu no chão. Soltou risadas do tipo que faz os ossos doerem, lágrimas escorrerem pelas bochechas, a barriga estremecer. Percy e Sam se viraram para o outro lado, sorrindo, enquanto Chauncy se aquietou por um segundo, subiu de volta na lápide, olhou para Ephram e caiu no chão, uivando.

Preso entre a vergonha e o medo, lutando contra o formigamento nas juntas e o revirar do estômago, Ephram não foi capaz de perguntar aquilo que as ações de Chauncy imploravam para que perguntasse: *Do que você está rindo?*

Finalmente, Chauncy recuperou o fôlego e, entre arquejos, disse:

— Ahhhhh, rapaz! Ahhhhh, rapaz, eu não ria tanto desde que o Gubber desmaiou e se molhou todo, mês passado no Bloom.

— Só depois que vocês, seus pretos idiotas, enfiaram a minha mão na água morna enquanto eu dormia — defendeu-se Gubber.

— Eu não vou falar quem enfiou o que onde, mas, *caramba*, aquilo foi quase tão divertido quanto isso aqui. Jesus amado, onde Ephram Roosevelt Jennings estava com a cabeça para brincar de casinha com aquela, aquela...

Então ele começou a gargalhar de novo, soltando exclamações de “Ai, meu Deus!” e “Jesus amado!”, até que a risada se tornou contagiosa e Percy e Sim também começaram a rir, seguidos por Charlie e, por fim, Gubber, todos trocando apertos de mão fraternais e tapinhas leais nas costas. O cacarejar das gargalhadas ganhou corpo como se fosse uma tempestade se formando. Quando conseguiu fazer com que toda a matilha uivasse e atacasse, Chauncy ficou quieto e olhou para Ephram Jennings.

— Rapaz, você devia de ter vergonha.

Ephram escoiceou os pés no chão e, para sua grande vergonha, não disse nada. O estômago ainda se revirava. Um pequeno rimbombar de trovão ressoou, distante.

“Você é uma coisinha desprezível” foi o pior xingamento que Chauncy conseguiu proferir, mas o olhar dele revelou muito mais, encarando Ephram como se não conseguisse acreditar que um homem como aquele pudesse existir em meio aos outros presentes.

Então, Gubber se manifestou.

— Ah, ele não é nada diferente da gente; todo mundo procura uma mulher igualzinha à mãe.

O grupo parou por um instante, decidindo se atacava ou não.

Sim olhou para Chauncy, depois incluiu a lâmina de uma faca em suas palavras:

— A minha mãe tinha dente reto, então eu não aguento uma garota com a boca torta, que nem o Ephram não ia saber o que fazer com uma mulher ajuizada que não tira as roupas na Páscoa.

Diante disso, Chauncy caiu em uma risada mirrada.

— Vocês todos *sabem* que isso é errado. — Então, com uma pancadinha na cinza do cigarro, deixou Ephram de lado. Ephram tentou laçar as palavras certas, mas elas escaparam. Então o momento passou e Chauncy vestiu o paletó e se virou para os demais: — Agora, qual de vocês é idiota o bastante para pensar que o Cassius Clay tem como ganhar aquela Thrilla in Manila?

— O nome do homem é Ali — corrigiu Percy.

— Que diabo, ele resolver que quer ser chamado de Mohammad é como cuspir na cara da própria mãe — contrapôs Charlie.

— Não importa, ele já derrubou o Frazier uma vez — amenizou Percy.

— A luta foi comprada — contestou Sim. — Além disso, o Joe nocauteou ele na primeira noite.

— A verdade é que os homens mais claros são mais fracos que os homens mais escuros — disparou Charlie. — O Joe vai descascar aquele preto feito um gorila descasca uma banana.

— Mas o seu pai mesmo é um preto claro — devolveu Percy.

— Então eu acho que ele sabe do que está falando — intrometeu-se Chauncy.

— A gente devia perguntar para o Ephram sobre preto de pele clara — provocou Sim.

Ephram se recostou em uma lápide, grandes ondas de asco de si mesmo quebrando no coração. Suas entranhas se torceram para a esquerda, depois para a direita. Ele fora provocado três vezes nos dois minutos anteriores e sabia que não conseguiria mais viver na cidade se não agisse naquele momento. Tentou reunir força de vontade, mas algo tinha cortado o tronco da coragem, e ele

percebeu que estava com a boca cheia de saliva. Antes que conseguisse evitar, já tinha vomitado em cima do túmulo de Weller Redding. Os homens olharam para Ephram.

— Nossa, que nojento — observou Percy.

Em resposta, o estômago de Ephram se contraiu de novo e ele vomitou nos próprios sapatos. Os respingos foram parar na barra da calça de Chauncy.

— *Porra!* Presta atenção, seu idiota! — gritou Chauncy.

E, antes que qualquer pessoa soubesse o que tinha acontecido, empurrou Ephram, que caiu de costas em cima do túmulo. Com as pernas em desalinho, meio abertas, o sujeito parecia ridículo demais para inspirar gargalhadas.

Ninguém tinha visto as nuvens no céu. No entanto, elas haviam se atado em um nó suave e cinzento, e começara a chover. Por um instante, caíram apenas alguns respingos, e, então, como se uma torneira tivesse sido aberta, iniciou-se um belo aguaceiro. Ephram sentiu a água espirrar em seus sapatos virados para cima, molhar seus tornozelos, suas mãos e, por fim, seu rosto e seu cabelo. Os pingos lavaram também o que restava do pó vermelho, sem que Ephram jamais tivesse se dado conta da presença dele. Chauncy estava amaldiçoando Ephram e a chuva ao mesmo tempo, inclinando-se sobre ele, os punhos cerrados. Um novo poder e uma nova força percorreram Ephram, como se surgissem do próprio solo. Ele ficou de pé e empurrou Chauncy. O homem cambaleou, a descrença tomando seu rosto.

— Eu estava brincando, mas agora você conseguiu me irritar, seu preto!

Ele atacou, mas um fio de água vindo da direção de Ephram entrou furtivamente sob os sapatos oxford tamanho quarenta e cinco de Chauncy. Então o mais confiante dos homens escorregou e caiu, o peito em cima do vômito de Ephram. Todos gargalharam.

Até mesmo Chauncy deixou a maldade de lado e se rendeu ao nojo.

— Que merda, cara! — disse ao se levantar. — Merda! Agora eu preciso ir para casa me trocar. — Então, para Percy: — Diz à mamãe que eu já volto.

E foi em direção à pequena colina, à estrada. Uma vez fora de vista, seguiu pela esquerda, nitidamente rumo às terras dos Bell.

Os demais homens correram e se refugiaram debaixo das folhas de um salgueiro. Ephram se manteve firme, encharcado até os ossos, arfando e forte, todo o formigamento lavado pela água, uma calma firme inundando o corpo.

CAPÍTULO 17

O túmulo de Otha Jennings repousava cinco lápides à direita e quatro acima de onde Ephram se encontrava. Um simples bloco de cimento com os cantos arredondados e mãos em oração gravadas na superfície cinza. Ephram cuidava dele quase todos os domingos depois da igreja, mantendo a grama aparada e regando as flores. As raízes de ranúnculos e de verbenas se enrolavam acima do caixão no qual sua mãe repousava. Na verdade, o caixão não continha nada da mulher em si, nada de ossos, dentes, nem mesmo uma escova com alguns fios de cabelo. Em vez disso, continha os livros que ela mais folheara (as *Obras completas* de Emily Dickinson e *O chamado selvagem*, de Jack London), o par de luvas favorito e a melhor renda de bilros.

Ephram tinha dezesseis anos e Celia, vinte e dois, quando chegou uma carta do Hospital Psiquiátrico Kindred, em Albuquerque, Novo México, comunicando a morte de Otha em um incêndio em julho de 1945. A ala para pessoas de cor tinha sido queimada por completo, deixando nada além de cinzas. Depois de Ephram mandar doze cartas solicitando os registros da mãe, algum funcionário bondoso finalmente os mandou. Estava cheio de palavras como “surto psicótico/esquizofrenia” e “episódios delirantes”. Uma lista de remédios dos quais nem Ephram, nem Celia tinham ouvido falar. Quando os dois mostraram o documento ao Doutor Tully, que estava de passagem por Liberty, o médico de Beaumont para pessoas de cor disse que também nunca ouvira falar em metade daqueles medicamentos. O homem fechou o arquivo de Otha, balançou a cabeça, praguejou um pouco e disse “ratos de laboratório” bem baixinho. Quando Celia perguntou o que aquilo queria dizer, o médico apenas comprimiu os lábios com força

e respondeu que os dois deveriam ficar gratos pelo fato de a mãe ter ido ao encontro da glória.

Otha Jennings nascera em Baltimore, em maio de 1900, filha de um pai instruído e uma mãe costureira. Vinha de uma longa história de liberdade. Nenhum tatara-qualquer-coisa, nem avó, tia ou tio tinha vivido sob o jugo da escravidão. Na época, havia um pequeno, porém substancial, legado de negros que haviam desembarcado nos Estados Unidos, negros que tinham alcançado o inimaginável, tornando-se médicos, advogados, políticos, cientistas, reitores, homens de negócios. No entanto, ninguém na família de Otha havia pertencido a esse grupo. Eles eram gente simples e esforçada. O pai dava aula no terceiro ano do ensino fundamental da Escola Washington, mas, antes de morrer de tuberculose, quando Otha tinha quatorze anos, ele já havia separado dinheiro o bastante para que ela pudesse frequentar a Universidade Fisk, no Tennessee. Otha era filha única de dois filhos únicos. Aos dezessete anos, trabalhava meio-período com a mãe, depois da escola, e se destacava em tudo o que fosse relacionado a costura, em especial na feitura de renda. Gostava tanto do ofício que, muitas vezes, tinha sonhos rendados, padrões delicados cobrindo a paisagem noturna. Era só um pouco alta, a pele cor de ameixa em um tom intenso e magnífico. O cabelo preto e liso “de índia” vinha da família materna. Chegava à altura da cintura até que ela o cortou igual ao de Claudette Colbert no verão antes de entrar na faculdade. Os fios caídos no chão fizeram a cabeleireira chorar. No dia seguinte, quando estava a caminho da igreja, a garota conheceu o Reverendo Jennings, doze anos mais velho que ela. Otha tinha acabado de costurar um vestido azul-marinho de cintura baixa para usar na faculdade e estava se sentindo muito adulta quando o homem lhe disse que ela parecia uma moeda de cobre novinha em folha. Ela ficou tímida até ele contar que era um reverendo do Texas e que estava pregando como convidado na Igreja Pentecostal do Primeiro Nome de Jesus, localizada na Tinkle Street. O homem a convidou para a renovação daquela noite. Como já estava a caminho de uma igreja para uma reunião de coral, Otha não viu mal naquilo e foi com o Reverendo até a Tinkle Street. Ela

sempre frequentara uma igreja episcopal calma e silenciosa, portanto nunca tinha ouvido um bom pregador do movimento pentecostal em um momento de inspiração. Ele atirava as palavras em volta de Otha como se fossem cometas rasantes. Ela ficou em êxtase e o aguardou após o culto, como ele pedira, de modo que o Reverendo acompanhou a adolescente fascinada até sua casa. Ele perguntou sobre a vida dela, sobre a mãe, o falecido pai, a vizinhança, os amigos. Indagou sobre a faculdade quando ela contou que seria a primeira mulher negra que conhecia a obter um diploma universitário. Ela contou que tinha planos de trabalhar como enfermeira em um hospital para pessoas de cor. Ele a ouviu com grande ardor, os olhos intensos e bem abertos, anuindo no ritmo da melodia da voz dócil de Otha. O Reverendo a levou para casa e mencionou que ficaria na cidade por mais três dias, até sexta-feira, então ela o convidou para jantar na noite seguinte, sem antes pedir permissão à mãe.

Marilyn Daniels não gostou do homem, mas tinha sido bem criada e, portanto, recebeu-o com educação em seu lar sem marido. Ela conseguia enxergar o desespero mal disfarçado que recobria o sujeito, os modos pregados como se fossem quadros para esconder as rachaduras. O pior era que ele era um pastor itinerante, um homem sem lar exceto pelo paletó que vestia. E a costureira notou que a peça era de segunda categoria, feita com tecido de baixa qualidade.

Quando ele saiu para a noite, tendo extraído das duas mulheres a promessa de que compareceriam à renovação do dia seguinte, Marilyn quase conseguiu senti-lo marcando a porta da frente como se fosse um cachorro — tarefa facilitada pelo fato de que o aroma de tabaco e da loção pós-barba Bay Rum do marido já havia esmaecido tempos antes.

Otha Daniels se apaixonou na noite seguinte, sentada na terceira fila. Ela e seus pais sempre tinham mantido a casa silenciosa. O Reverendo Jennings era uma trombeta explodindo no espaço delicado que havia debaixo das costelas dela. A garota não conseguia compreender por que ele servia apenas como um show de abertura para outros homens menos valorosos. Isso a

atormentava, mas ela sabia que a injustiça poderia ser corrigida — com a ajuda dela. Naquele momento, Otha rasgou as costuras de seus próprios sonhos e os remendou aos dele.

A mãe da adolescente falou em coisas ridículas como idade e dinheiro. No entanto, quando Marilyn mencionou Fisk e o sonho do pai de Otha, a jovem desanimou por um instante. Tinha sido a filhinha do papai, acreditara nele e o seguira em todas as coisas. Naquele momento, porém, já tinha dezessete anos, e completaria dezoito em menos de um mês. Aprendera com o mundo, em todos os lugares para onde olhava, que as mulheres deixavam de ser as filhinhas do papai quando se tornavam as esposas de seus maridos.

Naquela noite, o Reverendo a acompanhou até a casa dela. Os dois não conversaram muito enquanto ouviam os pés se arrastarem na calçada. Passaram por outros casais de negros de mãos dadas na rua, então ele segurou a mão estreita e afilada de Otha. Jennings começou a falar sobre as mãos dela, sobre como os dedos eram longos, como se moviam com delicadeza, como haviam sido uma das primeiras coisas em que ele reparara. Otha nunca tinha pensado nas próprias mãos como algo além de ferramentas ágeis para fazer rendas e dar pontos. Sentiu uma espécie de magia correr pelas palmas, fazendo com que elas quisessem dançar como borboletas.

O casal caminhou em círculos ao redor de parques e arrastou os pés até bem depois do pôr do sol. Enquanto andavam bem ao lado do cemitério no qual o pai da garota tinha sido enterrado, o Reverendo a beijou com tanta doçura que ela se derreteu, misturando-se ao solo. Nesse momento, devolveu ao pai os sonhos que eram dele. Fez isso entre lágrimas de sofrimento, mas também de alegria, porque aquele novo sonho preenchia seu plexo solar como vidro soprado, um calor escaldante e líquido ao mesmo tempo. Então os dois voltaram à igreja, onde o Pastor Bowling os declarou marido e mulher.

Marilyn soltou um grito de agonia ao ouvir Otha contar que se casara com o Reverendo. O barulho mais alto que qualquer um já tinha feito naquela casa. Otha segurou a mãe, os braços escuros ao redor do pescoço da velha mulher, bochecha molhada com

bochecha molhada, as duas chorando na penumbra da iluminação noturna. A garota sussurrou na orelha da mãe que o novo marido lhe dera um motivo para respirar, e que ela o seguiria e o amaria por todos os dias da vida.

A mulher abraçou a filha. A menina iria se machucar, Marilyn tinha certeza. Incapaz de protegê-la, a mãe sentiu uma selvageria no peito, como um pássaro preso atrás de uma porta de vidro. Contudo, ao olhar nos olhos da filha, enxergou que ela já tinha ido embora. Portanto entregou à garota algumas palavras para ajudar nos momentos sombrios:

— Seu pai e eu lhe demos o nome de Otha. Significa “fortuna”. Você era o tesouro do seu pai, desde o momento em que nasceu até a hora da morte dele. Ele costumava dizer que você tinha rubis em seu interior. Lembre-se disso, querida, nunca deixe um homem minerar as suas riquezas. Não deixe ele usar uma picareta para retirar esse tesouro da sua alma. Lembre-se de que ninguém pode pegar o seu tesouro até que você o entregue. Podem até mentir e tentar enganá-la para que você abra mão dele, querida, e vão tentar. Talvez batam em você, ou coisa pior, talvez quebrem o seu espírito, mas só vão conseguir tomar seu tesouro se a convencerem de que essa riqueza nunca foi sua. Se a convencerem de que não existe nada em você, só um pedaço de carvão.

“Meu amor, um dia eu vou morrer; e não só isso, um dia você também vai. E entre o aqui e o lá, Deus nos dá a missão de recolher a verdadeira riqueza da vida. Eu tive muita: o jeito como seu pai sorriu quando eu o conheci; a torta de maçã que a sua avó fazia, com um pau de canela inteiro moído junto com o açúcar; as folhas de bordo no outono e como isso sempre significava que o xarope de bordo com figos do seu pai estaria nas nossas panquecas. E você. Você, minha filha linda, minha joia. Você, meu prêmio. E um dia você vai ter um bebê e esse bebê vai ser o seu prêmio.

“Ensine seus filhos a verem isso, ensine pelo exemplo. Mas, se você não conseguir, se entregar o seu tesouro, se achar difícil encontrar o caminho dentro da escuridão da sua própria alma, se esquecer quem realmente é, saiba que tudo isso volta quando a

mentira que lhe contaram morrer. Essa mentira não morre fácil, e às vezes ela leva você junto. Mas, apesar de tudo, a sua recompensa ainda espera o momento em que você a pegará.

“Lembre-se dela, e ela ainda brilhará. Brilhará mais forte quando você permitir que o amor a encontre. Brilhará mais forte quando você se amar. E continuará brilhando no paraíso quando você deixar este velho mundo.

“Lembre-se do que eu digo, Otha. Lembre-se de reivindicar a sua herança. Promete?”

Otha balançou a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— Prometo, mamãe — sussurrou.

Então Otha deu um beijo na bochecha escura da mãe e subiu para fazer as malas. Saiu de casa em menos de uma hora. A velha costureira assistiu aos dois irem embora — o Reverendo ficou esperando na carroça, nunca mais entrando na casa de Marilyn, nem mesmo para pegar a bagagem da filha dela.

Ele foi bom para Otha durante um mês, e os dias daquele mês foram repletos de conversa, grandes sonhos e imagens do tamanho do céu pintadas com floreios. Ele contou a ela sobre o Sul à medida que os dois seguiam viagem na carroça rumo a Liberty, enquanto brisas suaves cheias de gardênia sopravam e flores azuis sujavam as faces das colinas. O Reverendo falou sobre ver e saber, sobre como ele era um homem adulto e sabia o que queria, sobre como queria arrebanhar os perdidos. Falou sobre a igreja que teria um dia e sobre a janela colorida com asas de anjo. Falou que ela era uma coisinha minúscula que ele manteria debaixo da asa para sempre.

As trinta boas noites encheram Otha com uma alegria que partia o coração. Era um sentimento intenso demais para caber no corpo comedido e no espírito delicado da garota, então ela precisava se quebrar para acomodá-lo, apenas para tentar se reconstituir a cada manhã. Quando o casal chegou a Oklahoma, Otha não se reconhecia mais. No entanto, gostava daquela nova mulher que via através da lupa, com olhos cansados sorridentes e lábios conhecedores do mundo.

Anos se passariam antes que o marido batesse nela. Mas, em Texarkana, a cinco dias de Liberty, ele começou um ataque

dissimulado às decisões da esposa. Eram coisas pequenas, como não pendurar a roupa de baixo no varal de viagem e o que não vestir nos cultos em que ele atuava como pastor convidado. Quando os dois chegaram à Igreja do Coração de Jesus, em Dearing, ele proferiu o sermão "Saindo da frigideira para as mãos de Jesus" com uma febre de quase trinta e nove graus e calafrios diante de um público pouco empolgado. Então humilhou Otha na frente da congregação inteira ao falar sobre as mulheres do Norte com cabelo curto que pensavam que a própria costela era maior que Adão. Quando o novo casal chegou a Liberty, o rosto do homem tinha se transformado em uma pedra taciturna que se quebrava apenas à noite, entre lençóis brancos.

Quando Marilyn ficou doente, um ano depois, Otha não teve forças para dizer à mãe que ela tinha razão. Pediu dinheiro para ir visitá-la, mas o Reverendo respondeu que passagens de trem não nasciam em árvores. Em vez disso, deu dinheiro para que a esposa comparecesse ao funeral, quatro semanas mais tarde.

Os primeiros dois filhos morreram antes de se enraizarem por completo no útero de Otha. Ela queria túmulos decentes, mas o Reverendo disse que aquilo era uma blasfêmia, já que os bebês não haviam chegado a termo e não tinham sido batizados. A criança seguinte foi Celia, que desde o começo foi a garotinha do Reverendo, trazida à vida pelo rimbombar da voz dele, sorrindo com os arrulhos e as cócegas do pai, chorando até mesmo enquanto sugava o seio de Otha. Então o casal perdeu mais cinco filhos antes que o menino dela, Ephram, chegasse, em 1929.

Àquela altura, o Reverendo já tinha começado a bater em Otha com toda a força quando, segundo ele, ela merecia. Ele odiava ver a esposa lendo e batia nela todas as vezes que a pegava fazendo isso, sem antes perguntar se já havia terminado todas as tarefas domésticas. Ele nunca a deixava cortar o cabelo, mas ficava indignado se ela se arrumava na frente do espelho.

Quando Ephram tinha cinco anos, a serralheria de Grueber foi tomada pelas chamas. Foram necessários três meses até ser reconstruída e posta em funcionamento, período durante o qual os pratos de coleta da igreja sofreram bastante. Tanto que Otha foi

obrigada a arrumar um emprego em Newton, fazendo renda na Tudo para Noivas da Senhorita Barbara. O próprio Reverendo levou a esposa até lá em uma manhã de segunda-feira. Ele dissera que Paula Renfolk, empregada da Senhorita Barbara, contara a ele sobre o emprego, mas, quando o casal chegou lá, Paula pareceu surpresa, e, estranhamente, o Reverendo e a Senhorita Barbara pareciam se conhecer. Tão bem que ela doou tecidos, agulhas e alfinetes para as crianças da paróquia dele; tão bem que, quando a Senhorita Barbara subiu as escadas da loja, ele a seguiu a fim de carregar uma caixa pesada, e os dois ficaram lá em cima durante uns bons vinte e cinco minutos.

Paula se inclinou e brigou com Otha. Disse que era melhor manter o marido satisfeito em casa ou um problema terrível com certeza recairia sobre ela. Contou que tinha visto a Senhorita Barbara doar muitas coisas ao Reverendo na época da inauguração da loja. Disse que nenhum sujeito branco dava atenção à Senhorita Barbara antes de ela comprar aqueles dentes novos em Dallas. Mesmo depois de eles terem chegado naquela caixinha azul de remédios, a mulher continuara fazendo muitas doações ao Reverendo.

À noite, quando Otha perguntou sobre isso ao marido, ele bateu nela com tanta força que o sangue encheu sua boca. Depois disso, Otha manteve os olhos no trabalho.

O que, verdade seja dita, não era um sacrifício, porque, além do filho Ephram, a beleza da renda era o único amor verdadeiro dela. A mãe a ensinara como mover os dedos, como esticar as beiradas e enrolar o fino fio de seda. O trabalho de Otha era impecável, e ela logo conquistou uma boa reputação. Mulheres de Pickettville e Beaumont iam até a loja da Senhorita Barbara somente por causa do intrincado e delicado trabalho feito naquela salinha escura nos fundos do estabelecimento. Com frequência, Ephram se sentava ao lado da mãe por horas a fio, observando-a trabalhar. Embora o Reverendo proibisse expressamente isso, ela ensinava o filho em silêncio, tecendo os fios mais devagar quando os olhos do menino pousavam na renda, virando o desenho para baixo nos momentos em que ele se inclinava na direção dela. Assim, mãe e filho

partilharam muitas tardes antes de pegar o ônibus vermelho de volta para Liberty.

O Reverendo passou a escapulir quase todas as noites. Otha presumiu que ele fizesse isso para ver outra mulher — quem sabe até mesmo, se Paula estivesse certa, a Senhorita Barbara, ato pelo qual ele certamente poderia ser morto. Havia anos que o marido traía Otha com irmãs de seu próprio rebanho. Ela sempre sabia quem era ao observar o modo como os olhos delas pulavam e dançavam quando o Reverendo colocava a mão em seus braços ou ombros, pelo discreto murchar de seus sorrisos quando a cumprimentavam a cada domingo. Otha esperava e, com frequência, encontrava sinais reveladores no marido: um lenço manchado, o aroma pungente de uma mulher, um fio de cabelo alisado firmemente enrolado ao redor de um botão ou na roupa íntima do Reverendo.

Contudo, Otha passou a encontrar outros artigos mais perturbadores. Certa noite, achou no bolso da camisa do marido uma pequena boneca preta com um alfinete espetado no pescoço. Em outra noite, encontrou uma bolsinha de veludo repleta de um cheiro tão pútrido que quase a fez regurgitar; outra vez, algum tipo de presa embrulhada em um tendão. Ela começou a achar pedaços de alho atados a batentes de portas e pequenos buracos cobertos em sua horta. Quando cavava a terra, com as mãos tremendo de pavor, sempre encontrava um estranho sortimento de ossos e pedaços de unha. No entanto, o último item que ela encontrou a fez entrar na floresta de pinheiros, perseguindo em segredo o marido. Foi na noite antes da Páscoa de 1937. Ephram tinha apenas oito anos.

Naquela tarde, Otha estava remexendo a cesta de roupas sujas. Não conseguia encontrar o melhor lençol que tinha para forrar a cama. O segundo melhor já estava na cama havia dois dias, e o Reverendo era muito rigoroso no que dizia respeito à limpeza, principalmente aos domingos. Ela já havia procurado em todos os cantos. Não estava na lavanderia, nem nas prateleiras do quarto. A busca se tornou uma questão de honra para ela, que simplesmente não poderia ter perdido o único lençol bom de forrar a cama. Então

Otha começou a procurar em lugares inusitados. Vasculhou o abrigo subterrâneo, atrás das conservas de figo e de pêsego. A crescente inquietação a fez revistar o sótão e o defumadouro. Finalmente, embolado dentro de um buraco na terra, debaixo de uma parede apodrecida do banheiro que ficava fora da casa e não era mais usado, ela o encontrou. Estava duro por causa da lama e de algo gosmento, seco e endurecido como se fosse cola. Foi somente quando levou o lençol ao nariz e sentiu o cheiro levemente almiscarado e salgado que Otha soube que se tratava de sangue. Um arrepio circundou sua garganta e apertou seu diafragma. Ela cheirou novamente e soube que alguma coisa havia sido morta ali. Deitou-se no chão até que seu coração preenchesse o cérebro com a razão. As mãos dela começaram a se mover como se fossem feitas de ar, e Otha, deitada no solo, demorou um instante para notá-las. Quando percebeu, acalmou-as contra o peito. Estavam fazendo renda. Aqueles movimentos sempre a confortavam. Ela devolveu o lençol para debaixo do banheiro e foi procurar os filhos.

Celia, de quatorze anos, estava assando um bolo de chocolate para o pai, o favorito dele. A adolescente não era uma cozinheira particularmente inspirada, mas tinha uma vontade e uma determinação de aço para aprender. Celia estava bem. Então, Otha foi procurar Ephram. O marido odiava o menino com uma paixão profunda e intensa. Ela temeu o pensamento, mas o tirou da cabeça tão depressa quanto ele surgira. Caçou o filho em todos os lugares favoritos dele, até que o encontrou alimentando os peixes no lago Marion. Otha tentou acalmar o próprio coração ao vê-lo, as perninhas dobradas, a respiração tão suave e firme. Mas uma bolha de medo emergiu de dentro do peito, e ela não conseguiu segurar o choro quando ele se virou para olhá-la. Uma nuvenzinha de preocupação se teceu no rosto do menino, então ela esticou a mão e o acalmou. Otha se sentou ao lado do filho e ficou encarando a água.

— Está tudo bem, mamãe? — perguntou ele.

Ela passou a mão na cabecinha quadrada do menino. O pai mantinha o cabelo dele aparado tão rente que a sensação era a mesma de passar a mão em um pêsego novo.

— Seu cabeça oca.

Ela observou o filho sorrir. Era uma piada velha, mas ele sempre dava um sorriso novo quando a mãe a repetia. Libélulas dardejavam ao redor, as asas refletindo arco-íris. Os dois ficaram sentados em tamanho silêncio que conseguiam ouvir a grama se inclinar e os pinheiros se acariciarem. Eram pessoas silenciosas, sempre tinham sido. Ephram pertencia à linhagem de Otha, tinha as sobrancelhas do avô e a graça da avó. Não havia nada do Reverendo nele, o que tornava fácil se aproximar do menino. Ela queria falar com o filho sobre os lobos no mundo e um tipo de perigo que espremia as entranhas. Otha conseguia senti-lo, passando rápido por entre as árvores em sua direção. O coração dela disparou. Os olhos de Ephram eram tão grandes e escuros, com cílios tão grossos. Ele a espiou, e Otha se inclinou, beijando-o no local onde o cabelo deveria se dividir.

Ela não sabia que os próprios dedos estavam se movendo até que o menino olhasse para eles.

O olhar dos dois se encontrou por um momento. Ela sorriu e deu de ombros. Depois, o filho apertou o rosto nela, os bracinhos delgados como patinhas de aranha se esticando para apertar mais forte. Então ela o colocou no colo, como fazia quando ele era uma coisinha pequenina, e não aquele garotão em que se transformara, e os dois assistiram à noite rastejar como um ladrão e roubar o restante do dia.

Nessa noite, depois que a casa adormeceu, o Reverendo escapuliu, mas não sem antes ir até o quarto do filho. Otha estava atrás dele, os pés pisando delicadamente no chão. Ela espiou para dentro do quarto e viu o marido se inclinar sobre o menino, murmurando palavras estranhas enquanto varria o ar acima do corpo de Ephram com as mãos. O homem deixou uma bolsinha de veludo vermelho na cabeceira da cama de Ephram. Otha observou o Reverendo ir até a lata de lixo, abrir o lenço e reunir ali as minúsculas luas crescentes das unhas que o menino tinha cortado depois do jantar. Então ele se dirigiu à porta. Otha correu como um relâmpago silencioso e se escondeu atrás da porta do armário. O marido passou direto e saiu da casa. Ela entrou no quarto de

Ephram e arrancou a bolsinha de veludo da cabeceira dele. O menino continuou dormindo. Otha correu descalça para a noite. Ouviu um graveto se quebrar ao longe e seguiu o som. A lua nua e cheia no céu enquanto ela perseguia os ruídos tão baixos que se registravam em seu subconsciente. Desse modo, caminhou vestindo a camisola branca, a mão apertada ao redor do veludo vermelho. Para onde ele estava levando as unhas do filho? Para onde? Otha sentiu o mesmo perigo correndo em sua direção, como se fosse água. Como uma enchente subindo enquanto ela seguia o marido. Em determinado ponto, o Reverendo parou e olhou para trás. Ela se escondeu e parou de respirar, então ele voltou a seguir em direção ao lago Marion. Ela viu um brilho em uma clareira distante, uma luz cintilante em meio à escuridão densa da floresta. O marido dela estava caminhando rumo àquela luz com as unhas do filho, portanto Otha o seguiu. Quando se aproximou, enxergou as árvores ao redor. Alguns dos galhos pareciam acenar e se mover, até que ela chegou perto o bastante para ver que eram os braços erguidos de homens que olhavam para as chamas. Estavam aguardando algo.

Otha se aproximou, rastejando, tão silenciosa quanto o ar. Mais à frente, um grande pinheiro a esconderia. Ela parou e deitou de barriga no chão, apoiando-se nos cotovelos para conseguir enxergar.

O Reverendo se juntou ao grupo. Os homens abaixaram os braços e se dividiram. Ele era o mais alto do grupo. Sem mover um músculo, todos pareceram se curvar diante dele. Otha sentiu uma lufada de calor passar pela pele, como se ela também estivesse de pé diante da fogueira.

De longe, Otha observou as silhuetas distorcidas dos homens tomarem forma. Maxilares e narizes se distinguiram em rostos familiares. Otha ficou sem respirar ao perceber que conhecia aquelas pessoas. Amigos — diáconos da congregação do marido. Homens com os quais tinha partilhado os hinários durante anos, que usavam as melhores roupas de domingo enquanto passavam os pratos de coleta. Homens com sorrisos pacientes e famílias. O que faziam de pé diante daquelas chamas? Otha se ergueu um pouco mais para enxergar melhor a expressão daqueles indivíduos. Mesmo

àquela distância, havia algo nos olhos deles que parecia crepitar junto com o fogo. Algo que ela nunca tinha visto aos domingos, nem no P & K, nem nas cerimônias da cidade. Algo que fez com que seu coração pulasse até a garganta, impossibilitando-a de engolir.

Em meio às chamas vermelhas e douradas, Otha viu dois homens carregando um bezerro malhado, branco com pontos vermelhos... Parecia ser a novilha dos Simpkins, que não tinha mais que seis meses. Os olhos dóceis como os das criaturas que acabaram de chegar à Terra. A novilha estava apavorada. Josua Perdy, um barítono do coral da igreja, desfraldou um lençol branco com marcas estranhas — um círculo negro e linhas retorcidas — e o estendeu no chão. Ela assistiu enquanto o Diácono Marcus, o homem que levava um buquê de flores para a mulher toda sexta-feira, baixava devagar a novilha no lençol. O bicho caiu com um baque alto e soltou um lamento agudo e solitário. Como se fosse uma criança assustada. Como se fosse... E eles ataram os pés do animal com uma corda vermelha. Apertada, apertada demais, entrecruzando as pernas. A novilha começou a chorar, longos mugidos se erguendo acima das chamas. Otha não percebeu que estava chorando também até ouvir as gotas suaves caindo nas folhas debaixo do queixo.

Como se fizessem parte de uma dança orquestrada, homens com roupas arrumadas do tipo que se usava para ir à cidade e sapatos engraxados saíram das sombras e se juntaram ao círculo. Homens que ela nunca tinha visto; altos, mestiços dourados que pareciam ter vindo de Nova Orleans. Conforme se uniam à roda, passavam às mãos do Reverendo o que parecia ser dinheiro dobrado, cada um deles acenando com a cabeça, até que os bolsos do marido ficaram bojudos. Estavam pagando por algo que ainda aconteceria. Ainda... Otha sentiu as estrelas pendendo, o mundo rodopiando... aquilo era demais, aquilo que ainda aconteceria.

Ela ouviu o marido falando. Os olhos dos homens extasiados, vivos. Otha conseguiu discernir apenas uma frase, "... no auge da...", mais nada. Em seguida, ela rompeu a barreira de medo e rastejou para ainda mais perto, até que a perigosa melodia da voz do Reverendo tocou as pontas soltas do cabelo dela.

As laterais do corpo da novilha subiam e desciam como uma gaita de foles, a pele finíssima perto das costelas. O animal começou a se aquietar um pouco, mas manteve um ritmo constante, seus gritos sem resposta. Sem mãe. Sem gramado. Apenas o fogo e os olhos daqueles homens.

— Sejam todos bem-vindos. Sejam todos bem-vindos. Obeah, você desenha o círculo?

Obeah, um homem atarracado, abriu um pesado saco marrom e despejou um pó vermelho em um grande círculo ao redor dos homens.

Otha olhou ao redor da floresta, esperando que algo parasse. Aquilo. Parasse aquilo. Ela olhou para cima. O céu estava carregado, uma névoa pairava ao redor das copas das árvores, e a novilha gemia baixinho. Nada. Ninguém chegaria.

— A gente quer dar as boas-vindas aos nossos membros de fora da cidade, que vieram aqui para ter a experiência de como a gente, os negros de Sabine, faz as coisas. — O marido dela abriu um lindo sorriso para o grupo e deu uma piscadela. Otha nunca o vira tão bonito. — Agora, pessoal, vamos ter dois iniciantes se juntando a nós hoje, se eles tiverem trazido o pó.

Dois meninos, que pareciam ter cerca de doze anos, se viraram. Otha perdeu o fôlego ao reconhecer o jovem Chauncy Rankin. O rosto revigorado e voltado para cima, como se ele estivesse recebendo uma medalha. O irmão mais novo de Chauncy, Percy, era o segundo. Os homens formaram um círculo mais apertado. Otha rastejou para mais perto e se agachou ainda mais. O pequeno Chauncy Rankin... Certo dia, ele tinha roubado uma torta de nozes da cozinha dela.

Todos eles, todos os homens começaram a falar com o fogo, mas não diziam palavras. Em vez disso, cantavam algo que Otha não conseguiu distinguir. As palavras deslizavam como cobras da boca dos homens, fazendo as mãos dela voarem para a barriga, onde ela imaginava que a alma ficava guardada.

O marido de Otha ergueu as mãos em um grande gesto que nunca desperdiçava com a congregação. A voz dele soou clara através do ar.

— Eu falo a verdade, meus irmãos. Eles já chegaram ao auge da masculinidade, então eu falo para eles e para o resto de vocês que acabou esquecendo.

Peter Rankin gritou:

— Fale a verdade!

O Reverendo refletiu a graça do próprio corpo nas chamas e pulou para cima de uma pedra.

— Irmãos, eu era um garotinho quando meu pai se sentou comigo e me contou isso. Do mesmo jeito que o pai dele tinha feito. Do mesmo jeito que eu estou contando para vocês, porque eu não quero vocês se ajoelhando e pedindo nada para Deus nenhum, nada de roupas finas nem mansões. Não peçam uma esposa para amar vocês, nem para alimentarem os seus filhos. Eu vi homens fazendo isso enquanto a família inteira morria de fome com os olhos esbugalhados, e eles continuaram ajoelhados enquanto as pessoas carregavam o mais novo para fora de casa. Eu não quero que homem nenhum na Terra seja esse tipo de tolo. — Espiando através de uma moita, Otha observou o marido apontar o braço longo e firme em direção ao céu, como se fosse uma flecha, e dizer: — Aquele homem lá em cima? Aquele que fica sentado em uma cadeira romana? Com um bigode de neve e um nariz de pingente de gelo? Aquele homem branco que solta geada enquanto fala, com aqueles olhos azuis congelados como se fosse um lago no inverno? Vocês têm que saber que ele já escolheu a quem ajuda, e ele não ajuda gente como vocês. Não ajuda ninguém que tem uma demão de cor na pele. Ele não escolheu o tipo de pessoa que resolveu submeter a quatrocentos anos de escravidão. Nem o meu avô, que morreu nos pântanos da Flórida. Nem o irmão Tom, que foi linchado em Jasper e arrastado por uns trinta quilômetros até não sobrar mais nada para enterrar.

Os homens começaram a bater os pés.

— Fala, Irmão Jennings.

— Vocês não precisam olhar para longe para ver de quem é a bunda que ele limpa toda vez que pedem. Deus não passa de um limpa-bosta dos homens brancos e ricos. Ele deixa eles fazerem tudo o que querem, então torna o caminho deles lisinho feito vidro.

Mas os homens brancos não se contentam com tudo isso. Eles precisam mandar em tudo. Deus é a amante deles, mas eles se casam com o Diabo. Quantas vezes a gente encontrou o trabalho deles na floresta? Quanto do nosso sangue alimentou o solo deles, quantas cruces de cabeça para baixo eles andaram queimando? Eles cortejam o Diabo desde antes de Jesus andar na Terra. E continuam fazendo isso. Desde o dia em que eles nasceram da ninhada de Eva.

Os homens se aproximaram, os rostos famintos pelas palavras do Reverendo, como cães esperando alguém jogar um osso.

Otha observou os olhos do marido ficarem negros enquanto ele falava a respeito de Eva. Ele contou a velha história sobre como ela acrescentara sozinha o mal na massa de pão do mundo. Então, acrescentou:

— Porque quem vocês pensam que pariu cada natureza de pestilência neste velho planeta Terra? Gafanhoto e febre amarela... praga do algodão e escravidão... E, quando deu aquela mordida na maçã, ela abriu as pernas e pariu tudo isso, e o pior de tudo... pariu os homens brancos! — O Reverendo olhou para os dois jovens novatos. — Vocês são só meninos e estão começando a entender a maldição delas. Precisam saber que elas nasceram com isso. Quando sangram pela primeira vez, já é tarde demais. Um dia vocês vão se pegar atados em nós por causa do desejo por uma mulher. Vocês vão querer o toque delas, e elas vão fazer vocês quererem isso pelo jeito como vão passar na sua frente. Mas, no segundo em que vocês esticarem a mão, elas vão dizer não. Por quê? Porque é da natureza da mulher fazer vocês sentirem vergonha dos desejos que elas mesmas provocaram em vocês. Porque elas carregam o mal dentro delas, como uma doença que elas nunca pegam, mas ficam espalhando por aí.

“Meninos, por mais que seja difícil para vocês entender isso, a gente tem que pegar elas bem cedo. Tem que agarrar o mal delas enquanto a gente ainda pode usar ele contra qualquer inimigo que venha derrubar a gente.

“Tem pessoas que dizem que a escravidão e o chicote deixaram a gente doido. Outras dizem que a gente ficou tão maluco por

causa da dor e do ódio que resolveu fazer isso aqui. Mas é verdade o que essas pessoas dizem, irmãos?”

Os homens gritaram como se alguém segurasse uma faca encostada à garganta deles.

— *Não! Não, Irmão!*

— Eu vou falar para vocês: a gente é esperto que nem Salomão, por isso aprendeu a usar o que tem, a tomar as rédeas do mal. A gente precisa de recipientes para fazer isso!!!

A multidão fez uma pausa. Com o coração na boca, Otha observou um homem gigante levar seis meninhas para o centro do círculo. Elas choravam. Gemiam. Meninas amontoadas que pareciam ter sido mantidas dentro de uma caixa escura, paralisadas, piscando diante da luz do fogo. A seguir, ela viu a netinha de Papa Bell, a pequena Ruby, tão bonita, o rosto em forma de coração. A garotinha não estava suja; pelo contrário, estava usando um bonito vestido azul. Uma fita azul no cabelo. Por quê?! O que eles estavam fazendo com aquela menina? Com aquelas meninas? *O que elas...?* Otha quase ficou de pé. Quase. Mas Deus ou o Diabo a mantiveram firme onde ela havia se agachado.

— E essas meninhas aqui? — Um agudo ensaiado soou na voz do marido enquanto ele cuspi o fogo infernal. — Não se deixem enganar pela idade delas. Que nem uma cascavel cheia de veneno, elas vão morder a gente quando ficarem mais velhas.

— *Ééé! Fala, Irmão! Fala!* — gritaram os homens.

Otha observou, horrorizada, enquanto o Reverendo empurrava para a frente as seis meninas, todas chorando.

Um poder atravessou o Reverendo de tal modo que ele tremeu da cabeça aos pés, ergueu a mão ao céu e gritou:

— *E vocês sabem como é que a gente tira o mal delas?*

— Sabemos, Irmão Jennings! — responderam os homens.

— *Como é que a gente faz isso?*

— A gente ensina para elas — respondeu um dos homens, a voz como um martelo.

— *O que a gente ensina para elas?*

Uma comoção de vozes gritou, umas por cima das outras:

— Como usar a luxúria delas para satisfazer a gente...

— ... para a gente poder pegar...
— ...pegar de volta o poder delas.
— *Sim, meus Irmãos! Peguem de volta! E o que fortalece o poder?!*

Obeah, o homem que espalhara o pó ao redor do círculo, respondeu:

— O sangue.

Até que o homem falasse, Otha não tinha percebido que ele segurava uma faca de açougueiro. Que estava de pé na frente da novilha.

O Reverendo disse, a voz tão monótona quanto a morte:

— Essas meninas são para a gente fazer o que quiser com elas. Quem pagou vai primeiro.

Otha viu uma das meninas correr e tentar fugir do círculo. No entanto, ela foi segurada com força e devolvida para junto das outras, ficando encolhida e imóvel. Um dos homens da cidade a puxou na direção dele e a segurou de maneira possessiva, os braços cruzados sobre o peito dela.

— Mas esta aqui... — O marido segurou Ruby. Pegou no rosto dela e abriu um sorriso. — Esta aqui é minha. Ninguém mais toca nela. Ela é uma novilha premiada, vale muito. A gente vai mandar ela recolher o poder dos brancos e trazê-lo aqui para eu poder guiar vocês todos.

Os tambores começaram. Todas as meninas choravam, soluçando convulsivamente. Ruby parecia paralisada, como se aceitasse aquilo.

Otha ouviu um som, um grito alto e vacilante, então viu que Obeah enfiara a faca no pescoço da novilha. As pernas do bicho se remexiam e se contorciam, o sangue jorrando no lençol branco.

Otha deu um pulo, e o galho no qual ela estava apoiada se quebrou. O Reverendo olhou na direção dela, vasculhando a escuridão da floresta. A pequena Ruby fez o mesmo. Por uma fração de segundo, os olhos da criança a viram. O Reverendo deu um passo em direção à floresta, e Otha sentiu gosto de bile no fundo da garganta. Ela viu Ruby pegar a mão do Reverendo e afastá-lo.

Viu o rosto do marido se retorcer em um sorriso debochado enquanto ele gritava para os homens:

— Agora, não quebrem elas! Elas servem para treinar! A gente tem que deixar elas inteiras!

Peter Rankin correu e arremessou um barril cheio de pó branco na fogueira. As chamas ficaram azuis e verdes. Uma cortina de fumaça azul encheu a clareira, tão espessa que parecia cobrir o céu, de modo que Otha só conseguia enxergar formas e pedaços e partes de homens e de meninas. Braços sendo puxados, arrastados. Calças... pernas correndo. Gritos. Gritos das crianças. O mugido de uma novilha moribunda. Dor. Vermelhidão em um rosto. A bochecha vermelha de uma criança. As mãos de um homem.

Otha ficou paralisada. Queria correr. Queria contar. Mas para quem contaria? Onde... Onde??? No entanto, ela esperou... porque talvez, talvez ela pudesse um dia contar tudo aquilo para Deus. Ele não a escutava agora... Porém mais tarde, quando a fumaça azul se dissipasse. Quando ele pudesse enxergar dentro do fogo. Enxergar o que eles estavam fazendo. Ela contaria tudo ao Pai para que Ele pudesse endireitar aquilo.

Mas então ela não conseguiu mais esperar... Ergueu-se para ir embora, para correr, na direção daquilo ou para longe, ela não sabia, mas a mão de alguém esbofeteou sua boca. Outra, seus olhos. Ela lutou, lutou como se a vida fosse um tesouro que morreria para proteger. Outro par de mãos a segurava no chão agora. Ela tentou morder e gritar, chutou as mãos que seguravam suas pernas. Escutou outro grito repicar por entre as árvores, uma criança estava gritando mais alto, mais alto ainda. Otha conseguiu se levantar apesar do peso das mãos... dos corpos. Alguém lhe deu um soco forte na nuca, e ela caiu para a frente. Em um instante, um choque estremeceu através dela, bloqueando toda a transmissão, de modo que uma confusão de imagens a atravessou. Ela acordou — minutos? horas? — mais tarde, trôpega no solo silencioso. Os homens ainda se encontravam ao redor dela. As mãos dela se moviam no carpete de agulhas de pinheiro, comendo a terra aos poucos. Outro solavanco perpassou o corpo de Otha, embaralhando o que restava de seu raciocínio. O tempo parou e entrou em

colapso, aquilo era demais para o delicado espírito dela compreender. Otha foi desligada e passou a um estado de inconsciência.

Acordou na manhã seguinte, enquanto o céu ainda estava cinzento. O sol se encontrava a quilômetros do horizonte. Ela ficou de pé em um salto e bateu a canela em um tronco, o que a fez se lembrar de onde estava. Otha tinha se sujado. Havia brasas de carvão no lugar onde a fogueira fora acesa. Eles tinham... os homens. A nuca dela doía. Eles tinham... alguém tinha batido nela? Eles? Quem? Algo balançou dentro de Otha. Ela caiu apoiada ao tronco. Foi como se uma balança tivesse alternado durante a noite. Algo acontecera, mas ela cavou as cinzas da mente e não conseguiu se lembrar de nada. Houvera uma fogueira? Quem estava na frente do fogo? Ela tinha seguido o marido? Ou fugira dele? Pequenas teias se esticavam diante dos olhos de Otha, repletas de aranhas que devoravam os pensamentos antes que eles viessem à tona. Nada restara da noite anterior, então ela caminhou pela trilha da floresta em meio à penumbra pálida e cinzenta da manhã, a razão presa em um galho de árvore. Otha sentiu algo fazendo cócegas nas coxas e viu que suas mãos estavam tecendo novamente. Tentou pará-las, mas elas persistiram, opondo-se a todo sinal que ela emitia. Então foi para casa, abriu a porta. Esfregou as partes íntimas com uma toalha de rosto ensaboada e foi para a cama, deitando-se ao lado do Reverendo, que dormia como um morto.

A manhã de Páscoa a encontrou acordada debaixo de uma colcha com três estrelas que ela mesma tinha costurado três outonos antes, as mãos furiosas, o marido roncando ao lado. Otha saltou para fora da cama e voltou a cair. O equilíbrio perdido, o chão inclinado até que ela inclinasse a cabeça para encontrar o novo ângulo e conseguir caminhar. Ela vestiu o robe e preparou o café da manhã, feliz por ter algo com o que ocupar as mãos. Segurar uma espátula e virar panquecas se provaram tarefas que ela era capaz de realizar. Manter as mãos ocupadas era o melhor a se fazer, então Otha limpou enquanto a casa se preparava para o domingo de Páscoa. Olhou para o marido e se sentiu enjoada, mas não

conseguiu localizar onde aquele sentimento nascera. Ele mastigou, engoliu, recostou-se na cadeira e colocou o chapéu. O Reverendo sempre saía cedo, então ela encontrou uma ponta de voz na garganta e resmungou:

— Tenha um bom dia.

Ele olhou para Otha, mas não havia nada de estranho nisso. Ela varreu e esfregou e disse para Ephram e Celia irem na frente, pois ainda tinha muita coisa para fazer antes do piquenique. O filho ficou perguntando o que havia de errado, o que havia de errado, até que Otha foi ríspida e disse ao menino para ir à missa. Celia a olhou do mesmo jeito que o pai tinha olhado. Mas fazia muito tempo que ela era uma decepção para a filha de quatorze anos; isso também não era novidade. Quando os dois se afastaram, o que restava de Otha morreu bem ali, no chão da cozinha. Ela sentiu tudo o que conhecia — o coração que batia pelos filhos, o silêncio matinal do jardim, a onipresente nota de tristeza que percorria seu casamento, o aroma de lavanda da mãe, o pai... —, cada memória, cada pedaço dela, recuando, recuando. Otha os enterrou como parasitas nos recônditos do corpo, então ergueu uma barricada ao redor deles, a partir de dentro, até que não sobrasse nada, até que tudo o que ela era deixasse de existir.

Algo novo emergiu, algo que pensou em levantar o corpo de Otha e caminhar até o quarto. Essa nova coisa tirou o robe dela e começou a vesti-la. Amarrou os sapatos e colocou o chapéu. Decidiu que seria melhor, já que Otha não conseguia impedir as mãos de tecer a renda, carregar o bilro e fingir que trabalhava naquilo sempre que alguém olhasse na direção dela. Esse novo ser não considerou a possibilidade de não ir ao piquenique, porque vivia à mercê das mudanças de humor do Reverendo. Ele já devia estar furioso por ela não ter ido à igreja. Por que ela tinha ido à igreja? Não, o piso precisava ser limpo e a louça do café da manhã precisava ser lavada, então Otha não pudera ir, mas queria ter ido, era o que diria ao Reverendo quando o visse. Explicaria a ele com muita clareza, pausadamente, para ter certeza de que estava dizendo as palavras de maneira correta, porque algo estava enviesando também os pensamentos dela, tirando-os da ordem

correta. Ela estava planejando exatamente o que diria enquanto caminhava pela colina, por isso o primeiro grito a pegou de surpresa. Um pequeno inseto de memória colidiu com a teia da mente de Otha mais uma vez. Uma criança, em algum lugar, estava gritando, assassinada e ensanguentada, mas a lembrança foi devorada assim que o Reverendo deu um soco no rosto dela.

O restante do dia foi um borrão de mulheres e vislumbres de Ephram soluçando. A memória cuspiu uma libélula que tinha a forma do Reverendo de pé ao lado de algumas meninas, mas por que ele estava lá e não estava lá de verdade, mas por que as meninas viraram fumaça azul? Quando Otha mencionou a menina na floresta, o marido começou a bater nela com severidade, mas ela sentiu até as pancadas como algo distante, tudo menos o fato de que precisava ver Ephram e contar qualquer coisa a respeito da cama dele, talvez para tirar uma coisa vermelha de lá, mas o quê?, ela não conseguia compreender. Então Otha ficou fraca demais para impedir alguém de machucar o filho, e a dor rasgou sua alma enquanto ela era afastada dele, arrancada como uma aranha de sua teia, e bateram nela com tanta força que a carroça foi correndo até a cabeça dela, sustentando-a ao longo de todo o caminho até o inferno.

Amarraram mangas apertadas demais ao redor dos pulmões dela, de modo que Otha não conseguia respirar fundo o bastante para se manter consciente. Ela ficou acordando, arfando em busca de ar e depois desmaiando de novo. Finalmente, uma mulher branca e raivosa fez algo com as fivelas e Otha conseguiu ficar acordada. Logo desejou não ter conseguido. Descobriu que estava usando uma fralda que tinha sido suja mais de uma vez. Ela se encontrava em um quarto com outras quatro mulheres de cor, todas amarradas de maneira semelhante. Quando Otha chegara, o Reverendo a levava para uma sala e dissera para uma mulher branca que ela havia tentado jogar os filhos dentro do poço e, em seguida, corrido nua no piquenique de Páscoa, que ela era louca e que ele a amava, mas o que podia fazer. A mulher branca dera tapinhas nas costas do marido negro de Otha, depois a enfiara em outro quarto, tirando o pequeno paletó que cobria seu corpo

machucado. Quando Otha chorou pelo filho, a mulher a empurrou com força contra a parede.

À noite, a razão de Otha começou a voltar aos poucos. Ela estava com muito medo do que poderia acontecer com os filhos. No fim da primeira semana, começou a sentir cheiros de novo. Não percebera que tinha perdido o olfato até ser tomada de assalto pelo fedor de urina, dejetos e suor humano acumulado. Foi transferida para um grande quarto com dez mulheres e homens amarrados a camas. Um homem muito irritado disse que as costelas dela estavam quebradas, e ela foi amarrada e deixada ali, onde desenvolveu feridas nos tornozelos e assaduras na vagina e nas nádegas por causa da urina que se acumulava junto à pele durante tantos dias. Depois de um mês, Otha foi transferida para uma cela onde a decência humana tinha sido esquecida havia muito tempo. Doze mulheres dividiam um quarto imundo com um balde de latão para que se aliviassem. Algumas ficavam atadas às camas. Algumas gritavam e choravam o dia inteiro. Uma mulher brincava com as próprias partes íntimas até as enfermeiras baterem com uma régua nas mãos dela. Quando elas ficavam fora de vista, a mulher recomeçava. Apesar disso, Otha segurou firme a pouca sanidade que ainda possuía. Fez isso por um motivo: o filho, Ephram. Além de sentir uma saudade lancinante, ela também estava apavorada por ele. Uma noite, ficou gritando que queria falar a respeito dos filhos, até que dois homens entraram e amarraram-na à cama, cobrindo a boca de Otha com uma tira de couro. Dois dias depois, um homem foi falar com ela. Tiraram a tira de couro de sua boca. Fazia dois dias que ela não comia nem bebia água. O homem não parecia zangado. Era um jovem branco, tão jovem, na verdade, que o rosto dele não parecia sequer ter criado barba. Ele chamou Otha de "Senhora Jennings" e perguntou como ela estava se sentindo, então, é claro, ela sentiu lágrimas tentando escapar e contou a ele que estava muito preocupada com o filho e a filha. Não ousou mencionar fogueiras e meninhas nuas, não no coração daquele lugar bestial, mas contou ao homem que o marido batia nas crianças de tal maneira que ela temia pela vida delas. O jovem

anuiu e olhou para um pedaço de papel diante de si. Disse que achava que era melhor ela ficar lá por mais um tempo.

Quando ela insistiu que essa não era a melhor solução, que ela estava se sentindo muito melhor e que o incidente que acontecera pertencia ao passado, que ela estava perfeitamente normal, ele apenas olhou para baixo, para as mãos dela, e balançou a cabeça. Otha seguiu o olhar do jovem e viu que as mãos estavam tecendo. Foi nesse momento que percebeu que estavam tecendo desde o momento em que ela chegara e que não tinham parado nem um segundo. O jovem disse "Tudo bem, tudo bem" quando ela continuou chorando. Fez um sinal pedindo ajuda quando o choro se intensificou e saiu enquanto a amarravam, dizendo que voltaria para vê-la dali a um mês. Era mentira.

Três meses mais tarde, quando ele voltou, Otha mal era humana. Ficava sentada em um canto e tecia o ar ao redor. Quase todo dia alguém se aproximava e pedia para que parasse. Ela pensava que já teria parado se fosse assim tão simples, mas, como aqueles indivíduos não percebiam isso, Otha geralmente deixava um sorriso irromper no rosto inexpressivo. Isso sempre parecia irritá-los, e eles continuavam pedindo para que ela parasse, então arrastavam-na até um quarto em algum lugar para tentar algum novo horror no corpo dela. Enfiaram-na em água gelada por tanto tempo que ela pegou uma febre que logo se transformou em pneumonia, que a teria matado se o zelador não houvesse chamado uma daquelas enfermeiras para levá-la à ala de atendimento hospitalar. Mais um mês de cama, algum turbilhão de força mantendo a respiração dela, até Otha retornar ao quarto compartilhado. Na vez seguinte, levaram-na de cadeira de rodas para uma pequena cela revestida de azulejos, enfiaram uma borracha azeda em sua boca e explodiram foguetes em seu cérebro. Ela se esqueceu de usar o banheiro por dois dias, período depois do qual a mandaram de volta à água gelada, para uma vigília mais curta dessa vez.

Quando reapareceu, o jovem disse que se chamava Doutor Glass. Estava usando óculos, que Otha suspeitou que servissem mais para fazê-lo parecer mais velho do que por necessidades oftalmológicas. Ele não se desculpou pelos dois meses de atraso, a

não ser para dizer que a equipe vinha ficando muito ocupada naquela ala do hospital. Otha reuniu cada grama de força, não apenas do próprio corpo, mas também de qualquer Deus nas estrelas, a fim de manter as mãos paradas. Conseguiu durante cinco minutos. Quando recomeçaram, ele deu uma olhada para elas, como se não estivesse ciente da imobilidade anterior. Ela falou a respeito dos filhos mais uma vez. Ele anuiu e disse que tentaria uma nova abordagem e voltaria a vê-la dali a alguns dias.

Dias. No dia seguinte, colheram sangue de Otha e a transferiram para um pequeno quarto com apenas mais uma mulher. Deram-lhe uma comida melhor, e a luz era diminuída quando chegava a hora de dormir. Ela recebeu uma sala maior para andar no meio do dia, a fim de manter o sangue fluindo. Então, no fim do segundo dia, injetaram nela algo que a fez convulsionar no chão. No dia seguinte, o Doutor Glass chegou, olhou para o gráfico de Otha e fez algumas anotações. Naquela noite, deram-lhe de novo a mesma injeção, e ela sofreu espasmos, mas em um grau menor do que na véspera. O Doutor Glass continuou a visitá-la em dias alternados e levou outros homens para vê-la. Em algum momento durante a terceira semana, o rosto e as mãos dela incharam e ficaram com um aspecto estufado. As juntas começaram a doer e as veias dos dois braços entraram em colapso, então passaram a dar a injeção na coxa esquerda. Logo depois que o médico saiu, redemoinhos de luzes furta-cor giraram diante dos olhos de Otha. As paredes pareceram respirar, depois transpiraram uma tinta negra que se transformou em galhos oleosos que encheram todo o ar.

Quando o Doutor Glass voltou, uma hora e meia mais tarde, a cabeça dele era um balão que flutuava acima do corpo. Otha perguntou por que estava vendo coisas assim, e ele respondeu que ela era muito valente e que melhoraria logo. Continuaram dando-lhe injeções todo dia, até que, certa noite, por volta de três da manhã, o Diabo foi visitar Otha enquanto ela trabalhava.

Ele bateu à porta e a atravessou sem que ninguém abrisse. A imagem dele flutuou por um instante, entrando e saindo de vista, como se lutasse contra a estática para encontrar uma estação de rádio. Quando tomou forma, ele segurava uma bolsa dos Correios

dos Estados Unidos, com uma tira de lona cruzando o peito. Otha ainda sonhava com rendas e seda fina como casca de ovo, com costura superior e cantos bordados, por isso o rosto do Diabo era uma colcha de retalhos feita de pedaços de tecido coletados, guardados e costurados durante anos. Ele tinha um pássaro de algodão impresso no local onde deveria estar o olho esquerdo e uma lã zebrada em cima do olho direito. Sorriu uma pequena amostra de tecido xadrez azul-petróleo e preto e deslizou dois envelopes entre as palmas de Otha, que não paravam de se mexer. No novo quarto, ninguém tentava parar as mãos dela; elas voavam, longas e escuras, à frente do rosto cor de ameixa da mulher, tecendo teias de renda acima da cabeça dela.

Otha continuou trabalhando apesar dos cumprimentos dele. Nesse momento, percebeu que, durante todos aqueles meses desde que ela chegara ao hospital, ninguém no mundo se dera conta do que suas mãos estavam fazendo. Otha também não sabia o que elas faziam, exceto pelo fato de que se sentia compelida a movê-las como se estivessem rendando na loja da Senhorita Barbara. Agora, enquanto o Diabo olhava para o trabalho que ela fizera, Otha também conseguia enxergar. Montes e montes de renda enchiam o quarto, pendiam para fora da janela e se desenrolavam em direção ao céu. Os dedos dela não tinham se movido em vão. Ela vinha rendando o ar noturno e o luar, o aroma dos pinheiros e a luz das estrelas. Fizera aquilo de maneira frenética, fervorosa. Havia um pedaço feito do orvalho da manhã e das lágrimas de Ephram, outro fabricado com amor materno. Os cantos do teto acima dela eram de renda. Ela viu o bordado se estender e cobrir um pedaço do céu. Era um fino cobertor de um intrincado tom de creme que suavizava o sol inclemente. Fora concebido para acalmar os oceanos e filtrar o óleo dos céus. Era uma rede para salvar o planeta, para segurar a Terra em sua espiral descendente e sustentá-la em segurança. Havia apenas um fragmento acabado, mas a beleza era de tirar o fôlego; uma perfeição delicada e reluzente. Era a contribuição de Otha para a vida.

Ela precisava admitir que se sentia bem por saber que ao menos uma pessoa enxergava o que ela vinha fazendo, enxergava a

importância daquele trabalho, mesmo que essa pessoa fosse o Diabo.

— A senhora poderia assinar isso? — perguntou o Diabo.

— Sim, claro — disse Otha, pousando o trabalho.

Era uma entrega especial. Por que ela não tinha percebido antes? Otha estendeu a mão, e a caneta dele veio parar entre os dedos dela. Ela observou a própria assinatura se espalhar sob si enquanto o Diabo esperava na porta.

— O que diz nisso? — perguntou ele. — Eu não vejo muita postagem desse tipo.

Então Otha sentiu a aba do envelope se rasgando entre o dedo indicador e o polegar. A carta flutuou acima dela, as palavras se movendo pela página como se fossem piolhos. Ela viu que era uma lista de nomes em ordem alfabética. Na metade inferior, ela viu *Otha Jennings* escrito. Então olhou para o cabeçalho. Era um aviso de morte, e a lista crescia cada vez mais até atingir o chão e rolar na direção do pé do Diabo. Ele sorriu quando o papel se acendeu como um fusível e se incendiou. As chamas alcançaram a ponta da renda de luar; em questão de segundos, tudo o que ela tecera naquela noite se queimou por completo. Em seguida, o trabalho do mês inteiro pegou fogo; a renda estava escapando pela janela, mas Otha segurou o rabo do fogo e, queimando as mãos, jogou-o no chão, esmagando-o com os dedos dos pés.

— Não importa. Isso não vai aguentar de jeito nenhum — disse o Diabo enquanto entortava o chapéu na cabeça. — Não vai aguentar o fogo do céu.

Ela ouviu a marcha confortável dos passos do Diabo enquanto ele atravessava a porta fechada e saía do quarto.

Otha voltou a trabalhar com afinco. O ar noturno e a luz efêmera virando renda, tudo incorporado à corda rendada que salvaria a mulher e o mundo. A única diferença era que agora Otha sabia que perderia.

* * *

OTHA JENNINGS permaneceu na ala para pessoas de cor do Hospital Psiquiátrico Estadual de Dearing por oito anos, até ser transferida para o Hospital Psiquiátrico Kindred, em Albuquerque, Novo México, em julho de 1945, onde morreu. Ela recebeu apenas uma visita dos filhos durante a estadia. Depois disso, solicitou que nenhum membro da família fosse aceito na área de visitação, sobretudo Ephram. O registro dela indicava que era uma paciente amável e que nunca tinha causado problemas. O documento dizia que ela era, acima de tudo, muito quieta.

CAPÍTULO 18

Com o peito nu, Chauncy Rankin caminhou pela trilha que levava à casa de Ruby, a camisa suja e o paletó pendurados no braço, a chuva encharcando o tecido da calça, os sapatos bons acumulando lama. Ele marchou direto para a terra dos Bell. O desvio era de apenas três quilômetros, então ele calculou que estaria em casa a tempo da refeição em memória do morto. De qualquer forma, Junie nunca tinha sido seu tio-avô favorito.

Chauncy bateu à porta de Ruby. A chuva tornou o som abafado e oco, então ele espiou dentro da casa. O lugar parecia uma igreja, limpo como uma espingarda durante o inverno. Ele achou que ela não podia ter ido muito longe. Tinha razão: encontrou-a bem ao lado da casa, abraçada ao velho cinamomo, nua, a não ser por um lençol no qual se enrolara. Chauncy sempre ficava impressionado com as travessuras de Ruby. Uma vez, fora até lá e a encontrara com uma camada de terra em cima do corpo. Ela fez cócegas nele. Ele sabia que ela só fingia ser louca, que isso era algo que a permitia fazer as coisas indecentes de que ela gostava. Em todas as visitas dele, ela nunca dissera não.

Chauncy olhou para Ruby agarrada à árvore, o lençol molhado grudado no corpo. Ela estava com uma aparência ainda melhor do que a daquela manhã, magra demais, mas com as pernas tão compridas quanto o rio Nilo. Ephram Jennings não era bobo. Chauncy ficou ali e observou o cabelo da garota, todo molhado e se mexendo como petróleo escorrendo pelas costas. Era o que as pessoas chamavam de cabelo-falador: todo mundo tinha alguma coisa para falar a respeito dele. Chauncy se encostou na umidade da casa e observou a mulher em silêncio, a mão esparramada na virilha.

EPHRAM DEIXOU a chuva limpá-lo. As roupas que estava usando, até a cueca, ficaram ensopadas, mas ele não ligou. Os sapatos faziam barulho a cada passo, as meias batiam na sola. A mala de vinil que ele havia arrumado pendia da mão esquerda. Celia perceberia os rastros que ele deixara dentro da casa. Não havia como evitá-los. Ele fora obrigado àquilo.

Ephram tinha observado Chauncy ir embora bufando, então, de repente, sentiu o solo simplesmente fazendo-o ficar de pé e andar enquanto Gubber e o restante dos homens o chamavam. Ainda assim, ele voltara à casa de Celia e jogara depressa todos os pertences dentro da única mala que tinha, a que usara para acompanhar a irmã à convenção pentecostal no mês de abril do ano anterior. Ephram arrumara a mala como se estivesse em uma casa incendiada, pegando apenas aquilo de que precisaria.

Saíra da casa de Celia em menos de vinte minutos. O caminho estava molhado e, em certos lugares, da cor de tijolo. Ele acumulou aquela boa estrada na bainha da calça e praticamente disparou para o P & K. Ficou feliz pelo fato de a Senhorita P ser ou uma boa comerciante, ou uma vizinha ruim o suficiente para manter a loja aberta durante o funeral de Junie. Pediu para que ela embrulhasse o sorvete de chocolate em uma sacola com gelo. Assim, a sobremesa estaria perfeita quando ele a entregasse a Ruby Bell.

* * *

RUBY VOLTARA a ser a árvore. Havia dormido a manhã inteira e acordara à tarde, com suaves grasnados cantando através da chuva. Saíra da casa e, felizmente, passara por cima do rastro de pó vermelho molhado na porta sem pisar nele. Então fora até seu cinamomo, onde o velho pássaro estava empoleirado. Ela amava o modo como as raízes eram retorcidas e nodosas, como se prendiam com firmeza ao solo. De novo, Ruby sentiu os braços, as pernas e o esterno se retorcerem e darem nós conforme se encravavam na terra. Um grande acúmulo de vida correu através de Ruby enquanto ela sentia o próprio corpo se esticar, até que os galhos dela balançavam ao vento e ao chuvisco, os minúsculos grânulos verdes

tremendo como sinos, esperando que pássaros os bicassem. Ela sentiu as garras do corvo segurando firme em um de seus galhos. A velha ave disse: *Criança, se eu fosse você, tomaria conta de mim.* Foi assim que Ruby soube que precisava se virar e encarar Chauncy Rankin, a menos de cinco centímetros de distância, prestes a tirar o lençol que a cobria.

Ela demorou um instante para se lembrar de que era uma mulher. Enquanto árvore, não precisava temer Chauncy. O modo como ele olhava para o cabelo dela fez com que Ruby se lembrasse. O homem estendeu a mão e ergueu uma ponta dos cachos úmidos.

Ruby não queria Chauncy. Queria recolher gotas de chuva nas próprias folhas e nutrir as raízes. Queria continuar com a sabedoria do cinamomo em seu tutano e, depois, entrar pela porta da casa encerada. Queria que o homem Ephram voltasse para aquela casa e fizesse café para ela, ou servisse o sorvete que prometera trazer, ou penteasse o cabelo dela. Queria sentir o discreto aroma almiscarado do corpo de Ephram e observar a cor arroxeadada que descobrira nos olhos dele. Mas Ruby era bem treinada em não seguir as próprias vontades.

Ela se deitou na terra molhada, imóvel como o mundo ao redor. Lentamente, ele removeu o lençol e o pendurou em um galho.

* * *

ENQUANTO ESTAVA de pé, observando a bússola do sexo dela começar a se virar, Chauncy sentiu um incômodo na parte de trás do couro cabeludo. Ele pendurou a camisa e o paletó em um galho e disse baixinho, para que apenas as folhas de grama e as pedras mais próximas escutassem: "Rub, você me quer." Ela parou. Por um instante. Então deslizou a palma da mão pelo próprio corpo, parando para cobrir os seios. Ele a admirou por um bom tempo e foi engrossando e crescendo. Agora que a casa se transformara em um parquinho limpo e que Ephram a tinha preparado como se fosse uma porca gorda para o jantar de Páscoa do prefeito, Chauncy a possuiria de modos que nem imaginara quando ela ainda deitava em valas e se mijava na rua. O enterro duraria umas boas duas

horas, levando em conta os alaridos e os colapsos que as irmãs com certeza teriam. Isso daria tempo suficiente para Chauncy.

O corvo se agitou na árvore acima da mulher, soltando um piado pesaroso e melancólico.

* * *

O DYBOÛ observava das árvores. A terra era um banquete, doce e salgado. Ele viu o touro de pé em frente à puta. Observou o modo como ele a saboreava, em vez de desperdiçar as habilidades dela em meio à pressa, como qualquer outro homem faria. Sentiu o cheiro da voracidade do homem alto, como bacon fritando em ferro fundido, e se esticou através da terra sem sol até alcançar os dois.

* * *

RUBY PENSOU em Ephram, o homem que a içara metade do caminho para fora da loucura, lembrou-se da doce curva do sorriso dele e soube que era melhor que ele não estivesse ali. Nada de doçura irresistível e respeito derramados nela, afogando-a. Ela ignorou o soluço embolado na garganta enquanto deixava a mão cair de leve no emaranhado preto e macio. Ela sabia, através de sua experiência encarquilhada, que não deveria entrar, mas afagar delicadamente, preparando-se. Então, por vontade própria, a mão ficou imóvel. Surpresa, Ruby descobriu que, por mais que tentasse, a mão não se moveria.

* * *

APESAR DA chuva caindo nos ombros largos, Chauncy sentiu o calor da fogueira. Sentiu a intumescência da sombra que o rondava. O braço, que ele provavelmente mordera durante um pesadelo, doía. O curativo começara a sangrar durante a briga com o idiota do Ephram. Não importava. Ele sentiu a vontade e a força surgirem enquanto observava a mão da mulher pairando, provocando. Agarrou-se àquilo, à dolorosa doçura da espera. Então, um peso enevoado despencou nele, penetrando-o. Chauncy lembrou em flashes. O Dyboû preenchendo os músculos firmes dele na noite

anterior, vestindo a pele dele como se fosse um terno bem-feito. De repente, Chauncy percebeu que Ruby tinha parado. Uma força se sacudiu dentro dele à medida que ele se abaixava, agarrava Ruby e a punha de pé, puxando-a pelo cabelo. Chauncy a esbofeteou e empurrou, colocando-a de joelhos. O Dyboù o invadira por completo.

* * *

RUBY SENTIU sangue na boca e, de repente, viu o vazio nublado de um fantasma preenchendo Chauncy. O cheiro de fumaça. Ela já sentira o Dyboù dentro de si e sabia que ele queria mais do que o corpo dela, então começou a lutar. Batendo, tentando ficar de pé.

O Dyboù e Chauncy empurraram Ruby de novo; um ponto vermelho molhou o lábio dela. Os dois já a teriam matado se não quisessem a boca de Ruby neles, absorvendo-os, bebendo-os. Chauncy abriu o zíper da calça.

Ruby sentiu o Dyboù despencando nela de uma só vez, mesclando-se, juntando-se, buscando os túmulos das crianças dela. Ruby o empurrou com toda a força, e Chauncy caiu para trás. O Dyboù se agarrava e se tecia nela enquanto ela pulava para a varanda e deslizava de um salto para dentro da casa, afastando-se das crianças. Chauncy a alcançou em questão de segundos, enganchando o cotovelo nela e derrubando-a no chão. Ele não bateu nela. Em vez disso, prendeu os ombros de Ruby na madeira limpa e disse, a voz firme como ferro:

— Desista.

Com as crianças em segurança, Ruby fez exatamente isso, com as costas no chão da cozinha. Chauncy colocou um joelho de cada lado do rosto dela, imobilizando-a com o peso do corpo. Ele estava com raiva. Ruby sabia que seria difícil respirar naquela posição, com aquele tanto de fúria, mas com certeza seria possível.

Segundos antes de ele se enfiar na boca de Ruby, ela ouviu o próprio nome no ar. Um instante... então ela soube. Era Ephram.

Chauncy deu um pulo e fechou o zíper da calça. Incrivelmente ileso, limpou a boca enquanto o Dyboù escapava para fora do corpo

dele. Ruby entrou no quarto aos tropeços, limpando a lama da pele. O Dyboù pairou junto ao teto, depois se afastou, escoando pela porta da frente e flutuando de volta para a floresta de pinheiros.

Chauncy passou com cuidado pela entrada, depois caminhou devagar na direção do jardim. Ruby se vestiu com o roupão que Ephram comprara no P & K e foi até a porta ao avistar Ephram virando a esquina.

Ele foi em direção ao jardim, a mala e a bolsa de plástico na mão, o rosto parecendo mais confuso a cada passo. Quando Ephram os alcançou, Ruby viu os braços dele se retesarem, o maxilar se apertar. Chauncy deu um passo na direção de Ephram, a mão estendida, uma aparência de sinceridade pintada no rosto.

— Oi, cara, eu esperava mesmo encontrar você aqui. — Ephram apenas ficou parado, esperando, deixando a mão de Chauncy suspensa debaixo da chuva fina. — É, rapaz, eu imaginei que você não ia ficar por lá com toda aquela bobagem. — Ruby viu Ephram pousar as bolsas enquanto escutava. — Eu vim aqui pedir desculpa por tudo aquilo sobre a sua mãe. Os homens são sempre homens, mas ninguém precisa trazer tudo aquilo de volta à tona. Não está certo. Eu vou conversar com o Sim e o Percy. Eles deviam se comportar melhor.

Ephram se virou para Ruby e perguntou, a voz baixa e firme:

— O que ele está fazendo aqui?

Antes que Ruby pudesse responder, Ephram chegou para trás e atingiu o maxilar anguloso de Chauncy, que cambaleou para trás, um olhar de choque se espalhando no rosto. Ephram atacou de novo, socando Chauncy no rosto uma, duas vezes, até que os dois homens caíram.

Ruby correu até eles, gritando:

— Vocês aí, parou! *Parou!* — Ela se virou para Ephram. — Não aconteceu nada! *Parou!* Ele veio aqui ver você por causa de alguma coisa, então eu esperei do lado de dentro.

Chauncy se aproveitou daquilo, um tom de honestidade misturado a cada palavra.

— Rapaz, espera aí! Eu ia tentar levar você de volta comigo para a recepção. Caramba! Não tem necessidade disso! O que passou

passou. Que tipo de homem eu seria se ultrapassasse o limite aqui e agora? — Ele se controlou e acrescentou a verdade que sempre tornava uma mentira mais plausível. — A mamãe pediu especialmente que você fosse. Além disso, preciso de você para explicar para ela que eu não estava lá no enterro porque você vomitou na minha camisa! — Ele correu até a árvore, pegando a camisa e o paletó, provas de sua sinceridade. Agitou as peças enquanto caminhava de volta. — Olha só o que você fez, rapaz! Você sabe que alguém vai ter que responder por isso. Você sabe como a minha mãe é. Ela não vai acreditar em nada do que eu disser. Você tem que cobrir essa para mim. Que inferno, ontem mesmo ela tentou bater de vara no Percy.

Ruby olhou para Chauncy e percebeu que ele era o melhor mentiroso que já vira. Até mesmo ela quase acreditou nele.

Arfando, Ephram observou o homem, analisando-o, então se acalmou e disse:

— É, a Supra não é para brincadeira. Mas eu não posso ajudar você. Eu também não estava lá. Fui embora logo depois de você.

— Então você vem?

— Não, já chega por hoje.

— Não me faz implorar.

— Eu não posso ajudar você — repetiu Ephram.

— Está certo, vou ter que aceitar isso — disse Chauncy, enfim. — Eu estava errado hoje, rapaz, lá no túmulo. Todo mundo estava. Desculpe por isso.

Quando Ephram se virou, afastando-se, Chauncy piscou para Ruby. Em seguida, praticamente trotou estrada abaixo, sumindo de vista.

Ephram olhou para Ruby.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Eu caí e bati naquele cinamomo enquanto estava brincando com os meus bebês. — Ephram deu um passo para trás, de forma que ela dirigiu o resto da resposta aos pés dele. — Caramba, rapaz, eu contaria para você. Não tenho nada para esconder. Você não é meu namorado nem nada. Eu faço o que quero, então por que esconderia alguma coisa de você?

— Você... ele não fez nada?

— Ephram, eu juro, ele estava batendo naquela porta dois minutos antes de você chegar. Eu nunca falei nem duas palavras para aquele idiota.

Ele suspirou, como se fosse um pneu esvaziando, e Ruby aprendeu depressa como era fácil mentir para Ephram Jennings.



CHAUNCY RANKIN correu como um potro pela floresta. Aos quarenta e sete anos, ainda sentia o poder em estado bruto em seus movimentos desenvoltos. Ele era exatamente o tipo de homem que admirava: alto, bonito e esperto como o diabo. Deus tinha caprichado no comprimento bem nos lugares em que o comprimento mais importava, e também na largura: Chauncy era largo o bastante para dar um golpe de machado que derrubaria uma árvore média. Ele começou a suar um suor fino, a forçar o corpo um pouco mais. Sabia que a teria de novo e, ao que tudo indicava, em breve. Que diabo, o contato com Ephram tinha dado uma melhorada nela. Estava com uma aparência boa o bastante para ser comida. Chauncy sentiu um orgulho abrasador por ter sido escolhido, entre todos os homens, para ser tomado pelo Dyboù. Apenas os melhores e mais fortes eram escolhidos, então o motivo pelo qual ele tinha sido selecionado era óbvio. Chauncy se engrandeceria de furor perto da fogueira. Dominaria tudo.

Ele ria alto, mas não tinha tempo para isso. Sua ausência no enterro realmente causaria um escândalo. O melhor a fazer era colocar a culpa em Ephram e na queda do outro na danação e no pecado. Por que outra razão um homem começaria uma briga em um cemitério? No humor em que as pessoas estavam, Chauncy imaginou que poderia dizer quase qualquer coisa que todos fariam apenas *tsc-tsc* diante do roubo da alma de um bom garoto. Ephram Jennings merecia tudo aquilo e muito mais por estar com uma puta

de nascença, uma *mulher* que tinha se deitado não só com ele, mas com metade da paróquia. Acima de tudo, Chauncy se sentia grato pelo fato de os Irmãos nunca terem convidado Ephram para ir à fogueira. Um homem como aquele não era digno nem de catar gravetos para eles.

* * *

Os PINHEIROS assomavam acima de Ruby e Ephram no jardim enquanto os dois se encaravam em meio à neblina. Parecia que as nuvens não conseguiam decidir se terminariam devidamente a tempestade ou se apenas a deixariam de lado. Assim, a chuva vivia uma espécie de vida pela metade acima da cabeça deles. Foi Ruby quem esticou a mão em meio àquela incerteza e puxou Ephram em sua direção.

A despeito da mentira, ou talvez por causa dela, ela sentiu a suavidade do homem como um bálsamo. A mentira era o escudo que Ruby escolhera usar contra o ódio da vida. E essa proteção ainda a salvaria. Manteria aquele homem abaixo... não, ao lado dela. Ruby pousou a cabeça no peito dele e escutou a batida firme debaixo do esterno. Ela era uma coisa usada. Não era nada, a não ser os braços dele a envolvendo, e ela sentiu o coração se apertar no peito.

Ruby sentiu a sujeira e o terror da tarde se derretendo.

Ephram olhou para baixo e viu a vergonha cobrindo-a como uma capa. Então ergueu o rosto dela.

Ruby viu algo nos olhos dele. Algo que parecia respeito e reluzia como uma vela. Era tão brilhante que a luz a penetrou, e ela não conseguiu evitar olhar ao redor. Nesse instante, Ruby viu as paredes de sua própria alma, viu cintilarem ali coisas que nunca havia pensado em olhar. Imagens de mulheres, velhas, ancestrais com olhos como os das águias, mãos com um amor abrasador. Viu Maggie. Havia luzes faiscantes nas paredes, pedras preciosas resplandecendo. Havia uma vida inteira de aprendizado rabiscada ali, e uma marcha em direção à vida apesar do inferno que tinha sido designado a ela. Ruby piscou diante daquilo e, em um

segundo, a luz se foi. Ela desviou o olhar de Ephram, mas soube, soube no momento que viu aquilo, que nunca mais conseguiria fingir que não tinha sentido seu próprio valor. Aquilo sempre a assombraria, cobrindo-a nos momentos mais sombrios.

Então Ruby beijou Ephram. Precisou ficar na ponta dos pés para fazer isso.

Ele sentiu a mão de Ruby resvalar em sua nuca. Depois, suave como a bruma ao redor, ela colou os lábios aos dele. Uma das mãos de Ephram encontrou o cabelo dela, e ele deixou os dedos repousarem em um pedaço embaraçado. A outra mão mal tocava a cintura de Ruby. Ela não se pressionou ou se moveu, mas, ainda assim, Ephram sentiu uma torrente atravessar o próprio peito, uma dureza nas pernas. Então ela segurou o lábio inferior dele entre os dela, chupando-o com delicadeza. Depois, sugou a ponta da língua de Ephram. Ruby se transformara em cana-de-açúcar? Sabia os segredos dos talos? Ele sentiu a doçura no beijo dela.

Ruby inalou o homem, o aroma salgado, o discreto odor da loção pós-barba. Inspirou e prendeu o ar dele nos pulmões enquanto começava a beijá-lo, as mãos de Ephram, agora firmes no cabelo e nas costas dela, os dedos apertando as costelas. Um sentimento empoeirado se acumulou na parte de trás da garganta de Ruby, então o peito dela se elevou rápido demais e relaxou com um gemido. Quando se afastou, ela estava com os olhos marejados.

Ruby olhou para a terra porque não conseguia encarar o homem. Não poderia dar o coração a ele. Não poderia oferecer o que já tinha sido arrancado tanto tempo antes. Ainda assim, poderia ficar ao lado dele, ombro com peito. Ela ergueu o olhar para o céu, que finalmente se decidira e, de repente, derramou-se cheio e livre acima deles. Os dois não se moveram.

Ephram quase esticou a mão para tocar o rosto dela, mas um clarão o impediu. Ele contou em silêncio, e o trovão rimbombou no nove.

Juntos, como se fossem crianças, os dois esperaram e contaram o clarão seguinte. Pararam no sete. A tempestade se aproximava. Ruby sentiu a urgência de pular em cima de Ephram e apertá-lo com força demais, chorar no colarinho dele e agradecer a ele por

salvá-la, mas, em vez de fazer isso, ela deu um soquinho no braço direito dele e disse:

— Belo terno.

— Você acha?

— Claro. — Ruby andou em direção à casa, então se virou. — Se você tiver outros desse em casa, pode dizer para eles que são bem-vindos para aparecer aqui e ficar um pouco.

Ephram sorriu.

— Tenho pelo menos seis. Mas eles não vão a lugar algum sem os sapatos.

— Eu acho que os sapatos não vão a lugar algum sem as meias.

— Eles são autoritários mesmo. Para falar a verdade, são tão presunçosos que pularam naquela mala ali e me arrastaram até aqui.

— É mesmo?

— É, sim.

— Bem, se eles tiveram tanto trabalho só para vir até aqui, não quero nem pensar no que mais poderiam fazer. Acho que é melhor deixar eles entrarem.

Ephram foi pegar a mala. O sorvete estava um pouco derretido, mas continuava gelado dentro do saco.

Os dois sorriam quando chegaram à varanda.

A chuva caía com tanta força que parecia cantar. Eles estavam quase na porta quando viram os últimos traços do pó vermelho formando uma trilha em frente à entrada. Ruby deu um passo para trás. A visão daquilo disparou uma centelha de fúria no peito de Ephram; ele se curvou e cheirou. Pensou nas histórias que tinha ouvido desde a infância, de agouros, feitiços e maldições feitos debaixo da lua de sangue.

— Que idiotice. — Então, disse a Ruby: — Espere aqui.

Ela se encostou na varanda e observou a floresta escura enquanto Ephram se embrenhava no bosque. Um terror silencioso tomou conta dela. O aroma de água de colônia se ergueu com o vento, matizada pelo cheiro de tabaco. Durou apenas um segundo. Ephram voltou com um pedaço de arbusto para usar como escova. Trabalhou rápido para finalizar o que a chuva havia começado;

quando chegou ao fim, lavou as mãos na bomba d'água e colocou as bolsas dentro de casa. Segurou Ruby pela cintura, ergueu-a e carregou-a com facilidade até o limiar da porta, então parou enquanto o corvo voltava a se agitar nas árvores, encharcado e raivoso. O pássaro piou: *Criança, se eu fosse você, cuidava de mim.*

Por cima do ombro de Ephram, um suave contorno se formou na escuridão, e por um momento Ruby viu o Reverendo Jennings como um sopro de fumaça. Em meio ao calor dos braços de Ephram, ela deixou aquilo de lado, pensando que era um efeito das sombras.

— Cala a boca, Maggie — sussurrou ela enquanto Ephram a carregava para dentro de casa.

CAPÍTULO 19

Celia entrou no lar silencioso depois da recepção na casa dos Rankin. O fato de Ephram ter saído durante o enterro já fora constrangedor o suficiente, mas a ausência dele na recepção de Junie fizera com que Celia sentisse uma vergonha que não se lembrava de ter vivenciado desde que a mãe esfregara a nudez na cara de Deus. Ela ficara espiando na direção da porta toda vez que alguém entrava, segura de que os homens e as mulheres de Liberty, além das ameaças e da simples decência, teriam empurrado o barquinho de Ephram de volta para casa. Quando ficara claro que não, ela queimara por dentro. O sorriso afetado de Supra ao entregar um pedaço do bolo de coco — torto — preparado por Verde fez o peito de Celia se comprimir. Ela se curvou só um pouco ante o esforço de aceitar aquilo.

Agora, sozinha em casa, as panelas vazias nas prateleiras e os pratos sem uso nos armários a fizeram pensar no pai, o Reverendo Jennings. A fatia de solidão amontoada no prato dela quando ele fora assassinado por aqueles brancos de Neches voltou à memória. A comida que ela mantinha sempre pronta para o pai, o presunto defumado e o porco salgado, os pés de porco em conserva e as pimentas fortes no vinagre para a salada dele, tudo isso esperando durante anos até que as tampas rosqueadas criaram mofo. Nem ela, nem Ephram tinham encontrado forças para chegar perto dessas coisas.

Trinta e três anos depois, Celia sabia que a comida que esperava Ephram dentro da geladeira logo começaria a se retorcer e a perder o frescor. As montanhas dos pratos favoritos dele estavam nos potes Tupperware: frango frito e costeletas de porco, quiabo com tomate e milho, pãezinhos frescos, couve, feijão fradinho com arroz na manteiga, salada de batata, torta de limão com merengue, torta

de batata-doce, bolo de amora e mais. Tudo feito com a certeza de que Ephram, faminto e culpado, estaria em casa antes do entardecer com o rabo entre as pernas.

Enquanto Celia observava a casa, as coisas práticas da vida sem ele começaram a se desdobrar diante dela. Sem as sacolas do Piggly Wiggly que chegavam todo dia, a despensa logo teria uma baixa de estoque. E o que ela deveria fazer? Caminhar três quilômetros até o P & K e levar as próprias compras para casa? Passando pelas terras dos Rankin e por todo mundo que perambulava até o Bar do Bloom ao anoitecer? Até mesmo pagar algum jovem para carregar as compras teria se provado vergonhoso, como se ela não tivesse família, nenhum parente que se importasse o suficiente para atender às suas necessidades. Onde ela conseguiria os selos dela? Quem colocaria as cartas dela no correio? Quem a acompanharia até Newton quando ela fosse comprar perucas e tantos outros itens?

Celia se sentou em cima da capa de plástico do sofá de veludo verde-claro. Não era apenas a perda de Ephram que a incomodava, mas também a identidade de quem o ganhara. Ruby Bell não era uma mera garota. Celia sabia o que Ruby era e como havia se transformado naquilo. Era uma das poucas mulheres em Liberty que sabia a respeito das fogueiras. Outras sussurravam coisas a respeito de cinzas brancas, mas ela estivera lá. Certa noite, tinha visto tudo, tinha visto a garota que se regalava com o pecado e a devassidão. Aquela garota era Ruby Bell.

Celia sentiu o estômago se contrair e se revirar de medo por seu garoto. Uma fome surgiu, e ela foi para a cozinha. Tigelas e mais tigelas de um resplandecente banquete de domingo a aguardavam. Celia comeu. Roeu a galinha até o osso e raspou a cartilagem. Engoliu porções não mastigadas de quiabo perfeitamente temperado, pão de milho, pãezinhos entupindo tanto a boca que seus molares não conseguiam morder. Ela se encheu e se encheu até que a comida começou a cair no vestido, empurrando os punhados quase até o fundo da garganta, de modo que sua respiração ficou pesada e a comida entalou na garganta. Então ela caminhou em silêncio até o banheiro e se ajoelhou no tapete cor-

de-rosa felpudo. As mãos dela encontraram os lábios, os dedos esbranquiçados de tão apertados. Ela os separou e deslizou dois dedos para dentro da garganta. Apertou um botão secreto e pronto, tudo aquilo subiu em uma torrente. Em questão de segundos, estava feito. O corpo de Celia balançou como um trem que grita para parar. Ela ficou vazia. Depois de lavar as mãos, usou os mesmos dois dedos para puxar a alavanca da descarga. Virou as costas enquanto tudo aquilo descia em um rodopio.

Fazia anos que Celia não rezava no chão do banheiro, a garganta queimando por conta do esforço. Quando ela tinha quatorze anos, depois que a mãe saíra de casa, de algum modo isso a ajudara a aguentar o trabalho de viver, criar Ephram e tomar conta do pai. No entanto, tudo começara quando ela tinha doze anos, na noite em que Ruby arrastara o Reverendo para o fogo do inferno, onde ele nadara e acabara se afogando.

Naqueles tempos, Celia costumava seguir o pai. Ela não sabia por que fazia isso, mas sentia que o Reverendo precisava que alguém cuidasse dele. A mãe de Celia não desgrudava os olhos de Ephram, parecendo não ligar muito para a filha e menos ainda para o marido. Celia notara como Otha sempre fitava o chão quando o pai entrava no cômodo, ou como se mantinha ocupada com a limpeza — qualquer coisinha que a mantivesse ativa e orgulhosa demais para o Reverendo. Estudada como era, a mãe gostava de esfregar isso na cara do marido.

Todos na casa tinham escolhido seus parceiros. Ephram e a mãe. O Reverendo e a igreja. Celia foi deixada sozinha, então passou a seguir o pai.

Ela começara andando atrás dele quando ele ia para a igreja em alguns dias de folga a fim de ajudar a líder das Mulheres Auxiliadoras a finalizar algumas tarefas. Celia tomava cuidado para que o pai não a visse; ainda assim, esperava por ele em meio às árvores. Levava coisinhas que imaginava que talvez fossem úteis. Um bolinho embrulhado em um guardanapo, se ele sentisse fome de repente. Um cantil com água com açúcar (Celia até mesmo medira o açúcar por conta própria). Sais aromáticos, um palito de dentes, uma caixa de fósforos e, às vezes, um par de meias limpas.

Ela inventava todo tipo de circunstâncias nas quais ele poderia fazer algo como pisar em uma poça de lama a caminho de uma reunião com o Conselho da Igreja e, então, Celia apareceria de surpresa para limpar o sapato do Reverendo e lhe entregar as meias. Ou talvez ele desmaiasse de tanto trabalhar, e ela estaria ali, com água com açúcar e sais para reanimá-lo.

Então, certa noite, quando ouviu o pai saindo, Celia o seguiu. A mãe e Ephram estavam dormindo profundamente, então ela pôs o vestido e o sapato que usava nas aulas da igreja e se embrenhou na floresta de pinheiros. Ficava sabendo que o Reverendo realizava alguns trabalhos na parte de trás do bosque, onde havia pessoas que acreditavam em conjuração e iam até uma mulher sem Deus chamada Ma Tante.

Celia pensou *Ele com certeza está andando por lá, para pregar para os pagãos*, que, pelo que ouvira dizer, rezavam para algo diferente de Jesus. Ela era bem experiente em andar em silêncio atrás do pai, e ele não se virou nem uma vez. Em vez disso, caminhou orgulhoso em meio às árvores, até alcançar uma fogueira brilhante rodeada de homens.

Celia observou o pai abrir um grande sorriso e acalmar os homens. Ela conhecia alguns deles e ficou chocada ao descobrir que eram pagãos e, portanto, seriam deixados para trás durante o arrebatamento. Celia se encontrava longe demais para conseguir escutar, mas viu que o pai falava com seriedade, tentando salvar aquelas almas do purgatório. Os homens sem dúvida estavam ouvindo o que ele dizia. Todos fizeram que sim com a cabeça, e ela soube que no domingo seguinte os encontraria no lago Marion, sendo batizados pelo Reverendo.

Então, algo estranho aconteceu. As chamas pareceram ficar maiores e o vento aumentou. Depois, as meninas chegaram. Celia imaginou que elas tinham sido mandadas ali para levarem os pais para casa, mas nesse momento viu Ruby Bell, que não tinha pai... Pelo menos não um que mostraria a cara.

Quando Ruby surgiu, o Reverendo ficou olhando para ela, e todas as palavras dele simplesmente caíram no esquecimento. Celia percebeu que havia algo de errado com o pai. As outras meninas

começaram a chorar, mas não Ruby, que permaneceu imóvel. Celia queria saber o que estava por trás daquele fogo, o que se escondia naquelas árvores que ela não conseguia enxergar. Os homens começaram a se movimentar também. Sem as palavras do Reverendo para fazê-los parar, começaram a bater algum tipo de tambor e a mover os lábios ao mesmo tempo.

Então Celia assistiu a um tipo de possessão demoníaca tomar conta de seu pai. Ele se balançou ao ritmo dos tambores, movendo a boca junto com os demais homens. Celia começou a rezar por ele. Uniu as mãos com força e chamou Jesus e o Pai. Não adiantou.

Parecia que o pai dela, aquele para quem ela servia café todas as manhãs, porque a mãe era lenta demais para fazer isso... parecia que ele havia ido embora, e aquele homem, olhando com olhos de peixe morto para Ruby, era tudo o que tinha sobrado. Celia desejou ter levado consigo algo que pudesse ajudá-lo, mas nada na pequena bolsa dela serviria, nem mesmo os saís.

Então ela começou a murmurar o Salmo 23, o favorito do Reverendo, em meio à noite quieta, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto.

Celia teve a impressão de que algo estava fazendo o pai dela dar cada criança a homens que ela nunca tinha visto, pegando os pulsos minúsculos e entregando-os nas mãos de adultos.

Em verdes pastagens Ele me faz repousar e me conduz a águas tranquilas.

Celia sentiu um bolo de raiva e tristeza na garganta.

Ele restaura a minha alma: Ele me guia nas veredas da justiça por amor ao Seu nome.

Parecia... Ela teve a impressão de que ele estava distribuindo aquelas meninas como se fazia com prêmios em uma feira.

Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum: pois o Senhor está comigo...

O que faria com que ele agisse daquele jeito? Que força? O que... Então Celia olhou para Ruby Bell, que parecia estar apenas sorrindo diante de tudo aquilo. Outras meninas choravam, sendo conduzidas como se tivessem um novo mestre. Ruby Bell não fora entregue a ninguém. Não derramara uma única lágrima.

Então Celia observou, em meio à fumaça e à noite negra, Ruby se virar para o pai dela, parecendo seduzi-lo. Ele andou decidido até a garota, como um fantoche, e, ao chegar até ela, pareceu abraçá-la, puxando-a mais para perto, mais perto do que ele já tinha chegado da própria filha. Então aconteceu algo que Celia não entendeu: como eles ficaram daquele jeito durante tanto tempo, tão próximos. Como pareciam balançar ao ritmo das batidas dos tambores malignos... e como o pai dela nunca dançava, mas agora, de algum modo, estava fazendo exatamente isso, a cabeça de Ruby balançando, os quadris dele se movendo. Um tipo de dança. A calça dele era marrom? Ela tinha quase certeza de que era preta quando ele chegou ali, mas agora a calça estava da mesma cor da pele dele? O que... o que tinha acontecido com a calça dele?

Celia deu um grito que começou na barriga e, ao mesmo tempo, virou-se, trombando com os galhos enquanto corria. Pisoteou a terra até chegar em casa e bateu a porta do quarto. Tremeu na cama até de manhã, sabendo, sabendo, sabendo que o pai era um homem bom, que Deus o escolhera bem cedo para fazer aquele trabalho, para chacoalhar a jaula do Diabo. Sabia que o velho Satã precisara trabalhar duro. Muito duro. Muito duro com um homem tão bom. Precisara golpeá-lo com um espeto durante muito tempo até encontrar a chave para a destruição do Reverendo. E essa chave teria que estar escondida em um lugar onde o pai dela nunca a procuraria. Dentro de uma criança.

Daquele dia em diante, Celia nunca mais seguiu o Reverendo. Em vez disso, ficou de olho em Ruby. Observou-a voltar daquela dona branca em Neches, achando-se melhor que todo mundo. Observou-a provocar aquela menina dos Wilkins como teria feito com um homem, sem que ninguém dissesse qualquer coisa sobre isso. Observou-a se mudar para Nova York, onde gente com o tipo de maldade dela se reunia, e, mais tarde, observou-a deslizar pela cidade cheia de demônios, implorando por pão e pela compaixão da Senhorita P e arrastando homens bons para longe da cama das esposas. Agora ela estava tentando roubar Ephram, como tinha feito com o Reverendo. Celia via Ruby como um farol vermelho varrendo Liberty. Por alguma razão, achara melhor não interferir,

permitindo que aquela mulher fosse em frente. Mas se arrependia disso. Primeiro, tentaria limpar a alma de Ruby. Se não funcionasse, Celia entraria em contato com o xerife e colocaria aquela garota em um lugar onde ela só conseguiria lançar a tentação sobre lunáticos e as pessoas que cuidariam dela, lá no Dearing.

CAPÍTULO 20

Os pinheiros vinham observando os homens e seus círculos de fogo desde que eram mudas. Durante quase duzentos anos, as árvores tinham visto cruces invertidas brilharem vermelhas na escuridão, muito antes de homens usando lençóis brancos sequer aparecerem no horizonte.

Vestiam-se capas escuras, e cânticos secretos e gritos estrepitosos se seguiam. Os escravos desses homens tinham se escondido nas sombras e testemunhado o impensável. Quando a manhã vinha, as árvores altas observavam os homens, marrons e pretos, limpando o sangue das facas de seus mestres no rio gelado e chutando poeira para cima do solo marrom endurecido, retirando animais esquartejados sem cabeça nem coração. Os grandes pinheiros haviam mergulhado em tristeza ao observar aqueles escravos aprendendo, em meio à mata fechada, a origem do poder dos homens brancos, então misturando os ritos, as mágicas e os segredos ancestrais de suas terras natais com as novas práticas, até começarem a se reunir ao redor das próprias fogueiras e dirigir os próprios desejos para as raízes do mundo.

O Dyboù vinha vagando pela mesma floresta de pinheiros ao longo dos trinta e sete anos anteriores. Ele era ligado ao solo. A alma do Dyboù tinha sido costurada à terra com uma maldição feita momentos antes de ele ser destruído, cuspidada por cima do corpo sangrento dele e, então, cimentada enquanto os ossos do pescoço do homem se quebravam com um estalido, um de cada vez, feito gravetos secos. Então, o círculo se reunira ao redor dele, chorando, alguns gemendo, exatamente como os Apóstolos e a meretriz Maria tinham chorado por Jesus.

Mas aqueles eram os pensamentos que ele tivera enquanto respirava. Na morte, tudo se tornara muito mais simples. Jesus era

uma fumaça de cigarro. Deus era uma ilusão de uísque destilado. O nome com que a mãe o batizara, Omar Jennings, e o nome que ele havia forjado, Reverendo Jennings, eram poeira na ranhura de seus sapatos.

Ele participara das reuniões ao redor das fogueiras desde os treze anos, quase setenta e cinco anos antes. E continuara a participar mais tarde, já homem, liderando o círculo, com o medo e a admiração feito tinta fresca no rosto de cada homem que o olhava.

No entanto, antes de tudo, ele tinha sido um menino que dormira a vida inteira no canto de uma cabana suja com um só cômodo. O pai fora inútil demais para alimentar todos os doze integrantes da família, então Omar começara a roubar galinhas antes de completar seis anos. Radiante, levava-as para casa e as entregava à mãe, que o esbofeteava até ele cair no chão por estar roubando. Mas, quando ela servia as galinhas depenadas, limpas e fritas, os olhos dela pousavam, suaves, nas feições do filho. Esses eram os únicos momentos de alegria na juventude de que ele se lembrava.

O pai bebia qualquer centavo que a mãe conseguia juntar, então ficava malvado e trôpego, os olhos injetados e vermelhos, transparecendo puro ódio. Era preguiçoso demais para ficar de pé e bater em um garoto, mas, se acontecia de algum menino passar perto de suas mãos de aranha, ele agarrava braço, perna, mão e começava a bater com o que estivesse à disposição — vassoura, pedaço de pau, frigideira, martelo. Ele dizia o nome do filho com fúria, cuspiendo “Omar, Omar... seu pedaço nojento de merda de burro”, ou “Omar, você é o cu de uma larva”.

Se isso o incomodava quando menino, Omar Jennings não tinha qualquer recordação do fato. Sem dúvida era capaz de se lembrar da dor física das surras, de esconder o rosto dos amigos, do braço em uma tipoia. Lembrava-se até mesmo de se ajoelhar na igreja, recebendo um nada bem vazio como recompensa pelo esforço.

Então, quando o velho morreu depois de desmaiar não muito longe dos campos de algodão do Mestre Gibbs, com o cachimbo queimando perto demais do grande tanque de combustível, Omar não ficou particularmente perturbado. Mesmo mais tarde, quando

ouviu como o pai tinha sido encontrado, contorcendo-se no chão de terra, a roupa e a pele queimadas e descoladas dos músculos, o garoto recebeu a notícia sem dificuldades.

Uma semana depois da morte do pai, Omar Jennings, sentindo-se muito mais velho que seus doze anos, colocou as demais crianças para trabalhar. As meninas foram para a Senhorita Sybil, a lavadeira, e os meninos foram coletar refugos na serralheria. Ele organizava, planejava e recolhia todo o dinheiro dos irmãos, depositando os ganhos no avental da mãe toda sexta-feira à noite. Ela não batia mais nele. Em vez disso, enquanto os filhos brincavam nos lugares para onde ela os mandara, pegou a mão de Omar e a guiou para debaixo de sua saia. Quando o menino deteve a mão, ela disse que ele já era crescido, que se tornara o homem da casa e precisava cumprir determinadas tarefas. Na primeira vez que eles copularam, ela o comeu inteiro à penumbra daquela cabana, em cima do colchão no qual ela dormia com o pai de Omar, em cima da sujeira que ele a vira varrer. Nos primeiros dez minutos, a mãe trabalhou contra o medo do garoto, continuando, para a vergonha juvenil dele, e a despeito dessa vergonha, durante a hora seguinte. Valendo-se dos reflexos constrangidos do filho, feito um urso que espera um salmão. Até que, exausta e extenuada, ela o empurrou do colchão enquanto as meninas entravam em casa, aos tropeços, reclamando da escuridão.

Ao longo de toda a semana seguinte, Omar manteve os olhos firmes no chão sempre que a mãe se aproximava, puxando uma raiz ou se concentrando em uma pedrinha. Contudo, quando a sexta-feira chegou novamente na soleira da porta, o aço que o pai tinha infundido em Omar aos tapas tomou conta do garoto. No momento em que a mulher afrouxou o avental para pegar o dinheiro, ele a esbofeteou e a tomou à força, empurrando e batendo até que os dois se transformassem em feras noturnas, debatendo-se como peixes presos ao anzol no chão seco e quente.

As coisas continuaram assim por mais dois anos, as noites de sexta-feira indo e vindo, deixando a sensação de engolir um espinheiro coberto de chocolate. Até que a mãe ficou grávida. Quando Omar perguntou sobre pecado, ela jogou a cabeça para

trás, a boca escancarada, os dentes brancos. Riu até se engasgar com o próprio cuspe, então tossiu e riu mais um pouco. Afastou-se dele, rolando, e arrotou uma risadinha. O que ela disse a seguir foi pior do que todo o resto junto:

— Você é um imbecil pior do que o seu pai. Ele não era grande coisa, mas pelo menos era um homem. Você não é nada a não ser o prostituto de uma mulher, e além disso dá dinheiro para ela em vez de receber. Você vai embora amanhã de manhã e o Ernest Meagers vem morar aqui. Ele acha que o filho é dele, e você não vai ficar por aqui com os olhos esbugalhados para dizer que não é.

Com o rosto pétreo, Omar disse:

— Mas eu cuido das coisas aqui.

Ela estava se deitando, relaxada, quando sorriu com escárnio.

— Você não passa de um girino se contorcendo na lama, e já está na hora de eu ter um sapo-boi aqui.

Algumas pessoas disseram que foi uma gangue de presidiários fugidos de Tallahassee. A maioria pensou que aquilo se devesse às relações de Mestre Gibbs com os Klux, mas a maneira como encontraram Sofia Jennings, cortada como uma porca premiada, foi a vergonha do condado de Jessup. Tanto brancos quanto negros falaram sobre aquilo durante anos. Mulheres brancas da Sociedade Feminina do Açúcar de Beterraba passaram semanas levando bolo e pão redondo, purê de batata com couve-flor e beterraba com cebola crocante para Omar e os irmãos dele. O garoto aceitou tudo, modulando a dor no rosto de acordo com a necessidade dos outros. Também aceitou o dinheiro alheio, mas continuou mandando as irmãs para o trabalho, tomando os ganhos delas toda sexta-feira. Da irmã do meio, Betty, que tinha acabado de fazer dez anos, ele tomava mais do que isso, no banheiro do lado de fora da casa, enquanto os outros irmãos dormiam.

Três anos mais tarde, quando deixou Jessup, Omar tinha quatrocentos dólares e quarenta e cinco centavos bem guardados na mochila, cada centavo das economias da família.

Ele levou na bagagem a esteira da mãe, amarronzada pelos anos de suor e com algumas manchas de sangue que a irmã, apesar de hábil, não fora capaz de limpar. Também levou o cabo do machado

que enterrara na densidão da floresta na noite em que a mãe o forçara a matá-la. E a mesma caixa de fósforos que se provara tão útil cerca de dois anos antes, quando Omar encontrara o pai desmaiado de tanto beber, amarrara o homem a uma mula, arrastara-o por três quilômetros até a plantação dos Gibbs e ateara fogo no próprio passado.

Enquanto ia embora, ele quase conseguia escutar os gritos dos dois, prestes a assomarem, as almas impedidas de virem à tona pela pedra-ímã que Omar colocara em cima das sepulturas e pelo terror frio que ele congelara nos olhos de cada um no momento da morte. Omar aprendeu uma coisa: nem todas as almas subiam.

CAPÍTULO 21

Uma semana se passara desde que Junie Rankin encontrara o descanso eterno, mas a varanda do P & K ainda mastigava a gordura do funeral, comentando sobre como a Irmã Celia agira de forma superior e como Ephram Jennings vomitara no terno novo de Chauncy Rankin.

Muitas pessoas tinham ido até as terras dos Bell para inspecionar os atos pecaminosos que ocorriam ali. Todas agiam como se estivessem passando por aquelas bandas para fazer uma ou outra coisa e, depois, acabavam batendo à porta de Celia e relatando, conforme ela pedira, tudo o que tinham observado.

Verde Rankin foi até a porta de Ruby para pegar os pratos da mãe e viu Ephram rachando o solo endurecido do jardim com uma enxada, sementes prontas para serem plantadas, enquanto Ruby estava sentada perto daquele cinamomo, conversando com o vento.

Cleary avistara Ruby e Ephram dando uma volta de mãos dadas perto do lago Marion, e Moss Renfolk tinha visto Ephram pregando no telhado de Ruby uma tora recém-cortada da serralheria.

Minnie Hardy, prima de K.O. que morava em Beaumont e estava em Liberty de visita, entrou na jogada e disse que, enquanto esperava o ônibus em Newton, avistara Ephram com nada menos que rosas vermelhas enfiadas debaixo do braço e amarradas com um grande laçarote branco. Ela também vira que ele carregava duas sacolas de compras cheias do que pareciam ser salsichas Viena e dois bifes bem grandes.

Righteous Polk e a prima, Grace, reportaram que as roupas de Ruby, até mesmo as calcinhas, estavam penduradas no varal quando elas passaram pela casa para deixar um bolo e, *Senhor*, juravam que tinham visto Ruby andando por ali com roupas limpas,

o cabelo trançado e preso no alto, cuidando da própria vida como uma garota normal.

O pior de tudo, entregou Supra com um sorriso malicioso, era o modo como os dois estavam morando juntos como se fossem cristãos vivendo sob o laço do matrimônio, mas o filho dela, Percy, contara que tinha ido até lá tarde da noite e avistado Ruby ainda arrulhando e acariciando montinhos de terra perto do cinamomo.

Tressie Renfolk concluiu que Ruby Bell estava com uma aparência decente, mas a loucura ainda pendia dos cílios dela.



A DESPEITO de tudo isso, Ruby e Ephram seguiram em frente, vivendo. Apesar de esconder a dor açucarada que a presença de Ephram lhe causava, Ruby transmitia um pequeno sorriso ou um olhar terno de vez em quando.

Naquela primeira noite na chuva, depois que a porta tinha sido limpa, ela estava de pé, confusa, sem saber o que fazer, quando Ephram dissera: “Ruby, você tem que saber que eu sou ligado ao casamento. Quero tratar você como a dama que você é até esse dia chegar e oferecer essa glória para a gente.”

Ela fora obrigada a dar de ombros, enfadada, para evitar que ele visse a gratidão em seus olhos.

Manhãs deram lugar a tardes, com Ruby bebendo café e comendo ovos mexidos e torrada com geleia de framboesa que Ephram preparava, depois observando-o enquanto ele pegava o ônibus vermelho para ir ao Piggly Wiggly, em Newton. Todo dia Ruby parava e olhava o mundo que aquele homem construía para ela. Frutas repousavam em uma tigela na mesa. Havia pratos limpos com estampa de flores azuis, jogos americanos que combinavam com a louça, guardanapos e talheres de verdade.

Ephram levou o jornal de Beaumont para ela, e Ruby voltou ao tempo presente e aprendeu sobre: o novo limite de velocidade,

Nixon e um hotel chamado Watergate. Ele levou também um rádio portátil, e ela ouviu um mulher chamada Roberta Flack cantar "Killing me Softly" em uma estação FM. Ruby chorou muito com o rosto escondido na manga da camisa e ficou grata por Ephram não estar por perto para ver a cena.

Toda manhã, ela fazia o impensável: arrumava a própria cama. Depois se encaminhava ao dia, que passava veloz enquanto ela cuidava dos bebês. As crianças brilhavam, o sol cintilando nos rostos, os corpos ondulando na luz, criando arco-íris que se refletiam na terra. Com frequência elas pulavam em Ruby e a seguiam até a casa imaculada, puxando as roupas dela com centenas de mãos. Escondiam-se debaixo da cama e da saia dela, nas vigas do teto e dentro da pia. Flutuavam, saltavam e pulavam uma corda invisível entoando cantigas. Amavam o lar quase tanto quanto amavam o cinamomo, e Ruby brincava de roda com elas até o fim da tarde.

Enquanto as crianças tiravam um cochilo, Ruby passeava na parte densa da floresta de pinheiros e deixava a natureza atravessá-la. Na terça-feira, ela se limpou, esfregando-se na areia do lago Marion e sentindo peixinhos prateados nadarem dentro da barriga. Na quarta e na quinta, ondulou como um campo de hortênsias, deixando que as abelhas fizessem cócegas em seus dedos das mãos e dos pés. De sexta até domingo, dedicou-se à terra, à argila preta e pegajosa cheia de bichos-de-conta e de minhocas rebolantes.

Ao voltar, aguardava Ephram. Quando ele chegava, ela se abaixava depressa, como se estivesse limpando algo em um degrau ou mexendo na batinha do vestido, depois entrava na casa com um olhar cansado.

Ele levava presentes para ela todo dia. Ruby mal deu um aceno de cabeça para agradecer as rosas com que ele a presenteou na terça. Na quarta, pegou o vidrinho de perfume Avon, mas o derrubou acidentalmente no caixote de madeira, onde ele se quebrou, o cheiro enchendo a casa com a doçura nauseabunda da gardênia. Ela tomava o café de chicória com creme que ele preparava porque gostava muito do sabor, e sustentava os sorrisos

dele porque faziam cócegas em alguma coisa dentro do peito. Na quinta-feira, ele levou pães doces trançados e cobertos de açúcar para o café da manhã de sexta. Ela sentiu a saliva esguichar da boca em um arco antes de devorar cinco deles.

Ainda assim, se ele tivesse ao menos erguido a blusa dela, acariciado sua perna, Ruby teria sossegado. No entanto, noite após noite, Ephram se deitava como um diácono ao lado dela. Na sexta, ele levou xarope de bordo para as panquecas de sábado; no sábado, plantou ervilhas no jardim. Enquanto Ruby observava o homem suando, algo se empoleirou nela, como um pombo. Ela o afugentou, mas no domingo, enquanto Ephram martelava o telhado, a coisa voltou e decidiu fazer ninho.

Na tarde de segunda, choveu enquanto ele carregava para casa uma sacola com maçãs frescas do Pomar do Jordon, que ficava em Jasper. Ao chegar, pousou-as aos pés de Ruby. Contrariando o próprio bom senso, ela envolveu o pescoço dele com os braços, e assim, juntos, eles ficaram de pé, parados. O aroma amadeirado dele entrou nos pulmões dela. Ruby o puxou mais para perto até que os dois foram um em direção ao outro, beijando-se, com o cheiro de terra molhada que entrava pela porta aberta respingando nos dedos dos pés, o aroma recobrando o piso da casa e brincando nas dobras das roupas. A sacola de maçãs repousando logo à entrada.

Quando a respiração dos dois passou a sair em lufadas quentes, Ephram olhou para baixo e a segurou como se ela fosse uma nuvem que desapareceria caso ele a apertasse demais. Deu um passo para trás e, sorrindo, olhou para Ruby. A beleza dela o balançou: o bronzeado suave da pele, as clavículas, os ombros, o pescoço gracioso como o de uma rainha e os olhos. O coração de Ruby morava nos olhos.

— O que é isto aqui, garota?

Ele deixou os dedos se demorarem na bochecha dela.

— É só uma verruga — respondeu ela.

— Não é, não. É uma pintinha.

— É só uma verruga.

— É, Ruby, com certeza. — Ele segurou o rosto dela, tão suave quanto um pêssogo, e o virou para cima, na direção da única luz. — Com certeza é. Olha só. Alguém aqui tem uma pintinha bonita que todo mundo pode ver.

— Não tenho. — Ele notou uma risadinha surgir do peito dela.

— Tudo bem, senhorita da pintinha bonita.

— É melhor você parar com isso.

— Não dá para parar com essa pintinha bem aí, me encarando.

Ela deu um tapa de brincadeira no peito dele e começou a se virar.

— Já chega.

Ephram não deixaria ela se afastar. Girou-a delicadamente, quase dançando.

— Tudo bem, então, senhorita da...

Ele a beijou de novo, e Ruby sentiu a rocha que carregava dentro de si começar a desmoronar.

Ephram a abraçou tão firme e por tanto tempo que o peito dela doeu e um nó na garganta saiu em pequenos soluços. Ela chorou dentro da boca aberta dele. Agora, a centímetros de Ephram, mas ainda chorando, Ruby o puxou até o chão com ela e deixou que seu sal se misturasse ao colarinho velho e suado dele.

Ela fungou.

— Está vendo? Eu me abro para uma gota de bondade e logo sai tudo isso.

Ele brincou, com brandura:

— Tudo isso o quê? Não é nada, só uma torneirinha... senhorita da pintinha bonita.

E ela começou a rir.

— Eu não sei o que vai acontecer agora — sussurrou Ruby.

— Bem, isso não é tão difícil de saber.

— Como assim?

— Porque a gente pode ficar parado aqui, ou se levantar, ou ir lá para fora, ou deitar, ou qualquer uma das mil coisas que podem vir à mente. O que você quer fazer, senhorita Ruby Bell?

— Eu não quero fazer... nada.

— Nada?

— Não. Eu não quero nem uma coisa nem outra, então nada serve direito para mim.

— Eu posso dizer o que eu quero... e é o contrário de nada. Eu quero uma coisa de você, Ruby.

— O que você quer de mim?

— Preciso que olhe para mim. Preciso que você me veja, bem aqui. Bem aqui. Eu estou bem aqui, só aqui. E preciso que você veja isso.

Ruby encarou o homem à sua frente.

— Estou vendo.

E, de repente, viu. Um bom homem estava sentado diante dela, forte e paciente. Ela pensara que homens assim não existiam, mas ali estava ele, olhando para ela, a pele ainda molhada de chuva.

— Obrigado. — Ele fez uma pausa. Depois, perguntou: — O que você quer, Ruby?

Ela disse a verdade:

— Eu quero que você durma comigo toda noite. E toda manhã, quando acordar, quero você do meu lado também.

— Então não é tão difícil, não é mesmo?

Ruby balançou a cabeça, negando. Ephram se levantou e ofereceu a mão a ela. Então os dois foram para a cama.

Ela sorriu. Ephram tirou a camisa e a calça e brilhou como madeira escura em contraste com a brancura das roupas íntimas. Eles se sentaram na cama, o marrom dele misturando-se ao caramelo dela, inspirando o aroma de gardênia conforme a chuva começava a se enfiar.

* * *

A NOITE tomou conta e a tempestade ganhou vida. O céu crepitava, carregado. Bem lá no alto da escuridão que se derramava, um aglomerado de nuvens parou acima do mundo. Elas formigavam com íons e desencadeavam grandes estrondos e raios de fogo ao longo do caminho. O Dyboù deixou que o choque do vento e da chuva o erguesse. Observou o dilúvio bater nos pequenos túmulos perto do cinamomo, enquanto regatos de terra recobriam o solo e

corriam pela pequena colina, deixando pequenos rostos pálidos expostos ao vento.

Dentro da casa, a garota estava perdida no dourado do amor. Através da janela, o Dyboù viu o filho idiota se levantar, entregar a camisa para ela e se virar de costas enquanto a mulher a vestia. Ele assistiu ao garoto brincar com o cabelo da menina enquanto a chuva caía com mais força, pequenos espíritos se erguendo perante o chicote da tempestade. A luz da casa era como a luz do sol penetrando a mata escura. A garota Ruby comia uma maçã que o filho dele tinha cortado com um canivete. Uma criança começou a choramingar baixinho à medida que o Dyboù se aproximava. O corvo grasnava enquanto a garota enfiava um pedaço de maçã na boca, o vento chiando por entre os pinheiros conforme o espírito alcançava os túmulos e, com um movimento simples, erguia um bebezinho de seis meses e abria a boca.

Maggie, o Corvo, levantou voo contra a tempestade, a chuva batendo nos olhos, e gritou como uma sirene, soltando um grasnado ensurdecedor que cortou as correntes de ar e caiu feito um machado no chão de terra. O céu se abriu em resposta e arremessou um raio ali perto, perto demais da casa, até que o espírito soltou a presa. Para os não iniciados, aquilo era apenas o curso torto da natureza. No entanto, Maggie assistiu enquanto Ruby Bell disparava pela porta da frente, o cabelo ao vento, e corria até as sepulturas das crianças.

Os pés de Ruby batiam no ritmo do coração enquanto ela saltava da varanda, o canivete de Ephram na mão. Duro, frio, certo. Ela pegara o canivete ao sair da casa. Todas as crianças estavam chorando quando Ruby correu na direção delas. O raio tinha atingido o cinamomo e um tronco imenso jazia em chamas, como um braço decepado, as chamas florescendo apenas para serem abrandadas pela chuva. As crianças-fantasma viram Ruby e correram na direção dela, derrubando-a no chão. Todas elas conheciam o medo, tinham vivido e morrido com o medo se acumulando como suor frio na pele, mas ainda assim correram atropeladamente na direção dela, tropeçando e caindo, voltando a se levantar e disparando para os braços de Ruby. Ela se levantou e

viu do que elas estavam correndo. A coisa se moveu no escuro e parou por um momento perto do galho incandescente do cinamomo. A chuva caía em lâminas no rosto de Ruby enquanto os olhos dela perscrutavam o espaço entre os pinheiros. Ruby o sentira por tempo demais, levava-o para a cama. E ali estava ele, empoleirado, esperando que ela baixasse a guarda. As crianças sabiam disso, como ovelhas que pressentem um lobo rondando, e se aproximaram dela, braços e pernas fluindo através do peito da mulher, cabeças enterradas nas pernas e nos ombros dela. Sapatinhos delicados pisando nas panturrilhas e parando, um por um, segundos antes de caírem como areia no corpo dela. O céu clareou com um raio e então rugiu, grave e quente. Ruby sabia que Ephram a observava da varanda. Sabia que ele estava com medo dela e sabia que isso não importava: ela não se moveria até suas crianças estarem seguras.

Ephram foi em direção à chuva, o peito nu debaixo do paletó. Andou até Ruby e se postou acima dela no solo molhado. Foi nesse momento que viu a faca na mão esquerda dela.

— Ruby?

Ela olhou para ele através dos braços esticados e das cabeças das crianças e, por um instante, nas sombras e na escuridão, esqueceu que existia um homem chamado Ephram e segurou a faca com força. Então o céu piscou novamente e ela vislumbrou a doçura dos olhos dele.

— Ruby, vamos entrar.

— Eu não vou a lugar nenhum.

A mulher de Nova York tinha sido levada embora pela água, deixando apenas a garota de Liberty.

— Vamos lá, querida, você está se molhando. Não tem nada aqui fora que não vá continuar até amanhã de manhã.

O céu rolou um trovão como se rolasse um par de dados. Ruby abriu buracos no negror da floresta e murmurou:

— Volta para dentro, você... você é um homem bom, mas não mexe com coisa que não entende.

— Me ensina.

Ruby ergueu o olhar mais uma vez e balançou a cabeça. A chuva amainou por um momento e ele se ajoelhou ao lado dela, enfiando na lama o joelho vestido com o terno.

— Ninguém nunca ensinou você a testar uma ponte antes de atravessá-la? Pode me testar.

Ruby apontou a faca na direção da floresta escura e rosnou:

— *Vai embora!* — Então empunhou a arma e girou, falando rispidamente para Ephram: — Você está estragando a minha concentração. Senta, ou volta para dentro.

Ephram se sentou na terra e ficou molhado. Mais molhado, à medida que Ruby continuava a vigília noturna, a faca a postos. Ela disse, enfim:

— Você acha que eu sou louca.

— Não, acho, não.

— Bem, você está errado. Eu sou louca, mas isso não me torna burra.

— Então me diz o que você está vendo.

Sem virar a cabeça, ela deu um passo em uma ponte chamada Ephram.

— Um homem. Sem carne nem osso.

Ephram encarou a escuridão negra.

— Quem é ele?

Ela parou, depois sussurrou:

— Não sei.

— O que ele quer?

Ruby deu uma olhada rápida para Ephram.

— Minhas crianças.

Ele ficou quieto. Queria estender a mão para ela, tocar seu cabelo solto. Mas, em vez disso, colocou os dois dedos mínimos dentro da boca e soltou um assobio agudo e claro em meio à chuva.

— O que...?

Ele parou por um momento.

— Dizem que as assombrações odeiam esse barulho.

Então continuou a assobiar. Era um trinado doce e claro que cantava através das gotas de chuva e ecoava nos troncos escorregadios. Ruby observou o homem, assobiando em ondas e

crescendos e, de fato, a coisa que esperava na floresta foi se agachando e recuando e, por fim, escapuliu. O coração de Ruby diminuiu o ritmo dentro do peito e ela olhou para aquele homem. Depois de um longo período, disse:

— Pode parar agora.

Ele parou.

— Funcionou?

Ruby deixou um sorriso tremular nos lábios enquanto fazia que sim com a cabeça. A chuva se moveu para sudoeste enquanto o vento soprava morno e carregava um pouco de lilás nas bordas.

— Que bom.

Ruby olhou para o céu ondulante. Ephram estendeu a mão aberta para ela.

— Vamos entrar?

— Eu vou ficar aqui fora na colina com elas hoje à noite.

— Então eu também vou.

— Não. — Nova York voltou, devagar, o sotaque cortando os calcanhares das palavras. — Elas precisam de toda a minha atenção.

— Talvez eu possa ajudar.

— Você não pode.

— Talvez eu possa.

— Você não sabe nada delas.

— Você pode me contar. — Ephram esticou a mão e afastou uma mecha ondulada do rosto dela, deslizando-a de volta para trás da orelha. Os olhos dos dois se encontraram, e ele disse: — Ruby, me conta sobre as suas crianças.

— Eu estou com frio.

Ephram se levantou e entrou na casa.

A verdade era que Ruby tinha histórias que haviam acontecido décadas antes, dobradas e escondidas entre a coluna e o coração; lágrimas que ela vertera em silêncio; momentos de orgulho que ninguém mais conhecia. A verdade era que ela queria dividir aquele fardo. Ephram voltou e segurou um cobertor entre eles. Ela desabotoou a camisa que ele lhe emprestara e permitiu que o homem pousasse o cobertor quente em cima de seus ombros. O ar

da noite secava como um lençol no varal, grilos começavam sua canção noturna e vaga-lumes faiscavam ao longe. Ruby começou a falar. A lua de cera iluminou os pequenos túmulos que cobriam a terra.

— Elas são *tarrens*. Espíritos de crianças assassinadas.

— Como... de onde elas vieram?

— De lugares diferentes. São histórias demais para contar. Algumas me encontraram, outras eu vi fazendo a transição. Ao todo, são cento e trinta e sete histórias.

— Me conta uma. — Ele afagou com delicadeza o topo da sepultura mais próxima. — Conta a desta aqui.

Ruby deixou escapar um suspiro e olhou para ele, insegura.

Ephram anuiu.

— Tudo bem, então. Tudo bem, então. — Ela ficou em silêncio por um bom tempo. — Você se lembra da Senhorita Barbara, aquela de quem a gente falou há muito tempo, na casa da Ma Tante?

— Aquela para quem a minha mãe trabalhava?

— Essa mesma. Bem, você sabe que eu também trabalhei para ela.

— Sei.

— Sabe quando as igrejas vendem bolo para juntar dinheiro?

— Sei.

— Bem, algumas pessoas que me machucaram, que machucaram as minhas crianças, elas também vendiam coisas, só que não era bolo.

— Me conta quem é essa criança, Ruby.

— Eu estou contando. Mas é difícil saber por onde começar.

Ruby sentiu Ephram se aproximar e acariciar de leve a testa e o pescoço dela.

— Eu não vou a lugar nenhum, Ruby. Pode contar do jeito que achar melhor.

* * *

ELA COMEÇOU e parou diversas vezes e, uma vez que não existia maneira boa para começar, simplesmente contou tudo. Sobre o lugar em Neches. Sobre para onde foi quando saiu da cidade. Sobre o Clube de Amigos da Senhorita Barbara e as moedas que recolhia no pratinho de sobremesa. Sobre o primeiro homem, sobre o último e os muitos que houvera entre esses dois. Sobre o que vinte e cinco centavos podiam comprar.

Contou sobre quando a menininha loira fugira e a Senhorita Barbara tivera um ataque. Sobre como haviam interrogado cada uma delas, até que se espalhou o boato de que a menina fugira com um dos "amigos", o homem que gostava de bater, com força. Sobre como Tanny e Ruby tinham conversado a respeito daquilo e como sentiram medo pela menina. As duas conversavam sobre um monte de coisas de manhã, quando deveriam estar dormindo. Tanny escapulia para o quarto de Ruby e pintava o mundo no branco do teto. Elas conversavam sobre o que fariam quando fossem embora, os lugares aonde iriam. Tanny dizia que iria para Albuquerque, porque gostava do nome da cidade e tinha visto uma foto em um cartão-postal uma vez. Ruby dizia Nova York porque sabia que a mãe tinha ido para lá. Então Tanny dizia que, se Ruby fosse para lá, ela teria que ir junto.

Durante os quatro anos em que Ruby fora levada para a casa da Senhorita Barbara, as duas meninas haviam se tornado mais do que amigas. Agora Ruby tinha dez anos; Tanny, onze. Em alguns dias de sorte, a Senhorita Barbara as colocava juntas, como um time. Aqueles eram os melhores dias, porque não era tão ruim ter companhia quando se estava cara a cara com um amigo. Tanny dava uma piscadela para Ruby nas piores partes, tornando esses momentos mais fáceis. Aquilo de que Ruby mais gostava em Tanny era o fato de que ninguém se dera ao trabalho de quebrar o espírito dela antes de mandá-la para lá. Mesmo depois de quatro anos, a garota ainda mantinha a cabeça erguida e gargalhava com Ruby por causa dos homens-sapo.

— A gente tem sorte de eles deixarem a gente ficar junta de vez em quando — disse Tanny certa tarde, depois que um homem com uma gripe horrível saía.

Ruby fez que sim e colocou a gorjeta no pratinho, depois entregou o restante à amiga.

Tanny sorriu.

— O Senhor Cara de Peido é tão feio que a mãe dele deu uma bofetada na própria cara quando ele nasceu!

Ruby riu.

— Você lembra mesmo a minha prima Maggie. A Maggie briga o tempo todo.

— A minha mãe dizia que eu saí de dentro dela com os punhos para o alto. — Tanny deu um sorriso terno para Ruby. — Mas na verdade não é tão ruim... Pelo menos esses homens têm um limite de tempo. Não é como se a gente estivesse morando na casa deles. — Tanny se aproximou de Ruby, os olhos piscando. — Mas vou falar uma coisa. Se mandarem outro sujeito espirrando em cima de mim, eu vou sair batendo! — Tanny brincou como se fosse uma pugilista. — Ele! — Um soco falso no ar. — Fora! — Ela ergueu as mãos em um gesto de vitória. As duas riram, encostadas no papel de parede.

— Merda, na janela do meu quarto tem um buraco. Neste quarto eu não consigo saber que horas são, se está de dia ou de noite.

— Parece que está de noite.

Tanny olhou para Ruby.

— Sabe de uma coisa? Você é uma menina bonita mesmo.

— ã-ã. — Ruby balançou a cabeça, negando. — *Você que é* — rebateu.

Elas ficaram em silêncio por um instante.

— Às vezes eu me pergunto se é por isso que eles escolhem a gente. Porque a gente é bonita.

As garotas ficaram quietas por um tempo. Ouviram passos. A porta se abriu e um homem espiou dentro do quarto, fez uma pausa, sussurrou com a Senhorita Barbara, depois avançou mais e parou.

A Senhorita Barbara enfiou a cabeça dentro do quarto e deu um sorriso especialmente largo e amável. Ruby notou que ela vinha fazendo isso desde que tinha conseguido o que pareciam ser novos dentes, brancos e perfeitos. A mulher falou devagar, como se as meninas fossem gatos:

— Bem, a gente tem hoje um amigo muito especial que acabou de pagar a mais por vocês duas. Então façam exatamente o que ele diz e eu dou sorvete de chocolate depois, tudo bem?

Ruby anuiu, obediente. Tanny apenas sorriu. Quando a Senhorita Barbara se afastou, Tanny se virou, envesgou os olhos e mostrou a língua.

Ruby riu. O homem enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Do que vocês estão rindo?

Ele era alto e tinha feições arredondadas. Usava um chapéu marrom e tinha olhos suaves e bondosos. Diferentes. Tão diferentes que Ruby se perguntou se ele seria um espião enviado pela mãe que ela perdera.

— Hein? Do que vocês estão rindo, meninas?

Ele entrou no quarto, tirou o chapéu e o pendurou no cabideiro. Ruby ainda olhava para ele com esperança. O homem se ajoelhou diante delas, o rosto sorridente, os olhos azul-claros e cristalinos, a parte preta no meio bem grande.

— Hein? — perguntou ele.

— Nada — respondeu Tanny, enfim.

— Eu não acredito!

Ele fez cócegas em Tanny. A esperança de Ruby se quebrou como um ovo azedo.

Tanny não riu como ele queria: também sentira a estranheza do homem. Então ele esticou o braço e fez cócegas em Ruby. Ela riu, obediente. Ele beliscou a bochecha dela.

— Que coisinha linda.

A coisa mais estranha foi que ele não desviou os olhos. Ruby percebeu que era isso que o tornava diferente dos demais. Ele não tinha vergonha.

Em seguida, o homem começou a estapear os bolsos, rindo, até alcançar o bolso de trás, de onde tirou uma barra de chocolate Hershey's. Ruby não conseguiu se impedir de abrir um sorriso. O homem sorriu de volta, desembulhou a barra e a quebrou bem no meio, entregando metade para Ruby e metade para Tanny.

— O meu nome é Peter Green. Vocês podem me chamar de Peter — disse ele.

Ruby e Tanny mastigaram em silêncio. Em geral, os homens do Clube dos Amigos não falavam o nome.

Então a coisa mais estranha do mundo aconteceu: o Senhor Green começou a fazer perguntas, perguntas normais que pessoas normais poderiam fazer. De quais brincadeiras que elas gostavam? Qual era a cor favorita delas e por quê? Tanny dava respostas breves, mas Ruby falou sobre pique-cola e pescaria, hortênsias e sóis amarelos.

O homem contou sobre outras garotinhas que tinha conhecido em suas viagens, em lugares iguais à casa da Senhorita Barbara. Como tinham falado que a brincadeira favorita delas era "*Queimada*" em um lugar chamado Brasil, "*I-Wen Hu*" em Taiwan e "*Eun Suk Ji*" na Coreia. Ele disse que, na Alemanha, existia um jogo de pique-esconde que tinha um nome parecido com o de um peixe, "*Sardines*". Pronunciou a palavra de um jeito engraçado que fez Ruby rir. Contou que havia "*Ampe*" em Gana, que era parecido com "o mestre mandou". Nomeou outras cidades e brincadeiras e falou sobre todas as meninhas bonitas e boazinhas que havia conhecido e como elas tinham feito ele se sentir bem. O homem manteve um sorriso largo e doce enquanto contava tudo isso. Disse que, entre todas aquelas garotas, Ruby e Tanny eram as mais bonitas. Ruby gostou de ouvir aquelas coisas sobre brincadeiras e lugares distantes. Gostava de pensar que havia meninas brincando no mundo inteiro, mesmo que elas precisassem fazer o que ela estava prestes a fazer, o que ela vinha sendo forçada a fazer durante quatro anos. Ainda assim, ela gostava de conversar antes, qualquer coisa para esticar a hora da sobremesa. Quando o homem desviou o olhar por um momento, Tanny deixou escapar uma piscadela para Ruby.

— Agora — o Senhor Green abriu um grande sorriso —, qual das duas fica nesse quarto? Fica aqui dentro na maior parte do tempo? — Ele olhou para Ruby. — É você? — Ela anuiu. Ele deu um sorriso caloroso para ela. — Que bom, querida. — Ele afagou as costas dela e sussurrou: — Boa menina. — Era a primeira vez que Ruby era chamada de boa menina desde que Papa Bell tinha morrido. Então o homem se virou para Tanny. — E isso significa que você

costuma ficar no quarto número doze? — Tanny fez que sim. A seguir, o Senhor Green deu alguns passos e se sentou na beirada da cama. Fez um gesto para Ruby. — Vem aqui, querida. — Ela foi. — A minha boa menina senta aqui do meu lado direito, que nem Jesus. — Ele puxou Ruby para seu lado. Depois olhou para Tanny. O rosto dele se retorceu enquanto dizia: — E a outra do meu lado esquerdo. — Os olhos de Tanny dispararam para Ruby por um milissegundo. A voz dele estremeceu: — *Não* olha para a minha boa menina.

O Senhor Green empurrou Tanny para baixo, entre as pernas dele, abriu o zíper da calça e forçou a boca da menina em sua direção.

Durante todo esse tempo, Ruby tinha se sentido fascinada pelo tom gentil da voz do homem. Ele não era pior que os outros, e ainda por cima tinha levado doce para elas.

Ele se inclinou e sussurrou para Ruby:

— A minha boa menina não precisa olhar. Cubra os olhos, princesa.

Ruby fez o que ele mandou, até que ouviu Tanny ter ânsias de vômito. Ela abriu os olhos e encontrou a amiga olhando ao redor, apavorada, um fio fino e preto em volta do pescoço. O Senhor Green segurava o fio como uma coleira apertada em volta do pescoço de Tanny enquanto se fincava dentro da boca da menina. Ele estava tremendo.

— *Olha* só o que você está obrigando o papai a fazer!

O rosto de Tanny ficou mais escuro. Ela vomitou o chocolate.

Ruby sentiu um estalo dentro dela.

— *Senhorita Barbara!* — Ela tentou dar soquinhos no Senhor Green. Pulou nas costas dele e agarrou a cara do homem. Os olhos de Tanny se reviraram. Ruby gritou: — Senhorita BARbara! SENHORITA BAR-BA-RA!

O Senhor Green se desviou de Ruby como uma cobra. Os olhos pretos demais. A parte azul muito estreita. Ele sibilou:

— Garotinha, eu sou o Diabo. Eu sei tudo sobre vocês. Eu vejo quem é bom. Quem é mau. Mas às vezes eu me engano... será que eu me enganei? Talvez você seja a má. É você?

Ruby olhou para a menina que costumava ser Tanny, que lutava para respirar. Então, o homem retirou o fio do pescoço dela. Ela caiu no chão, tossindo, arfando, e ele posicionou o fio acima da cabeça de Ruby, como uma auréola preta. Ele baixou o fio e puxou. Ruby mal conseguia respirar. Urinou.

— Será que eu me enganei? — Ele puxou o fio, apertando-o. Ruby sentiu o mundo girar às escuras. — Será que eu me enganei? Hein?

Ruby cuspiu:

— Não.

— Não? Tem certeza? Agora você tem certeza?

Ruby fez que sim, incapaz de falar.

— Então você é a minha boa menina. Você é. — Ele afrouxou um pouco a corda e acrescentou: — E coisas boas não se importam quando a gente pune coisas ruins, certo? — De novo, não. — E, se elas se importarem, aí a gente sabe que elas são ruins também. Não é mesmo?

Ruby fez que sim.

O homem removeu o fio do pescoço dela, virou-se e ergueu Tanny do chão.

A menina gritou quando ele voltou a colocar o fio em volta do pescoço dela. Tossiu e defecou enquanto o homem a arrastava pelo quarto, Tanny tentando lutar, Ruby calada. Então Ruby odiou Tanny por ser tão malvada com o Diabo. E depois não odiou mais. Enquanto ele se colocava novamente dentro da boca de Tanny, Ruby disparou palavras silenciosas para o coração da amiga: *desculpadesculpaeuteamodesculpa*, até que Tanny pendeu, flácida, e o corpo do homem estremeceu e gozou. Quando terminou, ele a largou no chão. Imóvel. Imóvel demais. O mundo inteiro diminuiu a velocidade e, depois, parou. O peito de Tanny não subia. Não descia. O rosto dela estava da cor de uma ameixa, gordo. Os tornozelos estavam retorcidos demais debaixo da cintura. O corpo da menina parecia um saco vazio.

Ruby morreu com ela. Onde ela estava? Ruby procurou freneticamente pelo quarto, até que viu Tanny lá no alto, atravessando o teto, e gemeu *Espera! Desculpa! Desculpa!* Ruby

subiu também, espírito com espírito, bem acima do telhado de zinco, para além do cinza. *Onde... para onde ir. Onde...* Então para baixo, Ruby olhou para baixo e viu a si mesma sentada na cama, vestido cor-de-rosa, marias-chiquinhas e, com tristeza, guiou Tanny de volta. De volta ao corpo de Ruby. Convidou-a para entrar, para viver ali com ela, para criar raízes. Não havia nenhum outro lugar para onde ir. Nenhum Deus, nada. Não podia haver. Ela engoliu Tanny bem fundo e a manteve segura.

Porque dentro do próprio coração muito, muito malvado, Ruby sabia que o Diabo tinha se enganado. Que Ruby era a garota má e Tanny era a boa. Sabia disso enquanto o Diabo arquejava no meio do quarto. Ele foi até a porta, colocou o chapéu na cabeça e disse:

— Continue boazinha.

E foi embora.

Foi como se um elástico arrebentasse dentro de Ruby. Ela deu um grito que saiu do peito como uma explosão, ricocheteou nas paredes e escapou pela fresta na porta. Ruby ouviu pés correndo, mas não conseguiu parar. O ar entrava nos pulmões rápido demais. O cuspe caía da boca. A Senhorita Barbara escancarou a porta. Olhou para Tanny. Foi até Ruby e deu um tapa na boca da menina, que ficou em silêncio.

— Cala a porra da boca. — Depois, suave como algodão-doce, explicou: — Sabe, querida, ele não alugou a sua amiga ali — e gesticulou em direção a Tanny como se ela fosse um rato morto —, ele comprou ela de cabo a rabo e pagou muito, então podia fazer o que quisesse com ela. — A Senhorita Barbara sorriu, mostrando os dentes da frente brilhantes e quadrados. — A gente não vai deixar isso acontecer com você. Quer dizer, a não ser que você arrume confusão que nem essa sua amiga fez. — Ela lançou um olhar severo para Ruby, depois esticou os lábios em outro sorriso. — Se continuar uma menina boazinha e fizer exatamente o que os nossos amigos pedirem, vai ficar tudo bem com você. — Em seguida, a Senhorita Barbara fez um carinho na perna de Ruby e disse: — Vem, vai tomar aquele sorvete enquanto a gente limpa isso aqui. Você tem outro amigo, ele vai chegar já, já, e pediu especificamente você.



RUBY ESTAVA sentada ao lado da alma de Tanny, os dedos vasculhando o solo e acariciando o montículo. Um soluço subiu como uma bolha a partir do peito, mas já fazia tempo que ela aprendera a engolir o choro. Ephram não aprendera: estava chorando abertamente ao lado de Ruby, que esticou o braço e enxugou as lágrimas dele.

— Shhhh — sussurrou ela. — Está tudo bem.

Uma torrente de saudade percorreu Ephram. Ele tomou Ruby nos braços e a abraçou, o cobertor dobrado entre eles. Ele a abraçou por tanto tempo e com tanta força que aquela bolha dentro do peito dela encontrou um jeito de escapar para o ar noturno, e ela permitiu que isso acontecesse, um soluço longo e profundo que ecoou dentro da floresta. Uma nuvem de morcegos alçou voo antes de pousar novamente nos pinheiros, uma coruja deixou soar seu *uuuuuuuuu*, e o corvo saiu da parte oca do casco e pousou na terra, empertigando-se e bicando o solo.

Ephram encontrou a própria voz:

— Essa é só uma das histórias?

Ruby anuiu.

— Você já está pronto para ir embora?

Ele acariciou o cabelo dela, encontrando a pequena depressão nas têmporas. Encostou os lábios bem ali. Depois, beijou também a bochecha molhada e a curva do maxilar. O longo pescoço curvilíneo, o vazio entre as clavículas. Beijou-a até descobrir o coração dela. Então abriu a palma da mão bem em cima de onde ele ficava. Os lábios de Ephram encontraram a boca de Ruby e entraram com a dor e o desejo dele. Sussurrou na orelha dela:

— Eu não vou a lugar nenhum. Se você foi corajosa o bastante para viver isso, o mínimo que eu posso fazer é escutar. — Ruby lutou contra a ascensão da esperança, mas perdeu a batalha quando ele disse: — Garota, você é um milagre da natureza. A gente tem que encontrar um jeito de manter essas almas em

segurança até elas poderem ir para casa. E elas vão conseguir ir para casa, Ruby. Elas vão conseguir. A gente vai fazer de tudo para que isso aconteça. — Ela anuiu. — Então, você tem que me contar no que é que você acredita.

Ruby observou o céu escuro.

— Em duas coisas: nesse cinamomo e naquele velho corvo.

— Você tem que colocar as suas crianças lá no alto, naqueles galhos. Eu vou construir uma casa para deixar elas secas. E você pede para o corvo ficar de olho. Eu vou tomar conta delas também, Ruby, é só você me explicar como fazer, para a sua cabeça poder descansar. Para o seu corpo poder dormir. Você está carregando o mundo inteiro há muito tempo, garota. Deixa alguém te ajudar.

Então Ruby fez uma oração para a árvore, que balançou contra as estrelas. O velho pássaro parou de arranhar e, antes que Ruby pudesse pensar em pedir, a criatura inclinou a cabeça escura e bateu as grandes asas. *Obrigada, Maggie...*

Ela se pôs de pé e disse:

— Hoje é segunda-feira. — Ante o olhar questionador de Ephram, ela continuou: — Nada de boi.

Ele riu, encabulado, e se levantou.

— Nada de poço.

Ephram não conseguiu se segurar e a tomou nos braços, depois a levantou, embalando-a como se ela fosse um bebê, uma criança, a mulher que era; ele a acalentou e, de algum modo, encontrou a coragem para beijá-la mais uma vez.

A noite se inclinou à medida que, de algum modo, Ruby encontrou um jeito de aceitar aquele beijo. Ao fazer isso, mergulhou o dedão do pé na vida.

* * *

CLARO QUE ela não ouviu a batida na porta a nove metros de distância. Nem a segunda. Na verdade, dez pessoas tinham se reunido na varanda sem que Ruby ou Ephram escutassem qualquer som. Foi só quando Celia, o Pastor e o restante da congregação os rodearam na pequena colina que Ruby pressentiu o perigo e

desviou o olhar de Ephram. Ela soltou um grito curto e escorregou dos braços dele, os pés ficando fracos.

Ephram deu um passo à frente, corajoso.

— É melhor vocês todos irem...

Cinco homens caíram em cima dele, incluindo Sim e Percy Rankin. Eles o derrubaram no chão molhado enquanto o Pastor começou a falar:

— Ephram, viemos aqui para re-re-re-re-recuperar a sua alma, em nome de Jesus.

Ephram tentou empurrá-los com toda a força.

— Que inferno! Vocês todos podem parar com essa bobagem e me deixar em paz!

No entanto, todos o pressionaram com mais força contra a lama.

Sim deu um tapa na boca de Ephram. Ruby recuou, incapaz de correr, incapaz de lutar. Dois Rankin mais velhos e fortes domaram Ruby no chão enquanto a congregação começava a rezar por Ephram. *Liberte este filho de Deus. Liberte este filho de Deus.* Várias vezes. Logo, todos agitaram uma espuma de brados e hosanas. O Pastor gritou acima deles:

— D-D-Deus amava t-t-tanto o mund-d-o que deu a ele seu único Filho gerado, e quem ac-c-creditar nele não vai perecer, mas ter a vida eterna. — Améns saltaram como chamadas do círculo. O Pastor Joshua continuou: — Nós nos reunimos p-p-para expulsar os espíritos impuros do nosso Irmão Ephram Jennings.

Ephram lutou contra os homens sentados em cima de seu peito. Virou-se de bruços e se libertou por um momento. Os homens gritaram *Opa, perai! Pega ele! Segura ele,* até que ele foi dominado mais uma vez. Todos se sentaram de novo, dessa vez sobre as costas dele, a barriga de Ephram pressionada na lama. Celia estava de pé, segurando uma Bíblia, os olhos fechados em aparente meditação, mas o maxilar firme como se sustentado por uma viga de aço. Ruby permanecia imóvel. Queria correr, mas foi mantida no lugar. Tentou falar, porém o terror lhe tapava o fundo da boca.

Finalmente, ela arranhou um sussurro:

— Ephram...

Celia abriu o olho esquerdo, depois o direito, e deu um sorriso enquanto caminhava em direção a Ruby, a mão esquerda segurando a Bíblia, a palma direita erguida para a noite.

— Senhor, liberte-nos das palavras de incitação da Jezebel. — As mulheres gritaram *Jezebel! Jezebel!* Celia cantou mais alto: — Jezebel, que tirou seu homem do caminho correto. Mas ela não vai abalar o Senhor, pois ela é o nada contra a parede, comida para cães!

Righteous Polk encontrou o único pedaço seco de grama e caiu bem nele, contorcendo o corpo e falando em línguas ininteligíveis.

Gertie Renfolk começou a cantar *Foi na cruz, foi na cruz onde eu vi o meu pecado castigado em Jesus* enquanto Celia se aproximava de Ruby. Ruby ouviu o grunhido antes de perceber que ele vinha da própria garganta. O barulho foi aumentando à medida que Celia e as mulheres fechavam o cerco. A voz de Celia se ergueu acima do som crescente:

— Eu ordeno que saiam! Saiam desta mulher, seus demônios imundos. “Vós pertenceis ao vosso pai, o Diabo; e quereis realizar os desejos de vosso pai.”

Ruby se agachou no solo e, de algum lugar sob o rumor dos homens, ouviu Ephram chamá-la. O mundo começou a se mover como se ela estivesse em um balanço, para cima e para baixo, para cima e para baixo. *Foi ali, pela fé, que meus olhos abri e agora me alegro em Sua luz.* Ruby balançou o punho aberto em direção às mulheres antes que elas a alcançassem, perdendo o equilíbrio com seu próprio ímpeto e com o balanço da Terra. Escutou uma mulher sussurrar *Você tinha razão, Irmã Jennings, esses demônios agarraram mesmo nela!* Depois um coro de *Tinha mesmo. Conta a verdade e desonra o Diabo, amém!* Em seguida, Celia disse:

— Criança, aceite o Senhor, renuncie ao pecado que abriu caminho para o espírito imundo.

O rosnado de Ruby tinha se tornado um rugido, e ela ouviu uma canção mastigada por uma multidão de vozes. Por entre as pernas das mulheres, Ruby viu que o Pastor estava inclinado sobre Ephram, jogando alguma coisa nele, que gritou. Alguém agarrou a perna esquerda de Ruby e segurou com tanta força que ela chutou a

perna direita enquanto o balanço ia para a frente e para trás sem parar, rodopiando as mãos e as estrelas. O rosnado dela tinha se transformado em mordidas com os dentes arreganhados, e agora havia óleo em sua testa, e alguém estava segurando seu braço direito. Quando olhou para baixo, Ruby viu o canivete na lama; agarrou-o com a mão esquerda e balançou, atingindo a parte carnuda do dedão de Celia. A Bíblia saiu voando. O mundo ficou silencioso enquanto as outras mulheres se afastavam. Ruby se pôs de pé em um salto, jogando a faca para a mão direita. Levantou-se como uma fera. Celia estava se levantando aos tropeços, depois correndo, então tropeçando nas pernas marrons de Righteous Polk e caindo estatelada, e Ruby estava em cima dela, e ela gritava, falando em meio a lágrimas profusas alguma coisa sobre o dedão, sobre não cortá-la, por favor, Deus, berrando *Essa vadia maluca vai me matar*, enquanto Ruby assomava em cima dela, a faca afiada contra o vento. O sangue jorrava do dedão e ia cair no solo, e as crianças de Ruby fugiram aos tropeços para o cinamomo, para os galhos mais altos. Todos os homens ficaram de pé e correram até Ruby. *Ela está com uma faca. Vai machucar a Irmã Celia! Tentando matar ela. Segura ela! Eu que não quero ser cortado. Pula nas costas dela. Você que pule nas costas dela, seu idiota, não vem querer mandar em mim.* O rugido berrava do peito de Ruby, a faca apontada para o atormentador, e foi aí que algum homem se aproximou dela, com a voz suave como se ela a escutasse em um sonho, e ele falava o nome dela e pedia *Por favor, não machuca a minha irmã e Por favor, meu bem, me dá a faca, eles pararam agora, vocês não pararam?* E um coro de vozes concordou que sim, eles já tinham parado. Mas parado estava um bolo como aquele que um homem levava para ela dias antes, parado estava o doce com que algumas mulheres a tinham empanturrado, parado não tinha nada a ver com o que ela queria dizer, mas o som que saía dela se misturou com a saliva que pingava. E então alguém estava lhe pedindo alguma coisa, alguma mão encostando no pulso dela e dizendo *Meu bem, chega, Ruby, por favor, pelo amor de Deus*, de modo que ela jogou a faca de volta para a mão esquerda e cortou o ar, só que não era o ar, era macio, e depois duro, e depois molhado

morno molhado morno morno molhado pegajoso morno e um homem estava caindo no chão como um pombo, e todo mundo estava se reunindo e sangue, sangue atingindo o solo. Escuro e molhado, espalhando-se a partir da barriga da camisa dele. Então todos começaram a erguer o homem, todas aquelas pessoas, a mulher e o dedão gordo dela gritando e chorando, lágrimas correndo quentes debaixo das árvores. Formou-se um desfile de homens e mulheres gritando, dando ordens, dizendo para pressionar, para mexer, para... mas as palavras eram um ribombar na sua mente quando ela caiu no chão. Agora, o rosado de uma coisa quebrada e gasta escapou da boca de Ruby. Em algum lugar ao longe, aquelas pessoas estavam carregando um homem, um homem derramando sangue, derramando esperança, derramando um nome muitas e muitas e muitas vezes, um nome que ela esquecera que era o dela.

Sozinho na colina, o livro de capa preta virava as páginas finas como o vento, a lombada aberta na terra. Ruby se deitou de lado e assistiu enquanto as páginas viravam para um lado e para o outro, para um lado e para o outro, o papel branco captando o luar. O corpo de Ruby estava intocado, sem nenhum machucado, mas ainda assim ela não se movia, não conseguia se mover, só conseguiu observar o vento e o papel durante horas, o coração batendo suave dentro do peito, até que a noite preta se tornou cinza, e o cinza se transformou no cor-de-rosa do nascer do sol, e o cor-de-rosa virou amarelo e, em seguida, um branco quente, e o orvalho secou nas páginas, que começaram a se virar novamente. Ela ouviu uma carroça avançando devagar pela estrada, algum tipo de risada enquanto ela passava rolando, constante. Sorte que aquela era uma estrada secundária, sorte que nem um único ser humano parava à porta dela. Finalmente, quando a noite assentou, Ruby ouviu o pássaro negro cortar o ar com um suave cacarejo. Ela rastejou na direção da ave e, então, descobriu a faca ainda na mão, um marrom cor de tijolo colando-se entre os dedos. Ela cravou a faca no solo e arrastou o próprio corpo. Parecia impossível usar as pernas, impensável ficar de pé. Rastejando, ela conseguiu chegar

ao cinamomo enquanto o sol mergulhava no horizonte ocidental, listras em tons de laranja e roxo atrás dele.

O corvo permanecia imóvel em um galho baixo. Uma noite, um dia e outra noite sem água, sem comida, mal engolindo ar suficiente. A ave esperaria assim até a manhã seguinte, sem respirar fundo demais, para não agitar o ar ao redor da garota. Ruby se enroscou no tronco da árvore e não chorou.

CAPÍTULO 22

Foi a Senhorita P quem achou Ruby depois de três semanas e um dia, perdida para Deus e para o homem. Encontrou-a semimorta perto do lago Marion. Folhas de dente-de-leão mastigadas na boca, o cabelo emaranhado com gravetos e pedrinhas. Ruby se reduzira a nada, mas ainda segurava a faca com firmeza. A Senhorita P vinha vasculhando toda noite os lugares onde imaginava que Ruby poderia se esconder. Quando a encontrou, soltou o canivete da mão flácida da garota.

Ruby se sentiu como ar enquanto a Senhorita P a amparava para levá-la até o P & K e caiu feito algodão na cama pequena e estreita que era mantida dentro do armário do mercado. A mulher deu a ela chá de raiz de dente-de-leão com uma pitada de gengibre, adoçando a bebida com mel. Observou Ruby dar um gole sem despertar por completo. Viu o calor se espalhar nos lábios e no rosto da criança. Então Ruby dormiu de novo.

Em seguida, a Senhorita P deu a ela uma colherada de canja de galinha, com grandes pedaços de aipo e cebolas transparentes. Ruby engoliu, depois se endireitou de repente, os olhos arregalados perscrutando o cômodo. Olhou para a própria mão e começou a tatear em busca da faca.

— Não precisa disso, filha.

Ruby se levantou da cama em um salto. O pânico se espalhou em seu rosto, e a Senhorita P tentou acalmá-la, disse que ela estava segura ali, que ninguém a machucaria, mas Ruby tentou correr para a porta. Bateu no umbral e caiu no chão.

Ela só conseguiu escapar no quinto dia, depois de ter recuperado um pouquinho da força. A Senhorita P não tentou impedi-la, assim como não tentara impedir a mãe de Ruby, Charlotte Bell, quarenta e um anos antes, quando ela fugira do estupro, do ódio e de um

bebezinho marrom chamado Ruby Bell. Fugira para Newton, para Beaumont e, por fim, para uma velha cidade que as pessoas tinham resolvido chamar de Nova York.

* * *

RUBY CORREU pela estrada até as terras dos Bell, parando a fim de recuperar o fôlego e logo indo em frente. Queria a faca. As armas fazendo pontaria e formando um círculo como tinham feito com a tia Neva, a corda enrolada no pescoço de Tanny, a rótula que faltava em Abby Millhouse, Ephram Jennings sendo arrastado para longe da casa dela. Ruby sabia que precisava da faca para usar como um pequeno palito de fósforo contra a noite.

A estrada entalhou os pés da garota. A estrada também era sua inimiga, arrastando-se contra ela, puxando-a de volta para o P & K, de volta para os lobos. Ela lutou até chegar em casa, lutou até chegar às crianças.

Quando alcançou as terras dos Bell, ficou imóvel. Não havia sussurros chorosos, gritos, nenhuma mãozinha se esticando para fora do solo. O chão estava tão oco quanto um útero vazio. Ela disparou até os montículos, cavando depressa, arrancando tufo de mato, imensos nacos de grama ressequida, argila macia e lama; arrancou as minhocas das casas e tirou uma dezena de bichos-de-conta do marrom que se desintegrava.

“Cadê? *CADÊ? ELAS?*”

Até o corvo estava silencioso na árvore. Até os pinheiros se viraram para o outro lado. Ruby sabia que eles teriam sido incapazes de impedi-lo, incapazes de salvar todas as crianças que tinham ido parar na garganta do Dyboù enquanto ela descansava em uma cama macia a apenas um quilômetro e meio de casa.

Ela berrou, um guincho poderoso que ressoou acima do topo das árvores, oscilando de tal modo que perfurou o emaranhado de galhos e saiu voando da floresta de pinheiros, para além da atmosfera ardente, disparando para o espaço.

Ephram a escutou da estrada que estava percorrendo em direção à terra dos Bell. Com delicadeza e cuidado, ele acrescentou um

milímetro de velocidade ao passo e chegou à sua Ruby.

Ele tinha sido arrastado para longe mais de três semanas antes, na noite em que Ruby cortara a barriga dele, enfiando o canivete até o cabo. Na noite em que a congregação quase o matara, deixando-o cair de cabeça enquanto o levava embora, à força. Mais de três semanas no Hospital Municipal de Jasper devido a uma infecção, devido ao fato de que o fígado dele tinha sido “lacerado”, e as entranhas, entalhadas. Ephram perdera tanto sangue que o médico branco disse, sem muito interesse em olhar para o rosto do paciente, que, na verdade, ele deveria estar morto. Foi a ligação da Senhorita P que o tirou da cama. Afastou-o dos rostos morenos e lisos das Mulheres Auxiliadoras, que o entupiram de galinha frita e bolo, apesar de as enfermeiras terem insistido para que ele só tomasse sopa e comesse biscoito até a barriga cicatrizar. Mandou-o para longe de Celia, que, a despeito da objeção do irmão à presença dela, permaneceu ao lado dele durante cada minuto dos horários de visita e algumas vezes até mais tempo, ajeitando o travesseiro, enfiando meias limpas nos pés dele e penteando seu cabelo. Murmurando o tempo todo a melodia de “Foi na cruz”.

A caminhada foi difícil. Embora os pontos tivessem sido removidos dois dias antes, ele ainda estava fraco.

Ephram ficou de pé acima de Ruby. Viu as varetas finas que eram as pernas dela, os juncos retorcidos dos braços. Ela chorou, o corpo inteiro tomado pelas ondas crescentes e os soluços rascantes.

Não havia o que dizer, por isso ele apenas ficou ali, deixando que a suavidade de seus olhos afagasse suavemente o cabelo dela.

Ruby falou com ele, sem se virar, sem tirar os lábios da terra:

— Eles se foram.

— Conta...

— Os meus bebês. *Os meus bebês...* eles se foram.

Ephram sentiu o peito se esvaziar. Inspirou a tristeza de Ruby e se ajoelhou ao lado dela.

Os olhos de Ruby se nivelaram com os dele.

— Vai embora daqui.

As palavras o empurraram para trás como um soco.

— Anda. Vai.

— Eu não vou, Ruby...

— O que mais você quer?

— Eu quero você.

— E o que isso vai custar? — Lágrimas quentes corriam pelas bochechas dela. — O que eu tenho que pagar para ter você?

— Eles estavam errados, Celia e os outros, foram piores do que idiotas. Mas não fui eu quem fez aquilo. Você enfiou uma faca em mim. — Ele ergueu a camisa e mostrou o curativo. — E ainda assim eu estou aqui. Deixa eu ajudar você, meu bem. Vamos achar as suas crianças.

Inexpressiva, ela disse:

— Eu vou fazer de novo.

Ephram permaneceu imóvel e olhou para ela. A mulher estava destruída, mais que destruída. Os olhos dela estavam vazios, mortos.

— Não, você não vai, Ruby.

Uma corda estalou dentro de Ruby. Ela foi com tudo para cima de Ephram.

— *O que mais você veio pegar? Você pegou tudo o que tinha sobrado da minha mente. Você trouxe eles aqui para levarem as minhas crianças. O que mais você quer?*

Ela se arremessou nele, arranhando seu pescoço, esmagando-o. Ephram tentou empurrá-la, mas ela se agarrou como uma pantera, cara a cara, puxando a mão dele para o meio das pernas.

— Você é só um homem! Não consegue nem admitir que veio aqui para eu chupar o seu pau.

Ephram a empurrou e a segurou na altura dos braços.

— *Para com isso!*

— Seu filho da puta caipira, nojento. Eu queria cuspir depois que você me beijou da primeira vez.

Ephram estourou.

— Foi você que me beijou, mulher! Não deixa o sofrimento levar a verdade embora. Não vem blasfemar quem a gente é.

— Você tem razão. Eu beijei você. Depois de trepar com o Chauncy — mentiu.

Ephram permaneceu com as mãos perto das costelas dela. Uma parte dele congelou.

— Você apareceu logo depois que a gente acabou. Lembra? Como a gente... eu e o Chauncy... ri de você. Meu Deus, eu preciso de um homem de verdade depois de ter andado por aí junto do seu bundão nojento.

Ephram gritou:

— Você acha que eu sou idiota? Acha que eu não sei o que você fez desde que veio para esta cidade? O que está fazendo agora? Você acha que eu gosto disso? Não. *Não!* Mas eu sei que a vida não ensinou outra coisa para você. Que nem uma raposa que não consegue parar de mastigar a própria perna depois de ter ficado presa na armadilha.

Ele viu a raiva emergir em Ruby, balançando-a, dilacerando-a.

— *Não tem armadilha nenhuma fora a que você armou para mim! Você disfarçou a armadilha com essa história de casamento, panqueca, doce! Querendo me consertar para depois me dobrar! Você fica se fingindo de puro e ingênuo, mas eu sei o que veio buscar! Mesmo você não sabendo! E você não sabe! Não consegue admitir isso agora!* — Ruby caiu no chão e ergueu o vestido. Abriu as pernas e tirou a calcinha. — *É isso que você quer? Não fica com medo de vir pegar que nem o Chauncy e todos os outros que você chama de amigos. Você só está aqui por dois motivos: porque eu sou uma vadia maluca que nem a sua mãe e porque você quer me foder. Eu conheço você. Eu vejo você. Vejo homens que nem você desde que eu tinha seis anos.*

— Eu não sou um desses homens.

Ela deu um salto.

— *Eu não passo de uma puta!* Quero a sua comida, o seu dinheiro... só isso. Eu posso fingir que quero qualquer coisa, até um alce no cio. As pessoas não riram de você durante toda a sua vida de merda? Tem um bom motivo para isso. Você por acaso é empregado da sua irmã? Porque você é um covarde e um idiota.

Ephram começou:

— Ruby... você gosta de mim. Eu sinto isso como se fosse um machado no meu peito.

Ruby gritou, soltando o nó da garganta.

— Por que você acha que aquelas merdas de flores e guardanapos azuis me servem de alguma coisa? Por que acha que eu preciso que você me trate feito uma rainha? Fazendo cada coisinha daquelas sem eu pedir e sem nunca deixar eu dar nada em troca. Isso não me transforma em uma rainha. Isso me transforma em uma aleijada. Mas você precisa foder uma mulher destruída. Você precisa amar uma maluca. Não é? Não é?

— Ruby... eu sei o que você está fazendo. Eu sei...

— O que você sabe?

— Eu sei que você me ama.

Ele estava quase sem ar, os soluços apertando a garganta e se libertando em seguida.

— *E daí que eu amo você? Eu sou a porra de uma idiota por causa disso. Você tem o tipo de amor que não me deixa subir. Que me faz tirar os olhos das minhas crianças, que me faz perder as minhas crianças. Um de nós dois vai ter que morrer se a gente continuar junto... e quem vai matar sou eu. É isso que você quer? Então cai fora daqui antes que eu mate você. Se eu vir você nas minhas terras de novo, eu vou matar você.*

Ephram deu um passo para trás, depois dois. A faca tinha machucado menos. Ele se virou e andou, trôpego, depois começou a correr. Passou correndo pelo P & K e por todos os homens amontoados na varanda. Sentiu cada olhar se virar na sua direção, julgando-o e rindo dele. Correu, acumulando vergonha e raiva de si mesmo como pólen em uma colina de margaridas. Correu até a casa de Celia, entrou pela porta, passou pela irmã, foi direto para o quarto e se deitou na colcha de chenile.

Celia ficou colada à porta, a mão na madeira, tentando não fazer barulho. Ephram estava a salvo. Tudo o que ela fizera tinha sido para mantê-lo a salvo das fogueiras da vida. A salvo das assombrações que matavam almas na floresta. A salvo do Diabo, que andava na Terra. A salvo de Ruby, que arrastara o Reverendo, o pai dela, para o inferno, que tinha ferido o irmão dela — o menino dela —, e que quase o matara. Ruby Bell, a quem ele aprenderia a

amar um pouco menos a cada dia... a cada dia que passasse com a irmã.

Celia disse, calma como um mar sem ondas:

— Eu fiz a sua comida favorita, Ephram, costeletas de porco fritas, salada e pão de milho com uma pitada de açúcar... bem do jeito que você gosta.

Em menos de dez minutos, Ephram lavaria as mãos. Ele as secaria no roupão de Celia, aquele que tinha uma fita cor-de-rosa costurada. Sentaria à mesa e comeria cada pedaço da comida dela, além do bolo amarelo com cobertura de chocolate que ela preparara de manhã. Estenderia o prato à irmã e deixaria que ela lavasse toda a louça e limpasse todo e qualquer sinal de vida daquela cozinha. Em seguida, ele tomaria um banho, vestiria o pijama e leria passagens marcadas na Bíblia bem gasta dele.

Depois que Ephram fez tudo isso, Celia entrou e se sentou ao lado dele na cama.

— Como você está se sentindo, menino?

Ele teve a sensação de que uma pedra tinha sido depositada no peito. Tudo que conseguiu dizer foi:

— Eu não sou nenhum menino, Celia.

— Eu sei disso, Ephram. — Ela pousou a mão na testa do irmão, para ter certeza de que ele não estava com febre. — Deixa eu ver o seu curativo.

— Agora não.

— O doutor disse que a gente tem que trocar todo dia.

Ele a encarou.

— Hoje não, Celia.

Ela se afastou e ficou de pé.

— Eu vou para Jasper amanhã, comprar mais gaze e iodo. E aquela gordura especial que eles ficaram passando na sua cicatriz.

Ephram não disse nada. Simplesmente deixou a Bíblia de lado e apagou a luz.

Celia quase disse *Estou feliz por você estar em casa*, mas resolveu deixar para lá. No entanto, pensou isso tão alto que Ephram ouviu de qualquer maneira.

Ela deslizou porta afora enquanto Ephram se deitava por cima da colcha, cansado demais para rastejar para debaixo das cobertas. Virou-se de lado, pronto para esperar os anos passarem até cair no grato esquecimento.

CAPÍTULO 23

Ruby não vagava mais pela floresta de pinheiros. Em vez disso, caçava, procurava, afastando galhos até os dedos ficarem esfolados e sangrarem. Sabia que as almas delas ainda estavam vivas. Às vezes as escutava em meio ao vento, como flautas, até que esmaeciam entre as árvores. Ruby as sentia. Presas, amarradas como um banquete de aranha.

Ruby as chamou enquanto caminhava, até que a voz dela se tornou apenas uma lixa. À noite, voltava para casa e comia o pão, as frutas e a carne-seca que a Senhorita P deixava para ela ao longo da semana. Não para satisfazer qualquer fome. Não havia fome. Não havia dor ou alegria. Ela comia para se manter caminhando. Comia para sustentar o fôlego. Comia para conseguir encontrar os bebês antes que fosse tarde demais.

Então, quando Chauncy apareceu procurando por ela em um sábado de manhã bem cedo, ela pegou a pá que Ephram tinha levado para a casa e bateu com ela na cabeça do homem. Com força, de modo que ele caiu desmaiado no jardim. Quando Ruby voltou naquela tarde, os dedos ensanguentados, ele ainda estava lá, em um montinho no solo. Enquanto ela enfiava comida na boca, Chauncy acordou e foi cambaleando para casa, ziguezagueando, apoiando-se na penumbra da tarde.

Ele voltou no dia seguinte com um galo feio na lateral da cabeça e um pacote de maldade guardado nas entranhas. Dessa vez, quando Ruby ergueu a pá, Chauncy agarrou o objeto e o jogou no chão com tanta força que ele se quebrou em dois. O rabo de uma sombra tremulou atrás dele, e foi como ela soube que o Dyboù estava vivendo dentro do homem, como um rato morto envenenando um poço.

Ruby sentiu o medo se espalhar, quente, dentro da barriga. Ainda assim, perguntou, com o peso de uma pedra:

— Cadê as minhas crianças? — Chauncy e o Dyboù caminharam devagar na direção dela. Ruby se ergueu como um pinheiro alto. — *Cadê as minhas crianças?*

As mãos dele estavam retesadas, os braços pareciam molas.

— Mulher, você é louca demais para viver, Deus sabe.

Ruby agarrou uma das pedras grandes e a arremessou nele, atingindo-o na covinha que ele tanto amava. Chauncy se esquivou e conseguiu agarrar a pedra.

Em seguida, Ruby arremessou uma pedra cinzenta no peito largo dele, rasgando a camisa do homem. Ele (eles) rugiu na direção dela, que começou a correr, mas gritando, explodindo:

— *Cadê as minhas crianças?*

Ela disparou como uma corça selvagem através da floresta de pinheiros. Ele era uma escavadeira, partindo galhos e chutando para longe os arbustos baixos. Ruby se virou e viu a pedra ainda firme na mão dele.

Ela continuou. A floresta a empurrava na frente do homem (dos homens) que a perseguia. Eles queriam mais do que pegá-la e derrubá-la, queriam roubar a alma dela, mesmo que, para isso, precisassem matá-la.

Os pulmões de Ruby estavam em chamas, o suor se derramando entre as escápulas e os seios. O mundo era o cheiro crescente de lama e pinho, o sal úmido do corpo dela e a aproximação da colônia doce com a qual Chauncy Rankin devia ter se banhado.

Quando chegou perto do círculo de pinheiros, ela vislumbrou um galho grosso. Agarrou-o enquanto corria.

Chauncy a alcançou quase na clareira. O braço dele segurou o pulso de Ruby e a arremessou ao solo, atrás de uma fileira baixa de arbustos. Uma gota de sangue se misturou com o suor e começou a serpentear pelo nariz dele, alcançando a fenda dos lábios. O Dyboù tentando alcançá-la, corpulento, esticando-se através de Chauncy, a centímetros dela, como se quisesse que ela soubesse. Nesse momento, Ruby o viu, enxergou-o de verdade. O Dyboù — o homem que a levava para a fogueira, que a vendera para a

Senhorita Barbara, que a marcara com seu ódio — agora ardia acima dela. O Reverendo — era ele o Dyboù que tinha roubado as crianças dela.

Ela esticou o braço para pegar o galho morto, mas sentiu apenas agulhas de pinheiros e terra, então usou as pernas. Acertou a rótula. Chauncy cambaleou, depois caiu em cima dela, esmagando-a. O Reverendo lançou um olhar sem nenhuma emoção, sugando a energia de Ruby. Ela mordeu o maxilar dele e o fez sangrar, depois lutou embaixo do homem.

O espírito e o homem se puseram de pé em um salto, o rosto quase irreconhecível de tão retorcido, e investiram contra ela, socando-a na têmpora direita. Com força. O mundo inchou e ficou em câmera lenta. Enquanto ela caía para trás, eles a acertaram mais uma vez, no maxilar, como se ela fosse um homem, e ela caiu na terra vazia.

No entanto, o que Chauncy não poderia saber, o que o Reverendo nunca poderia sonhar era o fato de que eles nunca seriam fortes o bastante para derrubar uma mãe em busca dos filhos.

Algo disparou através dela, algo vindo da terra, vindo das raízes das árvores, vindo do sol que chegava à clareira em ripas. Ruby esticou o braço de novo e sentiu o galho. As árvores rodopiavam e escureciam, mas alguma força impulsionou o galho através do vento e se descarregou como um raio, esmagando o ombro direito de Chauncy.

Ele berrou. Então caiu para trás, segurando o braço, que pendia em um ângulo estranho e frouxo enquanto ele gritava como um menino que tivesse levado uma surra da mãe. O Dyboù — o Reverendo — escapou do corpo de Chauncy enquanto o homem chorava e gemia. O Reverendo girou rumo à escuridão das árvores e Chauncy saiu correndo, afastando-se da clareira, afastando-se de Ruby.

Ela deitou a cabeça na terra macia. Foi somente nesse momento que soube. Escutou com todo o seu ser. Não sentia mais as crianças no vento. Ao olhar nos olhos do Dyboù, sentiu apenas um buraco enorme, vazio. Ele havia inchado e engordado. O silêncio nas

árvores era ensurdecedor. Ela percebeu que, no momento em que sentira falta delas, já sabia. Foi assim que Ruby soube que tinha perdido. Ela chorou. Tinha perdido as crianças para o éter. Tanny. A bebê dela. Todas as crianças assassinadas, reviradas e destruídas de Liberty. Tinham ido embora. Todas.

A floresta rodopiava à medida que Ruby se perdia na noite estrelada.



AO ACORDAR, Ruby não conseguiu se lembrar de nada, a não ser do peso da própria cabeça no chão da clareira. Um alarme tocava através do algodão. O coração explodindo de dor. Perda. Ela mal conseguia se mexer. Argila e um punhado de pedras delimitavam a dor lancinante na bochecha. O olho esquerdo se encontrava quente e fechado de tão inchado. O direito se abriu um pouco, e, em meio à embriaguez do sono, Ruby viu onde estava pela primeira vez. Na clareira. Tinha corrido direto para lá como uma criança correria para casa. O alarme soou mais alto.

Ela tentou se levantar. Precisava erguer a cabeça, mas uma escuridão desabou. Em um piscar de olhos, Ruby voltou a ter seis anos. A última lembrança que tinha era de beber um copo de leite amargo que o Reverendo lhe dera durante o piquenique. Ela sentira os olhos pesados e a boca dormente. Acordara em frente a uma fogueira gigante, como a que o Senhor Rankin usava para fazer churrasco na Páscoa. Ruby era pequena, minúscula e vacilante no solo duro. O calor e o ar a pressionaram e ela sentiu a própria boca se abrir. Ficou envergonhada quando viu a baba que encharcava o solo.

Um medo quente subiu pela garganta, e Ruby vomitou a galinha que comera no almoço, o corpo se contraindo, engasgando. As mãos de alguém estavam em cima dela, grandes, erguendo-a, arrastando-a para o feixe de luz. O que sobrara do almoço foi

lançado pela barriga da menina em cima de um pedaço de mato. A clareira subia e se inclinava. Pés pisando forte. Tambores. Estalidos. Fogo. Eles a levaram até o calor, mas ela tremia. Incapaz de se mexer, mas tremendo por tomar conhecimento de algo horrível. Alguém a abraçou, acariciou-a na cabeça. O fogo próximo demais da pele. A pele quente como gordura em uma frigideira. Quente como galinha frita. Através do ar distorcido, Ruby viu os homens. Mais pele do que ela jamais tinha visto. Algo estava a caminho. O terror embrulhou a garganta da menina quando ela viu a pelagem baixa e escura em cada um dos homens, segredos que ela sabia que não deveria ver.

Mãos a pegaram. Ruby mal conseguia levantar a cabeça para olhar ao redor. Havia círculos brancos indistintos em volta do fogo, as estrelas que giravam quando a cabeça dela caiu para trás e a lua. Como um pesadelo, como o inferno do qual Jesus falava, as mãos não estavam conectadas a braços nem a corpos. Eram grandes e a levantavam bem alto. Palavras, todas ditas ao mesmo tempo, como nos versículos da Bíblia, mas não eram versículos. Aquele palavreado a alcançou, rolando dentro de Ruby assim como a avó sovava a massa. Alguém estava tirando o vestido dela. As mãos da menina estavam fracas demais; os braços, sem disposição para lutar; a língua, grossa demais para falar. Então ela gritou. O som saiu como um grasnado.

Ruby pensou em Maggie e no que ela faria, com quem lutaria. Tentou encontrar uma brasa em meio ao gelo do próprio corpo, mas ela não era como Maggie, era um gatinho assustado. O pavor que sentia era maior do que caberia dentro de si. Algo a cortava ao meio, em quatro partes. Ela começou a dar pinotes, convulsões se movendo por todo o peso morto de seu corpo. Escutou uma voz morna, grave, conhecida, quase da família. Suave. A voz dele entrou com as outras palavras, mas pareceu segurá-la. Havia açúcar misturado a ela, como em um chá doce. A voz a afagava, parecia ancorá-la, então, no vazio, Ruby se agarrou àquilo.

Era um truque. As palavras esculpiram o rosto de Maggie e o cachimbo de sabugo de milho de Papa Bell. Evisceraram o carnaval que ela tinha visto quando tinha seis anos. Fatiaram o bolo de

amora, o leite morno com mel e a nata que o recobria. Então, amarraram as mãos de Ruby com uma faixa úmida de tecido vermelho e a derramaram no chão, chorando, chorando enquanto os homens a rodeavam. Ela não conseguia respirar. Eles chegaram mais perto. Ela não conseguia respirar. Sentiu um terror crescente, prestes a destruí-la e achatá-la. As mãos deles feito raios, balançando para a frente e para trás. Depressa, como se estivessem em uma corrida. Como um cobertor escuro caindo. Ela ainda não conseguia se mexer, no entanto, uma parte dela corria. Subia em uma árvore. A voz do Reverendo a puxou de volta ao solo do corpo da menina no momento em que algo quente era cuspidado nela. De novo e de novo. Escorregando molhado pelo corpo dela. Escorregadio como veneno branco, como cola morna na pele. De novo e de novo. No pescoço, nas costas, na barriga, até que os homens praticamente rugiram sobre ela. Esfregaram aquele ódio pegajoso em todo o corpo de Ruby, em cada canto, nas pernas e nos braços, no peito, nos dedos dos pés, nas partes íntimas, enfiando os dedos na boca da menina. O Reverendo ajoelhado por cima dela, cantando, palavras estranhas e truncadas que pareciam uma corda dando voltas e mais voltas nela, ligando-a a ele.

A ideia da morte fumegou ao redor de Ruby. De morrer como uma lesma na qual se derramou sal, como o corvo que Maggie tinha encontrado — rígido, duro. Ela sabia que, se ele a deixasse viver, se o coração dela continuasse batendo, qualquer vida que vivesse, qualquer estrada que tomasse, sempre a levaria de volta a eles — de volta a ele. Como uma semente podre criando raízes, escavando a barriga e as entranhas dela, os olhos dele sussurraram que, a partir daquele momento, ela era uma coisa que pertencia a eles. Eles a possuíam.

O Reverendo desamarrou o tecido vermelho, acariciou o cabelo de Ruby e, então, depositou algo redondo como uma aspirina infantil na língua dela. Em seguida, fez com que fechasse a boca e afagou a garganta até ela engolir. Colocou uma bolsa embaixo da cabeça da menina e jogou um cobertor áspero por cima. Ruby observou, de soslaio, os homens se transformarem em humanos de novo enquanto vestiam as roupas e começavam a conversar sobre

a colheita e o tamanho do bagre que Sorrell Wilkins tinha pescado. Agora que eles tinham rostos, ela viu que alguns eram conhecidos. Homens que iam à igreja aos domingos e se sentavam no P & K para jogar dominó. O Senhor Rankin e o Senhor Simpkins. Pais de quatro ou seis filhos, com bebezinhos que aprendiam a engatinhar em casa. Que trabalhavam na Serralheria do Grueber ou que esperavam o ônibus para Newton. Ela se sentiu tão pequena, como um coelho caindo no sono no meio de um círculo de lobos. Mas, antes de ser levada embora, viu que os lobos eram também homens normais, o mais terrível de tudo aquilo. Um homem com um sorriso e um refrigerante para as filhas, com um caixote de melões no piquenique da igreja, com um lenço pronto para ser oferecido se o seu nariz escorresse: esse homem era capaz de devorar uma pessoa inteira antes que ela conseguisse dizer “bu”. Aqueles homens eram uma parte da roda do mundo, ajudavam-na a girar. A mesma roda que Ruby sabia que a esmagaria todas as vezes que ela se levantasse para lutar. Mesmo que levantasse apenas um dedo. Apenas um pensamento.



TODA A congregação estava de branco na margem sul do lago Marion. O som de Verde Rankin martelando um hino gospel enchia o ar. Ephram Jennings estava de pé, o quarto da fila, atrás do tio bêbado de Chauncy, do filho de sete meses de Mandy Patty e de uma mulher de Nacogdoches. Ephram seria o último batismo do dia.

O coro se juntou no refrão: “Canto porque estou feliz! Canto porque estou livre!” Uma ou duas vezes falando línguas ininteligíveis se erguiam acima dos sussurros de mulheres idosas e dos expansivos cantores desafinados entulhando cada nota nos importunados ouvidos de Deus. Verde era apenas uma delas. A esposa de Moss Percy, Clara, era outra. Mulheres cujos familiares bem-intencionados e sem qualquer senso de afinação confundiam

volume com talento e as elogiavam, de modo que tanto Verde quanto Clara cantavam cada vez mais alto, uma tentando superar a outra.

Ephram não olhou para elas. Manteve o olhar nos próprios pés descalços, estoico e silencioso. A cutícula do dedo mindinho do pé esquerdo estava vermelha e inchada. Ele se perguntava o que a sujeira do fundo do lago faria àquilo.

Quando Celia sugerira pela primeira vez que Ephram renascesse através do batismo, enquanto os dois comiam costeletas de porco, mingau de milho e ovos mexidos, ele dissera que não. Mas ela o importunara muito, acrescentando uma gota de incômodo a cada dia, até que, para evitar anos de erosão, ele concordou.

Ele seria o porco assado lentamente daquela tarde. Os demais eram apenas batata-doce, milho e quiabo. O tio de Chauncy era o molho Tabasco.

Ephram não conseguia deixar de pensar em Ruby. Ela o penetrou, como um gosto no fundo da garganta — a lembrança do bolo de pêssego da mãe dele. Agora, Ruby seria apenas uma receita amarelada a ser ocultada, escondida no bolso da camisa. Ele a desdobraria a caminho do trabalho ou quando estivesse sentado sozinho na cama.

Alguns pinheiros se agarravam às margens do lago, mergulhando os galhos no verde turvo. Juncos emergiam e se apinhavam enquanto o sol mergulhava e pintava o mundo com o crepúsculo azul. Ephram absorveu toda a vida ao redor, o sussurro da floresta, a inclinação do sol se escondendo atrás das árvores. Era como se um banquete se estendesse diante dele, mas, na boca, tudo aquilo se transformava em serragem.

O Pastor entrou na água e caminhou até as coxas ficarem cobertas. Falou em um timbre vivo, grave, tropeçando aqui e ali. O tio de Chauncy, todo de branco, foi o primeiro.

— I-irmãos e i-irmãs, Mateus, capítulo vinte e oito, versículos dezenove a vinte, diz: “P-p-portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, b-b-batizando-os em nome do P-p-pai, e do Filho, e do Esp-p-pírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos

tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.” Amém.

Então ele tomou o homem e o mergulhou de costas na água. O sujeito emergiu cuspendo e tossindo, a mão suspensa no ar, seguido por uma série de aleluias, e se encaminhou para a margem.

Ephram endireitou a roupa batismal que vestia por cima de uma camiseta de algodão e um short branco. Sentia-se nu toda vez que o vento soprava o tecido fino de encontro ao corpo. Imaginou o desconforto de emergir da água com roupas encharcadas, quase transparentes, e andar de volta para a margem. Notou que a congregação contava com a presença de mais maridos e avôs sempre que uma irmã atraente era batizada.

A terceira acólita despertava esse tipo de atenção. O vestido branco flutuava enquanto alguns cavalheiros da congregação se postavam perto dela. O cabelo recém-alisado. Ephram imaginou, conhecendo os processos pelos quais o cabelo de uma mulher passava, que aqueles fios tinham exigido por volta de três horas. Ela parecia sentir que era um sacrifício válido diante da salvação eterna.

Celia estava de pé, orgulhosa, na vanguarda da congregação. A faixa de Mãe da Igreja reluzindo, branca com letras cintilantes. A peruca curta lustrosa e um terninho branquíssimo com minúsculas pérolas falsas ao longo da gola. Ephram sabia que ela nunca estivera tão feliz quanto nesse momento.

À medida que sua vez se aproximava, ele começou a sentir que algo como aço se infiltrava na barriga, uma raiva firme se agitando, porque para fazer aquilo, para caminhar até o lago Marion como Celia mandara, Ephram precisara deixar pedaços de si mesmo ao longo da estrada. Celia, roliça e sorridente desde que ele voltara para casa, parecia ter recolhido esses retalhos no avental.

Verde estava prestes a começar outro hino quando a esposa de K.O., Evelyn, teve a misericórdia eterna de se adiantar, começando: “Oh, happy day...”

O coro ecoou, suavemente: “Oh, happy day...”

Em seguida, o pregador aspergiu água do lago no bebê e recitou:

— Marcos, capítulo um, versículos quatro e cinco: “Apareceu João b-b-batizando no deserto e pregando o b-b-batismo de arrependimento para a remissão dos p-p-pecados. E toda a província da Judeia e os de Jerusalém iam t-t-ter com ele; e t-todos eram b-b-batizados por ele no rio Jordão, confessando seus p-pecados.”

Oh, happy day...

A voz de Evelyn flutuou no ar: “When Jesus washed...”

E sereno, atrás dela: “Oh, when he washed...”

He washed my sins away...

Uma torrente familiar varreu Ephram. Ele permanecera naquelas margens a vida inteira, a voz do pai retumbando através da água, a mãe de pé à esquerda, a mão dela delicadamente no ombro do filho, o perfume tão próximo, doce e cítrico que parecia se instalar nas roupas dele. Quando a mãe morrera, Ephram caíra de joelhos e as mãos da congregação o abraçaram. Ele cruzou o vazio e sentiu que algo o segurava, o abraçava.

When Jesus washed...

Oh, when he washed...

He washed my sins away.

Oh, happy day! Oh, happy day!

As irmãs da igreja, o cheiro de óleo capilar Royal Crown e talco de bebê que elas emanavam, eram tudo o que ele tinha conhecido. O orgulho no sorriso delas. Orgulho, ele sabia, que apenas mulheres negras podiam sentir ao identificar um bom homem negro. Os braços delas haviam segurado Ephram com carinho durante décadas.

Ele tinha se sentado nos bancos de igreja, temperados com o sal do suor e das lágrimas, durante quarenta e cinco anos. Mas aquilo não era Ruby. Não tinha qualquer selvageria, nem cabelo falante, nem beijos sussurrados. Nenhuma mágica disparando através do mundo. No entanto, aquilo não o cortava. Não o cegava de dor.

A mulher de Nacogdoches pisou na margem e caiu na fina faixa de areia. Começou a estremecer e a falar em línguas sagradas e toda a congregação correu até ela, pousando as mãos no corpo da

mulher. Ephram passou o tempo olhando para o lago em constante movimento. A salvação dela podia demorar bastante.

Então, soube que logo seria sua vez de pisar na água que o aguardava.



RUBY ESTAVA deitada com as costas no chão, os pinheiros se esticando acima dela. Ainda conseguia se lembrar, ainda conseguia sentir o líquido grudento no corpo. Ainda era capaz de ouvir o canto deles. Com a bochecha encostada ao solo da floresta, percebeu que o chão estava cantando. Alguém estava cantando. *Oh, happy day...* Tufos de algodão viajantes. *Oh, happy day...* A música deslizando por entre o mato novo, tenro. Havia um rimbombar de esperança em algum lugar do mundo. Não ali. Ali, ela havia conduzido outras crianças para a fogueira. Ali, com o olhar, ela indicara para o Reverendo onde estava Otha, e eles tinham pegado a mulher e feito o impensável. Ruby deixara o Senhor Green tirar a corda do pescoço dela. Assistira, em silêncio, enquanto a amiga era assassinada. Permitira que todo o seu espírito infantil fosse levado. Levado e engolido pelo esquecimento do Dyboù.

A filha também tinha sido levada, porque Ruby nunca lutara. Nem uma vez, nunca, durante todo o tempo que passara na casa da Senhorita Barbara.

Ruby sabia de tudo o que fizera. Tudo o que permitira. Tinha sangue debaixo das unhas, até os cotovelos.

A música dançava acima da cabeça baixa dela. As lágrimas empapando o chão. Nesse momento, Ruby entendeu que havia outra razão para nunca ter fugido. O Reverendo Jennings. Ele não a engolira do modo como fizera com as crianças dela. Em vez disso, trançara o próprio espírito ao dela e, em seguida, enlaçara os dois no corpo de Ruby. Cada passo que ela dava a fim de tentar se afastar servia apenas para puxar o Dyboù para mais perto.

Então, ao longe, centenas de galhos estremeceram. Ruby sentiu que ele se aproximava dela, como se tivesse sido chamado. Tentou se levantar, mas em questão de segundos ele desabou como um bloco de madeira. Ela sentiu o lampejo dos dentes dele, o esfregar visceral do hálito. O peso da sombra pressionando o vestido, puxando o cabelo para perto do chão. O couro cabeludo de Ruby se contorceu, latejando. As agulhas dos pinheiros voaram e rodopiaram ao redor dela. Nuvens de poeira batiam em seus olhos. Ela sentiu como se um palito de fósforo aceso tivesse sido jogado debaixo dela. Um fogo doentio aqueceu sua pélvis. Então, a despeito de tudo o que o Dyboù fizera, o corpo dela acompanhou os movimentos dele.

Ela esbofeteou o próprio rosto e puxou o cabelo preto. O fôlego expelido, expulso dos pulmões em explosões quentes e frenéticas. Ruby afastou as pernas para permitir.

Ele entrou nela por completo. Deslizando, preenchendo. Todos os lugares, debaixo das unhas, nos canais lacrimais, nos tímpanos e na boca aberta, como se ela estivesse engolindo um furacão. Eles se juntaram, fundiram-se. Ruby viu a uva-passa ressequida que era o mundo pelos olhos dele. A certeza de que todos aqueles homens estavam perfilados em alcatrão e breu. Eles não eram diferentes. Respiravam como um só. Subindo e descendo. Ela também odiava. Odiava como um canivete cortando a tela do mundo. Odiava os homens que a tinham tomado. Odiava o fogo. Odiava as mãos. Odiava o retinir de cada maldita moeda de vinte e cinco centavos. Odiava Peter Green e a Senhorita Barbara e, dentro do grande redemoinho de todas essas coisas, odiava sua própria fibra e seus próprios ossos. O ódio era o que os unia.

O ódio a governara. Nem mesmo as crianças tinham conseguido suplantá-lo. Ruby soube então que nunca nutrira as crianças com esperança. Ela as alimentara com medo e morte. Nutrira com o mal como verdade. Ensinara a não se erguerem, a não voarem, mas, em vez disso, a se agacharem, a se esconderem. Alimentara as crianças com o veneno do ódio de si próprias, e isso as tinha tornado fracas. Fracas o bastante para serem levadas.

A voz do Dyboù rugiu através dela enquanto Ruby empurrava os quadris na direção do ar crepitante. Ela sentiu que estava encorpando, encorpando, crescendo. *Vagabunda. Minha putinha. Vadiazinha.*

Ruby se tornou isso.

As costas dela arranhavam a terra enquanto ele se movia dentro dela. Ruby sentiu a tristeza do solo abaixo de si. As raízes enlutadas de um corniso a apoiavam. As magnólias amenizando o vento com sua fragrância. Os barulhos dos corvos parando nos galhos e o que sobrava do sol se debruçando para aquecer o rosto retorcido da mulher. Ela sentiu a argila vermelha pulsando ao redor.

Uma motosserra gritou alto, como na Serralheria do Grueber. Ainda assim, ela sabia que não estava sozinha. Um carvalho se erguia orgulhoso ao lado de um cardo florido. E os pinheiros assomavam acima dela. Eram mais velhos do que ela e do que qualquer pessoa que ela tivesse conhecido, mais velhos que o Dyboù.

O Reverendo rosnou, deformando a fina pele das canelas de Ruby, as coxas dela. Então, Ruby se lembrou. Viu a cúpula do abajur, ouviu a cama rangente na casa da Senhorita Barbara e se lembrou de que podia se esconder no cinamomo enquanto o mundo trovejava. Como fizera tantas vezes quando era criança, ela se sentou debaixo da sombra da copa, os frutos verdes e duros o bastante para serem rolados entre os dedos. Sentiu um peso suave no ombro e viu Maggie ao seu lado. Afiada como uma lâmina, doce como caramelo. Ela abraçou Ruby.

— Escuta. Escuta agora e não esquece. Não existe nada de que você não faça parte. Se quiser saber daquele céu, você o sentirá nadando no peito. Se quiser saber daqueles pinheiros altos, você sentirá a casca deles na pele. Não existe nada de que você não faça ou não possa fazer parte. Você já tem o hálito de madressilva. Já tem rosas nos lábios.

O Dyboù a puxou de volta para a floresta, erguendo-a alguns centímetros do chão, a clareira ressoando, as árvores se inclinando. Um galho se partiu e viajou através da clareira. Então Ruby rezou. A centelha de vida que ainda restava nela respondeu. Um vaga-lume

cintilava. Ele pousou no dedo da mulher... como uma labareda, ele se firmou. Em seguida, a chama se espalhou pelos pulsos e pelos braços dela. A cintura dela se incendiou, além das pernas compridas e dos dedos dos pés. O inseto saltou para os ombros dela, ateando fogo às pontas do cabelo. As flamas escaparam da boca aberta de Ruby.

Ela começou a lutar. Pediu ajuda às raízes. À água correndo debaixo da terra e dentro do lago Marion. Rezou para o domo de vida a seu redor. Sentiu a noqueira invencível crescendo livremente. A força do carvalho. As flores espalhadas perto do galinheiro de Rupert Shankle. A centelha dentro de Ruby incandesceu. Começou a soltar fumaça, a queimar e, em seguida, a subir.

Ruby começou a dar chutes, os braços tentando atingir o nada cinzento do Dyboù. Ele hesitou por um momento, de modo que ela se desequilibrou para trás. Ele rugiu através dela, porém, de algum modo, ela se pôs de pé e gritou com toda a força:

"Eu não sou sua! Eu não sou a sua puta! Eu não sou nada sua!"

Ela começou a empurrar com as mãos. Os pés pisando firme no chão. O Dyboù se segurou e se segurou, até que Ruby sentiu o puxão, a âncora da corda que os unia.

Olhou para ele, o fogo do espírito queimando os olhos, e sentiu a amarra se enfraquecer.

"Eu não fui feita para ser usada! Nunca fui! Nunca! E eu nunca mais vou ser usada!"

Ela sentiu a corda se queimar até se transformar em cinzas. O espírito ficou imóvel por um momento, depois saiu voando de dentro dela. Pareceu tremer e se afastar, rodopiando rumo à sombra da floresta até se tornar pequeno demais para que Ruby o enxergasse. Ela ficou nesse novo silêncio. Intuiu uma nova liberdade.

Então lembrou-se de Ephram. Nada parecido com Maggie. Nada de doçura e arrogância dourada. Maggie, que teria enfrentado exércitos por ela se eles ao menos tivessem dado as caras. Maggie, tão grande que tinha pintado o céu com histórias de bagres e do paraíso. Ruby amava Maggie por tudo isso, mais do que a própria vida.

Ephram era diferente. Não lutava contra o mundo, movia-se através dele. Tinha observado a vida se deslocando diante de si e visto a beleza e a loucura. Entrara com delicadeza no combate barulhento e constante. Encontrara o caminho até a porta de Ruby. Cuidara dela. Permanecera ao seu lado, não na frente dela com os punhos em riste. Talvez por isso Ruby tivesse aprendido que podia se proteger. Dizer “não” por conta própria. Expulsar ela mesma o Dyboù.

Nesse momento, Ruby se lembrou dos pés de galinha contornando os olhos marrons de Ephram. O modo de andar dele, tão suave e tranquilo quanto o lago Marion. Pensou no sorriso dele e no jeito como os cantos da boca se curvavam para aceitar a expressão. Pensou no coração de Ephram e no jeito como ele a amara. Como a enxergara. Como a ajudara a enxergar seu próprio valor. Seu tesouro. Ela nunca tinha sido a puta dele. E nunca seria. Nem que eles passassem mil anos sem se ver. Ela sempre seria amada.

Foi então que Ruby soube que uma mentira só era capaz de controlar alguém se a pessoa acreditasse nela. Que todo o trabalho do Reverendo, da Senhorita Barbara, de todos eles. Todos os feitiços que eles haviam lançado. Tudo aquilo tivera o intuito de convencê-la de uma mentira.

A canção que ela ouviu estava mais alta, erguia-se acima do horizonte. Ruby olhou para o alto e escutou. Vinha do lago Marion.



EPHRAM ESTAVA de pé na margem. A mulher de Nacogdoches tinha enfim terminado e saído da água. Os homens pareceram decepcionados quando Supra Rankin correu depressa até ela com uma toalha.

Ephram parou e assimilou o lago na luz que ia se extinguindo. O Pastor aguardava, amigável, ainda que com um ar presunçoso de

vitória repuxando os lábios. A esposa de K.O. não tinha parado de cantar “Oh Happy Day” por temer que Verde pudesse interrompê-la. Ephram ficou feliz. A mulher tinha uma voz à altura da canção. Tanto que os sapos haviam começado mais cedo a serenata noturna. Os grilos tinham se unido à cantoria, junto com um rouxinol corajoso. Ephram respirou fundo e levantou o pé quando sentiu o empurrão nas costas. Ele se virou. Era Celia. Não contente em deixá-lo entrar desacompanhado na nova vida, ela passara na frente da congregação e dera uma leve cutucada nele.

Ephram permaneceu firme como um pinheiro. Não virou a cabeça para nenhum dos lados. Então ela o empurrou de novo. Com mais força dessa vez. De modo que Ephram se virou e agarrou a mão dela.

A cantoria parou.

Ele olhou com firmeza nos olhos dela e disse simplesmente, sem levantar a voz, mas alto o bastante para que todos na margem escutassem:

— Celia, é melhor você parar.

E ele soltou a mão da irmã.

Ela ficou ali, um ímpeto de raiva irrompendo.

Ephram se virou de costas para Celia e caminhou pela água até o Pastor. Sentiu a água fria nas pernas, depois na pélvis e na cintura. O Pastor estendeu as mãos enquanto Ephram passava direto por ele, deixava cair a roupa batismal e começava a nadar em direção ao meio do lago. As pernas poderosas, os braços mergulhando na água verde-escura e voltando a subir. Ele encheu os pulmões de ar à medida que cruzava o lago.

Então, enquanto Ephram nadava, seu coração se encheu com a lembrança de Ruby, o âmbar da pele e a cachoeira negra e espumante do cabelo dela. De repente, ele teve vontade de sacar todas as velhas receitas da mãe e cozinhá-las para ela. Galinha ensopada com quiabo, pão de milho e torta de noz. Não sabia o que aconteceria. Por ora, a sensação de nadar ao luar era boa. Ele pensaria no restante quando chegasse ao outro lado.



RUBY SE levantou na floresta. A canção parecia inundá-la. A noite estava quase chegando. Ela observou as estrelas pontilhando o céu bem longe, no leste. O oeste ainda se agarrava ao crepúsculo.

Ela não sabia em que direção andar. Não sabia aonde ir. Desejava ter falado tantas coisas às crianças. Queria ter dito que elas tinham o direito inato de se levantar. Que nada poderia segurá-las. Que qualquer coisa que o Dyboù dissesse era mentira. Desejava ter falado para elas lutarem...

Então ela entendeu. Antes de ser capaz de ensinar algo, precisava sabê-lo.

A noite tinha quase chegado. Ruby observou a lua se erguer e viu um corvo desenhar oitos preguiçosos acima dela.

* * *

OLHOU BEM lá no alto e viu que o topo do pinheiro tinha ficado preto, as folhas substituídas por asas pretas lustrosas. Havia centenas de corvos empoleirados nos galhos estreitos.

Mais um pousou, mais perto que os demais, em uma nova pinha que espreitava por entre as agulhas. O peso do corvo despreendeu uma névoa de cólera verde que se espanou da árvore, caindo leve como uma garoa no rosto de Ruby.

Ela secou as bochechas, e outra nuvem desceu flutuando, grudando no cabelo. Parecia um batismo, limpando o dia, as semanas e os anos de loucura.

Um silêncio se estabeleceu entre os corvos e Ruby os viu, asas se agitando, dançando acima dela. Foi quando a primeira de suas crianças espiou de trás da grande negritude estendida e foi cambaleando até o colo dela. Depois outra. Depois Tanny, descendo, rindo. Os corvos tinham ficado com elas o tempo todo, mantendo-as consigo até que Ruby estivesse a salvo. O Espírito havia mentido. Todas as crianças de Ruby tinham voltado, como filhotes de aranha em fios de seda. Ela as chamou para junto de si.

As crianças se juntaram, bem próximas umas das outras, debaixo dos pinheiros, o vento brincando com o cabelo de Ruby. Ela sentiu o cheiro da madressilva e da poeira seca das agulhas dos pinheiros.

Ruby se levantou e caminhou, todas as crianças em volta dela, dando risadinhas, correndo mais à frente, balançando-se nos galhos mais baixos. Ela foi até as terras dos Bell, entrou na casa e olhou ao redor. Acendeu um lampião. Então dois, cinco, até o lugar ficar dourado e aquecido. Percebeu que um pouco de poeira tinha sido soprada para dentro da cozinha, portanto pegou a vassoura e começou a varrer. Depois lavaria as cortinas. A roupa de cama também precisaria ser fervida.

Ruby foi até a janela e olhou. O cheiro maduro de algo se aproximava pela floresta. Era um aroma doce e salgado, como pomada e suor. Lágrimas de gratidão molharam seus olhos.

Ela se virou para as crianças. Tinha tanto para ensiná-las. A resistir. A lutar. A acreditar na insurreição. Ruby as ensinaria. Ensinaria a si mesma. Sentiu o coração batendo firme no peito. Podia oferecer esse conhecimento a cada uma delas. E o daria a elas, como um bolo de claras.

AGRADECIMENTOS

GOSTARIA DE AGRADECER aos talentosos Cole Rucker, Beth Collins-Burgard, Lorrie Feinberg e, claro, à minha mãe, doutora Zelema Harris, por me encontrarem perdida em meio à floresta de pinheiros repetidas vezes. Por recomporem meu espírito quebrado, por me aquecerem com guisado, histórias de artemísias, uma perspicácia aguçada e o doce bálsamo da confiança e depois me guiarem, com amor, de volta à estrada que me esperava. Por me ensinarem, através da magnitude de seu caráter, como viver. À minha agente, Nicole Aragi, primeiro por escolher meu manuscrito, o que mudou o rumo da minha vida, e em seguida, com paciência e uma tranquilidade espantosa, me presentear com um mapa e uma bússola para me ajudar a traçar um caminho mais claro e significativo. Por atender a todos os telefonemas solitários e ansiosos com uma gentileza sábia e por ter uma confiança tão firme no meu trabalho que ultrapassou minha dúvida e entrou no meu coração. Obrigada à minha editora, Lindsay Sagnette, que testemunhou com bondade tanto o meu terror quanto a minha alegria. Que me guiou em direção à fumaça azul, encobrendo as fogueiras, e ao vento que carrega o aroma doce e salgado. Cujos conselhos impressionantes tornaram realidade todos os sonhos que tive acordada. À destemida e iluminadora editora Molly Stern, por guiar não apenas a mim, mas a tantos escritores, na direção certa. A todos da Hogarth, por transformarem uma esperança vacilante em uma realidade firme. Ao romancista John Rechy, ao saudoso James Pickett, dramaturgo e ativista, e a Henry Kisor, da faculdade de jornalismo da Universidade Northwestern, por me fornecerem as ferramentas e os suprimentos necessários à viagem. À minha irmã, Narissa Bond, que segura minha mão desde a infância, e cuja música inspirada ecoou em minha medula, lembrando-me da terra

eterna e do horizonte à espera; e ao meu grande irmãozinho, o indômito Jay Harris, que sobreviveu ao impossível com tanta graça e dignidade que fortaleceu minha vontade de viver. Que sempre manteve meus pés flutuando e abriu caminho por entre os galhos mais espessos para deixar que o sol entrasse. Ao meu querido Billy Wright, cuja escrita brilhante e cujo humor texano cáustico me mantiveram rindo durante vinte e oito anos, até mesmo em noites sem luar. Que é, e sempre foi, família. A Jason Ellenburg, por me aquecer com a ironia de sua arte e seu purê de batata-doce com gengibre. A Terry Wolverton e à saudosa Ayofemi Folayan por legitimarem a veracidade e fornecerem uma clareira sagrada para que as mulheres quebrem o silêncio. À saudosa Harryetta Peterka por encher meu coração de destemor há tantos anos. A Peggy Medina e Judea Cavoto e ao coletivo de escrita Blackbird por embalarem meu coração e me lembrarem da existência da magia. À PEN dos Estados Unidos por me dar o apoio necessário e por criar um círculo sagrado de *fellows*, incluindo o saudoso e magnífico Qevin Oji. A JB Blanc pelo farol inabalável que manteve ao longo dos anos. Pelo francês perfeito, pela âncora constante da lógica e por cuidar da trilha que os escritores devem percorrer. Aos editores de texto Carolyn Clark e Jan Simon, por fornecerem guias que só poderiam ter sido criados pelas mãos de especialistas. Obrigada a Greg Grant do Piney Woods Native Plant Center por me ajudar a parar e colher cornisos e madressilvas no caminho. A John Imig, Damon O'Neil e Jason Parker, do Swork Coffee, pelo elixir que sustenta a vida e por me permitirem descansar, digitar e chorar durante horas, meses e anos. A Lindale Banks e às mãos curativas da bisavó dela. A Duvall Osteen, por explorar com habilidade o caminho à frente e me relatar tudo para que eu não tropeçasse em um terreno desconhecido, e a Nora Evans-Reitz, por decifrar códigos e anotações de viagem incrivelmente herméticas. Um agradecimento impossível de expressar a meu saudoso avô James Marshall, a dezesseis falecidos tios e tias e a uma falange de ancestrais por sussurrarem a esperança através das raízes e da argila. A meu talentoso pai, o saudoso Horace Bond, que me ensinou a perdoar. Um agradecimento especial aos corajosos filhos

perdidos de Hollywood — aqueles que fugiram de monstros, escondendo-se nas sombras, e aqueles que, triste e inconscientemente, correram na direção deles. Obrigada aos muitos assistentes sociais e às diversas organizações que acolhem esses jovens corajosos quando os galhos se quebram, inclusive, mas não apenas, Children of the Night e Kruks/Tilsner Youth Shelter. Minha gratidão sincera e humilde à minha amada e galante parceira La Tina Jackson, por me ensinar sobre um fenômeno chamado gravidade, por soldar o amor à verdade e, com um espanto de parar o coração, sempre me dar as boas-vindas quando volto ao lar depois de tanto, tanto tempo. A Avrie McKinley-Jackson, por alimentar o fogo das lareiras e produzir beleza e amor a partir de panos. A Julie Curtis, Josh Raisin e Sonia Martinez, por tomarem conta, ensinarem e valorizarem meu tesouro mais precioso. Acima de tudo, meu agradecimento mais profundo e eterno à minha filha brilhante, linda e hilária, Malia Jay Bond-Blanc, que veio a mim carregada pelas asas de mil orações, chegando aos meus braços, escorregadia e chorando, e que, em nove anos, respondeu a todos os meus desejos de mãe e a outros tantos que eu não poderia nem imaginar. Que com seu rosto brilhante, seu andar dançante e sua alegria contemplativa tornou possível cada inspiração, cada passo, cada dia.

SOBRE A AUTORA



© Jay Harris

CYNTHIA BOND lecionou por mais de quinze anos para pessoas sem-teto e jovens em situação de risco em Los Angeles, Estados Unidos. Formada em jornalismo e artes dramáticas, fundou em 2011 o coletivo Blackbird, integrado apenas por escritoras. Atualmente, trabalha como consultora de escrita e dá aulas de escrita terapêutica no centro de tratamento para adolescentes Paradigm, em Malibu, na Califórnia. Cynthia nasceu no Texas e mora em Los Angeles com a filha.

LEIA TAMBÉM



Tudo o que nunca contei
Celeste Ng



Um amor incômodo
Elena Ferrante



A grana
Cynthia D'Apris Sweeney